



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

UNIRIO
história

KAMILLA MORAES SORAGGI

**O NASCIMENTO E ASCENSÃO DE UMA “BRUXA”:
O FEMINISMO DE ROSE MARIE MURARO (1970-
80)**

Rio de Janeiro

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

KAMILLA MORAES SORAGGI

**O NASCIMENTO E ASCENSÃO DE UMA “BRUXA”: O
FEMINISMO DE ROSE MARIE MURARO (1970-80)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Linha de pesquisa: Cultura, Representações.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Francisca Pires.

Rio de Janeiro

2021

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

M682 Moraes Soraggi, Kamilla
O Nascimento e Ascensão de Uma Bruxa: O
Feminismo de Rose Marie Muraro (1970-80) / Kamilla
Moraes Soraggi. -- Rio de Janeiro, 2021.
349

Orientador: Maria da Conceição Francisca Pires .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em História, 2021.

1. Rose Marie Muraro. 2. Feminismo. 3.
Trajetória. 4. Intelectual Mediadora . I. , Maria da
Conceição Francisca Pires, orient. II. Título.

KAMILLA MORAES SORAGGI

**O NASCIMENTO E ASCENSÃO DE UMA “BRUXA”: O
FEMINISMO DE ROSE MARIE MURARO (1970/80)**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em História Social e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora. Aprovada em 03/09/2021.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria da Conceição Francisca Pires (orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Profa. Dra. Cíntia Lima Crescêncio
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Soraia Carolina de Mello
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Iceleia Thiesen
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Pedro Spínola Pereira Caldas
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) (Suplente)

A todas as mulheres, especialmente à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Este foi um trabalho realizado com muita dedicação, por vezes cansativo que com toda certeza não seria produzido sem o apoio de diversas pessoas nessa jornada. Por isso agradeço todo apoio, amizade, amor, carinho e orientações que recebi neste período.

Ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, meu muito obrigada pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

Ao Instituto Cultural Rose Marie Muraro (ICRM), principalmente a Antônia Muraro, filha de Rose e uma das responsáveis em manter o instituto após a morte de sua mãe, por me ceder as fontes digitalizadas mesmo em um período de fechamento físico do instituto. Sem estas fontes várias questões da trajetória de Rose não poderiam terem sido escritas nessa dissertação.

À minha querida orientadora, professora Conceição, agradeço imensamente por acreditar em mim e na minha pesquisa. Em todo este período você esteve presente não apenas como uma pesquisadora competente, mas sempre com palavras de incentivo e preocupação com meu bem-estar. Obrigada pelas valiosas conversas que me trouxeram confiança e tranquilidade para lidar com a quantidade de fontes que tive acesso. Você com toda certeza é uma mulher inspiradora!

Agradeço também todos os demais professores da graduação e da pós-graduação que contribuíram para a minha formação como professora, me ensinando o ofício da historiadora. Principalmente a professora Gizlene Neder que me despertou o interesse em pesquisar sobre Rose.

As professoras presentes na minha banca de qualificação as professoras Icléia Thiesen e Ana Pinheiro que apresentaram contribuições a minha pesquisa ainda em andamento. Destaco a fala da professora Icléia que evidenciou a necessidade de redução de objetivos devido ao tempo curto de mestrado. Como também agradeço as professoras Cíntia Crescêncio, Icléia Thiesen e Soraia de Melllo que aceitaram o convite de participarem da defesa do mestrado e suas contribuições valiosas para essa pesquisa.

Aos amigos que enfrentaram junto comigo nas alegrias e tristezas a árdua caminhada do mestrado propiciando momentos inesquecíveis ao contribuir para superar o desânimo, o cansaço com boas risadas. Em especial: Nickolas Laprovita, Raphael Braga, Tayane Moura, Bruno Cabral, João Cláudio, Steffany Duarte, Jéssica Cristina e Clarissa Pires.

Especialmente agradeço aos meus pais Néia e Davi que com todo amor, carinho e dedicação me ensinaram valores que carrego por todo instante, sendo meu alicerce para os momentos felizes e tristes representando a importância da família para toda vida. A minha mãe e minha irmã Karla que são exemplos de mulheres guerreiras no qual me inspiro muito. E meu irmão Raphael pelo seu jeito extremamente carinhoso que me ensinou algo que tenho muito orgulho: o amor pelo Flamengo.

E agradeço ao meu amado esposo Ansberto, que foi meu companheiro nessa caminhada, abdicando de vários momentos ao meu lado para que eu conseguisse escrever esta dissertação. Sempre acreditou no meu potencial ao oferecer apoio incondicional nos desafios e dilemas enfrentados. Através de todo amor, carinho e paciência compartilhou de todos os momentos ao longo desse mestrado e por isso só resta dizer: obrigada meu amor!

RESUMO

A presente dissertação aborda a trajetória da feminista e intelectual mediadora Rose Marie Muraro (1930-2014) entre as décadas de 1970 e 1980. Nossa proposta foi apresentar algumas de suas ideias como feminista, presentes em seus livros e a sua atuação como intelectual mediadora e assessora editorial da Editora Vozes. Apresentamos as suas obras que enfatizaram a questão da sexualidade: *Libertação Sexual da Mulher* (1971), *Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil* (1983) e *Sexualidade, Libertação e Fé: Por uma Erótica Cristã* (1985), assim como utilizamos como fio condutor da pesquisa a sua autobiografia *Memórias de uma Mulher Impossível* (1999). Como também, manuseamos no decorrer da dissertação as fontes do arquivo privado, Instituto Cultural Rose Marie Muraro, composta de correspondências, recortes de jornais e revistas, documentos, fotos etc. Através da análise biográfica e de suas obras, nosso objetivo foi demonstrar o seu protagonismo histórico dentro do feminismo brasileiro em um contexto de ditadura militar e ressaltar os desafios enfrentados por Rose para defender suas ideias sobre a relação entre o feminismo e a sexualidade feminina.

Palavras-chave: Rose Marie Muraro; Feminismo; Trajetória; Intelectual Mediadora

ABSTRACT

This dissertation addresses the trajectory of feminist and intellectual mediator Rose Marie Muraro (1930-2014) between the 1970s and 1980s. Our proposal was to present some of her ideas as a feminist, present in her books and her performance as a mediating and intellectual intellectual editorial advisor at Editora Vozes. We present her works that emphasized the issue of sexuality: *Sexual Liberation of Women* (1971), *Brazilian Women's Sexuality: Body and Social Class in Brazil* (1983) and *Sexuality, Liberation and Faith: For a Christian Erotic* (1985), as well as we used as a guiding thread for the research her autobiography *Memories of an Impossible Woman* (1999). As well as, during the dissertation, we handled the sources of the private archive, the Rose Marie Muraro Cultural Institute, composed of correspondence, newspaper and magazine clippings, documents, photos etc. Through biographical analysis and her works, our objective was to demonstrate her historical role within Brazilian feminism in a context of military dictatorship and highlight the challenges faced by Rose to defend her ideas about the relationship between feminism and female sexuality.

Keywords: Rose Marie Muraro, Feminism; Trajectory; Mediator Intellectual

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa e Contracapa do livro MMI	43
Figura 2: Propaganda dos livros da Editora Vozes no <i>Jornal do Brasil</i>	70
Figura 3:"Pílula para milhões". Nós Mulheres, agosto/setembro de 1977.....	82
Figura 4: Carta de Clemilda de Souza, correspondências de 1978.	85
Figura 5: " O Perfil da Mulher no Brasil". <i>Correio da Manhã</i> , 1972.....	86
Figura 6: Carta de Romy Medeiros, correspondências de 1977.....	87
Figura 7: “Abrindo Caminho”. Jornal Nós Mulheres, março de 1978.	95
Figura 8: Carta de 1983 ao secretário geral do Ministério da Educação	98
Figura 9: Documento da Câmara Municipal de São Paulo	102
Figura 10: “O Que Viemos, O Que fizemos”. Jornal Mulherio, dez/fev de 1987.....	105
Figura 11: Curriculum Vitae de Rose,março de 1984 de Rose Marie Muraro	110
Figura 12: Documento dos direitos autorais do livro MCM.	113
Figura 13: Carta de Lúcia para Rose, 28 de março de 1971	115
Figura 14: Carta de Heleieth Saffioti para Rose, 9 de novembro de 1971.....	117
Figura 15: Carta de Heleieth Saffioti para Rose, 18 de fevereiro de 1972	119
Figura 16: Rose ao lado de Betty Friedan no <i>Jornal do Brasil</i>	121
Figura 17:“Betty Friedan em Debate: Ação e Reação”. <i>Jornal do Brasil</i> , 1971.....	123
Figura 18: “O Começo da Nova Mulher”. <i>Jornal do Brasil</i> , 1971.....	127
Figura 19: Carta de Lilah para Rose, 7 de março de 1972.	130
Figura 20: Carta de Letícia Luna para Rose, 25 de abril de 1972.	131
Figura 21: Carta de Teresa Adada Sell para Rose, 25 de abril de 1972.....	133
Figura 22: Carta de Milton Santos para Rose, 13 de outubro de 1979.	135
Figura 23: Carta de Saffioti para Rose, 26 de fevereiro de 1976..	137
Figura 24: Carta de Saffioti para Rose, 8 de março de 1978.....	139
Figura 25: Carta de Saffioti para Rose,9 de setembro de 1978.	140
Figura 26: Carta de Saffioti para Rose, 28 de janeiro de 1981.....	141
Figura 27: Carta de Saffioti para Rose, 30 de janeiro de 1981.....	143
Figura 28: Carta de Neuma Aguiar para Rose, 31 de maio de 1974.	144
Figura 29: Seminário “A Mulher na Força de Trabalho da América Latina”	146
Figura 30: Capa e contracapa do livro <i>LSM</i>	152
Figura 31: “Feminismo e Androginia”. <i>Rolling Stone Brasil</i> ,1972.....	163

Figura 32: “A Mulher e a Neurose da Juventude”. <i>Correio da Manhã</i> ,1970.	167
Figura 33:“Salvar a humanidade contra o domínio e a competição suicida”. Diário de Pernambuco	168
Figura 34: Capa e Contracapa do livro SLF.	171
Figura 35: “E erótico lá casa com cristão?”. <i>Jornal Mulherio</i> , out/nov 1985.....	181
Figura 36: “Polemizando sexo-fé-opressão”. <i>Jornal O Fluminense</i> , 1985.....	182
Figura 37: Carta do presidente em exercício da CNBB.....	184
Figura 38: Carta de Frei Ludovico para o presidente em exercício da CNBB.....	186
Figura 39: Carta de Cyntia Sommer para Rose, 10 de maio de 1976.....	193
Figura 40: Carta de Rose para Jefferson Murphy, 12 de maio de 1976.....	194
Figura 41: Carta de Ruth Shirey para Rose, 12 de abril de 1977	195
Figura 42: Documento de declaração do Consulado dos Estados Unidos.	196
Figura 43: Carta de Iêda Wiarda a Rose, 1 de maio [s.d].	198
Figura 44: Carta de Iêda Wiarda para Rose, 11 de março de 1980..	201
Figura 45: Carta de Iêda Wiarda para Rose, 28 de maio [s.d]	203
Figura 46: Carta de Iêda Wiarda para Rose, 10 de novembro de 1980.	204
Figura 47: Carta de Saffioti para Rose, 26 de julho de 1981	205
Figura 48: Carta de Diva Maria Preste de Barros de Araújo para a Editora Vozes sobre o livro <i>SMB</i>	206
Figura 49: Capa e Contracapa do livro SMB	208
Figura 50: Primeira página da entrevista de Rose. <i>Revista Playboy</i> , março 1981	242
Figura 51: Livro <i>Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social</i>	250
Figura 52: “Em livro, a sexualidade feminina”. <i>Folha de São Paulo</i> , 1983.....	252
Figura 53: “O Uso do Corpo nas Classes Sociais”. <i>Jornal Mulherio</i> , mar/abr de 1983	256

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tema, estruturação, objetivos e opções teóricas e metodológicas entre os livros de Rose sobre a sexualidade.	188
Tabela 2: Informações gerais sobre a aplicação dos questionários no campesinato, burguesia e operariado.	221
Tabela 3: Alguns dados sobre os resultados obtidos na aplicação dos questionários na burguesia.	222
Tabela 4: Alguns dados sobre os resultados obtidos na aplicação dos questionários no campesinato.	224
Tabela 5: Alguns dados sobre os resultados obtidos na aplicação dos questionários no operariado.	228
Tabela 6: Alguns dados referentes aos resultados obtidos na amostra maior dos questionários aplicados no operariado.	231
Tabela 7: Alguns dados referentes aos resultados obtidos nos questionários aplicados na classe média.	234

LISTA DE ABREVIATURA DAS OBRAS DE ROSE MARIE MURARO

LSM - Libertação Sexual da Mulher

MCM - A Mulher na Construção do Mundo Futuro

MMI- Memórias de uma Mulher Impossível

SLF - Sexualidade Libertação e Fé: Por uma Erótica Cristã

SMB - A Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil

LISTA DE SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

AC - Ação Católica

ANPED - Associação Nacional de Pesquisa em Educação

ANPOCS - Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Ciências Sociais.

ANPOLL - Associação Nacional de Pesquisa em Letras

BEMFAM - Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CEB - Comunidade Eclesial de Base

CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano

CMB - Centro da Mulher Brasileira

CNDM - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

DOPS - Departamento de Ordem e Política e Social

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional

ICRM - Instituto Cultural Rose Marie Muraro

IUPERJ - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

JC - Juventude Católica

JEC - Juventude Estudantil Católica

JOC - Juventude Operária Católica

JUC - Juventude Universitária Católica

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

NOW - *Organization of Women*

ONU - Organização das Nações Unidas

PAISM - Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT - Partido dos Trabalhadores

UNESP - Universidade Estadual Paulista

USP - Universidade de São Paulo

WITCH - *Women's International Terrorist Conspiracy from Hell*

Sumário

INTRODUÇÃO	17
Capítulo 1: Rose Marie Muraro “uma mulher impossível”: do papel “tradicional” feminino a intelectual feminista	34
1.1- Um olhar sobre a trajetória de Rose Marie Muraro através de sua autobiografia.....	34
1.2- Identidade e subjetividade de Rose Muraro na autobiografia: “ <i>Memórias De Uma Mulher Impossível</i> ”	38
1.3- Trajetória de vida e intelectual: caminhos percorridos para se tornar uma feminista	53
Capítulo 2: O feminismo de Rose Marie Muraro: a intelectual mediadora no feminismo brasileiro (1970-1980)	78
2.1- Rose e as múltiplas redes feministas nacionais e internacionais (1970-1980)	79
2.3- A divulgação do livro <i>Mística Feminina</i> nos jornais brasileiros	121
2.4- O protagonismo de Rose no Conselho Nacional das Mulheres	128
2.5- O papel de Rose como assessora editorial cultural da Vozes	134
Capítulo 3: Da Contracultura à Erótica Cristã: A Sexualidade no Olhar Murariano	148
3.1- Libertação Sexual da Mulher: o primeiro livro abertamente feminista de Rose	150
3.2- A ótica contracultural de Rose a partir das fontes	159
3.3- A Erótica Cristã: a crítica da sexualidade na perspectiva da Teologia da Libertação.....	170
3.4- A repercussão do livro a Erótica Cristã e sua demissão da Vozes.....	180
Capítulo 4: O Questionário Muraro: Uma Análise da Sexualidade e Classe Social no Brasil	190
4.2- O projeto do livro <i>Sexualidade da Mulher Brasileira</i> através das correspondências	196
4.3- Sexualidade e Classe Social na escrita feminista de Rose Muraro	206
4.4- A Intelectual Mediadora em ação: O feminismo nos meios de comunicação.	239
5. CONCLUSÃO	257
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	262
7- FONTES	271
8- ANEXOS	280

INTRODUÇÃO

De acordo com Perrot (2003), as mulheres foram esquecidas e silenciadas na História. Sendo o corpo feminino produto desse silêncio, oprimido pela reclusão ao espaço privado e corroborado pelo discurso médico e político ao longo do tempo. Baseado em uma educação diferenciada de gênero, a construção sociocultural da feminilidade incluiu como virtude feminina a submissão, doçura e passividade. Por isso, o processo histórico de conquistas femininas compreendeu os “(...)direitos do corpo, conhecimento do corpo, livre disposição do corpo na procriação e na relação amorosa. O silêncio vencido. Uma forma de revolução em suma. Em muitos aspectos: nós vivemos uma revolução (...)” (PERROT, 2003, p.26).

O desejo de se propor a estudar as mulheres em um trabalho acadêmico acompanha os tempos de graduação, quando percebi a invisibilidade no próprio currículo de história. A quase ausência de abordagens sobre a história das mulheres e o feminismo na minha formação como professora e historiadora, incentivou a buscar leituras que contribuíssem para minha inquietação em conhecer o protagonismo histórico de mulheres a partir do viés biográfico. Desta forma, a realização dessa pesquisa foi motivada pelo interesse pessoal em estudar a história de uma mulher desconhecida pelo público comum e quase não estudada pelo meio acadêmico: Rose Marie Muraro.

No entanto, as perguntas iniciais que os leitores desse trabalho podem estar se fazendo é como cheguei ao interesse de estudar a Rose e qual seria a relevância do seu estudo para a ciência histórica e para o público comum não acadêmico. Eis que ponto de partida de minha curiosidade como historiadora se iniciou a partir do interesse como estudante de graduação pela micro história, principalmente as biografias. O conhecimento desse campo histórico cuja abordagem é para a análise da história individual, representou a vontade de pesquisar a história de vida de mulheres, com o intuito de questionar o silenciamento de suas falas e o esquecimento de suas próprias histórias na construção da história.

Desta forma, a minha primeira pesquisa no campo da micro história e a História das Mulheres foi o trabalho de conclusão de curso sobre Leila Diniz (SORAGGI, 2016) que teve como uma das propostas apresentar as biografias produzidas em torno de sua

imagem e a questão da liberdade sexual vivenciada por ela. Devido ao objetivo de seguir a pesquisa biográfica de mulheres no mestrado, a professora Gizlene Neder que foi minha orientadora na graduação, aconselhou-me a pesquisar a história de Rose Marie Muraro.

Mediante a pesquisa, descobri que Rose recebeu o título de Patrona do Feminismo Brasileiro pelo congresso nacional, ao ser justificado: “(...) A senadora Heloísa Helena (PSOL-AL) lembrou que os textos de Rose Marie Muraro foram a primeira leitura sobre feminismo para muitas pessoas no Brasil (...)”¹. Ao me deparar com essa descoberta questioneei sobre as razões de seu nome não ter destaque no meio acadêmico feminista, ou seja, fui motivada pela seguinte questão: Por que o seu pensamento feminista não é reconhecido? Através da leitura do livro *Pensamento Feminista Brasileiro* (HOLLANDA, 2019) cuja proposta foi apresentar o pensamento feminista através de textos de autoria de algumas intelectuais feministas, observei que não encontrava nenhum texto produzido por Rose no livro, mesmo apresentando uma dedicatória referenciando a imagem dela e expondo uma breve análise da sua trajetória na introdução, no qual apresentarei um trecho abaixo:

(...) Uma das pessoas mais importantes dos momentos iniciais de nosso feminismo foi Rose Marie Muraro, ligada a um pensamento católico de esquerda e que, subvertendo a regra, intitulava-se feminista desde os primórdios da década de 60. Rose trabalhou de forma interessante a alquimia entre ideologia e feminismo propondo o que definiu como “feminismo da fome”, um feminismo que necessariamente, deveria incluir as camadas mais pobres, e que se afinasse com a luta contra o Estado e com o ideário de esquerda relativo à necessidade imperiosa de uma transformação social. Rose não se integrou aos estudos feministas de caráter mais acadêmico, mas realizou importantes pesquisas especialmente sobre a sexualidade, além de exercer uma extraordinária militância editorial feminista, à frente da pioneira Rosa dos Tempos, ligadas a Vozes e portanto à Igreja (...). (HOLLANDA, 2019, p.14-25)

Em outubro de 2020, devido ao cenário de pandemia por causa da Covid 19, o Instituto Cultural Rose Marie Muraro (ICRM)² organizou a “*Semana Rose Marie Muraro: A Patrona do Feminismo Brasileiro*”, que se caracterizou por um conjunto de *lives* no *Instagram* com objetivo de debater a importância do seu trabalho para o

¹Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2005/12/08/rose-marie-muraro-e-declarada-patrona-do-feminismo-nacional/>> Acesso em 02/07/2021.

² O Instituto Cultural Rose Marie Muraro foi criado em 2009 pela própria Rose para ser tornar referência de estudos de gênero e compartilhar o seu legado. Para maiores informações: <https://www.instagram.com/tv/CGYXuxeJq6X/?utm_source=ig_web_copy_link>.

feminismo. A live “A Importância do Legado de Rose Marie Muraro na História da Mulher Brasileira e a Importância de um Feminismo que Abrace as Diferenças”³ com a participação de Heloisa Buarque de Hollanda e Vilma Peres foi de extrema relevância não apenas por apresentar e valorizar o legado feminista de Rose, mas por discutir questões importantes do feminismo atual como a emergência da chamada quarta onda feminista⁴ que na perspectiva de Hollanda, merece a consideração de estudiosos da área e pessoas interessadas em conhecer sobre o feminismo. No entanto, um trecho específico de seu discurso⁵ é merecedor de destaque nesta introdução:

(...) Inclusive eu fiz um livro chamado Pensamento Feminista do Brasil e eu não pude colocar a Rose, pois ela não tinha artigo pequeno pois ela ia logo para escrever livros. Mas a importância acadêmica dela para o feminismo é absurda devido a metodologia flexível e localizada na experiência social dela (...) (informação verbal). (HOLLANDA, 2020)

Com base na menção de Hollanda no evento do ICRM, compreendi que ela tinha um conhecimento das obras feministas de Rose, no entanto parece não ter conhecimento ou acesso aos textos curtos produzidos por Rose Muraro e isso justificaria a sua não inserção em seu livro. O que originou o desafio desses longos anos de pesquisa para elaboração da dissertação, em analisar a contribuição de Rose Marie Muraro para o pensamento feminista brasileiro nas décadas de 1970 e 1980, baseada na sua trajetória intelectual e nos papéis de escritora de livros feministas, intelectual mediadora e assessora editorial da Editora Vozes através do fio condutor de sua autobiografia⁶ *Memórias de uma Mulher Impossível* (1999) e apresentação do seu pensamento feminista mediante os livros: *Libertação Sexual da Mulher* (1971), *A Sexualidade da*

³ Vídeo compartilhado na página oficial do ICRM, em 13 de novembro de 2020. Para assistir a live: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CHjHdMxJbX/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em 13/11/2020.

⁴ Sobre o que Heloisa Buarque de Hollanda define como quarta onda feminista ver: <<https://glamurama.uol.com.br/heloisa-buarque-de-hollanda-desvenda-a-forca-da-quarta-onda-do-feminismo-o-corpo-virou-uma-plataforma-de-expressao-do-poder/>>. Acesso em 03 jul. 2021.

⁵ Fala da pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda na live “A importância do legado de Rose Marie Muraro na História da Mulher Brasileira e a importância de um feminismo que abrace as diferenças” ao ICRM, em novembro de 2020. Vídeo compartilhado na página oficial do ICRM, @icrm, em 13 de novembro de 2020. Disponível em <https://www.instagram.com/tv/CHjHdMxJbX/?utm_source=ig_web_copy_link>.

⁶ Para facilitar a fluência da leitura, optamos por fazer a primeira referência aos livros de Rose Muraro por extenso e utilizar a abreviatura da obra nas demais citações. Para eventual consulta, ver nas referências bibliográficas o ano da edição. Todas as citações das obras Rose Muraro, presentes nesta dissertação, seguirão este critério.

Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil (1983) e *Sexualidade, Libertação e Fé: por uma erótica cristã* (1985).

Para além do emprego dos livros como fontes históricas, foram manuseadas algumas fontes do acervo pessoal do Instituto Cultural Rose Marie Muraro⁷ (ICRM) que apresentava recortes de jornais e revistas sobre entrevistas dadas, escritos não publicados, documentos pessoais e profissionais, convites de palestras, correspondências, fotos, entre outros. A minha experiência no Instituto foi breve, tive apenas três encontros com o imenso acervo criado em 2009 pela própria Rose em vida. A impossibilidade de durante a realização do mestrado pesquisar no ICRM, ocorreu devido ao seu fechamento físico devido à falta de verbas. No entanto, nessa curta vivência no instituto em janeiro de 2019, tive o prazer de contar com a boa vontade de Antônia Muraro, filha de Rose e responsável pela manutenção do ICRM, em me conceder as fontes digitalizadas para meu pendrive e a oportunidade de abrir algumas das caixas e scanear pelo celular.

Desta forma, as fontes digitalizadas se organizaram na descrição das fontes em uma planilha com as seguintes informações: subséries (tipos de fontes), título resumido sobre do que se tratava as fontes, autor da fonte (na maioria Rose), instituição (descrição do lugar que foi retirado a fonte, exemplo Jornal do Brasil), data (período ou ano da fonte), quantidades e localização física e digital (a numeração é diferente). No entanto, mesmo com a planilha encontrei dificuldades em localizar algumas fontes, devido a não estarem no arquivo recebido no pendrive mesmo que referidas na planilha como digitalizadas. Esse problema representou um trabalho extra em abrir todas as fontes (cerca de quinhentos e doze itens, com pastas que continham as vezes mais de cem páginas em pdf), e selecionar algumas fontes para serem utilizadas na dissertação.

Com base na pesquisa, de Mariana Xavier (2018, p.134-158) que realizou uma análise sobre o ICRM, pudemos conhecer um pouco mais da organização administrativa, o estatuto, a biblioteca Rose Marie Muraro (criada em 2015, com aproximadamente mil obras), o processo de organização do acervo (acervo processado e não processado) e manutenção do acervo. E assim, a minha experiência possibilitou

⁷ O Instituto Cultural Rose Marie Muraro deixou de funcionar no início de 2019, no entanto consegui algumas fontes para serem utilizadas na pesquisa. Este ano através de informações na página do instituto no *Instagram* soube da reabertura sem, no entanto, possibilitar a visitação de público mediante a pandemia da COVID-19.

olhar para esse acervo em busca de compreender como se constituiu o papel de Rose no movimento feminista e qual a imagem consolidada na construção da sua própria memória.

Desse modo, para despertar nas leitoras e leitores a vontade de conhecer a sua trajetória intelectual feminista, segue uma breve apresentação de Rose Marie Muraro. Escritora, feminista, editora e ativista de movimentos sociais. Rose Marie Muraro nasceu no Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1930. Iniciou a sua trajetória intelectual na Ação Católica Estudantil ao trabalhar junto de Dom Helder Câmara, ao se atrelar ao pensamento católico de esquerda baseado na fé católica e a militância contra a injustiça social.

Em 1961 entrou para a Editora Vozes para atuar como responsável pela tradução de livros. Através de Frei Ludovico,⁸ incumbido pela gestão da editora, foi incentivada a escrever um livro sobre a questão feminina, sendo publicado *A Mulher na Construção do Mundo* (1965) que atrelou a opressão da mulher à opressão econômica. A questão da mulher no Brasil neste período era pouco estudada, se resumindo algumas teses universitárias como *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade* publicados em 1969 e o livro da Carmem da Silva, *A Arte de Ser Mulher* (1966) publicado pela Civilização Brasileira. A partir do seu primeiro livro, e sob o argumento de possuir pouco conhecimento sobre o feminismo, ela passou a se definir como uma feminista por intuição.

Este feminismo “intuitivo” se consolidou na década de 70 no feminismo teórico e prático representado na elaboração do seu livro mais abertamente feminista *LSM* que abordava a relação do sistema econômico com a opressão da mulher, destacando a repressão sexual como base do poder. Neste mesmo ano, em decorrência da comemoração dos 70 anos da editora Vozes e de sua nova função como assessora editorial das publicações culturais, lançou o livro de Betty Friedan, *A Mística Feminina* (1971), ao promover a sua vinda para o Brasil, desencadeando uma ampla repercussão

⁸ “(...) Em 12 de janeiro de 1962 foi nomeado diretor geral da Editora Vozes, função que exerceu até 1986. Sua gestão na Vozes foi marcada por uma abertura maior aos profissionais leigos nos processos de decisão da empresa; pelo investimento na publicação de livros leigos (com ênfase nos universitários) e religiosos caracterizados pela ousadia e a pluralidade; pela expansão do parque gráfico e da rede de comercialização (...)”. Cf. ANDRADES, Marcelo Ferreiro de. **Do Claustro à Universidade: As Estratégias Editoriais da Editora Vozes na Gestão Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001, p.64.

do feminismo na mídia nacional. No qual é fundamental relacionar esse protagonismo na publicação de livros feministas, ao seu trabalho como Assessora Editorial responsável pelas publicações culturais (universitárias) na Editora Vozes.

De forma teórica, ela identifica este feminismo brasileiro interligado a luta de classes devido a permanência de uma dominação social e de gênero, o que diferenciava do feminismo norte americano. Contudo, devido ao período de ditadura civil militar ter se constituído pela ausência de liberdade de expressão, as feministas foram vigiadas e perseguidas pelos militares pelo questionamento do modelo de família patriarcal. Podemos citar como exemplo dessa perseguição a prisão de Heloneida Stuart⁹ e Carmem da Silva¹⁰ que sob pressão da censura publicava seus artigos na revista Cláudia. Ao contrário destas e por trabalhar em uma editora católica, Rose pode usufruir de uma certa liberdade para expor suas ideias.

Na década de 80, ela publicou *SMB*, o mais arrojado trabalho, onde através do método de entrevistas de mulheres e homens de diferentes classes sociais conseguiu estabelecer relações entre a sexualidade e o sistema produtivo, defendendo a premissa que o sistema produtivo fabrica o sistema de dominação de sexo nas distintas classes sociais. Este livro teve uma grande repercussão, sendo mencionado nos mais variados jornais e revistas, como veremos mais adiante. Outra questão a frisar é o reconhecimento das feministas após a publicação deste livro, ao mencionar a sua contribuição para a visibilidade do feminismo.

⁹ “(...) A jornalista escreveu sobre a condição feminina, a convite da Editora Vozes, publicando os ensaios *Mulher objeto de cama e mesa*, obra que vendeu 280 mil exemplares e se transformou em uma espécie de bíblia do feminismo brasileiro; e *Mulher, a quem pertence seu corpo?* Esses dois trabalhos estão, respectivamente, na 27ª. e 6ª. Edições. Em 1978, com 60 mil votos, Heloneida seria eleita deputada estadual do Rio de Janeiro, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Ela reelegeu-se em 1982, novamente pelo PMDB, sendo inclusive vice-líder da bancada de 1979 a 1988, ano em que deixou o Partido, e participou da fundação do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB (...)). Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=300%3AHeloneida-stuart&catid=43%3Aletra-h&Itemid=1>. Acesso em 20/12/2020.

¹⁰ “(...) Carmen da Silva viveu no meio cultural argentino até o início da década de sessenta, quando voltou ao Brasil e se radicou no Rio de Janeiro, consolidando na capital carioca seu talento como escritora e jornalista ao aproximar-se do público feminino com o qual manteve diálogo intenso até o fim da vida por meio da coluna “A arte de ser mulher” da *Revista Cláudia*. O teor precursor de seus textos – que discutem a questão da mulher ao desenvolverem a crítica e divulgação do movimento feminista brasileiro, suas principais bandeiras de luta –, e, em razão de sua publicação acontecer em tempo de deflagração dos principais movimentos feministas internacionais, notadamente o MLF (*Mouvement pour la libération des femmes*), na França, e o *Women’s Lib*, nos Estados Unidos, o êxito que obtiveram no momento crucial de “excesso” social e político do Brasil dos anos sessenta (...). Disponível em: <<https://carmendasilva.com.br/site/php/content.php?id=10>>. Acesso em 18/12/2020.

Várias vezes recebi telefonemas de feministas de todas as partes do Brasil dizendo: “Agora ninguém mais pode dizer que a mulher é um cidadão de segunda categoria. O espaço que você abriu em nível nacional, nós estamos abrindo em nível local” (MMI, 1999, p.160)

Ainda na década de 80, foi publicado *SLF*, livro que criticava a moral tradicional católica como alicerce da classe dominante, discutindo o tema tabu da sexualidade. Este livro foi fundamental para a sua demissão da Editora Vozes e a posterior proibição da sua venda.

A breve exposição da trajetória intelectual de Rose Marie Muraro buscou apresentar a o movimento feminista do eixo Rio-São Paulo das décadas de 1970 e 80, principalmente através das suas obras feministas publicadas na Editora Vozes. Como também, não poderia deixar de mencionar que as indagações atreladas a minha percepção como mulher possibilitou transformar as questões cotidianas relacionadas a essa experiência em questões acadêmicas. Ao partir de uma observação individual da minha própria vivência em família de consideração do sexo como algo tabu, busquei compreender através da análise histórica como o tema da sexualidade foi discutido nos livros de Rose. Destacando a sua identidade cristã e feminista que possibilitou questionar a sexualidade no âmbito da escrita feminista.

O campo de estudo sobre o feminismo adquiriu diversas abordagens de pesquisas na área acadêmica, sendo relevante compreendê-lo de forma prática como movimento social de luta política de mulheres e teoricamente como uma reflexão intelectual importante para a própria epistemologia histórica ao propor o protagonismo das mulheres na história. Sendo assim, é relevante analisar a construção histórica do feminismo brasileiro nos aspectos teóricos, metodológicos e práticos discutindo os parâmetros utilizados para o desenvolvimento de uma narrativa da história de luta das mulheres por uma sociedade mais justa e igualitária.

A História das mulheres como campo de estudo se desenvolveu a partir da década de 1970 atrelada à explosão do feminismo com a perspectiva de interdisciplinaridade ao associar em seus estudos a literatura, psicanálise, linguística e antropologia. Mary Del Priore no seu texto “História das mulheres: as vozes do silêncio”, apresenta a seguinte definição da História das Mulheres:

(...) A história das mulheres engloba, portanto, a história de suas famílias, de suas crianças, de seu trabalho, de seu cotidiano, de suas representações na

literatura, na mídia, na sociedade na qual estão inseridas. Sua história é a história de seu corpo, de sua sexualidade, da violência que sofreu ou praticou da sua loucura, dos seus amores e outros sentimentos. Sua história é, igualmente, a das representações que se fazem sonhar, como as que giram em torno da ‘casta’, da “boa esposa e mãe”, da “sedutora”, mas representações que fazem odiar, como as que cercam as feiticeiras, as lésbicas, as rebeldes, as anarquistas, as prostitutas ou loucas. As mulheres exumam de uma cronologia ditada pelas fontes documentais, fontes elas mesmas tradutoras de mudanças estruturais do mundo político, econômico, religioso. (DEL PRIORE, 2000, p.234).

A autora aborda como a construção histórica se desenvolveu em torno do sexo masculino e como a história das mulheres estabeleceu as mulheres como sujeito da história, criticando a sua invisibilidade ao colocá-la em posição de protagonismo. Com isso, dada a especificidade desse campo de estudo foi necessário conceber suas próprias categorias de análise, principalmente através do termo gênero que teoriza sobre a questão da diferença sexual como também sobre a construção social em torno dos papéis sociais de mulheres e homens.

Rachel Soihet no capítulo “*História das Mulheres*” (1997) também consolida uma síntese sobre o campo de estudo a História das Mulheres fornecendo um panorama sobre as principais contribuições historiográficas na análise da ação e luta das mulheres (movimentos femininos e manifestação de mulheres de diferentes formas) e a relação de mulheres com o trabalho, família, maternidade e sexualidade.

O artigo “*A Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*” de Rachel Soihet e Joana Pedro (SOIHET; PEDRO, 2007) analisa a formação do campo de estudo das mulheres e destaca o seu desenvolvimento no Brasil. O crescimento do campo se demonstra na constituição, em 2001, de um Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero na Associação Nacional de História, sendo as pesquisas publicadas em revistas especializadas em História das mulheres e Estudos de Gênero, como os periódicos *Revista Estudos Femininos*, *Revista Espaço Feminino e Gênero*; como também revistas não especializadas como *a Revista Esboços*, *Revista Artcultura*, *Revista Fronteira* e *Revista Brasileira de História*.

É indispensável mencionar o livro de Céli Pinto *Uma História do Feminismo no Brasil* (PINTO, 2003) dada sua abordagem abrangente que compreende o feminismo através de tendências, sendo a pluralidade das lutas femininas pelo seu espaço na sociedade descrito na temporalidade do início do século XX até a década de 90. Margareth Rago em “*Adeus ao Feminismo? Feminismo e (pós) Modernidade no Brasil*”

(1995/96) discorre sobre a trajetória do feminismo brasileiro com o objetivo de inquirir o feminismo como responsável da visibilidade da mulher e das questões femininas, mas principalmente sobre a inserção feminina na esfera pública.

Em um outro texto, Rago (2000) aponta para o olhar feminino da história na criação de uma epistemologia feminista, ou seja, através da categoria gênero discute as relações de poder e incorpora a concepção da construção do sujeito em relações de identidade social, sexual e étnica. Desta forma, é importante salientar que a compreensão do conceito de gênero desta pesquisa é baseada no artigo de Joan Scott “*Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica*” (1990) que ressalta o objetivo de teorizar sobre gênero se incide em modificar as desigualdades entre mulheres e homens, como também entender como são construídas e legitimadas. Através da perspectiva pós-estruturalista evidencia o papel da linguagem como construção da identidade de gênero, sendo gênero concebido através da sua significação nas relações de poder que permeiam a constituição das diferenças entre os sexos.

Com relação, ao feminismo brasileiro especificamente a partir da década de 1970 Cyntia Sarti no artigo “*O Feminismo Brasileiro desde os Anos 1970; Revisitando uma Trajetória*” (2004) constrói uma narrativa que analisa a expansão do feminismo a partir de 1975, considerando a importância do Ano Internacional da Mulher promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e salientando que na década de 80 o feminismo se consolidou de forma mais técnica e especializada na opressão feminina através da sua participação no plano governamental como na inclusão de conselhos sobre a condição feminina.

Em uma análise específica do movimento feminista no Rio de Janeiro a dissertação de Sônia Miguel (1988) “*Um Olhar para Dentro: O Movimento Feminista no Rio de Janeiro*” tem como eixo central os discursos de feministas de diversos grupos através da análise das entrevistas de mulheres feministas. E, por fim, dentre os inúmeros trabalhos sobre o feminismo destaca-se Ana Maria Colling (2015) “*50 anos de Ditadura no Brasil: Questões Feministas e de Gênero*” que problematiza a relação da mulher engajada em partidos políticos em oposição à ditadura militar com as questões de gênero.

A partir dessas considerações, é indispensável ressaltar que os estudos com a temática do feminismo brasileiro em especial a relação de Rose Marie Muraro com o

feminismo são poucos em comparação a influência da sua trajetória de vida no feminismo brasileiro, principalmente nas décadas de 1970 e 1980.

A tese de Natália Pietra Méndez intitulada “*Com a Palavra, o Segundo Sexo: Percursos do Pensamento Intelectual Feminista no Brasil dos anos 1960*” examina o significado da produção feminista dos anos de 1960 de Carmem da Silva, Rose Marie Muraro e Heleieth Saffioti¹¹, com o objetivo de, através de uma metodologia comparativa, entender o surgimento de pensadoras aplicadas a refletir sobre a situação de mulheres na sociedade brasileira. Como também corroborar que antes do movimento feminista organizado na década de 1970, importantes pensadoras questionavam as relações de mulheres e homens na sociedade.

Natália Méndez se pauta na escolha das intelectuais como objeto de estudo dada a relevância das suas produções com um público acadêmico\universitário e o público em geral, assim como a questão da circulação dos livros e artigos publicados no aspecto que foram responsáveis por produzir e divulgar o pensamento feminista. Desta forma, ela dispõe como fontes os livros produzidos por essas intelectuais, em específico sobre Rose foram utilizados os livros: *MCM*, a autobiografia *MMI* e uma entrevista elaborada pela própria pesquisadora no anexo da tese.

De forma metodológica, a tese de Méndez destacou as condições de produção de suas obras, as redes de sociabilidade, as práticas e os campos de atuação. Sendo analisado, como um modo de pensar a produção intelectual através do seu espaço de disputa e legitimação. Além do conceito de intelectual empregado em sua análise, outro conceito importante foi o de materialidade da obra que representa os sentidos além do texto, ou seja, a historicidade da obra do intelectual. Portanto, esses aportes teórico-metodológicos foram a base para o desenvolvimento de uma construção da trajetória de vida e intelectual das pensadoras (Heleieth Saffioti, Carmem da Silva e Rose Muraro) no tocante as suas relações com o feminismo dentro de suas obras publicadas em destaque para as temáticas sobre o trabalho e sexualidade.

¹¹ “Percursora dos estudos feministas no Brasil, formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), foi professora titular de Sociologia em Araraquara da Universidade Estadual Paulista (UNESP), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Faculdade de Serviço Social na UFRJ, onde criou um núcleo de estudos de gênero, de classe e étnicas, entre as quais se destacam *A Mulher na Sociedade de Classes* (1976), *Mulher Brasileira: opressão e exploração* (1984) e *O Poder do Macho* (1987) (...)”. Cf. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.430.

A dissertação de Celiane Souza Santos (2015) “*Efeitos de Sentido do Discurso da Feminista Rose Marie Muraro*”, através do campo de Estudos de Linguagens, abordou o discurso de Rose Marie Muraro e as repercussões de sentido sobre o feminismo. O seu objetivo foi através dos princípios teóricos e metodológicos da AD Pecheutiana, interpretar como se constitui e circula os sentidos no discurso e descrever como se articula a língua com a história. Ao construir uma análise das entrevistas de Rose nas diferentes mídias de comunicação, destacou os seus efeitos de sentido produzidos no discurso feminista.

Anna Marina Barbará Pinheiro (2015) no artigo “*Rose Marie Muraro: Pensamento, Subjetividade e Ação*” destaca a trajetória de Rose Muraro e a sua relevância para o feminismo brasileiro com o objetivo de compreender a sua relação com a Igreja Católica e o movimento feminista através da transição da posição tradicional de mulher católica, esposa e mãe para a posição oposta de intelectual feminista. Como também no que diz respeito ao seu pensamento no sentido de sua subjetividade (construção de si).

Desse modo, usa como fontes os livros: *MCM, LSM, A Mulher no Terceiro Milênio* (MURARO,1992), *MMI*, assim como a documentação catalogada no ICRM. No aspecto metodológico, Anna Pinheiro consolida uma análise que constrói uma trajetória de vida e intelectual de Rose que se reverbera com a própria história do feminismo brasileiro, ou seja, a através das obras escritas, autobiografia e documentação do acervo pessoal se consolida a visão da importância histórica de Rose para o feminismo brasileiro.

No artigo “*O Feminismo Midiático de Rose Marie Muraro*”, Ana Pinheiro (2017) traz outras questões acerca de Rose Marie Muraro em específico sua relação com a mídia impressa na década de 1970 no contexto à publicação do seu terceiro livro *LSM* e da vinda da Betty Friedan ao Brasil. Sobre a utilização de fontes a autora incorpora outras fontes em comparação ao artigo anterior, como por exemplo a análise de jornais da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional em destaque para a metodologia de busca por palavra chaves como “Betty Friedan”, “Friedan” e “Mística Feminina”.

O objetivo posto no artigo é analisar qual era a imagem de Rose na considerada grande imprensa no período da década de 1970, reiterada através de diversos trechos dos jornais a confirmação da feminilidade de Rose associada a papéis femininos

tradicionais (esposa e mãe) consolidando uma imagem construída na mídia como a “feminista do bem” que criticava a visão de “guerra dos sexos”, pois via a libertação da mulher essencial para a libertação da humanidade. É importante sublinhar que o decorrer da pesquisa representou uma mudança da hipótese, como destaca a própria Ana Pinheiro neste artigo que ideia inicial era de que a assiduidade constante na mídia de Rose foi possível devido à construção de sua imagem sectária de valores tradicionais, no entanto observou-se que ela utilizou os espaços que tinha através da sua ligação com a Igreja Católica para difundir suas ideias.

Com uma perspectiva de aliar o feminismo presente nas obras de Rose ao contexto contracultural, Patrícia Marcondes de Barros (2017) em “*A Revolução sexual nos 70 e o Pensamento Contracultural de Rose Marie Muraro*” tem o objetivo de analisar o movimento contracultural em destaque para a questão da sexualidade posto em visibilidade pelo movimento feminista e compreender a contribuição de Rose para o cenário cultural brasileiro dentro do contexto de contracultura na concepção feminista. As fontes dispostas foram os livros de Rose: *Feminino e Masculino: Uma Nova Consciência para o Encontro das Diferenças* (BOFF; MURARO, 2010), *A Mulher no 3º Milênio* (MURARO, 1992), *MMI* e o documentário “*Memórias de uma Mulher Impossível*”¹². A autora esboça a ideia de que através de seu trabalho como escritora e tradutora de obras consideradas “subversivas”, além das entrevistas ao diversos meio de comunicação, Rose foi uma das principais interlocutoras do feminismo e da contracultura brasileira.

O último trabalho encontrado que aborda Rose Marie Muraro também se relaciona a análise discursiva no campo de Estudos Linguísticos. Tânia Maria de Oliveira Gomes (2014) no artigo “*O Fazer Científico na Produção Textual de Muraro: Transgressão e Militância*” busca fazer uma análise discursiva de alguns aspectos da obra *SMB* para corroborar com a ideia de uma construção de um fazer científico de Rose que alia padrões epistemológicas mais frouxos com aspectos linguísticos coloquiais, uma metodologia científica de dados quantitativos e qualitativos presentes nas entrevistas do livro. O objetivo de Tânia Gomes é explorar as peculiaridades elucidativas da cientificidade do pensamento feminista de Rose Marie Muraro.

¹² MEMÓRIAS DE UMA MULHER IMPOSSÍVEL. Produção Rumos Itaú Cultural. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9tmtZz9crRo>>. Acesso em 16 mar. 2020.

O trabalho que apresento difere das pesquisas encontradas sobre Rose por ter a proposta de difundir o seu pensamento feminista através das suas obras *MMI*, *LSM*, *SMB* e *SLF* e acentuar elementos biográficos da sua trajetória de vida e intelectual. A perspectiva metodológica de valorização da subjetividade, construiu uma dissertação que expôs as ideias feministas de Rose através do seu próprio discurso narrado nos livros. Desta forma, o texto sugere às leitoras a conhecer a história de vida e intelectual de Rose Marie Muraro e não apenas estabelecer análises de suas respectivas obras.

A construção metodológica da pesquisa faz uso dos livros como fontes históricas. De acordo com Roger Chartier (1994), os livros têm significações e apropriações diversas entre as leitoras e leitores. Para compreender a materialidade do livro é necessário observar tais significações e apropriações atreladas ao processo de produção, comunicação e recepção dos livros. Sendo importante pontuar que na edificação do livro o autor tem o seu próprio discurso para a produção da obra, sendo uma responsabilidade autoral. Desta forma, devemos analisar os propósitos das autoras e autores nos livros em diferentes contextos históricos, ou seja, um mesmo autor pode apresentar discursos variados dependendo do contexto de produção da obra. O que diz respeito que a publicação de um livro é repleta de significados sociais conferidos pelo projeto discursivo do autor e pelo impacto de receptividade do seu público.

Com isso, ao manusear os livros como fontes históricas é importante ressaltar o valor da experiência no processo da produção do livro e da leitura, ou seja, o valor do olhar do indivíduo sobre o texto direciona um modo de compreensão de mundo, como também uma forma de ação. O que torna relevante a incorporação de novas abordagens em pesquisas sobre a importância dos livros no processo histórico.

Como suporte teórico da pesquisa utilizei o conceito de intelectual de Sirinelli (1988) que permitiu novas abordagens para estudar intelectuais ao possibilitar ir além de uma história intelectual que se resumia a biografia de políticos. Sendo a compreensão do conceito de intelectual discutida em duas variantes, como mediadores culturais e pelo engajamento político. A primeira caracterizada de intelectuais como mediadores culturais, pois exercem uma influência política e cultural sendo responsáveis por transpor o seu conhecimento na sociedade. E a segunda se refere a definição de

intelectual na noção de engajamento, que alude a ação reconhecida do intelectual na sociedade, como sujeito de transformação social.

Com relação a utilização de categorias nos estudos de intelectuais, o autor aponta o uso das noções de itinerário, sociabilidade e geração. A noção de itinerário concede observar as estruturas do engajamento dos intelectuais, ou seja, analisar a trajetória de intelectuais que de alguma forma influenciam a sociedade. Neste contexto, o itinerário da pesquisa seria analisar Rose na sua atuação intelectual feminista através da atividade de produção e publicação de livros feministas. O conceito de sociabilidade é importante, pois “o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito, onde os laços se atam (...). A linguagem comum, homologou o termo “redes” para definir tais estruturas” (SIRINELLI, 1988, p.248). Sendo a estrutura do campo intelectual pautado em elementos de sociabilidade, sendo um espaço de movimentação de ideias precursores da circulação de ideologias, cultura política e mentalidades coletivas em suas redes de afinidades e influências.

Ao empregar este conceito ampliamos o estudo da trajetória intelectual individual, pois analisamos a influência de uma rede de pessoas e espaços sociais que possibilitaram o protagonismo do indivíduo estudado. Com isso, o conceito de sociabilidade é fundamental para conceber a trajetória de Rose Marie Muraro dentro da sua rede de sociabilidade do feminismo brasileiro na década de 1970 e 1980. O que significa dizer que sua atuação intelectual perpassa pela troca de ideias, valores, experiência, afinidades e disputas entre seus pares de feministas. Ou seja, mesmo que negue em sua autobiografia o pertencimento as perspectivas teóricas feministas e o pertencimento a algum determinado grupo feminista, ela estava associada a uma rede de sociabilidade, pois faz parte do comportamento intelectual.

A última noção é a de geração que se define como uma herança de um grupo de intelectuais em um determinado contexto histórico ao produzir ações e discursos. Através da experiência compartilhada, esses intelectuais apresentam alguns traços comuns devido aos efeitos dos fenômenos históricos. Como por exemplo, a geração de Rose vivenciou um período de ditadura civil militar baseado na repressão e ausência de liberdade o que influenciou na dificuldade da organização do movimento feminista brasileiro na década de 1970 e 1980.

O conceito de intelectual mediadora de Gomes e Hansen (2016) possibilitou compreender a produção cultural através de práticas de mediação cultural elaborados por intelectuais. Nesse sentido, é importante atentar para os processos de circulação e apropriação dos bens culturais o que remete que o sujeito produtor de determinada cultura não tem a dimensão da recepção no seu público. Sendo importante ressaltar que a posição da intelectual mediadora não é de mero transmissor da cultura pois ele produz sentido e valor no processo de apropriação cultural. E sua atuação profissional é de grande esforço em lidar com variados espaços sociais e públicos, como resalta a citação a seguir:

Consideramos, então, que os intelectuais mediadores podem ser tanto aqueles que se dirigem a um público de pares, mais ou menos iniciado, como a um público não especializado, composto por amplas parcelas da sociedade. Dessa forma, podem ser os que se dedicam a um público de corte determinado como escolar, feminino, os sócios ou membros de uma organização ou comunidade étnica, profissional, por exemplo; um público abrangente e heterogêneo, como o de um periódico de grande circulação. Em muitos casos o intelectual mediador necessita de um grande empenho para se especializar em escrever/falar/gerir/organizar livros e revistas, instituições culturais, programas de rádio e televisão, cinema, exposições, livros infantis, etc. (GOMES; HANSEN, 2016, p.21-22)

Com isso, a intelectual mediadora pode atuar em várias funções em sua trajetória profissional, sendo importantes agentes comunicativos nos espaços sociais. Ao mencionar a origem dessa atuação na composição de uma sociabilidade intelectual que significa o “compartilhamento de sentimentos, sensibilidades e valores, que podem produzir solidariedades, mas igualmente competição” (GOMES; HANSEN, 2016, p.24). Percebemos o papel de difusão e transmissão cultural nas atividades que desempenham a intelectual mediadora, realizando uma função social para além da ingerência política e cultural do engajamento intelectual.

Desse modo, compreendo Rose como uma intelectual mediadora pois teve uma atuação profissional em variados espaços sociais e públicos através de entrevistas de jornais, revistas, televisões e palestras. Essas funções profissionais estiveram presentes de forma conjunta na sua trajetória profissional, principalmente no período, em que esteve trabalhando como assessora editorial na Editora Vozes.

Um segundo referencial importante para esta pesquisa é o de biografia de Levi (2006) e Bourdieu (2006). Através da metodologia da microanálise, ambos proporcionaram a incorporação do indivíduo como protagonista do processo histórico,

por meio de novas questões para a análise social. Levi (2006) enfatizou a relação entre história e narrativa como uma das primeiras questões metodológicas da biografia. Ao avaliar através da vida fragmentária do indivíduo, a forma de atingir os comportamentos e estruturas sociais.

Desta forma, escrever sobre a vida de um indivíduo impõe algumas dificuldades no tocante a compreensão da incoerência das ações humanas como parte da construção da sua identidade, ou seja, o indivíduo não segue um único modelo de comportamento durante sua vida sendo indispensável compreender a pluralidade de possibilidades ao construir a imagem de um sujeito histórico.

Uma das indagações a se fazer é até que ponto os indivíduos podem transformar as estruturas sociais que são mecanismos complexos. Ou seja, como ou em que medida o indivíduo pode modificar, por exemplo, os dispositivos de relações de desigualdade de gênero, como fez Rose. O que também nos leva a pensar sobre qual seria a relevância para estudar um indivíduo, sendo que critérios seriam analisados para avaliar uma história de vida como relevante para uma pesquisa histórica. Exemplificado na citação a seguir:

Trata-se principalmente de um problema de escala e de ponto de vista: se a ênfase recai sobre o destino de um personagem- e não sobre a totalidade de uma situação social-, a fim de interpretar a rede de relações e obrigações externas na qual ele se insere, é perfeitamente possível conceber de outro modo a questão do funcionamento efetivo das normas sociais. A meu ver, a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial- e, todavia, importante- da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. (LEVI, 2006, p.179-180)

Levi tem algumas abordagens para a prática biográfica, colocando algumas tipologias que refletem a singularidade das trajetórias individuais. A primeira delas denominada de prosopografia e biografia modal, ressalta o interesse das biografias individuais nas condições sociais, ou seja, mediante uma função utilitarista de ilustrar formas de comportamento de um indivíduo que podem caracterizar um grupo. A segunda biografia e contexto, remete a ideia na qual o contexto histórico e social são importantes para explicar a particularidade das trajetórias. Desse modo os comportamentos individuais são inseridos em um meio social, sendo esse contexto apresentado como algo inflexível. O que significa que nessa perspectiva, dificilmente as trajetórias individuais tem a capacidade de promover modificações na estrutura social. A biografia e os casos extremos procuram esclarecer o contexto compreendido de forma

adaptável, pela atuação dos indivíduos nos extremos da margem social através da liberdade de escolha. Por fim, a biografia e hermenêutica que tem um papel discursivo ao ser baseado no seu processo interpretativo adquirindo diversos significados.

Com base, nessas tipologias apresentadas acreditamos que essa pesquisa se enquadra no modelo de biografia e casos extremos devido a característica de liberdade de escolha da trajetória intelectual de Rose, mesmo em um contexto de ditadura civil militar brasileira. O que significa que sua ação esteve à margem da estrutura coercitiva de poder imposto no período de repressão, possibilitando consolidar algumas transformações através do seu papel como escritora e editora de livros feminista.

Bourdieu (2006) questiona a relação entre o sujeito e objeto da biografia como forma de oferecer o sentido da experiência de vida a um determinado contexto global. A denominada “ilusão biográfica” seria o interesse subjetivo de se colocar em uma ordem cronológica definida por acontecimentos históricos. Sendo o indivíduo caracterizado por ações coerentes e direcionadas por único trajeto durante sua vida, para pensar o indivíduo inserido em diversos espaços e contextos sociais, no qual determina na formação da sua identidade singularizada por sua história de vida. Desta forma, o autor estabelece os acontecimentos biográficos como resultados de ações do indivíduo no espaço social determinado por relações de poder político, econômico e social. Sendo significativo destacar o conceito de trajetória proposto pelo autor como forma de análise crítica do processo social de estudo biográfico, como exposto a seguir:

Ela conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é próprio um devir estando sujeito a incessantes transformações (...). Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de superfície social, como descrição rigorosa da personalidade designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos (BOURDIEU, 2006, p. 189-190).

Com base nos referenciais teóricos e metodológicos propostos, de intelectual mediadora e de biografia, essa pesquisa buscou compreender a trajetória intelectual feminista de Rose Marie Muraro na década de 1970 e 80 através da sua narrativa autobiográfica e suas obras feministas publicadas na Editora Vozes. Com o objetivo de entender sua participação no processo de construção do feminismo brasileiro no contexto estabelecido através do seu papel como escritora e editora de livros feministas.

Desta forma esta dissertação foi dividida em quatro capítulos e mais uma conclusão. O primeiro capítulo abordou a construção da trajetória intelectual feminista de Rose Marie Muraro, com o objetivo de responder à pergunta para o leitor “Quem é Rose? e qual a sua relevância para o feminismo brasileiro”. Desta forma, através da autobiografia *MMI* utilizei a narrativa da construção de si, ou seja, quais aspectos abordados por ela conduzem a perspectiva de identificá-la como uma mulher feminista e quais momentos ela demarcou como importantes para a construção dessa identidade na sua narrativa autobiográfica.

O segundo capítulo teve por objetivo traçar alguns elementos da história do feminismo brasileiro nas décadas de 1970 e 80 a partir do protagonismo de Rose no movimento feminista, pontuando seu papel como intelectual mediadora. Para isso foram utilizadas fontes do próprio acervo ICRM.

O terceiro capítulo abordou o papel de Rose como escritora de livros feministas, ao apresentar os livros *LSM* e *SLF* com ênfase na questão da sexualidade. Nesse aspecto, identificamos a produção feminista de Rose atrelada ao viés contracultural, sendo brevemente expostos os conceitos de contracultura e sexualidade. Especialmente o livro *SLF*, cuja elaboração se desenvolveu a partir de estudos e palestras de Rose com pessoas ligadas a Igreja Católica, foi necessário analisar a corrente teológica cristã Teologia da Libertação.

O quarto capítulo também se propôs apresentar o pensamento feminista de Rose através da sua obra *SMB*, cujo destaque se conferiu para a relação entre a sexualidade e as classes sociais na sociedade brasileira da década de 1980. Neste último capítulo a apresentação do livro teve um cunho mais detalhista do que o capítulo anterior devido a importância dessa obra para expressar o pensamento feminista de Muraro.

Ao longo de todo trabalho busquei apresentar a trajetória de vida e o papel de intelectual mediadora feminista de Rose Marie Muraro, compartilhando do mesmo objetivo de seu Instituto: demonstrar a sua importância histórica para a história do feminismo brasileiro. No entanto apenas diferencio o formato, baseado na construção de uma dissertação que valoriza o seu legado dentro do feminismo brasileiro e que atenta para o seu papel conquistado dentro da Editora Vozes, após romper com todas as barreiras de ocupar um cargo de destaque sendo uma mulher em uma editora católica. Finalmente, nos interessa valorizar a sua ousadia na escrita de obras feministas que

romperam com os padrões metodológicos acadêmicos, ao produzir um texto que delineou uma forma de feminismo desempenhada na sua atuação como intelectual mediadora.

Capítulo 1: Rose Marie Muraro “uma mulher impossível”: do papel “tradicional” feminino a intelectual feminista

Perrot (1989) nos apresenta a importância de resguardar a memória feminina, silenciada na narrativa histórica devido aos arquivos públicos referenciarem em grande parte a história dos “homens”. No entanto, “(...) os arquivos privados, outro sótão da história, fornecem outras informações? Sim, certamente, na medida em que as mulheres neles se exprimiam de forma bem mais abundante (...)” (PERROT, 1989, p. 11). A partir dessa concepção de conservar a memória feminina, debruçei na autobiografia de Rose e o seu arquivo privado ICRM em busca de traçar a sua trajetória de vida e intelectual feminista nas décadas de 1970 e 1980.

A utilização da autobiografia como fonte histórica impôs certos cuidados e desafios na minha construção narrativa como pesquisadora. Ao propor uma metodologia que ressaltasse o discurso de Rose, busquei compreender a sua experiência individual repleta de contradições, nas quais atuam os processos de memória, história e esquecimento (RICOEUR, 2018). O que significa que os elementos biográficos narrados por Rose em sua autobiografia foram selecionados e passados sobre o seu exame para esboçar qual seria a imagem a apresentar da sua trajetória de vida para as leitoras e leitores?

Com isso, destaco a presença de uma visão teleológica que expressa quase uma condição natural “do seu destino de ser tornar uma intelectual”. No que foi questionada ao longo do capítulo, através da apresentação das escolhas de vida e profissionais que a direcionavam para tal caminho. Desta forma, o objetivo foi valorizar a história de Rose Marie Muraro no feminismo brasileiro, apresentando a sua trajetória repleta de desafios, escolhas, erros e acertos que merecem espaço e dedicação das páginas a seguir a respeito do seu protagonismo histórico.

1.1- Um olhar sobre a trajetória de Rose Marie Muraro através de sua autobiografia

O papel do indivíduo na história é único e singular, sua trajetória é repleta de percalços que evidenciam que a construção das subjetividades é um processo complexo

na prática social. Desta forma, para construir uma trajetória com elementos biográficos¹³, a pesquisadora e o pesquisador devem compreender o indivíduo no seu caráter contraditório, ou seja, sem cair na armadilha de adotar uma perspectiva heroicizada que almeja buscar no indivíduo uma coerência de ações que justifiquem uma importância social dentro da conjuntura histórica.

Portanto, os estudos biográficos apontam o olhar para a experiência individual ressaltando o valor do cotidiano para a compreensão do macrosocial. A análise minuciosa da trajetória de vida pode ser avaliada na relação entre indivíduo e estrutura, porém os sujeitos não são meras reproduções das conjunturas sociais representado pelas instituições e normas sociais estabelecidas, pois seus comportamentos se atrelam a diferentes percepções de mundo que são capazes de questionar e transformar as estruturas sociais.

A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas. Parece-me que assim evitamos abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada previsíveis. (LEVI, 2006, p.180)

Lilia Schwarcz (2013) ressalta os perigos de querer “inventar trajetórias” com o objetivo de almejar que o sujeito se comporte de acordo com os propósitos da pesquisa, criando uma narrativa baseada na defesa do sujeito dentro do seu contexto o que limita a uma análise homogênea das condutas dos indivíduos na sociedade. Sendo assim, o protagonismo histórico do indivíduo é analisado nas vicissitudes do seu contexto social, determinados por questões de raça, gênero, classe social, redes de sociabilidade entre outros fatores que são transformados no decorrer do tempo. Como também é importante destacar o poder das escolhas dos sujeitos onde a dimensão privada representa a liberdade de ação dos indivíduos na condução da própria vida.

¹³ “O fato é que, em tempos mais recentes, a relação entre biografia e história acabou por inserir-se em um conjunto mais vasto de contradições que opõe indivíduo e sociedade; individual e coletivo; social a particular; estrutura a contexto; ação individual a ação coletiva. Nessa rede de dualidades tensas, oscilamos entre ver o personagem como apenas reiteração de impasses sociais e ligados a seu grupo, ou, ao contrário, em buscar nele um caso único, particular e afeito a uma memória de si”. Cf. SCHWARCZ, Lilia. Biografia como Gênero e Problema. **Revista IFCH – Unicamp**, São Paulo, n.24, 2013, p.54-53.

No que concerne a biografia na abordagem teórico-metodológica é importante ressaltar a denominada “redescoberta da biografia” (LORIGA,1998) no campo da história principalmente nos estudos da história oral, cultura popular e história das mulheres. Porém, a biografia na História é utilizada desde século XIX com outros propósitos, principalmente a ideia de exaltar figuras ilustres os denominados “grandes personagens”, com o intuito de criar biografias exemplares cujas trajetórias de vidas se associavam a história política. Com uma metodologia linear, essas biografias apresentavam uma narrativa tipológica que abordava o indivíduo como um ser heroico incapaz de cometer erros e cuja história de vida se resumiria a fatos vitoriosos que demonstrariam as qualidades “admiráveis” do indivíduo. Giovanni Levi aborda os usos da biografia no século XIX no contexto da produção de uma história positivista:

(...) A bem dizer essa simplificação supõe uma certa confiança na capacidade da biografia para descrever o que é significativo em uma vida. Tal confiança culminaria, aliás, no positivismo e no funcionalismo com os quais a seleção de fatos significativos iria acentuar o caráter exemplar e tipológico das biografias privilegiando a dimensão pública em vez da dimensão privada e considerando insignificantes os desvios dos modelos propostos (LEVI, 2006, p.172).

Ao discorrer sobre os pressupostos do uso da biografia na história deve-se diferenciar do gênero literário que não se consolida em uma narrativa que procura ser validada em fontes, como também não recorre a uma análise historicizada dos comportamentos dos indivíduos no contexto social, ou seja, não se baseia, necessariamente, em métodos científicos. Desta forma, a biografia histórica se propõe a analisar a relação entre o indivíduo e a sociedade refletindo sobre como os sujeitos se inserem em grupos sociais e a partir dessas relações criam identidades individuais e coletivas. É importante ressaltar os perigos da “ilusão biográfica” (BOURDIEU,2006) que reporta a ideia de um sentido teológico na história dos sujeitos, que analisa os acontecimentos de forma encadeada naturalizando suas ações. A seleção de fatos da história de vida do indivíduo deve ser problematizada e justificada, no sentido de evitar simplificações que resultem em análises sem profundidade.

Lígia Pereira (2000) aponta o retorno do sujeito na história através do gênero biográfico, ao ressaltar o reconhecimento da História Oral como fonte e método de pesquisa. Como também, a descoberta de vários arquivos pessoais possibilitou expandir o horizonte das pesquisas para outras fontes históricas: autobiografia, documentos pessoais, correspondências, diários e memórias.

Nesse sentido, a autora estabelece definições importantes sobre o termo autobiografia, história de vida e biografia, no qual consideramos relevante para esta dissertação. De acordo com Pereira (2000), a autobiografia é um gênero em que a própria narradora ou narrador comanda a escrita da sua história, desta forma devemos pontuar os processos de memória e esquecimento ressaltando o que deve ser lembrado e esquecido. A história de vida, por seu lado, corresponde ao relato de uma narradora ou narrador por intermédio de uma pesquisadora ou pesquisador. E a biografia diz respeito, a construção da história de um indivíduo através da escrita de uma pesquisadora ou pesquisador, caracterizado pelos processos de redação do texto e tradução da linguagem oral para escrita. Com base nessas definições, consideramos que a pesquisa se encaixa no procedimento metodológico de história de vida:

(...) as histórias de vida podem oferecer maiores possibilidades, pois o pesquisador pode explorar as relações da história individual com o contexto social, permitindo, como nenhuma outra técnica, apreender a influência mediadora dos pais, dos grupos de vizinhança, da escola e de outros grupos primários (...) (PEREIRA, 2000, p.118)

Em minha pesquisa ao estudar a trajetória de Rose Marie Muraro, temos como objetivo, sobretudo, compreender como o seu pensamento feminista contribuiu para o feminismo brasileiro nas décadas de 1970 e 1980. Para tanto, a seleção de fatos de sua história de vida visa privilegiar sua trajetória intelectual dada a sua atuação como escritora de livros feministas e assessora editorial da Editora Vozes. Logo, o propósito é demonstrar as relações de conflito que Rose Muraro enfrentou na sua formação como ser (individual e coletiva), ou melhor, a sua trajetória de vida que exemplifica sua percepção de mundo, a formação e desenvolvimento de uma identidade feminista, as redes de sociabilidades que demarcaram seu lugar social e a construção da imagem de si, resultado de sua subjetividade. Margareth Rago (2013) discorre sobre o processo de luta de afirmação do feminismo brasileiro, que foi protagonizado por trajetórias individuais de mulheres como Rose Marie Muraro:

Certamente, olhar retroativamente o passado, quando as conquistas já se efetivaram, impede que se perceba como o percurso foi caótico, cheio de tentativas, acertos e erros, cheios de nuances, e como exigiu longas trajetórias para chegar ao ponto desejado. Destruir velhas concepções, questionar o regime de verdades que inferioriza as mulheres, trazer para a pesquisa histórica temas da esfera privada, propor e defender a existência de uma escrita feminina, lutar pela criação e pelo desenvolvimento de uma epistemologia feminista, num mundo em que a grande maioria não suportava nenhum desses termos, significou travar uma luta árdua e exaustiva (RAGO, 2013, p.189-190).

Metodologicamente, o meu objetivo é traçar as contribuições das pesquisadoras que se debruçaram a estudar a Rose, como forma de incorporar os aspectos relativos às escolhas de fatos para pensar a trajetória dela na qualidade de uma intelectual feminista. Ao recuperar os estudos acadêmicos para realizar tal análise percebi como fundamental para esses estudos a abordagem do seu papel como escritora de livros feministas, negligenciando sua atuação como assessora editorial da Editora Vozes. Nesta dissertação, no capítulo 3, abordarei esse aspecto e a sua importância para o feminismo brasileiro como editora de livros feministas na Editora Vozes.

À vista disso, para construir uma trajetória de vida com elementos biográficos de Rose com o propósito de conseguir pautar a sua trajetória intelectual feminista, diálogo principalmente com a tese de Natália Méndez (2008). Para além dos aspectos cotejados, serão acrescentadas questões familiares e pessoais que salientam a subjetividade de Rose, principalmente ao analisar a importância do casamento e a posterior separação como um marco para sua construção de identidade feminista e compreender o porquê ela considerou o ex-marido Aldo Muraro, o analista e Frei Ludovico (Diretor da Editora Vozes) como fundamentais para sua trajetória intelectual.

No tocante aos aspectos da trajetória intelectual, o meu objetivo é apresentar a sua produção feminista na Editora Vozes na década de 1970 e 80. Interessa-nos também outros espaços de atuação intelectual de Rose, em destaque para a Ação Católica (AC), Centro da Mulher Brasileira (CMB), Conselho da Mulher Brasileira e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM).

Desta forma, busquei abordar tanto sua trajetória de vida como a intelectual. Para tanto, recorri a sua narrativa presente na autobiografia *MMI*. O meu propósito é entender o processo da construção da sua identidade feminista atrelado ao seu papel como escritora de livros feministas e assessora editorial da Vozes.

1.2- Identidade e subjetividade de Rose Muraro na autobiografia: “*Memórias De Uma Mulher Impossível*”

A minha proposta neste subcapítulo é analisar, através da autobiografia *MMI* a construção de si, ou seja, os aspectos abordados por ela nesse livro que a conduzem a identificar-se como uma mulher feminista. Para isto, aponta-se como relevante ressaltar o papel da subjetividade na construção da sua identidade feminista. Margareth Rago

aborda o papel da autobiografia para reafirmar a importância de expressar a experiência vivida de forma narrativa para estruturação da própria identidade do indivíduo:

Reescrever o passado, construir sua própria autobiografia, mesmo que por meio de depoimentos orais, gravados e transcritos, adquire, portanto, um sentido político vital. A memorização do vivido e a construção de um arquivo pessoal são modos de subjetivação, como quer Foucault, que possibilitam o redimensionamento dos acontecimentos passados, o encontro de um lugar no presente, a criação de um espaço subjetivo próprio como um abrigo para instalar-se e organizar a própria vida (...) E, por meio da nomeação, observa Bourdieu, “institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis”. (AMADO e FERREIRA apud RAGO, 2013, p.141)

O ponto de partida para iniciar a construção de uma trajetória de vida com elementos biográficos de Rose Marie Muraro é “ouvir a sua voz” presente na sua própria narrativa na autobiografia citada. O ato de escrever sua própria história de vida reflete a ideia de compreender sua experiência como relevante para outras pessoas. A autora pretende dizer algo de si para um público de leitores que provavelmente já a conhece devido ao seu papel social como escritora e assessora editorial de livros, porém esse público desconhece a Rose na dimensão privada, os detalhes mais íntimos do seu cotidiano que são importantes para a construção da mulher pública intelectual que aparecia nos jornais e na televisão.

Contudo, é necessário inquirir sobre o processo de edificação do livro autobiográfico, ou seja, as escolhas intencionais da seleção de fatos da sua história de vida que resultam em uma narrativa peculiar demarcada por sua subjetividade. Outro aspecto fundamental é analisar os seus propósitos na criação do livro, ilustrados em um processo de representação de uma imagem para os seus leitores, mas que, do mesmo modo, demonstra uma capacidade de refletir sobre sua própria identidade através da memória.

A autobiografia de Rose Muraro foi publicada em 1999, pela editora Rosa dos Tempos, fundada em 1990 com o intuito de publicar livros produzidos por mulheres. O livro possuiu quatrocentas e quatro páginas, dividido em trinta e três capítulos sendo também subdivididos em cinco partes: A primeira parte denominada de *Idade da inocência*, com onze capítulos; a segunda *Nascimento e Ascensão da bruxa*, tem dez capítulos; a terceira *Ressurgindo das Cinzas* com onze capítulos; a quarta *A Terra*

Prometida com um capítulo e a quinta *Poemas* é um anexo ao livro não sendo composto por capítulos.

Com relação a produção do livro, o prefácio aponta que a ideia de elaborar um livro se iniciou em um projeto de história oral em junho de 1997 na Filadélfia, Estados Unidos. Viagem ao exterior, no qual Rose estava como pesquisadora e professora visitante na Universidade de Temple, através de uma bolsa da Fundação *Fulbright*. E por intermédio do professor Philip Evanson, ela concordou em fornecer entrevistas sobre sua vida no período de 1930 a 1990. Essas entrevistas foram transcritas por ele, revisadas e utilizadas por Rose na construção da autobiografia.

Desta forma, ela deixa bem claro que escreveu a autobiografia por “pressão” dessas pessoas quando esteve nos Estados Unidos. Ela justifica que nunca pensou em escrever sobre si, por não se considerar uma pessoa narcisista, no entanto podemos concluir que parte do propósito de construir uma narrativa de sua trajetória implica a busca por reconhecimento e admiração das pessoas pelo seu trabalho. Sendo assim, embora ela não exponha de forma explícita os seus objetivos com a autobiografia, através da própria escrita ela desvela o objetivo de atrelar a sua história de vida com a história política brasileira e demonstrar como suas ações contribuíram para transformar a estrutura social de desigualdade de gênero. Isto se exemplifica no prefácio escrito pelo professor Philip Evanson, cujo título é “uma nova visão da história”. No decorrer do seu texto, Evanson aborda o contexto histórico do Brasil a partir da década de 50 e ressalta a importância da autobiografia de Rose como um relato relevante para a história do Brasil contemporâneo.

Memórias de uma Mulher Impossível apresenta-se como uma autobiografia e ao mesmo tempo como uma contribuição para a história do Brasil contemporâneo. Rose Marie usa sua subjetividade e seus dons como escritora para elucidar e interpretar as lutas políticas e sociais, as controvérsias intelectuais e as novas tendências culturais que ela testemunhou. Esta biografia refere-se especificamente ao Brasil e é ao mesmo tempo universal. Ela mesma afirmou aqui que parte do seu trabalho era trazer para o Brasil o pensamento internacional, mas de uma forma não colonizada. No entanto, ela tem uma forte preferência por tudo àquilo que é brasileiro. As gravações mostram que, durante anos de trabalho Editorial, ela foi publicando cada vez menos autores estrangeiros e cada vez mais autores brasileiros. (EVANSON apud MURARO, p.27)

No prefácio ele informa que os critérios adotados para as perguntas foram cronológicos, com o objetivo de pontuar assuntos referentes ao seu trabalho, vida e militância. O local escolhido para a entrevista foi o apartamento de Rose, e teve duração de seis dias, representando uma gravação de quatorze horas que foi revisada e

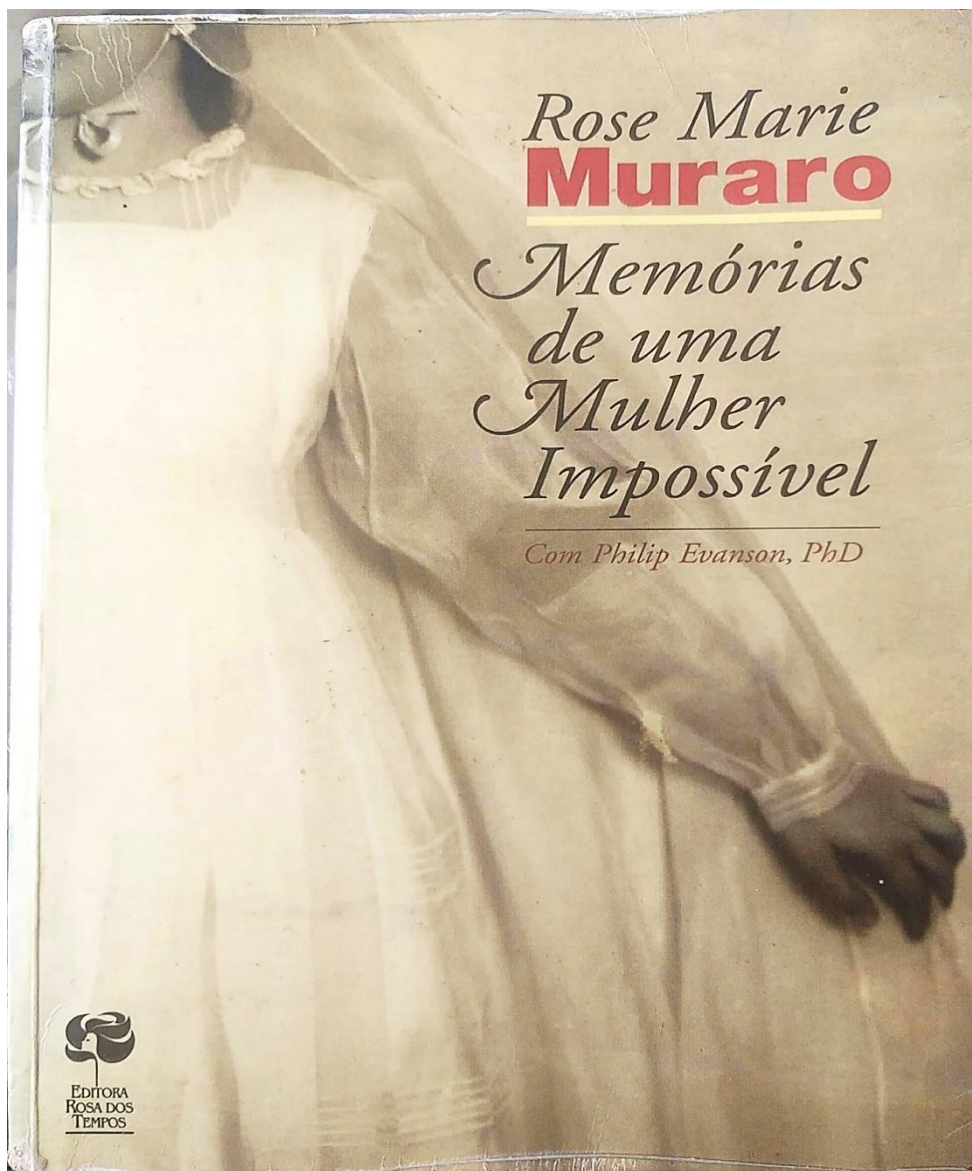
transformada. Evanson destaca o papel de intelectual de Rose no contexto da tradição latino-americana, não atrelado a ideia da superioridade do saber especializado, definindo-a como uma intelectual polivalente que era fluente em vários idiomas e se ligava aos diversos ramos do conhecimento.

É importante também destacar que ele enfatiza mais o seu papel como editora ao ressaltar que a “vida pública de Rose Marie Muraro é de editora, escritora, conferencista e ativista sem pausa (...)” (MURARO, 1999, p.28). Outro aspecto relevante a pontuar é que ele termina o seu prefácio, referindo-se a sua identidade como católica progressista e feminista definidora de sua ação como intelectual. Desta forma, podemos compreender que para ele, a identidade católica e feminista de Rose é um aspecto para se analisar de forma dialógica e conjunta.

Para justificar a relação da sua trajetória com o contexto histórico brasileiro, Rose utiliza como recurso de escrita uma espécie de introdução dos principais acontecimentos históricos por década para que a leitora e o leitor consigam ter um conhecimento básico da história do Brasil e do mundo e, ao mesmo tempo, relacione com sua história de vida. Parece nítido o objetivo de validar a autobiografia através da relação entre o indivíduo e o contexto, pois a ideia é demonstrar o protagonismo histórico de Rose para a transformação da sociedade brasileira sendo necessário rever a própria concepção tradicional de história que excluí as trajetórias de mulheres, negros e índios.

A autobiografia de Rose retrata a sua identidade de mulher católica¹⁴, casada e com filhos e a identidade feminista caracterizada por ela como “bruxa”, narrada por ela através de acontecimentos que remetem a mulher transgressora e livre para desconstruir seu próprio corpo. A própria estética do livro corrobora essa análise. A imagem da capa expõe uma foto dela vestida de noiva enquanto a parte traseira do livro apresenta uma foto de Rose madura, com a mão no rosto com um semblante reflexivo.

¹⁴ Para maiores informações sobre a identidade religiosa de mulheres no Brasil (1960-1985), ver: CUBAS, Jackeline Jaques. **Do Hábito ao Ato: Vida Religiosa Ativa no Brasil (1960-1985)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.



EDITORA
ROSA DOS
TEMPOS

http://www.rosadostempos.com.br



Figura 1: Capa e Contracapa do livro MMI. Fonte: Acervo Pessoal.

O livro aborda as diversas fases da vida, com o objetivo de mostrar o processo árduo de amadurecimento baseado no enfrentamento de obstáculos que a caracterizou como uma “mulher impossível”. Mas afinal, porque Rose se definiu como uma “mulher impossível”? Para compreendermos essa declaração, devemos olhar a sua trajetória demonstrada através do confronto de desafios físicos, psicológicos, emocionais, políticos ao longo de sua vida.

O que para pessoas normais parece fácil, como por exemplo, descer uma escada, para mim é muito difícil, e o que para as pessoas normais é muito difícil, como por exemplo, enfrentar o papa, para mim é fácil. Por isso, a vida

que tenho é completamente diferente da visão das outras pessoas. Ou faço o impossível ou morro! Então acho o possível chato. Essa foi a razão de toda a minha vida, ter sido diferente é a raiz da minha solidão também. Homens e mulheres, depois de certo ponto, não me aguentavam mais. Ficavam com medo. Mas para mim era fácil fazer as coisas difíceis sem medo. Por isso até hoje não entendo o medo. (*MMI*,1999, p.34)

A definição de “mulher impossível”, retrata uma concepção de sua própria trajetória como uma mulher destemida e vencedora dos desafios que enfrentou em sua vida. O dito “impossível” se tornou possível devido as suas ações diante das adversidades, determinada por uma busca de autoconhecimento de suas potencialidades. Nesse sentido, podemos compreender que a “mulher impossível” seria a Rose feminista que conquistou posições de poder dentro de uma editora católica como a Vozes e também se tornou uma personalidade importante para a mediação das ideias feministas nos meios de comunicação.

A escolha das pessoas para escrever sobre o livro, Leonardo Boff (parte interna da capa), Alcione Araújo (parte interna da contracapa) e Martha Suplicy (parte exterior da contracapa), corroboram para a construção da intelectual feminista caracterizada pela “mulher impossível”. Leonardo Boff ressalta que a contribuição do livro se desenvolveu na ideia da construção da identidade do povo brasileiro na perspectiva do feminino: “O leitor verá que os fatos culturais importantes dos últimos cinquenta anos contaram com a presença dela introduzindo sempre a perspectiva do feminino entendido como princípio estruturador da existência humana” (*MMI*,1999, parte interior da capa) Alcione Araújo enfatiza Rose como uma mulher intelectual ao mencionar que “trabalha, fala e pensa como um ser feminino e livre (...)” (*MMI*,1999, parte interior da contracapa). Através de adjetivos busca definir a sua trajetória intelectual atrelada a sua condição como mulher ao dizer “(...) impulsiva no limiar do agressivo. Irreverente abeira do escândalo. Corajosa desafia instituições, afronta Papas, Bispos e padres (...) Rose impossível não ser mulher” (*MMI*,1999, parte interior da contracapa). E Martha Suplicy, descreve o próprio título do livro *MMI* ao conferi-lo um caráter definidor da trajetória intelectual de Rose:

É o relato explosivo da força, da capacidade de viver e transformar a realidade, o depoimento extraordinário de uma mulher que venceu os limites impostos pela limitação física, familiar e econômica, para se tornar a pensadora mais lúcida de sua geração. Rose é um furacão. Não há encontro com ela do qual não se saia com a cabeça tumultuada (...). Mas, se tivesse de escolher uma qualidade dela, não seria inteligência crítica, nem a sua perspicácia nas análises políticas, ambas excepcionais. Eu escolheria a sua

capacidade de acreditar em si mesma e nos seus semelhantes. Daí ela ter se tornado uma Mulher Impossível absolutamente possível e exitosa. Além de impossível. (*MMI*, 1999, parte exterior da contracapa)

Uma vez que a autobiografia parece ter o objetivo de discorrer sobre a sua trajetória intelectual feminista, exemplificado pela quantidade de capítulos que ressaltam esse aspecto de sua trajetória, assim como os próprios títulos dos capítulos ressaltam para a construção da sua identidade feminista, nosso objetivo inicial é analisar de forma sucinta como essas partes do livro retratam a trajetória de Rose como intelectual feminista, para depois fazer uma análise minuciosa sobre os principais capítulos do livro.

Na primeira parte denominada de *Idade da Inocência*, refere-se ao período do livro de maior temporalidade analisando da década de 1930 até a década de 1960. O que ela chama de “inocência” entendemos que é a fase de sua vida que não possui a maturidade intelectual caracterizada como uma “feminista por intuição”, ou seja, o período em que a sua atividade intelectual ainda não está consolidada. Nesta parte analisa o que considera como seus primeiros passos, representado do nascimento até o início da sua atividade intelectual na Editora Vozes.

A segunda parte denominada de *Nascimento E Ascensão Da Bruxa* discorre sobre década de 1970, enfatizando o processo da consolidação da sua identidade feminista. Neste aspecto, ela se define como uma mulher feminista, através da sua atuação intelectual em espaços feministas como o CMB, e considera que contribuiu para introduzir o feminismo no Brasil através da chegada da Betty Friedan. Bem como a sua produção intelectual é demarcada pelo primeiro livro feminista *LSM*.

A terceira parte denominada de *Ressurgindo das Cinzas* apresenta as décadas de 1980 e 1990. Destacando principalmente a produção intelectual dos livros *SMB* e *SLF*, e as dificuldades impostas após a demissão da Editora Vozes. A ideia de ressurgir das cinzas significa que ela teve que se redefinir como intelectual após a sua demissão, ou melhor, ela teve que trilhar outros caminhos representados na sua tentativa em se inserir na política, através da campanha de deputada federal e principalmente ao criar sua própria editora Rosa dos Tempos.

A quarta parte denominada de *A Terra Prometida* expõe sua análise sobre a sua trajetória intelectual representada na ideia da importância da subjetividade e a desconstrução do corpo como sinônimo da sua liberdade. Assim como ela retoma uma

ideia do místico ao expor o seu conflito com a religião e, com isso, a perda da crença na ideia de Deus dogmática pela Igreja Católica, principalmente após ser demitida da Editora Vozes.

A partir das informações da autobiografia, a intenção é demonstrar os seus significados na construção da identidade feminista de Rose a partir de alguns principais fundamentos como: a desconstrução do corpo associado a percepção da sexualidade, o conceito de “feminismo de intuição”, o batismo de fogo para o feminismo, a concepção de maternidade e casamento, o nascimento de uma bruxa e a subjetividade na produção intelectual.

Rose demarca o papel da desconstrução do seu corpo como ponto fundamental para sua identidade feminista, algo ressaltado em diversos momentos da sua autobiografia como forma de demonstrar que sua trajetória intelectual é associada a esse processo de construção de si. Em um primeiro momento, no tocante a sua percepção da sexualidade, ressalta a idealização romântica das meninas sobre o casamento, fruto da educação tradicional de valorização dos papéis femininos no lar e das personagens das novelas de Hollywood.

Ela diz que sua sexualidade foi negada devido a repressão sexual, uma vez que em sua adolescência era comum as meninas terem namorados sem relação sexual, pois o prazer não era algo discutido. No entanto, ela expõe não ter sido preparada para o papel tradicional da mulher, mas para o papel de intelectual, o que fica nítido em várias passagens do livro a ideia teleológica que produz a sua identidade de intelectual: “Só eu não fui preparada para ser mulher, fui preparada para ser uma intelectual, o que é uma tragédia! Não fui preparada para viver como uma mulher nem na família nem na escola (...)” (*MMI*,1999, p.66). Neste trecho percebemos que Rose ao pontuar o seu papel como intelectual, recorre a uma concepção essencialista de ser mulher, caracterizada pelo papel de mãe, esposa, submissa e dócil.

A construção da sua identidade feminista, tem como marco o seu primeiro livro feminista *MCM*, no qual constrói a auto definição de “feminista por intuição”. É interessante pensar que o trabalho intelectual, também era uma forma de evadir-se da infelicidade do casamento como ressalta na afirmação: “eu já sabia que não havia esperança no meu casamento. Então botava minha libido no trabalho e no pensamento. Era minha única saída (...)” (*MMI*,1999, p.121). Desta forma, a escrita perpassa por uma relação intrínseca com sua vida pessoal e sua subjetividade. Ela também destaca, a

felicidade que teve sobre o sucesso de vendas do livro e da recente maternidade ao dizer: “(...)do orgulho que senti por ser uma escritora bem-sucedida e mais uma vez mãe” (MMI,1999, p.121).

É importante destacar que Rose situa na década de 1970 o seu “batismo de fogo para o feminismo”, pois para ela esse período representou a sua afirmação pública como feminista. Primeiramente, estabelece como marco a vinda da Betty Friedan ao Brasil para a publicação do livro *Mística Feminina* (1971), principalmente devido a visibilidade nos jornais e revistas ao feminismo com sua participação em entrevistas e reportagens. No entanto, a caracterização de Friedan nos periódicos brasileiros era a “(...)imagem da feminista radical, feia, mal-amada, sexualmente mal resolvida, que tinha por objetivo masculinizar as mulheres e colocá-las contra os homens” (BORGES,2013 p.303).

Então este período evidenciou a publicação do seu primeiro livro abertamente feminista *LSM* e sua participação no CMB através do que ela denomina de introdução do feminismo “organizado” no Brasil. Esses acontecimentos apontam a sua confirmação como uma mulher feminista, no entanto as dificuldades imperaram em um contexto de forte sexismo como aponta: “Ser feminista no Brasil em 1971 não foi fácil. Ibrahim Sued escreveu um artigo me malhando, dizendo que não casava comigo porque eu era feia e lésbica, pode? Nunca passou na cabeça dele que alguém pudesse rejeitá-lo.” (MMI, 1999, p. 166)

De acordo com Borges (2013), os escritos de Beauvoir e Friedan circularam e foram apropriados pelas feministas brasileiras nas décadas de 1960-1980. A leituras consideradas “clássicas” representaram a possibilidade das feministas brasileiras como Rose de compreender, apropriar e discutir sobre a situação da mulher brasileira em um contexto de ditadura civil-militar (BORGES, 2013, p.150-151).

O protagonismo de Rose nesse processo de consolidação do feminismo brasileiro é salientado na autobiografia. Ela demarca a importância da sua representatividade nos meios de comunicação, ao expressar os objetivos de almejar uma sociedade que a igualdade de sexo seja conquistada através da organização das mulheres na sociedade brasileira. Ela aborda os seus propósitos ao ter espaço nos meios de comunicação, ao apontar o seu posicionamento sobre o papel do feminismo na sociedade brasileira:

As entrevistas de que eu participava eram sempre sobre sexualidade, sobre os livros que estávamos publicando, sobre os problemas referentes à mulher. Eu falava muito sobre organização das mulheres, qual era a diferença delas para a organizações dos homens. Dizia que organizando as mulheres organizava-se o povo gerações a fora, ao passo que, organizando os homens, se fazia apenas o trabalho momentâneo. Construíram-se pontes, estradas, edifícios, mas o longo prazo era principalmente construído pelas mulheres, que tendiam a educar as gerações futuras. Era o que tava escrito na Mulher na construção do mundo futuro. Era importante as mulheres descobrirem o valor que tinham. Esse foi o trabalho ideológico feito pelo feminismo nos anos de 70 e 80. (MMI,1999, p.182)

Através do livro *SMB*, Rose destaca a incompatibilidade de homens e mulheres fabricadas pelo sistema capitalista que coloca o homem no papel de provedor enquanto as mulheres são ensinadas a servir e cuidar da preservação da vida. Através das conclusões obtidas no livro, ela aponta as modificações nos seus relacionamentos e ressaltam suas experiências nas suas palestras com o público.

Havíamos descoberto então, em suma, a relação entre gênero e classe social, entre sociedade patriarcal e a sociedade de classes, porque pessoas se enraizavam nas classes e na sociedade de classes como um todo por meio da família, que estava subjacente à sociedade de classes, e as duas eram uma só. E na minha vida pessoal a descoberta teórica da relação divergente entre homens e mulheres conseguiu apontar os motivos pelos quais eu me desencontrava tanto dos homens. Depois disso (até hoje), em quase todas as minhas palestras, apresento esse problema para as mulheres e praticamente todas concordam que, em maior ou menor grau, esse desencontro também acontece com elas (MMI,1999, p.265).

A construção da intelectual feminista se pautou a partir de sua trajetória de vida e intelectual como escritora e editora. Representada na concepção de sua própria identidade como mulher, que teve como fundamento as suas concepções de maternidade e sexualidade. Desta forma, primeiramente ela teve que redefinir o seu papel na maternidade, uma vez que por não seguir os padrões tradicionais da mulher que se dedica aos filhos de forma integral, por possuir um trabalho profissional, não se percebe como uma mãe devotada. Por isso, é tão importante analisar o processo de desconstrução do seu corpo como um amadurecimento conjunto a forma de conceber a maternidade. Pois o seu conceito de sexualidade compreendido de forma ampla e libertadora é resultado do entrelaçamento das transformações da sua identidade na esfera pública e privada. Rose abordou a sua compreensão de sexualidade processo de desconstrução do seu corpo, como expõem no trecho a seguir:

(...) O corpo trabalha para a libertação dos outros corpos. Sua sexualidade não é a sexualidade adulta genital, mas do corpo inteiro, que às vezes pode até incluir a genital, ou não. Sexualidade facultativa, orgástica livre dos pés à cabeça, perverso polimorfo comparável à liberdade das crianças, que de corpo inteiro, vivem, sofrem e gozam. (...). (MMI, 1999, p.370)

Neste sentido, a sua transição da mulher tradicional aprisionada ao casamento para a mulher feminista que reconhece o valor do seu corpo para construção de si é caracterizada como o “nascimento e ascensão de uma bruxa”. Esse termo “bruxa” é ressignificado por Rose a partir do livro *Martelo das Feiticeiras* de Heinrich Kramer (1991) que foi utilizado pelos inquisidores da Igreja Católica como forma de perseguição as mulheres acusadas pelo crime de bruxaria. As mulheres consideradas bruxas eram na realidade subversoras da ordem patriarcal, assim a justificativa atribuída era relacionada a sexualidade através da prática sexual de “copuladoras com o demônio”.¹⁵ Então, ela identificava que as mulheres que conseguiram superar os tabus da submissão ao homem através da liberação da sexualidade e da liberdade de se auto sustentar pelo trabalho, seriam caracterizadas como “bruxas”.

A transição da identidade cristã para a identidade feminista é um ponto fundamental para a consolidação da intelectual. O marco estabelecido para a supressão da identidade cristã é a perda da sua fé na instituição da Igreja Católica, o que a levou ao afastamento dos preceitos cristãos principalmente o questionamento da indissociabilidade do casamento que determinou o seu processo de transformação pessoal. Rose apontou que a Igreja manipulava a infelicidade pessoal através da sexualidade, e a sua frustração no casamento foi uma das suas motivações para o rompimento com a Igreja.

Caroline Cubas (2014) na sua tese de doutorado “Do Hábito ao Ato: Vida Religiosa no Brasil (1960-1985), salientou o papel das freiras brasileiras no período de repressão através de reportagens e entrevistas de jornais. Desta forma, ressaltou que as questões sociais como a libertação da mulher, era também uma luta das freiras: “(...)as mudanças referentes à libertação das mulheres não eram apenas um objetivo das religiosas em relação às mulheres, mas um movimento que engendrava transformações diretas na vida religiosa feminina (...)” (CUBAS, 2014, p.107). Sendo assim, percebemos a complexidade da relação entre mulheres, Igreja Católica e feminismo, ao ampliar a

¹⁵ Livro *Martelo das feiticeiras* foi publicado na Editora Rosa Dos tempos em 1991 com o prefácio de Rose Marie Muraro, disponível online: <<http://www.armazem3bruxas.com.br/images/ebooks/O-Martelo-das-Feiticeiras-Heinrich-Kramer.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

discussão da necessidade de as mulheres abandonarem a Igreja como foi o caso de Rose.

A década de 1970, teve importância na transformação do comportamento, ou seja, a revolução das mentalidades representou o questionamento da moral tradicional exemplificado na imersão do feminismo organizado brasileiro. Ela aponta que para construir a sua identidade feminista “(...) teria que sair da Igreja e enfrentá-la concretamente. Teria de desistir de ser bem-comportada para conseguir o céu e ser rebelde para viver a minha liberdade. (...)” (MMI,1999, p.146), o seu processo de transformação iniciou no momento que questionou a indissolubilidade do casamento através da compreensão que a Igreja manipulou a infelicidade pessoal representado na ideia de que as mulheres deveriam seguir os papéis tradicionais de esposa e mãe, pois desta forma estariam buscando a salvação divina ¹⁶.

Sonia Álvarez (2001) caracterizou a identidade feminista brasileira da década de 1970, a mulheres brancas, classe média, acadêmicas, de partidos de esquerda e movimentos sociais em especial ligadas a Igreja Católica. À vista disso, é importante contextualizar Rose a essa identidade feminista do período, para compreender a sua trajetória de vida e intelectual apresentada na autobiografia.

No tocante, sua sexualidade assinalou que vivenciou de forma completa apenas aos trinta e oito anos no momento em que se envolveu em casos extra conjugares, em virtude da impossibilidade de experienciar sua sexualidade dentro do casamento e exprimir sua intelectualidade¹⁷. Ressalta o apoio dos filhos, ao mencionar que eles valorizavam o seu esforço para a educação deles e sustentação financeira da casa. Esboça um relato de desabafo ao descrever as dificuldades encontradas no casamento e objetiva também relacionar sua experiência ao contexto do que denomina revolução das mentalidades, pois discorre sobre a importância da superação de dois tabus pela mulher: a liberação da sexualidade fora do casamento e a possibilidade de se sustentar sozinha.

¹⁶ Rose ressalta que a sua percepção sobre o questionamento da indissolubilidade do casamento, surgiu de um conselho de um padre dominicano em um momento que estava deprimida. “Não vou mandar, você carregar a cruz. Você tem direito a viver. Deus quer a vida e não a morte!”. (MMI, 1999, p. 147).

¹⁷ Outro conselho considerado importante para a sua transformação foi do analista: “Olha, acho que tem uma coisa errada aí. Você é uma pessoa de porte, de primeira categoria, mas está no meio de pessoas medíocres. Largue isso tudo e se refira diretamente às pessoas mais relevantes que elas saberão te reconhecer”, mas eu não tenho curso universitário completo, mandei o ministro enfiar meu diploma no rabo! E não tenho doutorado e nada “. E ele disse: “Não é isso! É uma questão do inconsciente. As pessoas precisam de outras pessoas do seu próprio nível. Você vai ver que elas te reconhecerão”. (MMI, 1999., p.154).

No entanto, apenas em 1977¹⁸ ela conseguiu a separação do casamento, no momento que os filhos estavam crescidos e a apoiaram. Enfim abdicou de uma vida conservadora baseada na instituição do casamento através de sua transgressão no feminismo. Este processo é acentuado por ela pela importância da aprendizagem de todos com a Revolução Sexual, que obrigou a redefinir os padrões de sexualidade convencional e criar outros padrões.

Mas como foram difíceis aquelas primeiras experiências! Ninguém sabia de nada! Os padrões velhos já não serviam mais, e os novos eram desconhecidos! No entanto aquele talvez tenha sido o tempo mais importante do século. No mundo inteiro estávamos procurando integrar corpo e mente. A divisão dos dois existia há oito mil anos e era a base do patriarcado e da sociedade de classe, mas nós ainda não sabíamos. (MMI, 1999, p. 149)

O processo de desconstrução do corpo é demarcado por Rose, como uma necessidade de eliminar as suas vivências de repressão através da ideia de corpo expandido. E em uma dessas experiências, destaca a do Santo Daime¹⁹, ao abordar que conseguiu compreender o seu lugar como intelectual feminista, ou seja, o seu papel como uma mulher na sociedade perpassava pela internalização da sua prática intelectual. Sendo assim, essa experiência foi fundamental para compreender a presença da feminilidade na sua forma de compreender o feminismo, não sendo considerado um protesto viril. Ao ressaltar a sensação de um prazer orgástico, através do estado em transe denominado de liberação da Kundaline, como expressa:

(...) E nesse momento eu soube que o meu feminismo não era um protesto viril, eu não estava querendo competir com o macho: minha ação vinha da minha feminilidade mais profunda, e aquilo valeu a noite. (...) A partir daí, tive uma confiança profunda em mim, em que Deus ia me ajudar na minha militância. E passei a ter muita segurança sobre o que faço em relação à mulher. Minha ação não tinha nada a ver com inveja do pênis nem nada. Vi os arquétipos da feminilidade mais profundos assim bem na minha frente, me acenando. (MMI, 1999, p.237)

¹⁸ A Lei do Divórcio foi sancionada neste mesmo ano, para maiores informações: <https://www.lfg.com.br/conteudos/artigos/geral/lei-do-divorcio-o-que-mudou-em-40-anos-no-brasil>. Acessado em: 28 de setembro de 2021.

¹⁹ “O movimento religioso do Santo Daime, começou no interior da Floresta Amazônica, nas primeiras décadas do século XX, com o neto de escravos Raimundo Irineu Serra, natural do Maranhão. Ao Mestre Irineu, como passaria mais tarde à história, foi revelada uma doutrina de cunho cristão e eclético, reunindo tradições católicas, espíritas, esotéricas, caboclas e indígenas em torno do uso ritual do milenar chá conhecido pelos povos incas como ayahuasca (vinho das almas) e por ele denominado Santo Daime.”. Disponível em: <<https://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/o-santo-daime/introducao>>. Acesso em 30/09/2019.

Soraia de Mello (2019), aponta a existência na década de 1970 e 1980 de “(...) um feminismo conciliador, que se preocupe com os homens, com a família e com a sociedade como um todo (...) (MELLO, 2019, p.5). Este feminismo conciliador utilizou o discurso antifeminista para evitar a associação do movimento ao radicalismo, por isso, recuperava a ideia de feminilidade para opor a associação negativa que a identidade feminista era abordada nos meios de comunicação. Desta forma, o discurso de Rose de praticar um feminismo que não era um “protesto viril”, se inseria no discurso antifeminista incorporado pelas feministas do período. Como analisou Soraia de Mello, no discurso de Betty Friedan de crítica ao acontecimento da queima dos sutiãs:

(...) Entendo que Betty Friedan nesse caso fosse o uso antifeminista da simbólica queima dos sutiãs, um fenômeno basicamente midiático que associou as feministas a essa imagem negativa- o uso antifeminista da simbólica queima de sutiãs, um fenômeno basicamente midiático que associou as feministas a essa imagem negativa – já construída e explorada pela mídia ao representar as sufragistas décadas antes – de mulheres raivosas e descontroladas, anti-homem e antifamília. O que me parece um pouco difícil de compreender é essa tendência de se culpar as mulheres, em especial as feministas, pela disseminação de determinados estereótipos sobre elas que não foram elas que produziram e que muitas vezes não estavam lá, em nenhuma de suas representantes (...) (MELLO, 2019, p.6)

Como último ponto de análise sobre os elementos que encaminham para a construção da sua identidade feminista, temos a reflexão de Rose sobre o modo da produção intelectual o que repercute na sua concepção de feminismo. Ela discorre que a raiz da sua liberdade que sintetiza a concepção de sua identidade como uma mulher feminista se baseia na entrada da subjetividade no processo de produção intelectual e a redefinição da relação de dominação entre os gêneros através do conceito de androginia. Para Rose, é vital a compreensão da sexualidade associado a ideia de corpo liberto que se associa a supressão da opressão de gênero e classe, como demonstra na citação a seguir:

A entrada da subjetividade no poder e na ciência é o antídoto da racionalidade insana que é a base da lógica do capital. A luta pela desrepressão da subjetividade não dissociada foi outra dimensão maior da minha vida. A androginia, a relação do amor entre homens e mulheres iguais, é o antídoto à relação de dominação entre os gêneros, que é a base de tudo, de toda e qualquer dominação. (MMI, 1999, p. 371)

Isto posto o próximo subcapítulo *Trajatória de vida e intelectual: caminhos percorridos para se tornar uma feminista*, tem como objetivo apresentar a trajetória intelectual feminista de Rose a partir da autobiografia. Através da análise dos capítulos

do livro *MMI* buscamos destacar os aspectos biográficos considerados por ela como relevantes para a sua trajetória intelectual feminista. A partir da análise do sumário²⁰, buscamos analisar a forma como a autora organiza o livro e, principalmente, para expor a relação dos títulos dos capítulos com assuntos abordados. Entendemos que a escolha do nome dado aos capítulos pela Rose é significativa para sua construção de si na autobiografia no tocante a sua trajetória intelectual.

1.3- Trajetória de vida e intelectual: caminhos percorridos para se tornar uma feminista

Rose Marie Muraro nasceu no Rio de Janeiro no dia 11 de novembro de 1930, como ela mesma diz “o dia em que Getúlio Vargas amarrou seu cavalo no obelisco da Cinelândia” (*MMI*,1999, p.4). Com uma origem de família de imigrantes libaneses, ricos e proprietários de lojas de tecidos no Rio de Janeiro; Rose vivenciou uma vida de classe dominante. No entanto, devido a presenciar uma disputa pela herança após a morte de seu pai que a fez perder seus bens, não usufruiu da riqueza do seu pai, identificando a sua a crueldade associada a disputa pelo capital. Nesse sentido, ela constrói uma narrativa que busca não se associar a classe dominante, isto se faz presente em vários momentos da autobiografia com uma ideia de que o intelectual deve se aproximar das classes dominadas, inclusive negando os seus privilégios econômicos para estar em condição de igualdade com as classes desfavorecidas. Com isso, ela relata de forma naturalizada que a origem da sua busca pela justiça social se desenvolveu a partir da sua vivência:

Acho que a raiz do meu desejo de justiça nasceu exatamente aí. E da minha opção por ficar do lado dos oprimidos. Aquele mundo de matar ou morrer não era meu mundo. Do fundo do meu ser brotou uma ira sagrada, que iria guiar minha ação a vida inteira. Da minha família, eu era a única que tinha esse sentimento com tanta intensidade. (...) E foi assim que a vida me preparou para que eu pudesse jogar inteira no trabalho pela construção de um mundo novo. Naquele momento e, pela primeira vez, eu estava entrando em contato concretamente com a lógica do capital. Não como os pobres e a classe média entram, achando que é uma ordem mais ou menos natural, mas como alguém que havia conhecido os dois lados, e por isso via como a lei do mais forte, que parecia mecânica e inexorável, não era, podia ser revertida se as pessoas fossem simplesmente humanas, e não escravas da ambição. (...) (*MMI*,1999, p.57-58)

²⁰ Apresentação do sumário será o exposto no anexo, nas páginas 281-287.

No *capítulo 1: Infância, Riqueza e Solidão*, a autora descreve o período da infância e adolescência destacando principalmente o surgimento da “mulher impossível” que por ser uma menina cega age de forma instintiva. O impasse da negação da figura feminina relacionado a sua mãe é delimitado neste capítulo, o que gera inicialmente a associação da feminilidade à burrice e faz com que se inspire em figuras masculinas como seu pai.

É importante destacar que Rose teve uma infância de saúde frágil representado na sua quase completa cegueira, o que fez com que os médicos acreditassem na impossibilidade de conseguir ler para além de poucas palavras. Desta forma, ela aborda que suas limitações físicas a impulsionaram a superação, o que fica nítido na sua escrita a ideia de que suas escolhas estão atreladas a uma questão instintiva que se correlaciona a sua vivência de ir além das possibilidades, ou seja, uma “mulher impossível” que através de ações inconscientes conseguiu sobreviver.

Quando me viu lendo, minha mãe ficou tão assustada que resolveu me deixar no colégio. Foi então que meu sangue aventureiro começou a falar mais alto. Instintivamente, eu sentia que não podia ficar dentro dos limites do possível. Tinha de arriscar e jogar no impossível. Embora inconsciente e infantil, foi esta a minha primeira aposta no impossível. Nunca mais parei para ler. (MMI, 1999, p. 44)

O relato acima de Rose no qual justifica a definição de “mulher impossível”, deve ser analisado através da perspectiva de Bourdieu (2006). O conceito de “ilusão biográfica”, nos ajuda desmitificar a ideia da existência de acontecimentos encadeados e lineares como também a existência de uma visão teleológica do indivíduo. Por isso devemos relativizar a caracterização da sua personalidade associada a condições naturais atreladas ao seu “instinto” como a expressão “sangue aventureiro”.

Uma questão fundamental decorrente do período da infância na década de 1930 e 1940 é o conservadorismo da sociedade brasileira, principalmente no que se refere a moral sexual que preparava as meninas para desempenhar os papéis sociais de esposa e mãe. Este modelo imposto como tradicional foi rejeitado por ela, pois representava uma mulher passiva, frágil e dependente da figura masculina. Na realidade, ela negou a feminilidade por acreditar que se atrelava a burrice, o que resulta em uma não identificação as figuras femininas como sua própria mãe por considerá-la medíocre. A

única imagem positiva feminina que tinha era da Madre Luiza²¹ considerada uma mulher inteligente, algo que desde criança admirava nas pessoas, pois ela se considerava “intelectualmente acima da turma” na escola. Com relação à figura masculina, ela mostrou a admiração principalmente pelo seu pai, pois o considerava um homem poderoso e terno que a incentivou a não deixar de estudar e sempre dizia “essa menina é um gênio”.

É importante sublinhar que a concepção apresentada por Rose do que seria o papel tradicional da mulher, se insere no seu olhar de mulher burguesa no qual, “(...)A educação, pelo contrário, que é a formação dos bons hábitos e produz boas esposas, mães e donas de casa, parece essencial. As virtudes femininas de submissão e silêncio, nos comportamentos e gestos cotidianos, são centrais nela (...)” (PERROT, 2003, p.22). E assim, pontuamos a própria história do “feminismo bem-comportado” (COSTA, 2005 p.2-4) no Brasil a partir da década de 1920, caracterizado por uma luta sufragista²² que desejava a conquista de direitos políticos as mulheres.

A autora apresenta sua inserção na Igreja Católica no *capítulo 3: Deus Entra na Minha Vida*, no final dos anos 1940. Especificamente, aborda a sua participação na Ação Católica aos quatorze anos, um pouco antes da morte de seu pai. A AC foi fundada pelo Papa Pio XI em 1922, com a ideia de recuperar os fiéis através do trabalho com os leigos, o que democratizou um pouco a instituição conservadora dominada pelo poder do clero. Ela considera que sua militância se inicia com a ideia da injustiça social, outro aspecto salientado é a questão da sua sexualidade no período da adolescência ser negada devido ao contexto social onde a educação sexual não era algo debatido nas escolas e na família. No entanto, Rose quer demonstrar de forma teleológica que foi preparada para ser intelectual e não educada para seguir o modelo tradicional de ser mulher. A partir de suas afirmativas buscamos compreender como a identidade cristã de Rose se associa a sua militância dentro da Igreja, como também delinea o seu modelo de mulher baseado no viés religioso.

No Brasil, a AC demorou cerca de 13 anos para conseguir se estabelecer, sendo fundada na década de 1920 no Recife e no Rio de Janeiro, por decisão de Dom Leme, arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro. O primeiro programa da AC tinha como

²¹ Na autobiografia Rose não coloca muitas informações sobre ela, apenas ressalta que foi uma freira da escola, sendo uma mulher inteligente que lia muitos livros ao contrário de sua mãe.

²² Para conhecer um pouco mais da luta das sufragistas ver: ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: ARRUDA, Angela ... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-63.

objetivo reunir o laicado com o apostolado da Igreja de modo que os “braços da hierarquia” se estendessem para a sociedade. Segundo o seu estatuto, a atuação da AC deveria seguir a hierarquia eclesiástica como também não poderia compartilhar intervenção político-partidária. Com relação ao critério de organização era dividido por sexo e idade em quatro grupos: Homens da Ação Católica e Liga Feminina de Ação Católica, para maiores de 30 anos ou casados de qualquer idade, e Juventude Católica Brasileira e Juventude Feminina Católica, para jovens de 14 a 30 anos. A Juventude Católica (JC) teria que envolver ainda outros ramos: a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), e a Juventude Operária Católica (JOC).²³

De acordo com Sarti “(...) a Igreja Católica, dominante em todo o país (...) está longe de ser monolítica. Sua fração conservadora convive com uma ala progressista adepta da Teologia da Libertação (...)” (SARTI, 1988, p.40). Com base nessa análise da autora, entendemos a atuação política da Igreja Católica e a participação feminina através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) e nas organizações femininas como o Clube das Mães:

(...) As análises das organizações femininas de base esclarecem sobre as possibilidades e limites da forte influência da Igreja Católica na vida cotidiana das mulheres, que são a maior parte da clientela das comunidades religiosas do país (...) os Clubes de Mães refletem tanto a concepção evangélica da Teologia da Libertação, quanto aos preceitos da ortodoxia católica a respeito da família, promovendo a participação da mulher na vida comunitária, mas, ao mesmo tempo, reforçando sua permanência nos papéis tradicionais (...). (SARTI, 1988, p.40)

Dom Hélder Câmara assumiu o cargo de secretário geral e reorganizou a AC limitando o papel das paróquias e dioceses ao abolir o critério de filiação por sexo e idade. Através de Dom Hélder, Rose foi integrada a AC realizando um trabalho religioso que possibilitava uma aproximação dos fiéis às bases da Igreja, as denominadas “Hélder’s Girls”. Este período é caracterizado por Rose como o início de sua militância através da percepção da injustiça social, sendo também o seu primeiro contato com a escrita através do *Roteiro da Juventude*, o jornal da JEC.

E a Ação Católica se tornou tão importante na Igreja no Brasil porque foi nesse ano de 1945 que começou a especialização dentro dos quadros. Até

²³ Informações sobre Ação Católica ver: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-catolica-brasileira-acb>>. Acesso em 07 set. 2019.

então todo mundo evangelizava todo mundo. Em 1945, a Igreja concedeu a sociedade em setores: estudantes, operários, jovens, adultos. Cada setor se evangelizava com seus próprios integrantes. Aí a eficiência explodiu. E assim começou o embrião da grande revolução das mentalidades não só foi comportamental como no resto. Foi também essencialmente política e religiosa, a revolta dos oprimidos para a qual foi básica a ação da Igreja de que dom Hélder era a pedra fundamental. (MMI,1999, p.64)

Ainda na década de 1940, um marco importante na sua vida foi a entrada na Universidade do Brasil (Universidade Federal do Rio de Janeiro), no curso de física, período que ela considerou um “rito de passagem” devido as vivências políticas e sociais que a universidade proporcionou. Por isso, o capítulo 4 de sua autobiografia se chama *A Universidade um Rito de Passagem*. Ela caracteriza essa vivência como primordial devido ao contato com diversas pessoas, inclusive militantes do Partido Comunista (PC) o que contrapunha a sua experiência na AC que era anticomunista. Devido a tensão entre o que chama de “vida vivida e vida idealizada” ela não queria mais estudar após a perda da visão de praticamente um olho e com isso viaja para a Europa com a AC. Este capítulo é importante para compreender que as experiências na universidade foram importantes, porém não se consolidaram em uma formação acadêmica, o que influenciou na sua definição como uma intelectual prática.

Ela evidencia que foi a partir desse momento que teve conhecimento com as outras classes sociais, por considerar as universidades públicas um ambiente democrático capaz de convivência de diferentes classes sociais. Mais uma vez, Rose salienta a sua transição de um mundo elitista, representado por sua condição social familiar, para o mundo popular, das classes desfavorecidas, no qual ela como intelectual procurou se identificar. No entanto, este período em que esteve na universidade pública não pode ser considerado um momento de relevante acesso das classes populares devido às discrepâncias sociais na educação brasileira, ou seja, a universidade ainda era um espaço para as camadas médias e altas da sociedade. Conforme Saviani:

(...) Obviamente, se o próprio ensino secundário, como indicava o Decreto-Lei 4244, de 9 de abril de 1942 tinha como finalidade “formar individualidades condutoras”, o acesso ao ensino superior estava restrito às elites. No entanto, com o desenvolvimento da sociedade brasileira em direção ao padrão urbano-industrial, as pressões populares subverteram aquela finalidade do ensino secundário, ampliando-se a demanda por vagas no ensino superior que ganhava grande visibilidade com a figura dos excedentes, isto é, os jovens que obtinham a nota mínima de aprovação nos exames vestibulares, mas que não podiam ingressar no ensino superior por falta de vagas (...). (SAVIANI,2010, p.8)

O processo de imersão de Rose nos meios intelectuais não se consolidou em uma formação universitária, uma vez que ela largou o curso de física no terceiro ano por não se identificar com ele. Neste mesmo período que saiu da universidade, durante uma viagem para a Europa conheceu um brasileiro dominicano chamado Aldo Muraro que se tornou seu marido em 1951.

No *capítulo 5: Acordando Casada!* ela aborda o início do processo de desilusão com o casamento, ao desmitificar a uma concepção romântica e idealizada do matrimônio. A sua experiência com a maternidade após o casamento, significou a presença constante da gravidez devido ao não uso de métodos contraceptivos. No entanto a maternidade ao seu ver, representava algo positivo uma sensação de um enraizamento ao se sentir viva, contrapondo a infelicidade conjugal relatada por vários capítulos.

Rose afirma que o casamento significou um processo de amadurecimento importante na sua vida, fundamental para sua trajetória intelectual, simplesmente devido a necessidade de trabalhar pois precisava do dinheiro para sustentar seus filhos. Além disso, ela aborda que sua concepção sobre o casamento se pautou na idealização do romantismo dos filmes, e principalmente, na concepção cristã de amor eterno fruto de sua inserção na Igreja. E assim, não construiu nenhuma relação afetiva e sexual com Aldo Muraro antes do casamento, pois acreditava que o amor iria se desenvolver no decorrer do casamento.

É importante ressaltar que a visão de trabalho de Rose se contextualiza, no que Sarti (1988) denomina de “modernização da mulher brasileira”. O acesso de mulheres de classe média ao ensino superior possibilitou a incorporação ao mercado de trabalho, questionando o papel social feminino restrito a esfera privada. Todavia, essa independência das mulheres tinha marcas de classe e raça:

(...) Os recursos e oportunidades oferecidos às mulheres beneficiaram principalmente as regiões mais desenvolvidas do país, o Sudeste, mais branco, mais urbano. A existência da empregada doméstica é parte integrante desse contexto hierárquico. Vale ressaltar que é alta a incidência de domésticas negras. Herança da escravidão, há uma associação direta entre a raça negra e profissões desqualificadas (...). (SARTI, 1988, p. 40)

No *capítulo 6: 1955 O Mundo dá uma Virada Sem Saber*, a autora discorre com mais profundidade sobre o seu desencantamento com o casamento. Mesmo com o desejo da separação, não conseguia colocar em prática, em virtude de sua religiosidade.

A sua crença religiosa cristã, a fazia crer que não poderia abdicar do seu voto, uma vez que a instituição do casamento é indissolúvel para a Igreja Católica.

Neste capítulo Rose demonstra a tensão vivida por abdicar de sua felicidade individual em detrimento de sua identidade cristã. No entanto, este período representou a sua realização como ser humano na política, através do trabalho junto com Dom Hélder, baseado na luta pela justiça social. Desse modo, a presença da identidade cristã fundamentada nos valores da família tradicional desenvolveu uma frustração pessoal:

Queria largar meu marido, mas queria também ao mesmo tempo, ser fiel aos meus votos. Então só havia um jeito: tinha que carregar minha cruz! Não havia métodos anticoncepcionais, e as crianças iam nascendo. Como católica não podia evitar filhos. Tinha menos de trinta anos e quatro filhos no braço. Quando nasceu a minha quarta filha, Toninha tive que ir trabalhar, porque todo o dinheiro já havia ido embora. (MMI, 1999, p.83)

Mesmo tendo uma vida pessoal infeliz, Rose tentou se realizar através da política na AC. Ela afirma que o trabalho na AC propiciou um surgimento de uma consciência de libertação das mulheres, devido à importância da participação feminina na construção das ações para a comunidade. A introdução da sua trajetória intelectual é apresentada no capítulo 7 *Os Incríveis Anos 60: A CNBB e as Vozes*, onde ela descreve a sua participação dentro da Igreja Católica através da AC, da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB), no papel de diretora da União Nacional Católica de Imprensa, e na atuação como escritora na revista *Painel Brasileiro*. A revista *Painel Brasileiro* era uma revista franciscana e de perfil centro-direita, no entanto depois que Rose foi convidada pelo frei Leovigildo Ballestieri para assumir sua direção, modificando o perfil da revista para incorporar as ideias da JUC, a revista se tornou um sucesso nacional alcançando um aumento significativo das vendas.

As transformações na hierarquia eclesiástica da Igreja Católica nas décadas de 1960 e 1970 e a vida religiosa feminina, foi objeto de estudo de Carolina Cubas (CUBAS, 2014, p.67-81). Neste aspecto, a autora analisa os documentos oficiais da Igreja Católica neste período no que diz respeito, a qual seria o papel da mulher católica na Igreja diante de um contexto de modernização da sociedade brasileira, luta e conquistas das mulheres.

É importante destacar que Rose fornece um panorama do contexto da Igreja Católica do período, através da CNBB. Vinculada a esta conjuntura apresentada, refletiu sobre a tensão da Igreja com os leigos, ao apresentar o surgimento da JUC, constituída por uma esquerda cristã. Com relação à vida profissional, a década de 1960 foi

fundamental para a sua trajetória intelectual, devido a seu papel como escritora e editora ter se desenvolvido neste período. A partir de 1961, se deu o início de sua trajetória na Editora Vozes. Mediante o convite do novo diretor Frei Ludovico, iniciou o seu trabalho na tradução de livros na categoria progressista da Igreja, representada pela parte sociológica da Igreja. Nesse sentido na perspectiva da autora, o trabalho desempenhado por Frei Ludovico representou uma mudança de perfil da editora, caracterizada anteriormente pela publicação de livros contrários aos protestantes, ateus e espírita. No entanto, após essa gestão editorial ocorreu uma rápida expansão mercadológica em um curto período.

O objetivo do *capítulo 9 De 65 a 68: A Queda no Tempo* foi mostrar o seu trabalho editorial após ser demitida da CNBB, justificada por ela ao contexto histórico de golpe militar, que transformou a CNBB em um departamento burocrático dos militares. A sua produção intelectual feminista, foi abordada através do processo de escrita do livro *MCM*, se definindo como uma “feminista como intuição”. Desta forma, faz questão de pontuar que o seu livro foi escrito sem o conhecimento de perspectivas teóricas e em apenas vinte dias. O livro propôs interligar a opressão da mulher com a opressão econômica relacionada ao problema das classes oprimidas, análise que, segundo sua opinião, não tinha sido realizada no Brasil.

Este livro é caracterizado por Rose como uma “intuição” por ter se realizado em apenas vinte dias sem nenhum trabalho de pesquisa e devido a proposta da construção do livro ter partido de um conselho de Frei Ludovico, por isso ele foi também fundamental para sua produção intelectual.²⁴

Foi por acaso, porque eu escrevi um livro feminista em 1966, católico, chamado “A Mulher na Construção do Mundo Futuro” e este livro já colocava o problema da dominação econômica e da dominação de gênero, coisa que ninguém falava na época nem aqui nem fora daqui. Então, nesse livro eu dizia que a mulher era o operário do homem, tanto quanto o homem era operário do patrão. Isso era em 1966, antes de eu saber que existia movimento feminista. Eu conhecia Simone Beauvoir, mas não conhecia(pausa): e os padres diziam: “mas você, tão católica, citando Simone Beauvoir, ela é anticristã...Eu vou citar, por que não? (...). (MÉNDEZ, 2008, p.256)

²⁴ “Escrevi *A mulher na construção do mundo* em 65. Foi publicado em maio de 66, para os Dias das Mães. Frei Ludovico, que era um gênio popular, me disse um ano antes: “Filhinha, você é mulher. Porque não escreve sobre mulher? Eu estava precisando de dinheiro e não queria mais viver de traduções, porque aquilo era muito chato. Então em vinte dias escrevi o livro (...)” (*MMI*, 1999, p. 118).

É interessante evidenciar que ela reflete sobre a produção do livro com naturalidade, sendo algo instintivo da sua própria condição como intelectual, sem identificar quais foram os aportes teóricos utilizados para a elaboração do livro, e ressalta um desconhecimento do feminismo teórico, definindo-se como uma “feminista por intuição”. No entanto, acreditamos que seja improvável que ela não tenha tido nenhuma influência do feminismo na elaboração do livro, uma vez que ela afirma que foi convidada para o lançamento do livro *O Segundo Sexo* (BEAUVOIR, 1970), em Paris em 1950, e na entrevista contida na tese de Natalia Méndez, apresenta indícios que os padres discordavam do uso de Simone Beauvoir no seu livro *MCM* como foi apresentado na citação acima. Além disso, ela demonstra conhecimento teórico das diversas tendências de feminismos norte americano quando afirma:

A primeira e mais antiga poderia ser chamada de feminismo liberal (...) fundada por Betty Friedan (...). Este grupo é muito conservador, e procura inserir a mulher no mundo masculino, sem questionar o sistema globalmente. É ele, que luta pelos direitos civis, por salário igual e trabalho igual e pela maioria das reivindicações legais. É composto de mulheres de classe média em geral, profissionais ou casadas. É muito poderoso e influente. A segunda, corrente é das feministas radicais. Elas evocaram as mulheres como uma casta oprimida, pelos homens e por isso cortam diálogo com o sexo oposto. As grandes teóricas americanas, como Katte Millet, Shulamith Firestone e outras pertencem a esta tendência. Nela militam as mulheres homossexuais, cujo número vem crescendo constantemente. (...). A terceira grande tendência é o que se chama de feminismo socialista. Esta procura posicionar a mulher concretamente como mulher dentro da luta de classe. É composta por boa parte da juventude universitária feminista americana e de algumas mulheres de classe operária (...). (MURARO, ICRM, MP-001, [s.d])

Borges (2013) possibilita compreendermos o contexto de produção da obra *Segundo Sexo* (1970) na França, aspectos da trajetória de vida e intelectual de Beauvoir, a publicação da obra no Brasil e a repercussão do livro nos periódicos. A visita de Beauvoir ao Brasil na década de 1960 não ressoou nos periódicos brasileiros, provavelmente devido ao movimento feminista ser considerado iniciante para tais discussões. No entanto, a partir do momento que o livro foi publicado pelas editoras brasileiras, a repercussão das ideias de Beauvoir se fez presente como leitura quase obrigatória das feministas brasileiras.

O livro *MCM* de Rose, foi considerado sucesso de vendas o que foi atribuído pela autora, a quase ausência de livros sobre mulher no Brasil sendo restrito a teses universitárias como a tese de livre-docência *A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e*

*Realidade*²⁵ publicados em 1967 de Heleieth Saffioti e o livro de Carmem da Silva, *A Arte de Ser Mulher*, editado pela Civilização Brasileira em 1966. Rose afirma que o caráter de seus livros inicialmente tinha uma abordagem universal e não especificamente brasileira, pois não havia um campo intelectual feminista brasileiro consolidado neste período. Por fim, ressalta a importância de abordar a opressão antes de compreender o machismo na sociedade, pois devido a repressão militar não se podia refletir sobre feminismo.

Ainda na década de 60 especialmente o ano de 1968, Rose de forma conjunta ao seu trabalho na Vozes vai trabalhar na Fundação Getúlio Vargas (FGV) no departamento de criação de pareces técnicos para a publicação de livros na editora. No entanto, ela descreve que durante os seus oito meses de trabalho sofreu perseguição do seu chefe devido a sua posição política contrária a ditadura, enquanto a própria fundação era financiada pelo governo militar. Nesse período, destaca que escreveu o seu segundo livro *Automação e o Futuro do Homem* que foi publicado na Vozes em 1969. Este livro que abordou o processo de aceleração histórica humana, teve mais sucesso que o livro *MCM*, no qual enfatizou:

(...) Automação e o futuro do homem vendeu muito bem, foi adotada em trinta universidades, até os militares acabarem com ele. Vendia três, quatro mil exemplares por ano! Sem parar. Eram as universidades que compravam. Neste livro, nem falei sobre a condição da mulher. O livro foi proibido como pornográfico em 75. Eu quis, por intermédio dele, dizer alguma coisa para os brasileiros. Achava os brasileiros tão isolados que tinham obrigação de conhecer os grandes problemas do mundo, que os militares não deixavam (...). (MMI,1999, p. 132-133)

O capítulo 14: *O Feminismo nos Anos 70* desvela de forma nítida a identidade feminista de Rose e a sua preocupação de analisar o feminismo brasileiro na década de 70 através do seu protagonismo histórico em variados acontecimentos. A construção do capítulo se baseia na ideia inicial de que Rose contribuiu para introduzir o feminismo no Brasil. Ela expõe os argumentos que justificam essa narrativa para o leitor ao analisar a vinda da Betty Friedan, a publicação do seu livro *LSM* a fundação do CMB, entre outros

²⁵ Para compreender a importância de Saffioti e as produções feministas brasileiras no período da década de 1960-1980, ver: BORGES, Joana Vieira. **Trajetórias e Leituras Feministas no Brasil e na Argentina (1960-1980)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2013, p. 190-212.

aspectos. Esse capítulo é essencial para compreender a trajetória intelectual feminista de Rose entrelaçada ao movimento feminista.

Segundo a autora, um dos primeiros marcos do feminismo brasileiro na década de 1970 foi o Conselho Nacional das Mulheres²⁶ através do Primeiro Congresso de Mulheres no Brasil²⁷. Neste período ela ressalta a importância da amizade com mulheres como Heloneida Studart, Carmem da Silva, Heleieth Saffioti e Romy Medeiros²⁸ que foram atuantes na construção do feminismo “organizado” brasileiro. Neste congresso reuniram-se diversas artistas, filósofas e intelectuais da Universidade de São Paulo (USP) o que gerou grande repercussão nos jornais, no entanto, os militares mandaram acabar com o Congresso e prendê-la. Ela não discorre sobre os motivos da sua possível prisão pelos militares, porém relata que Romy Medeiros impediu sua prisão ao ir ao Departamento de Ordem e Política e Social (DOPS) ao atrelar a sua prisão a de todas as mulheres participantes. Após essa ameaça dos militares o Congresso continuou, porém foi proibido de ser mencionado nos jornais. Apesar dessa censura e pressão, Rose ressalta a importância de ter o suporte da Igreja por trabalhar na Editora Vozes:²⁹

(...) Ter a Igreja nas costas naquela época era ter certa garantia de liberdade. Porque a Heloneida foi presa. Carmem da Silva, se falasse um pouquinho

²⁶ O Conselho Nacional de Mulheres do Brasil (CNMB) é uma organização cultural, não governamental, fundado em 1947 por D. Jerônima Mesquita, no Rio de Janeiro, tendo por finalidade trabalhar em defesa da condição da mulher. Foi a principal entidade civil a lutar ao longo da década de 1950 pela aprovação do Estatuto da Mulher Casada (Lei 4.121), o que veio a ocorrer em 1962. Cf. COSTA, Ana Alice Alcântara. “O Feminismo Brasileiro em Tempos de Ditadura Militar”. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs). **Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, p.177.

²⁷ “(...) Em 1972, por exemplo, liderado pela advogada Romy Medeiros, o Conselho Nacional da Mulher, uma entidade reconhecidamente conservadora e com laços de proximidade com o regime, promoveu o Primeiro Congresso de Mulheres com a participação de feministas ligadas a um campo mais à esquerda e setores ligados ao governo (...)”. *Idem*, p.178.

²⁸ Romy Medeiros da Fonseca nasceu no Rio de Janeiro em 30 de junho de 1921. Estudou direito e, advogada, casou-se com o professor Arnaldo Medeiros da Fonseca, catedrático de Direito Civil da Faculdade Nacional de Direito do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) (...) em maio de 1949, participou com o marido do VII Congresso dos Advogados Civis nos Estados Unidos, onde proferiu palestra sobre a situação da mulher brasileira. (...) Fundou o Conselho Nacional de Mulheres do Brasil. Fez palestras e conferências no Brasil e no exterior. A partir dos anos 1970 engajou-se na defesa de um programa de direitos sexuais e direitos reprodutivos, luta que manteve ao longo de todos os anos. Faleceu, no final de julho passado, no Rio de Janeiro.” Disponível em: < https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/area-imprensa/ultimas_noticias/2013/08/09-08-obituario-romy-martins-medeiros-da-fonseca-advogada-e-pioneira-das-lutas-feministas-no-brasil-1921-2013-2013 > Acesso em: 17 dez. 2020.

²⁹ As peculiaridades do feminismo brasileiro será melhor desenvolvida no capítulo 2 da dissertação, o objetivo foi expressar as experiências de Rose no feminismo. Para maiores informações ver: SARTI, Cynthia. O Feminismo Brasileiro desde os Anos 1970: Revisitando uma Trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n. 264, mai/ago 2004. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFPPCv/abstract/?lang=pt> > Acesso em: 20 mar. 2021.

mais, porque era marxista, iria presa também. Romi Medeiros tinha passagem pelos militares, era uma mulher maravilhosa. Conheci também a Heleieth Saffioti, que na época era veio a ser a primeira grande teórica marxista de observância sobre a mulher (...) Ainda não existia grupos feministas... Moema Toscano era do Partido Comunista, ficava apavorada com Romi Medeiros, porque ela não dizia coisa com coisa em termos ideológicos. Era uma mulher sem nenhuma formação teórica, uma brilhante advogada que muito entendia de direito. Tinha feito a famosa lei junto com Nelson Carneiro em 1962, que dava liberdade à mulher casada. Era a única de nós que tinha passagem entre os militares (...). (MMI, 1999, p. 170)

Com relação ao seu protagonismo no feminismo brasileiro, ela recorre na sua autobiografia as noções de “intuição”, “instinto” e “conselhos”. É notório mais uma vez que a construção da sua memória no que tange a sua trajetória intelectual carrega uma valorização da prática em detrimento de questões teóricas, o que pode inferir na sua própria construção como uma intelectual não acadêmica. Como se pode perceber na sua fala ao discorrer sobre as razões que a levaram ao feminismo:

E foi quando eu entrei na análise, com a culpa de não poder ir para a clandestinidade, não poder ajudar. Estava me sentindo culpada, trabalhei com meu analista, ele disse: “Então por que você não entra no feminismo?” “Como? Entrar no feminismo ?!” “Você tem medo de perder a sua feminilidade?” “Não!” “Você acha um trabalho politicamente importante?” Porque as feministas eram chamadas de lésbicas. “Acho”. “Então por que você não faz isso?”. E foi assim que ajudei a introduzir o feminismo no Brasil, para mim uma alternativa à ação armada (...). (MMI, 1999, p.165-166)

Inicialmente ela salienta que a vinda da Betty Friedan ao Brasil foi resultado da comemoração dos setenta anos da Editora Vozes, pois Frei Ludovico queria trazer um autor estrangeiro. No entanto, ressalta que Betty Friedan não foi à primeira opção sendo a escolhida devido ao menor custo, pois existiam outros autores na lista de possibilidades para o evento como Norman O. Brown e Michel Foucault.

Borges (2013), analisou o contexto de produção da *Mística Feminina* (1971) nos Estados Unidos, aspectos da trajetória de vida e intelectual de Friedan, a publicação da obra no Brasil e a repercussão do livro nos periódicos brasileiros. A visita de Friedan ao Brasil na década de 1970 para a publicação do livro na Editora Vozes, reverberou nos periódicos brasileiros. No entanto, o discurso antifeminista estereotipava a uma imagem negativa, inclusive incorporado pelas próprias feministas como Rose:

Falando em nome do Conselho Nacional de Mulheres Brasileiras (CNMB), Romy Medeiros afirmou ao Diário de Notícias, que Friedan não teve boa receptividade, e que as mulheres brasileiras não pretendiam competir com os homens, ideia que também ganhou destaque na fala de Rose Marie Muraro,

naquela época relações públicas do CNMB, ao dizer que “a participação da mulher no Brasil é essencialmente feminina e não masculina” (...). (BORGES, 2013, p.304)

Com relação a importância da presença da Betty Friedan no Brasil através da publicação do livro *Mística Feminina* (1971) na Editora Vozes, o relato de Rose demonstra a visibilidade do feminismo nos jornais e revistas, proporcionando um espaço para o debate mesmo em um contexto de repressão militar. Porém observa-se também a presença de um forte discurso antifeminista e preconceitos sexistas³⁰:

Quando Betty Friedan chegou ao Rio, fui com ela ao Pasquim. Ali, ela deu uma entrevista a Millôr Fernandes que era profundamente antifeminista (...). Depois fomos aos outros jornais do Rio e do São Paulo. O Jornal do Brasil veio até me entrevistar no cabeleireiro. Fiquei surpresa. Por que tanta coisa por causa daquela mulher? Quando ela chegou, encontrei uma mulher feia, agressiva. E morri de susto! Ela ficou três dias comigo. Demos uma entrevista coletiva no Rio de Janeiro, outra em São Paulo, e fomos a todas as televisões, durante três dias... Os jornais nos davam as páginas centrais. No Rio, a entrevista foi no Copacabana Palace, e em São Paulo, na Biblioteca Mário de Andrade. O lançamento estava cheio. Um espaço lindo que o Jair Canizela, gerente da Vozes em São Paulo, arranjou. A mídia toda estava ativada. A *Veja* fez uma matéria enorme comigo e com a Heloneida, deu páginas amareladas para Betty. E o livro não vendeu essas coisas porque ainda era muito assustador (...). (MMI, 1999, p.168-169)

Um ponto a acentuar como aponta Patrícia de Barros (2017), é que o feminismo de Rose apresentava uma perspectiva andrógina, característica da proposta contracultural de integração do feminino e do masculino. Sendo uma crítica no olhar de Rose, ao “feminismo viril” ligado a ideia de competição com os homens a partir da negação da feminilidade.

Anna Pinheiro (2017) discorre sobre o feminismo de Rose relacionado a demonstração de sua feminilidade através de papéis femininos tradicionais na imprensa. O que significa que a sua imagem como expoente do feminismo brasileiro foi associada a figura de esposa e mãe, ou seja, uma mulher que não questionava os valores familiares tradicionais. A autora identifica na mídia a representação de Rose a um perfil de

³⁰ Anete Goldberg ressalta a imagem do feminismo liberal norte americana representado pela Betty Friedan no Brasil: “Como não haviam difundido no Brasil informações sistemáticas e precisas sobre os novos movimentos de liberação surgidos em sociedades avançadas, e muito menos sobre tendências diferentes dentro deles, apesar de Betty Friedan representar justamente a organização feminina *NOW*, que constituía a vertente liberal do movimento norte-americano, a representação do *Women’s liberation movent* que aqui permaneceu após sua visita era assustadora: mulheres feias e lésbicas incontidas queimando sutiãs em praça pública e liderando campanhas em defesa do aborto”. Cf. GOLDBERG, GOLDBERG, Anete. **Feminismo e Autoritarismo: A Metamorfose de uma Utopia de Libertação em Ideologia Liberalizante**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987, p. 53-54.

feminismo que não desagradava a moral das famílias burguesas conservadoras brasileiras, pois não rompia com o alicerce familiar.

Cíntia Crescêncio (2017), ao realizar uma pesquisa sobre o discurso antifeminista as mulheres no Pasquim, ressalta que “(...) as feministas, de maneira geral, eram alvo do semanário e as que destacavam eram não só ridicularizadas como nomeadas, como é o caso de Betty Friedan e Rose Marie Muraro (...)” (CRESCÊNCIO, 2017, p.8). No entanto, é importante refletir sobre o posicionamento de Rose em incorporar o discurso antifeminista, ao mencionar que o feminismo promovia uma “guerra de sexos”. No texto “Feminista sem Saber”³¹ ela aponta esse discurso:

(...)Muitas mulheres são feministas sem saber. E ficariam até muito surpresas se soubessem..., mas, porque, feminista é toda mulher que se posiciona como mulher na luta social. (...). Feminista é toda aquela, por exemplo que recusa um mundo de competitividade, na manipulação, no uso mútuo, valores, infelizmente cultural e historicamente atribuído à masculinidade. E por isso, luta concretamente para humanizar esse mundo afim de que possa ser viável a entrada da mulher nele, porque a mulher que entra como homem num mundo de homem e não é mais do que um homem castrado, diminuído, inferior...tal qual eles pensam...Por outro lado, é feminista a mulher que recusa a entrar, na sua vida individual dentro da camisa da força da beleza que o sistema masculino lhe impõe. Cosméticos cada vez mais sofisticados, cabelereiros, regimes desumanos... (...) é esta a verdadeira guerra dos sexos. Surda, não assumida, por baixo da superfície da maior cooperação. Ao passo que a verdadeira guerra aberta, a denúncia desta situação tanto intelectualmente, como através de um comportamento novo são tomados como agressão e por isso são temidas (...). (MURARO, ICRM, MP-001, [s.d])

Para a autora, o feminismo brasileiro, se consolida em 1975 através da fundação do CMB, ou seja, o feminismo “organizado” se estabelece neste ano devido a definição dada pela ONU do ano Ano Internacional da Mulher³¹ ter contribuído para realização, no Rio de Janeiro, do evento “O papel e comportamento da mulher na realidade brasileira”. Dessa maneira, a criação do CMB foi colocada nos jornais, através de uma

³¹ “Nova Iorque, -Nações Unidas-Passando o ano Internacional da Mulher, não cessou o interesse dentro das Nações Unidas pelo desenvolvimento do setor feminino dentro da sociedade. A década de 1975-85 foi designada pela ONU como a Década da Mulher. Fui convidada pelo Departamento dos Diretores da Mulher, dessa entidade para representar a mulher do Terceiro Mundo num painel por eles organizados e que foi coberto nacionalmente pela televisão americana em abril, e que se intitulava a “A mulher no mundo”(...)Diante da audiência de mais de quinhentas mulheres de todas as partes do mundo nossa experiência foi comparada (...) E assim, várias diferentes visões que se chocaram durante mais de duas horas sob as câmaras de tevê apontaram no fim para o mesmo ponto: as enormes mudanças que a sociedade está começando a sofrer em todo o mundo com a tomada de consciência da mulher atual.”. Texto escrito por Rose com título “A mulher no mundo” (sem data). Arquivo do Instituto Rose Muraro, CX-MP-001.

direta com a ONU, como consta na matéria do Jornal do Brasil “Ano Internacional da Mulher: uma festa e um balanço” que descrevia a programação do CMB.

Às vésperas do encerramento do Ano Internacional da Mulher, instituído pela ONU, fica a pergunta: O que representou ele de concreto, no sentido de reavaliação do papel feminino na sociedade na correção da proclamada inferiorização da mulher como ser social? No Brasil, realizou-se uma semana de palestras, com a participação de mais de 40 líderes feministas, e foi criado o Centro da Mulher Brasileiro, que se propõe a fazer com que ela “participe cada vez mais dos acontecimentos da atualidade(...)”. (Jornal do Brasil, 1975)

No entanto, é importante refletir sobre a narrativa do surgimento do feminismo brasileiro no ano de 1975, e a ideia de feminismo “organizado. Como ressalta Joana Maria Pedro (2006) é necessário compreender outras narrativas sobre o feminismo, sem se restringir a data de 1975 colocando em voga a experiência histórica de mulheres que antes desta data contribuíram de diferentes formas para a autonomia feminina.

Com relação a criação do CMB em 1975, Rose enfatiza a pouca participação por ser considerada pelas demais feministas como “estrela”, mas reafirma a sua responsabilidade na manutenção do CMB ao mencionar que foi ela quem conseguiu o recurso para que pudesse alugar uma sala para o funcionamento ao doar o dinheiro que receberia de Ecilda Ramos de Souza para ir ao México ao CMB³². Ela não explica o motivo da sua possível viagem ao México, apenas menciona que Ecilda era diretora do Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional (FNDE), responsável pela educação do Brasil no período da ditadura militar e que foi uma feminista.

Sobre o funcionamento do CMB, Rose aponta as disputas entre as feministas, onde o PC queria “aparelhar” para a luta de classes. No entanto, aborda que as que desejavam “politizar” o feminismo entenderam que a luta deveria ser por justiça ao romper com a opressão da mulher. Ela também evidencia o seu protagonismo, no que cita a sua participação no auxílio de conciliação de ideais discordantes presentes no CMB:

(...) Quando voltei dos EUA em 77, dois anos depois da fundação do Centro, eu já era o membro de conciliação entre a “direita” e a “esquerda” no Centro

³² A participação de Rose Muraro como “público” no evento da formação do Centro da Mulher Brasileira em 1975, se situa na análise de Joana Maria Pedro sobre as intensas disputas de poder que marcaram este cenário do feminismo brasileiro. “(...) Aquelas que, anteriormente, estavam discutindo e formando uma nova feminilidade, não reconheceram como feministas as atuações de vários dos grupos que assim se denominavam, tornando a própria denominação “feminista” alvo de intensas disputas. (...)”. (PEDRO, 2006, p.269).

da Mulher Brasileira. Somos sempre instrumentos da história, temos que deixar as coisas acontecerem como elas têm que acontecer. Depois que comecei a ser aceita normalmente pelas feministas. O Centro da Mulher Brasileira viveu com esse dinheiro que fui arrumando até quase os anos 90 (...). (MMI, 1999, p.177)

As disputas teóricas metodológicas, no tocante a estrutura, e organização do CMB, são abordadas por Anete Goldberg (1987), principalmente nos debates desenvolvidos sobre a perspectiva de o feminismo apoiar as lutas “gerais” contra a ditadura e lutas “específicas” que na década de 70 representavam principalmente creches, controle de natalidade e legislação protetora do trabalho feminino. Em um texto chamado “Feminismo e Luta de Classes”, Rose aborda essa discussão e reflete sobre a especificidade da opressão feminina ao incorporar teoricamente o conceito de luta de classes:

(...) Em primeiro lugar o próprio conceito de luta de classes, que opõe exploradores e explorados, opressores e oprimidos. Dentro desse conceito é preciso reconhecer que a mulher, além de ser explorada como homem, possui ainda um tipo de exploração específica do seu sexo, que se concretiza por exemplo, na discriminação salarial, na dupla jornada de trabalho, na ocupação de cargos e funções menos qualificados que seu companheiro e etc. No caso da opressão, além da opressão comum ao homem, ainda existe uma opressão específica ao seu sexo, e que se traduz em estereótipos referentes aos papéis sexuais, num duplo padrão de moralidade, numa violência sexual mais generalizada, etc.(...) por exemplo: faz parte das lutas gerais a Reforma Agrária? De acordo. Mas, queremos sem dupla jornada das nossas irmãs camponesas. Escolas públicas e gratuitas? Sim, mas com mudança dos textos dos livros e dos métodos de ensino no sentido da erradicação dos estereótipos sexuais (...). Constituinte? Claro, mas com a reformulação de todo o estatuto da mulher e da criança. Redistribuição de renda? Evidente, mas com mecanismos concretos de acabar com a discriminação salarial de pelo menos um terço da população ativa, composta de mulheres (...). (MURARO, ICMR, MP-001, [s.d])

Do mesmo modo, argumenta que apenas ela tinha a coragem de falar sobre as questões relativas as mulheres em plena ditadura civil militar nos jornais e na televisão, cujas entrevistas sempre pontuavam o tema da sexualidade, os seus livros e os problemas referentes à mulher. Essas discussões assinalavam também as características do feminismo brasileiro que associava à opressão da mulher à luta de classes, diferente do feminismo norte-americano liberal baseado na busca pela libertação da sexualidade feminina na desconstrução do corpo. É importante destacar que a representatividade de Rose nos jornais e revistas partia de seu lugar de fala como uma mulher escritora de livros feministas, e principalmente, assessora editorial da Vozes.

Ainda na década de 70, ela publicou o seu primeiro livro abertamente feminista, *LSM* que de acordo com sua percepção introduziu as discussões feministas defendidas pelas teóricas no mundo³³. Neste livro, propõe estudar a repressão sexual baseada nas ideias de Herbert Marcuse, no qual compreendia que o alicerce da opressão da mulher não era apenas o sistema econômico e sim a repressão sexual estabelecida pelo poder. Este livro foi proibido pelos militares, restando apenas a Frei Ludovico entregar todos os livros presentes na Editora Vozes.

Rose relata que entrou em depressão devido a proibição de sua obra e justifica a ação dos militares a uma espécie de lição, tendo em vista que eles não queriam o questionamento dos papéis tradicionais presentes nos valores da família patriarcal³⁴. No entanto, é importante destacar que a publicação do livro teve a veiculação nos jornais, inclusive através da propaganda associada ao livro da Betty Friedan publicado de forma conjunta. O que corrobora sobre as estratégias mercadológicas da Editora Vozes na venda de livros feministas em um jornal de grande circulação como o Jornal do Brasil, mesmo em um contexto de ditadura militar



³³ Rose não diz quais discussões feministas introduziu no seu livro, ela apenas expõe de forma genérica na sua autobiografia que incorporou as discussões.

³⁴ “Acho que foi uma maneira que eles encontraram para punir, ou avisar as feministas de que elas não podiam se reunir, porque estavam tocando nos sagrados valores da família, e que estava na repressão sexual. E quem sofreu fui eu, a mais porra-louca, a que estava sempre na mídia. Os militares não gostavam nem um pouquinho de mim.”. (MMI, 1999, p.179).

Figura 2: Propaganda dos livros da Editora Vozes no jornal do Brasil. Fonte: Jornal do Brasil, edição 00254, ano 1971. Disponível: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Neste período a Editora Vozes estava se tornando uma editora progressista e Rose ocupava o cargo de editora-chefe, sendo a única mulher no meio dos padres. Os franciscanos aceitaram a nova linha leiga proposta, pois percebiam a rentabilidade dos livros, no entanto os livros publicados não tocavam na questão da sexualidade. De acordo com Rose, detinha uma “vocação de editor” pois foi a única profissão que teve durante sua vida toda. Essa profissão como ela diz, que “fuça tudo” possibilitou não se prender apenas a um campo intelectual dada à variedade de temáticas dos livros. Sendo isto notório em sua trajetória intelectual que não se limitou a refletir apenas sobre o feminismo.

A atuação intelectual de Rose se notabilizou por diversos espaços sociais e diferenciados públicos. Exemplificado através de entrevistas a jornais, revistas, televisões e palestras, conseguiu difundir suas ideias em diversos grupos sociais. Com isso, nos parece proveitoso defini-la como uma intelectual mediadora, tal qual proposto por Gomes e Hansen:

(...) os intelectuais mediadores, cuja atenção primordial se volta para as práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, práticas que fazem “circular” os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados. Tais intelectuais seriam aqueles voltados para a construção de representações que têm grande impacto numa sociedade, sendo estratégicos para se entender como uma série de novos sentidos são gestados a partir da recepção dos bens culturais; de como tais bens culturais transitam entre grupos culturais variados; de como a esfera da cultura se comunica efetivamente, com a esfera social (...). (GOMES; HANSEN, 2016, p.26)

Rose articulou seus projetos e ações materializados na atividade de mediação do conhecimento na associação de “lugares e públicos” distintos. Ela se definia como uma *intelectual orgânico*³⁵, no sentido gramsciano, devido a sua capacidade de ser editora, escritora e pensadora, a partir da ideia de que “(...) detecta o problema, depois sistematiza e organiza os movimentos (...)” (MMI, 1999, p. 191). Portanto, neste aspecto ela delinea o seu papel na sociedade como uma intelectual percussora de dois

³⁵ O conceito de “intelectual orgânico”, de Antônio Gramsci, se afasta da noção de “intelectual” do senso comum. O adjetivo “orgânico” pode ser compreendido através de dois sentidos que se complementam: *organicidade* e *organização*. Segundo Gramsci, “todo grupo social (...) cria para si (...) uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político”. Cf. GRAMSCI, Antônio apud MACHADO, ARAÚJO, 2015. p.213.

movimentos: feminismo e a teologia da libertação que consolidou uma teoria e prática para a transformação da sociedade brasileira.

O capítulo 15: A Teologia da Libertação enfatiza a sua participação como assessora editorial da Editora Vozes, no qual descreve o processo de transformação da editora a uma linha editorial influenciada pela Teologia da Libertação. Como também, ressalta as redes de intelectuais em que teve acesso e foram utilizadas para as publicações na editora. O destaque dado para a publicação de alguns livros e a ênfase a publicação de cerca de mil obras no período em que foi assessora editorial, a fez definir a sua atuação profissional a uma “vocação de editor”. Desta forma, este capítulo é primordial para compreender o papel intelectual de Rose na Editora Vozes no processo de publicações de livros internacionais e nacionais em destaque para as temáticas do feminismo e da Teologia da Libertação.

Dentro da Editora Vozes, Rose aborda a publicação de livros da Teoria da Libertação através do editor Leonardo Boff,³⁶ responsável pela parte religiosa. Ela cita que a Vozes estava insatisfeita com uma mulher dirigindo as publicações da editora e por isso trouxe um jovem padre da Alemanha que era Leonardo Boff. O considerava ingênuo, porém um gênio. Inicialmente, Boff queria publicar os livros alemães, no entanto Rose interveio e disse “Não, primeiro você vai para a favela passar um tempo, conhecer a realidade brasileira, depois volta para conversar comigo” (MMI, 1999, p.186), a partir dessa experiência ele escreveu o livro *Jesus Cristo Libertador* (BOFF,1976).

A Teologia da Libertação foi uma reflexão teológica que se desenvolveu em toda América Latina sobre o papel da Igreja Católica frente ao contexto de desigualdades sociais. A partir do Segundo Encontro da Conferência Episcopal da América Latina (CELAM) em Medellín, Colômbia (1968), as estruturas eclesiais progressistas conquistaram seu espaço e questionaram a miséria vivenciada pela população pobre da América Latina se engajando em questões sociais. Neste sentido, a Teologia da Libertação dispunha da ideia de uma “Igreja dos pobres” pautada na

³⁶ “Leonardo Boff tem um significado fundamental para a teologia latino-americana e mundial. Representa uma voz muito importante para a teologia do pluralismo religioso. Esteve presente nos inícios da reflexão que procurou articular o discurso indignado frente a miséria e à marginalização com o discurso da fé cristã., gênese da chamada Teologia da Libertação. Foi sempre um defensor da causa dos direitos humanos, tendo ajudado a formular uma nova perspectiva a partir da América Latina (...)” (SILVA,2007. p. 47 e 48).

concepção de um cristianismo baseado na luta por justiça social que de forma teórica unificou o marxismo com a teologia cristã.

(...)Movimentos católicos laicos, tais como a Juventude Universitária Católica, a Juventude Operária Católica e a Ação Católica [...] se comprometeram com as lutas populares, reinterpretaram o Evangelho à luz de sua prática e, em alguns casos, foram atraídos pelo marxismo. [...] Vários deles começaram a passar por uma dinâmica de autonomização, semelhante à da JEC francesa (Juventude Estudantil Católica) analisada por Danièle Hervieu-Léger: na primeira fase, os ativistas cristãos “assumiram plenamente” o meio que pretendiam converter à palavra de Deus, identificando-se intensamente com suas aspirações coletivas; a seguir surge o desejo de autonomia, na medida em que esses compromissos profanos não se encaixavam com as normas religiosas; finalmente, o conflito com a hierarquia explodiu quando o movimento adotou publicamente uma posição diferente da posição oficial da Igreja em uma ou outra questão social ou política (...). (ROCHA, 2016, p.623)

O capítulo 22: *Os Terríveis Anos 80* aborda o modo que o conservadorismo de João Paulo II³⁷ retomou a Cúria Romana, em face ao progressismo das bases da Igreja representado por Dom Hélder. O que transformou a década de 80, a seu ver, em um momento difícil devido o avanço do conservadorismo, exemplificado em uma perseguição contra os integrantes dessa visão de Igreja mais igualitária representada pela Teologia da Libertação³⁸.

Através de um aparato histórico da ideologia do celibato, ela descreve que a castidade é manipulada para manutenção da própria Igreja, ao ressaltar as contradições da Igreja que perpassa pela corrupção ou ganância que utiliza o controle da sexualidade, para incorporar ao sistema as pessoas. Através dessa ideia afirma o uso político das religiões através da figura de Jesus Cristo “(...) as religiões usam seu nome para legitimar o mal. Todas as religiões foram manipuladas pelos sistemas econômicos em que estão inseridas (...)”. (MMI,1999, p.251)

Nesta conjuntura, ela escreve o seu mais arrojado trabalho *SMB* (1983), através do financiamento obtido da Fundação Rockefeller. O capítulo 23: *Sexualidade da Mulher Brasileira* é destinado a descrição da pesquisa, conteúdo e repercussão do seu principal livro. O contexto de publicação do livro é associado ao conservadorismo

³⁷ Para saber mais sobre João Paulo II, disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt.html>>. Acesso em 20/11/2019.

³⁸ Rose aponta os motivos que levaram a expulsão de Leonardo Boff da Igreja Católica: “E assim, em 1985/86 Leonardo foi proibido. *Igreja, carisma e poder*, escrito em 1982, era um livro de artigos dele. Não era uma obra da Teologia da Libertação, mas um livro só de artigos, atacando o sistema de poder da Igreja como instituição. (...) só conseguiram “pegar” o Leonardo por esse livro, que criticava duramente a Cúria Romana, o Vaticano e a maneira como a Igreja usava seu poder. Leonardo foi feroz nesse livro. E Roma o obrigou a um ano de “silêncio obsequioso” (...). Cf. MMI, 1999, p. 252 - 253).

presente na Editora Vozes que culmina com uma pressão sofrida na Conferência dos Bispos. Isto significou uma instabilidade no seu emprego na Vozes, porém Leonardo Boff ajudou Rose ao se responsabilizar por suas ações³⁹.

O primeiro projeto objetivava compreender as motivações dos camponeses do nordeste para alta taxa de fecundidade, no entanto o projeto foi modificado à medida que no fim dos anos 1970 o feminismo brasileiro associou a necessidade de uma luta de gênero aliada a luta de classes. A pesquisa do livro, identificou através de um questionário que dividia a sociedade em classes e gênero, as relações entre o corpo, inconsciente e o sistema produtivo. Desta forma, ela constatou que a sexualidade era vivenciada de diferentes formas de acordo com a classe social, por exemplo, a percepção do corpo pelas classes dominantes se atrela a sexualidade com uma liberdade enquanto para as classes dominadas o corpo seria um instrumento de trabalho, inclusive a lógica atribuída a sexualidade se enquadra na percepção capitalista, como aborda a fala de um operário “(...) Meu corpo é uma máquina, e o combustível dessa máquina é a sexualidade”. (*MMI*, 1999, p.259)

Com relação a repercussão do livro, Rose discorre sobre a importância das entrevistas concedidas aos diversos meios de comunicação e a relevância do livro para o feminismo ao mencionar o reconhecimento das feministas e de intelectuais como Darcy Ribeiro, Marilena Chauí e Felix Guattari. Rose destaca a visibilidade que o livro forneceu ao feminismo, ao acentuar o reconhecimento das feministas “(...) agora ninguém pode mais dizer que a mulher é uma cidadã de segunda categoria. O espaço que você abriu em nível nacional, nós estamos abrindo em nível local”. (*MMI*, 1999, p.260)

Neste aspecto, é importante salientar que Rose aborda que seu livro teve prestígio dentro do feminismo, esta afirmação entendemos que deve ser problematizada, pois o enaltecimento das feministas ao seu trabalho talvez não tenha sido uma visão compartilhada de forma majoritária dentro das redes feministas. No entanto, o fato é que havia uma dinâmica de sociabilidade intelectual⁴⁰ o que significa que mesmo que os

³⁹ “Você vai perder o cargo, mas não perde nem as funções, nem o salário. A partir de hoje, você fica sob minha responsabilidade”. (*MMI*, 1999, p.255).

⁴⁰ (...) A sociabilidade intelectual é entendida como uma prática constitutiva de grupos de intelectuais, que definem seus objetivos (culturais e políticos) e formas associativas- muito variáveis e podendo ser mais ou menos institucionalizadas- para atuar no interior de uma sociedade mais ampla. Nessas redes e lugares dominam tanto dinâmicas organizacionais, que conferem estrutura ao grupo e posições aos que dele participam; como o compartilhamento de sentimentos, sensibilidades e valores, que podem produzir solidariedades, mas igualmente competição. (...). Cf. GOMES; HANSEN, 2016. p. 24).

objetivos do grupo sejam comuns, as discordâncias de ideias e competição permeavam o seio intelectual. Em outras palavras, o reconhecimento ressaltado por Rose não necessariamente representou a aceitação das feministas as suas ideias, apenas consideraram a sua visibilidade positiva para as lutas do feminismo de forma geral.

Ainda na década de 1980, salienta-se a consolidação de um feminismo institucional cuja importância exemplifica-se pela criação do Conselho Nacional dos Direitos da Brasileira (CNDM)⁴¹ que tinha como objetivo através de políticas públicas transformar a condição feminina. *O capítulo 27: O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher* discute sobre a institucionalização do feminismo dentro Estado, onde Rose relata essa etapa como importante para o feminismo devido as conquistas reais na constituição de 1988. A criação do Conselho é destacada como um fato político importante em sua vida, devido as reais conquistas femininas instrumentalizadas pelo órgão. Desta forma ela ressalta “(...) conseguimos 80% de tudo aquilo que tínhamos reivindicado. Exceto o aborto. Agora a pouco, estão tentando implementar as leis (...)” (MMI,1999, p.299). O relato de Rose sublinha a relevante articulação das feministas com o Estado.

(...) Em 1983 as feministas de São Paulo conseguem fundar, governo de Franco Montoro, o Conselho Estadual da Condição Feminina, com Eva Blay. E em 1985, Ruth Escobar foi ao presidente Sarney para ver se conseguia fundar um Conselho Nacional. Ela começou o diálogo com Sarney e depois todas nós as feministas históricas, fomos junto a ela, para reforçar o seu pedido (...). Então Sarney criou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que tinha como conselheiras mulheres históricas como Benedita da Silva, Jaqueline Pitanguy, Hildete Pereira, Lélia Gonzalez, Tizuka Yamasaki, Marina Colasanti, Ruth Cardoso, sindicalistas, membros de partidos políticos e acadêmicas. E até eu (...). (MMI,1999, p.298)

Dialogamos com a ampla historiografia feminista como Costa (2010) e Pinto (2010) que ressalta os feminismos brasileiros no período da ditadura civil- militar. Os feminismos no plural, remete a variedade de organizações, pautas e ideologias dos grupos feministas nas décadas de 1970-80. De acordo com Pinto (2010), a conjuntura brasileira de redemocratização influenciou na prática feminista:

⁴¹ “Art.1º-O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher-CNDM, órgão colegiado de caráter consultivo e integrante da estrutura básica da SPM- Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, criado pela Lei nº 7.353, 29 de agosto de 1985, tem por finalidade promover, em âmbito nacional, políticas para as mulheres com a perspectiva de gênero, que visem a eliminar o preconceito e a discriminação, inclusive as de aspectos econômicos e financeiros, ampliando o processo de controle social sobre as referidas políticas”. (Regimento Interno do CNDM. Arquivo Instituto Rose Muraro, CX-ICRM-PTF-020- LT01, digitalizado nº1065)

(...) Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica (...). (PINTO, 2010, p.17)

O capítulo 26: *A Expulsão* examina a demissão de Rose da Editora Vozes no dia 1 de dezembro de 1986, após o processo que denomina de repressão do Vaticano contra a Teologia da Libertação, ou seja, uma luta do mais fraco contra o mais forte que coloca como subtítulo de *Davi contra Goliath*. O motivo principal que apontou para sua demissão foi a publicação do seu livro *SLF*, pois como disse Leonardo Boff: “(...) eu só falei de política, por isso eles vão fazer um acordo comigo. Mas você ousou dar nome ao problema que não tem nome dentro da Igreja, que é a sexualidade. E vai sofrer muito.” (MMI, 1999, p.280). Este livro criticava a moral tradicional católica como alicerce da classe dominante e discutia o tema tabu da sexualidade no livro. Sendo fruto de um seminário de sua organização, reunindo diversos teólogos e pessoas ligadas a Igreja. Logo após a publicação do livro a Editora Vozes recebeu uma carta do Vaticano para retirar o livro do mercado e o livro não pode ser mais publicado.

Depois de sua saída da Vozes, Rose continuou a sua atividade intelectual como editora e escritora, mas também se empenhou em entrar para política através da sua campanha como deputada federal em 1986. A sua tentativa de se associar a política não ocorreu de fato, no entanto, ela escreveu o livro *Os Seis Meses em que Fui Homem* (1992) que narrou o seu processo em campanha política. Na sua autobiografia, apresenta no capítulo “Depois da Fogueira: A Ressurreição” a sua nova fase após a demissão da Vozes no papel de editora ao contribuir para a fundação da Editora Espaço & Tempo em que permaneceu um período de dois anos. Em 1990 fundou com Laura Civita, Neuma Aguiar, Ruth Escobar e a Editora Record fundou a Editora Rosa dos Tempos, a primeira editora que se propôs a publicar livros de mulheres na América Latina. A Editora Rosa dos Tempos⁴² teve destaque em sua autobiografia ao possuir um capítulo especial

⁴² “Dedicada a obras de gênero e interesse feminino, a Rosa dos Tempos foi fundada em 1990 pela escritora Rose Marie Muraro e a atriz Ruth Escobar. A ideia era criar um instrumento que desse voz às mulheres. Tornou-se realidade com o apoio da jornalista Laura Civita, da socióloga Neuma Aguiar e do

dedicado a esse período, no qual Rose sublinhou que publicou o livro que considerou o mais importante sobre a condição de opressão da mulher em *O Martelo das Feiticeiras* (KRAMER, 1991).

Com base, na trajetória intelectual de Rose desenvolvida ao longo do capítulo, é importante retomar alguns questionamentos principalmente no tocante a sua definição como uma intelectual orgânica, o que significa considerar o processo de formação da sua identidade feminista. Logo, como ela mesma aborda a sua produção intelectual é indissociável da desconstrução do seu corpo baseada na subjetividade. Como aborda Margareth Rago, “(...) foi fundamental a entrada do corpo, do desejo e da sexualidade no campo da política (...)” (2013, p.121), ou seja, o movimento feminista teve que politizar o cotidiano na luta pelos seus direitos. Rose faz uma análise da sua trajetória intelectual através da reflexão de seus livros.

(...) tudo que escrevi até 1970, quando comecei a fazer a análise e pude reintegrar o corpo e mente foi parecido com que os homens escrevem, abstrato e com desejo de controlar a realidade. O que publiquei a partir dos anos 80 é muito mais ousado, não controla a realidade; ao contrário, procura dizer o que ela é, e não o que eu quero que ela seja. Foi assim que aconteceu no *Sexualidade da mulher brasileira*, onde não existia marco teórico e descobri o que eu não queria. Se eu tivesse colocado um marco teórico prévio não teria descoberto nada! (...). (MMI, 1999, p.362-363)

Desta forma tendo em vista que as décadas de 70 e 80 foi o período de maior produção intelectual feminista de Rose, o nosso objetivo até aqui foi compreender principalmente essa produção de livros e a importância da publicação de livros feministas na Editora Vozes. Principalmente destacamos a publicação do livro da Betty Friedan, *Mística Feminina* (1971), considerada por Rose como importante para a visibilidade do feminismo brasileiro no período e a sua atuação nos espaços feministas como o CMB e o CNDM. Com isso, é importante refletir o papel de Rose dentro do feminismo brasileiro, para tal é relevante entender o feminismo de forma plural com disputas teóricas, práticas e metodológicas (GOLDBERG,1987), para assim questionar⁴³

fundador da Record, Alfredo Machado. Depois de anos sem novas publicações, o Grupo Editorial Record reativou o selo em 2018. A “nova” Rosa dos Tempos se mantém fiel à sua proposta original de ser uma editora com ótica feminista (...)”. Disponível em: <<https://www.record.com.br/editoras/rosa-dos-tempos/>>. Acesso em 04/07/2021.

⁴³ “Introdutora do feminismo no Brasil com a tradução do livro *A mística feminina* de Betty Friedan em 1971, Rose Marie Muraro foi eleita representante do Feminismo no Brasil e tornou-se a figura enunciativa porta-voz dos movimentos de mulheres. Essa militante que sempre lutou contra o modelo societal maculado pela supremacia de um sexo sobre o outro- teve durante muito tempo a permissão de falar em nome das mulheres. (..)” Cf. SANTOS, Celiane Souza. **Efeitos de Sentido do Discurso da**

a ideia de que Rose foi eleita representante oficial ou porta voz do feminismo no Brasil como proposta por Celiane Santos (2015).

A construção da trajetória intelectual de Rose teve o objetivo de pontuar alguns marcos importantes de sua vida estabelecidos em sua autobiografia *MMI*. Nos demais capítulos buscaremos analisar de forma mais detalhada o seu papel como intelectual mediadora através da apresentação dos seus livros *LSF*, *SMB*, *SLF* e o seu papel como editora ao analisar a sua atuação dentro da Editora Vozes. O nosso propósito foi primeiramente desenvolver através da relação entre História e Biografia, a relação de Rose como uma intelectual mediadora feminista que teve um papel de protagonismo no feminismo brasileiro das décadas de 1970 e 1980. O que significa pensar a relação do indivíduo com a sociedade, ou seja, o valor das experiências para análise dos acontecimentos históricos.

E, para finalizar, este capítulo de caráter introdutório empenhou-se em debruçar na história da “mulher impossível” que destaca a sua “intuição” na sua atividade intelectual e ressalta o seu protagonismo nos principais acontecimentos históricos do país com evidência para o feminismo. No entanto, a intenção não é conferir a ela o papel de representante oficial do feminismo brasileiro no período e tão pouco estabelecê-la como a única protagonista dentro de um processo de consolidação do feminismo brasileiro. Pois é importante compreender o feminismo como um movimento social plural e coletivo que é construído através de diversos sujeitos históricos que têm experiências, ideias e práticas particulares.

Capítulo 2: O feminismo de Rose Marie Muraro: a intelectual mediadora no feminismo brasileiro (1970-1980)

Neste capítulo, não pretendo fazer uma análise profunda do feminismo brasileiro das décadas de 1970 e 1980, pois considero que existe uma extensa bibliografia a respeito do assunto. Sendo necessário pontuar que minha pesquisa, diz respeito ao feminismo do eixo Rio-São Paulo por, mas que tenha utilizado de forma errônea a palavra feminismo brasileiro em toda a dissertação, generalizando o movimento feminista praticado de forma plural e diversificada em todo o país. No entanto, para contar “uma história do feminismo”, neste caso a partir do protagonismo de Rose Marie Muraro, precisamos refletir a respeito dos motivos da compreensão do feminismo como tabu até os dias atuais:

(...)A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não apenas promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia, em total oposição à ideia do “feminino”. Provavelmente, por receio de serem rejeitadas ou de ficarem “malvistas”, muitas de nossas escritoras, intelectuais, e a brasileira de modo geral, passaram enfaticamente a recusar esse título. Talvez seja uma derrota do feminismo permitir que as novas gerações desconheçam a história das conquistas femininas, os nomes das pioneiras, a luta das mulheres do passado que, de peito aberto denunciaram a discriminação, por acreditarem que, apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos (...). (DUARTE, 2019, p.26)

A palavra feminismo foi alvo de constante debate nos grupos feministas brasileiros do período da década de 1970 e 1980, devido ao discurso antifeminista preponderar na desqualificação do feminismo. Esse discurso foi incorporado pelas próprias feministas, a exemplo de Rose, no qual expressava visões em defesa de uma heteronormatividade e absorvia os estereótipos depreciadores do que seria uma mulher feminista: “(...) eu tive medo de perder a feminilidade, de ser lésbica. Será que eu sou lésbica? Eu procurei de tudo, já fui para cama com mulher, pintei e bordei e não consegui. Eu sou heterossexual mesmo. Eu sou heterossexual viciada (...)” (ROSE apud TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p.53).

As controvérsias inerentes a Rose, dizem respeito, a uma trajetória de vida e intelectual vinculada ao catolicismo. Por isso, expressões de valorização do casamento apenas para “procriação”, críticas ao sexo sem afeto e ao aborto. No entanto, o nosso papel não é promover julgamentos dessas falas apesar de hoje ressoarem

preconceituosas. Por certo que sim, contextualizar a experiência individual feminista na conjuntura autoritária brasileira e refletir sobre as tensões, limites e avanços que feministas como Rose promoveram em seu período.

Desta forma, minha reflexão se origina da compreensão do surgimento do feminismo de “Segunda Onda” no Brasil (PEDRO, 2013) para dialogar com a trajetória feminista de Rose. Por isso, a proposta do capítulo foi analisar o protagonismo de Rose no feminismo através de diferentes tipos de fontes como: jornais, revistas, documentos e correspondências conjuntamente ao uso da autobiografia para compreender o diálogo de eventos, obras e livros feministas.

2.1- Rose e as múltiplas redes feministas nacionais e internacionais (1970-1980)

A construção do feminismo brasileiro no contexto de ditadura militar se desenvolveu através da participação de mulheres que apesar das dificuldades impostas no período autoritário lutaram pelas conquistas dos direitos femininos e pelo retorno da democracia. Para compreender o protagonismo histórico dessas mulheres, principalmente o de Rose, é necessário apresentar o contexto histórico do feminismo brasileiro das décadas de 1970 e 80.

Ana Alice Costa ressalta as novas questões para o político que o feminismo ajudou a criar, ao demonstrar “(...) o caráter subversivo das “práxis política” (COSTA, 2010, p.175) que foi paralelo ao processo de modernização da mulher na sociedade brasileira, cuja influência esteve baseada nas pautas da bandeira do “pessoal é político” (VARIKAS,1996). Nessa conjuntura, o feminismo emerge entre as camadas médias brasileiras e se articula com as camadas populares principalmente com o movimento de mulheres denominado de Clube das Mães que tinha como objetivo melhores condições de vida para as comunidades como transporte, saúde e educação.

Dadas as dificuldades impostas pelo contexto autoritário, o feminismo foi marcado pela tentativa de articular as denominadas “lutas gerais”, a anistia ampla, eleições livres e diretas para todos os cargos eletivos, eleição de Assembleia Geral Constituinte democraticamente, com as “lutas específicas”, como a reivindicação da criação de creches, crescimento do número de escolas, contra a carestia e melhorias nas condições de trabalho feminino. Esse processo favoreceu a interseção entre as pautas do movimento de mulheres e as demandas feministas.

Em 1972 surgiram os primeiros grupos feministas de reflexão no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, cuja característica era desenvolver uma discussão de textos e pautas feministas de caráter privado e informal. Um dos primeiros grupos de atividade foi formado, em São Paulo, em 1972 por duas mulheres que tinham morado nos Estados Unidos e na Europa que entraram em contato com as ideias feministas, principalmente com o feminismo dos Estados Unidos. No Rio de Janeiro, o grupo de Branca de Moreira Alves⁴⁴, que voltava dos Estados Unidos reunia mulheres universitárias e militantes da AC e introduzia as questões do feminismo através da leitura de livros e discussão de temas como sexualidade e contracepção. No relato a seguir discorre um pouco sobre a dinâmica do grupo:

Em julho de 1972 eu estava por voltar de Berkeley, tinha um grupo lá e pensava o que ia fazer politicamente quando voltasse para o Brasil. E cada vez era mais claro para mim que eu tinha que fazer um trabalho com mulheres, que isso seria o mais importante. Mas quando voltei não existia nada aqui; era o período Médici, o auge da repressão, só tinha tortura e prisão. Aí resolvi entrar para o mestrado da IUPERJ e fazer um grupo de estudo com umas amigas e mais um grupo de mulheres de mãe, que era da Ação Católica (...). Ficamos mais ou menos um ano na casa da mamãe, lendo e estudando, e mandávamos cartas aos jornais, denunciando o sexismo e outras coisas. (...), mas o grupo da minha geração continuou se reunindo e atraiu mais gente, algumas que perdi de vista, outras com quem continua a encontrar até hoje, e aí a gente fez um grupo realmente um grupo de reflexão, no sentido intimista, falando de nós mesmas, de sexualidade, etc.(...). (GOLDBERG,1987, p.100-101)

Neste mesmo período foi organizado por Romy Medeiros, no Rio de Janeiro, no Conselho Nacional das Mulheres, o Primeiro Congresso Nacional das Mulheres com a reunião de várias feministas como Rose Muraro, Heleieth Saffioti e Carmem da Silva. Esse grupo foi relevante para introduzir eventos com discussões sobre temas como o planejamento familiar, e contou com o patrocínio de fundações como a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil (BEMFAM)⁴⁵ que “mais que distribuição de pílulas ou

⁴⁴. Formada em História pela Universidade da Califórnia, Berkeley, e mestre em Ciências Políticas pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), onde apresentou a dissertação Ideologia e feminismo: a luta pelo voto no Brasil. Foi uma das organizadoras da Semana de Debates sobre a Mulher na Sociedade Brasileira, em 1975, considerada o marco inicial do movimento feminista no Brasil. Foi a primeira presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher do Rio de Janeiro e chefiou o primeiro escritório do Unifem para o Cone Sul”. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.428.

⁴⁵ Para maiores informações sobre a relação da BEMFAM com o planejamento familiar no Brasil: BHERING, Marcos Jungmann. Planejamento Familiar e Controle da Natalidade: Agências Internacionais e Atores Locais no Brasil (1960-80). **XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio**, 2010. Disponível em: <

DIUs, seu grande produto foi este: a construção de um discurso de convencimento, de uma ideologia justificativa do planejamento familiar” (SOBRINHO, apud KLÖPELL, 2018, p.2). Este patrocínio foi questionado por grupos feministas dado o interesse de controle da reprodução no Brasil. No entanto, mesmo com patrocínio de fundações como a BEMFAM, Coca Cola e do alto clero católico, ocorreram tensões com o governo militar devido ao contexto de ausência de liberdade expressão. Como ressalta Rose:

Em junho de 1971 eu conheci a Heleieth Saffioti, fui a Araraquara conversar com ela, eu apavorada de ser fichada pelo SNI, mas começamos a discutir mulher e sociedade de classes. Na mesma época encontrei Romy e comecei a frequentar as reuniões do Conselho, que era outra coisa, um pessoal de classe dominante. A própria Romy tinha muitos contatos na área do governo mais era muito solidária e legal. Quando ela resolveu fazer o encontro em outubro de 1972, entregou-me a coordenação da parte intelectual dizendo que eu chamasse pessoas de todo o Brasil para participar (...). A Romy foi chamada ao DOPS oito vezes durante a preparação do encontro, duas dessas vezes para salvar meu pelo porque eu estava prestes a ser presa. Foi quando ela reuniu todas as correspondentes internacionais e ameaçou dizendo “agora prendem, mas vão ter de levar-nos todas juntas e isso vai ficar registrado internacionalmente! Conseguimos fazer um congresso onde se brigou muito- nele entrou um pessoal da BEMFAM e começou-se a discutir o planejamento familiar- mas ele ocupou a primeira página de todos os jornais. E obviamente, depois disso não conseguimos fazer mais nada (...). (GOLDBERG, 1987, p.89)

A crítica feminista a atuação da BEMFAM é demonstrada no jornal Nós Mulheres através da reportagem com o título “Pílula para milhões” (NÓS MULHERES, n.6,1977). O artigo ressalta a relação da BEMFAM com o governo Médici e com os governos estaduais, a partir da Teoria de Malthus de controle de natalidade que baseado nos interesses dos países ricos, financiadores dessas instituições deveria conter o aumento da reprodução dos mais pobres. No entanto, o artigo enfatiza que o controle de natalidade não contribuiu para o bem-estar dos mais pobres, no qual o objetivo principal seria se beneficiar do comércio de pílulas anticoncepcionais em um país de grande volume populacional como o Brasil.

A partir da justificativa da lógica do lucro, o artigo desenvolve suas críticas em denúncias contra a atuação da BEMFAM. A primeira delas é a acusação de esterilização e distribuição de anticoncepcionais em massa, sem que haja um prévio esclarecimento a

população sobre os perigos no uso da pílula anticoncepção. Além de apresentar erros nas informações compartilhadas, como por exemplo a ausência da referência da necessidade de interrupção da pílula em caso de atraso da menstruação devido a possibilidade de uma gravidez, o que acarretaria danos a formação do feto. Nos folhetos distribuídos pela BEMFAM, a recomendação é que não se deve cessar o uso da pílula nesse caso. Desta forma, o término do artigo reprova a ação da BEMFAM, ao discorrer sobre a falta de conhecimento sobre a própria bula das pílulas anticoncepcionais, ao distribuírem sem ao menos mencionar a recomendação de realizar um exame ginecológico antes de iniciar os comprimidos. No entanto após averiguação, descobriram que os exames são feitos depois de seis meses apenas se a paciente pedir.



Figura 3: "Pílula para milhões". Fonte: Jornal Nós Mulheres, agosto/setembro de 1977, p.11. Número 6. disponível: <<https://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/nosmulheres/>>.

Janine Peterson (2004), facilita a compreensão da discussão da concepção no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 pelos jornais feministas e pelo governo brasileiro.

Para a autora, a BEMFAM foi a primeira organização de controle de natalidade criada no Brasil, alvo de críticas de diversos setores da sociedade, como os grupos feministas:

(...)entendiam que esta entidade impunha uma forma de controle de natalidade com argumentos sócios- econômicos (diminuir a população pobre e conseqüentemente melhorar as condições sociais), encobertos como planejamento familiar para o bem-estar da sociedade (...). (PETERSON, 2004, p.138)

Com base na análise das fontes reunidas no ICRM, não foi encontrado nenhum documento pessoal ou oficial de Rose que expressasse o seu posicionamento sobre o financiamento da BEMFAM no Congresso Nacional das Mulheres. Contudo, conseguimos achar uma única carta nas correspondências de 1978 (SOUZA,1978, p.36-37), de uma socióloga chamada Clemilda de Souza de Recife. Esta correspondência, cujo conteúdo retratou o pedido de Rose do envio do trabalho de Clemilda de Souza “Mudança de Comportamento e de mentalidade em famílias que usam os anticoncepcionais e são filiados ao BEMFAM”, possibilitou associar Rose com a BEMFAM.

Clemilda no decorrer da carta explicou os objetivos de sua pesquisa referente a temática abordada sobre a mudança de comportamento e mentalidade da família com uso do anticoncepcivo. Como também ressaltou o desejo de ir ao Rio de Janeiro, para ampliar a pesquisa pela BEMFAM-RIO através do financiamento pela instituição. No término da carta, ela evidenciou que Rose após a leitura do trabalho poderia utilizá-lo da forma que lhe fosse conveniente devido a ambas terem a mesma finalidade “(...) estremecer a massa inerte de mulheres ao nosso redor. (...)”. (SOUZA, 1978, p. 37)


Esta carta está inserida nas correspondências de Rose de 1978, no entanto a data precisa que foi enviada não foi apresentada. Como também não conseguimos informações sobre a relevância de Clemilda e de seu trabalho em um contexto mais amplo de pesquisadores do período, tal qual a sua relação profissional com Rose. Outro aspecto importante, é que mesmo reconhecendo a impossibilidade de compreender o posicionamento de Rose sobre a BEMFAM podemos pontuar que sua função de destaque no Congresso Nacional das Mulheres, pode ter proporcionado a leitura de trabalhos como de Clemilda.

Rosa

Recebi uma carta através de Luiz Galvão, solicitando-me um resumo do trabalho que estou desenvolvendo em Recife, sobre "mudança de comportamento e de mentalidade em famílias que vivem anti-conceptivos e são filiadas ao Benfame".

As vezes do resumo mandei-lhe o Trabalho todo, uma vez que achei temerário resumir-lo em 10 folhas, tratando-se de um assunto complexo como a mudança, e, uma ~~vez~~ tratando sobre a forma de pesquisa, mas difícil ainda de explicitar em 10 folhas.

Pelo anti-projeto contido, não poderia ver que a tônica das indagações recaia sobre a mentalidade dos maridos, muito embora neste assunto o elemento mais diretamente envolvido seja a mulher. No entanto, a alteração, por razões de enfoque sobre a mudança institucional, foi feita sobre a família, seu comportamento e mentalidade. O papel da mulher no quadro referencial pode entretanto ser perfeitamente analisado através dos resultados.


 MINISTÉRIO EXTRAORDINÁRIO PARA A COORDENAÇÃO DOS ORGANISMOS REGIONAIS
 SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA MULHER

Implizmente não é um trabalho que se possa considerar acabado, ou se não, pelo menos satisfatoriamente concluído. Pretendo ampliá-lo e continuar pesquisando neste sentido. Incluirei quando for ao Rio, na primeira oportunidade, levar a Helena do BEMFAM - Rio - Taboão do Sul - SP, a fim de fazer a continuação do trabalho.

Mesmo assim já apresenta algumas conclusões e generalizações perfeitamente lógicas e justificadas da pesquisa.

Pode usá-lo para a finalidade a que se propõe, que é a mesma minha também eu seja, estimular esta massa imensa de mulheres ao nosso redor.

Sim, outra coisa, adoraria participar do Congresso em abril. Sugiro convidar-me, se possível através da Sudene. Se o contrário vier, é mesmo que a Sudene me negue participação, irei de qualquer forma eu e Helena, ambas como da Sudene. O anexo.

Clemilda Maria Oliveira de Souza, Socióloga,
 (v. 01)

Figura 4: Carta de Clemilda de Souza mencionando a BEMFAM. Fonte: DP.001-Correspondências de 1978 (digitalizado), p.36 e 37. Acervo: ICRM.

A repercussão do Congresso Nacional das Mulheres de 1972 foi destacado no jornal Correio da Manhã através da matéria “O Perfil da Mulher Brasileira no Brasil” (Correio da Manhã, edição 24403, 1972). A reportagem apresentou um panorama do Congresso ao abordar o perfil das participantes, mulheres médias cujo objetivo era promover uma conscientização sobre o papel da mulher brasileira. Desta forma, o posicionamento do Congresso apresentado na reportagem foi de ressaltar a posição da mulher na sociedade brasileira, não fazendo referências ao feminismo pois o propósito era proporcionar a discussão de trabalhos referente a situação da mulher brasileira. Os trabalhos apresentados tiveram como temáticas: Valores Femininos, A Mulher e a Legislação, A Mulher e o Trabalho, A Mulher e Tarefa Desenvolvimento e a Mulher e a Educação.

Na segunda parte da reportagem de título “A Questão da Juventude” apresentou trechos da entrevista de Rose ao jornal, no qual sua intenção era convocar as mulheres

jovens de 25 anos, público que não era majoritário em procurar participar do congresso. No entanto, ela fez algumas críticas ao denominar de “geração privilegiada” essas mulheres jovens que vivenciaram um comportamento de mais liberdade devido a revolução sexual e dos costumes e parece esquecerem do processo árduo de lutas das mulheres exemplificado na conquista da lei 4.121⁴⁶ sobre a situação jurídica da mulher casada, considerada por Rose uma vitória do Congresso para todas as mulheres.

Com base nas questões apresentadas do Congresso Nacional das Mulheres, o objetivo do Conselho foi de “propiciar um intercâmbio entre instituições que promover o bem-estar social e familiar” (Correio da Manhã, edição 24403, 1972) o que se relacionava particularmente ao envolvimento em financiamentos com instituições como BEMFAM, Coca Cola e do alto clero católico que no caso específico da BEMFAM era responsável pelo planejamento familiar.

O perfil da mulher no Brasil

O Conselho Nacional das Mulheres, que foi convocado pelo governo federal em 1971, realizou seu primeiro encontro em 1972. O encontro foi realizado em Brasília, no dia 21 de agosto, com a participação de representantes de todos os estados e do Distrito Federal. O encontro teve como objetivo discutir as questões relacionadas à situação jurídica da mulher casada, bem como a situação da mulher no trabalho e na família.

Para a maioria das mulheres, o encontro foi uma oportunidade de se conhecerem e de discutir as questões que as afetam. Muitas mulheres relataram que não tinham participado de nenhum outro encontro semelhante antes. Elas se sentiram acolhidas e valorizadas, e muitas delas começaram a se organizar em grupos locais para discutir as questões que as afetam.

Uma das principais questões discutidas foi a situação jurídica da mulher casada. Muitas mulheres relataram que não tinham conhecimento dos seus direitos e que não sabiam como exercê-los. Elas pediram que o governo federal tomasse providências para garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Outra questão discutida foi a situação da mulher no trabalho. Muitas mulheres relataram que não tinham acesso a oportunidades de emprego e que não tinham condições adequadas de trabalho. Elas pediram que o governo federal tomasse providências para garantir a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Por fim, foi discutida a situação da mulher na família. Muitas mulheres relataram que não tinham voz na tomada de decisões familiares e que não tinham acesso a recursos econômicos. Elas pediram que o governo federal tomasse providências para garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

O encontro terminou com a aprovação de uma resolução que pede ao governo federal que tome providências para garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres. A resolução também pede que o governo federal promova campanhas de conscientização para as mulheres sobre seus direitos e que ofereça cursos de capacitação profissional para elas.

A questão da juventude

Uma das principais questões discutidas foi a situação da juventude. Muitas jovens relataram que não tinham acesso a oportunidades de emprego e que não tinham condições adequadas de trabalho. Elas pediram que o governo federal tomasse providências para garantir a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Outra questão discutida foi a situação da juventude na família. Muitas jovens relataram que não tinham voz na tomada de decisões familiares e que não tinham acesso a recursos econômicos. Elas pediram que o governo federal tomasse providências para garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Por fim, foi discutida a situação da juventude na sociedade. Muitas jovens relataram que não tinham acesso a oportunidades de participação política e que não tinham voz na tomada de decisões importantes. Elas pediram que o governo federal tomasse providências para garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Figura 5: " O Perfil da Mulher no Brasil". Fonte: Correio da Manhã; ano 1972, Edição: 24403. Disponível: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁴⁶ Situação jurídica da mulher casada, lei nº 4121, 1962, disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4121.htm>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Em um documento oficial do Conselho Nacional das Mulheres destinado a Rose, destaca-se seus estudos sobre a mulher no Brasil, evidenciado pela homenagem como uma das “Dez mulheres do ano de 1977” no campo das comunicações. O documento de Romy Medeiros presidente do Conselho Nacional das Mulheres aborda a relevância do Conselho em promover esse evento festivo de valorização de pesquisadoras que contribuíram para as conquistas femininas associadas ao desenvolvimento sociopolítico do país exemplificadas pela figura de Rose.

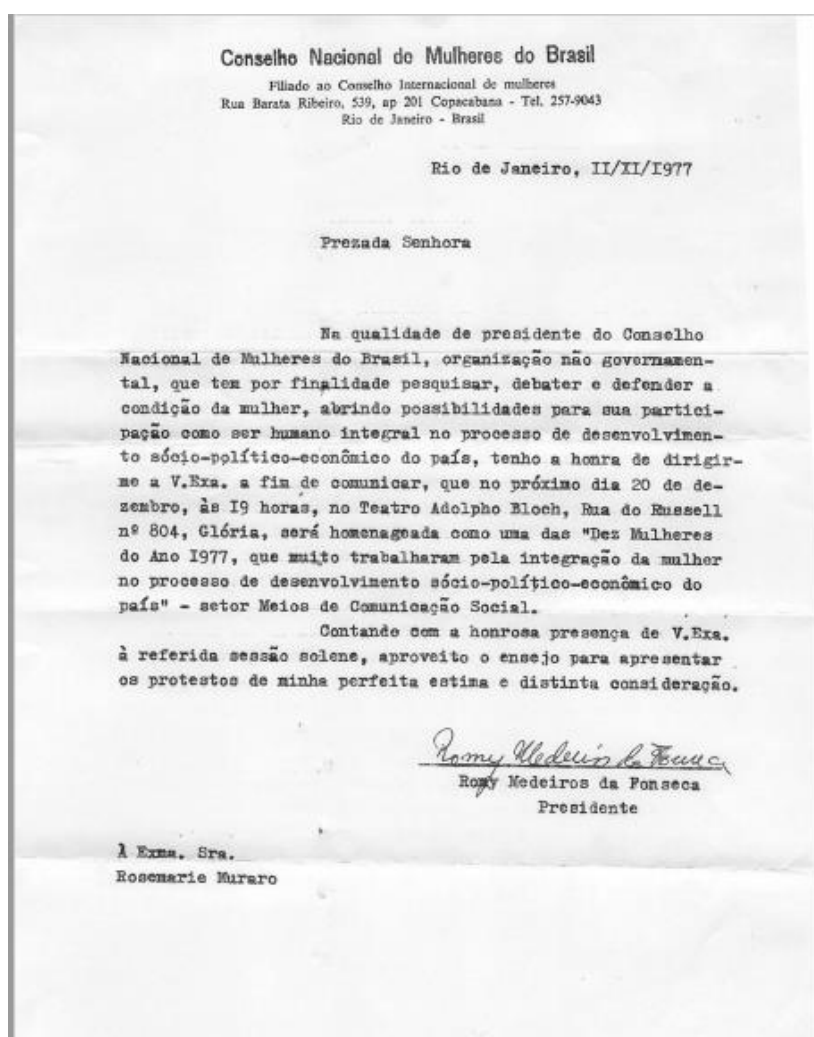


Figura 6: Carta de Romy Medeiros presidente do CNMB a Rose. Fonte: DP.001- Correspondências de 1977 (digitalizado), p.5. Acervo: ICMR.

A partir da conjuntura de perseguição desenvolvida na ditadura civil militar brasileira, é fundamental salientar a construção do feminismo no exílio por mulheres brasileiras. A experiência como militantes em organizações de esquerda associadas a vivência do próprio exílio e o contato com organizações feministas internacionais,

foram essenciais para desenvolverem um feminismo brasileiro no exílio. Os questionamentos debatidos no seu interior, não eram problematizados nos partidos de esquerda, como apresenta o relato a seguir:

(...)Foi no meu novo país de exílio que tomei consciência mais clara da condição de inferioridade da mulher. Nunca pensava na minha situação como mulher, embora achasse importante as outras mulheres na luta política, sobretudo as operárias. Não via então que nos organismos que definiam as linhas políticas, que tomavam as decisões, o número de mulheres era mínimo. Mesmo nós, que vínhamos da Universidade, tínhamos uma participação insignificante a este nível. Mas naquela época não me dava conta disso (...). (COSTA, Albertina apud RIDENTI,1990, p.118)

Dentre os principais grupos feministas do exílio podemos ressaltar: o Grupo Latino-americano de Mulheres, liderado por Danda Prado⁴⁷ entre 1972 e 1976; o Comitê da Mulher Brasileira, comandado por Zuleika D'Alambert⁴⁸, em 1972; e o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. O Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (GOLDBERG,1987), se configurou na mais importante organização ao permanecer atuante entre 1975 a 1979. Por motivo da forte atuação no movimento feminista francês, discutiu temáticas como: a questão da diferença salarial no trabalho feminino, a precariedade das condições de trabalho e a dupla jornada de trabalho.

No tocante as questões teóricas, o Círculo de Mulheres em Paris via o feminismo como um movimento autônomo no qual a luta de classes e a luta pela liberação das mulheres eram questões diferentes, porém não subordinadas. O grupo teve uma grande

⁴⁷(...)Entre os inúmeros exilados estava a feminista Danda Prado, que trocou o Brasil pela França em 1971 depois de saber do sequestro do deputado Rubens Paiva pelos policiais do DOI/CODI/RJ. Filha do intelectual Caio Prado Jr (...) Foram 10 anos de exílio na França, período no qual ela se aproximou de Simone de Beauvoir, cuja principal obra feminista, “O Segundo Sexo”, ela conhecia desde sua publicação, em 1949. As afinidades intelectuais e políticas fizeram com que, em 1960, Danda tenha recebido o lendário casal Sartre-Simone em São Paulo para um jantar (...) Danda integrou o grupo das mulheres casadas, embora já estivesse separada desde o final dos anos 1960. O tema do casamento foi parar na sua tese de doutorado e no seu livro “Ser Esposa – A Mais Antiga Profissão” (Brasiliense, 1979), em que discute questões da subordinação da mulher. Em 1972, Danda formou o Grupo Latino-Americano das Mulheres em Paris e passou a reunir brasileiras e latino-americanas que moravam na cidade. O grupo cresceu a partir de encontros para discussão de temas como sexualidade, aborto, emancipação, e para troca de experiências entre as suas integrantes. (...). Disponível em: <http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?infoid=7000&sid=7>. Acesso em: 18 dez. 2020.

⁴⁸ Antes de ser cassada, Zuleika apresentou um projeto que previa um abono de Natal aos trabalhadores assalariados e foi o embrião do 13º salário. Nos anos 1950 ela foi secretária-geral da Juventude Comunista. Após o golpe militar de 1964, Zuleika saiu do Brasil para fugir da repressão e passou pela Hungria e pelo Chile. Em Santiago, em 1971, participou do Encontro da Juventude Mundial contra a Guerra no Vietnã e ajudou a criar o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exílio. Em 1973, o golpe militar no Chile, recebeu asilo na Embaixada da Venezuela (...). Em 1979, beneficiada pela Lei da Anistia, Zuleika voltou ao Brasil e passou a participar de movimentos de apoio às mulheres. Fundou o Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado de São Paulo (...). Disponível: < <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,lider-feminista-zuleika-alambert-morre-aos-90-anos,978190>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

relevância nas atividades de exilados em Paris e sua ideia era criar espaços públicos de reflexão. Anette Goldberg (1987, p.142/153) aborda a importância do Círculo para a construção do feminismo no Brasil a exemplo do CMB no Rio de Janeiro na denominada “dupla militância” das feministas marxistas que significava a presença de “lutas gerais” e “lutas específicas”. O documento oficial do círculo discorre sobre a defesa da organização de mulheres e exemplifica essa “dupla militância”:

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente, podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar, nossas lutas das lutas, que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista (...) (PINTO,2003, p.54-55).

Denise Rollemberg (2007) aborda a vivência do exílio no seu aspecto cotidiano ao apresentar as dificuldades de adaptação ao novo país através das memórias das exiladas. É importante ressaltar as múltiplas experiências das exiladas, uma vez que demonstra a existência de problemas enfrentados pelas pessoas que não tiveram escolha de permanecer no Brasil devido ao contexto autoritário. A crise de identidade da exilada era refletida em um desenraizamento de relações pessoais como a língua materna e a própria família. A citação abaixo ilustra alguns dos vividos dilemas pelas expatriadas:

(...)As memórias do exílio revelam o desenraizamento das referências que davam identidade política e pessoal às gerações 1964 e 1968; a derrota de um projeto; o constrangimento ao estranhamento; a perda do convívio com a língua materna, o afastamento das famílias, as separações, interrupções de carreiras, o abandono de empregos; a ruptura física e psicológica; desestruturação (...). (ROLLEMBERG, 2007, p.18)

Sendo importante analisar que o ano de 1975 é considerado por algumas autoras “um momento inaugural do feminismo brasileiro” (PINTO,2003, p.56) devido a ONU ter definido como o Ano Internacional da Mulher, realizando-se a Primeira Conferência sobre a Situação da Mulher na cidade do México que estabelecia “igualdade plena de gênero e a eliminação da discriminação por razões de gênero, a plena participação das mulheres no desenvolvimento e maior contribuição das mulheres para a paz mundial”⁴⁹. Joana Maria Pedro (2006) considera que a narrativa “inaugural” do feminismo nesta data, se encontra presente na memória de algumas feministas devido ao fato de o evento

⁴⁹ Conferências Mundiais da Mulher. ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

da ONU ter garantido a legitimidade de reunião de mulheres em um momento de proibições de reuniões e fragilidades de tradição democrática. O relato de Moema Toscano⁵⁰ corrobora para a importância dada ao discurso fundante do feminismo associado a presença da ONU:

Tentaram fazer um debate comemorando o Ano Internacional da Mulher, o início da Década da Mulher. E foi um grupo muito interessante que exerceu a primeira — vamos dizer — ‘liderança’, aqui. Chegaram a mim através de uma outra colega da Faculdade de Filosofia que se lembrava de eu já falar nesse assunto, mulher’. Falaram no auditório da ABI ... teve uma repercussão enorme no Brasil ... Aconteceu pessoas virem de São Paulo, gente que estava aqui por perto, gente que não era daqui do Rio. Foi todo mundo para a ABI ... encheu [de gente] e aí sentimos, “é o momento, está na hora!”. Ali nós já fizemos umas reuniões nas outras semanas, fomos nos reunindo. Até que surgiu a ideia de um movimento mais organizado, que foi o Centro da Mulher Brasileira (PEDRO,2006, p.251).

A partir desse contexto, um grupo de mulheres cariocas afinadas com o momento de discussão da questão da mulher, sob proteção e patrocínio da ONU, realizaram um seminário no Rio de Janeiro sobre a situação das mulheres brasileiras na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no evento “O Papel e Comportamento da Mulher na Realidade Brasileira”. O relato de Branca Moreira Alves discorre sobre a experiência do evento:

(...) Durante 4 dias houve reuniões extras, duas horas antes de começarem as conferências, sendo que no domingo (último dia) a reunião começou cinco horas antes da conferência de encerramento, para a elaboração da semana. O documento foi redigido em grupo, sofrendo três redações, submetidas a aprovação da Assembleia que chegou a contar com cerca de 80 participantes. Foi um processo emocionante e enriquecedor, num clima de debates livre, em que todas participaram espontaneamente, sem lideranças e hierarquias. O documento final sofreu consequências desta redação comunitária e da pressão do tempo (foi votado pela última vez dez minutos depois da hora marcada para começar a sessão de encerramento), não tendo unidade de estilo e o burilamento de algo escrito com calma. Mas traduz o pensamento das mulheres que por 4 dias se encontraram, se conheceram, se solidarizaram e se propuseram a atuar em conjunto para a superação da inferioridade feminina(...). (ALVES, 1975, p.109)

O evento foi considerado um sucesso devido ao impacto em promover a reflexão sobre a mulher em um espaço público, antes restrito a grupos privados. Como também, foi importante para a criação de novos espaços como: CMB, Centro de

⁵⁰ A trajetória de vida de Moema está ligada à sua participação no movimento feminista do Rio de Janeiro através do Centro da Mulher Brasileira, entidade que inaugurou oficialmente o novo feminismo no Brasil, em 1975. Moema fez parte do quadro do CMB durante 25 anos, desde sua fundação até o seu fim, no ano 2000. SQUITA, 2005, p.2). Disponível em: < https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206372_18237a65c78f7fba4703f520675e16ab.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2021.

Desenvolvimento da Mulher Brasileira em São Paulo⁵¹ e a imprensa feminista com os jornais Brasil Mulher (1975-1980) e o jornal Nós Mulheres (1976-78). Além disso, foi um lugar para estabelecer uma rede de sociabilidade feminista, importante para instituir debates na construção de afinidades que delinearam os rumos do feminismo brasileiro, como aponta Rose:

(...) Como era difícil organizar grupos e tendências de pensamento no tempo da ditadura, não se podia fazer nenhum movimento, quanto mais feminista. Então, uma dessas moças que eu conhecia, Mariska de Oliveira, já em 74 conseguiu o patrocínio da ONU para a primeira reunião feminista do Brasil. Aí as feministas começaram a aparecer. Conheci Branca Moreira Alves, Eva Blay, Marta Suplicy, todas as que vieram a ser militante. Mil novecentos e setenta e cinco era o Ano Internacional da Mulher, e apareceram mulheres de todos os cantos do país! (...). (*MMI*, 1999, p.175)

O artigo “Abrindo Caminho”, do jornal Nós Mulheres⁵² (Nós Mulheres, n.7, março de 1978), propôs uma apresentação dos grupos femininos e feministas que discutiam a emancipação da mulher cuja a abordagem traz o contexto de 1975 do Ano Internacional da Mulher. No artigo, os grupos selecionados foram eles: Associação das Donas de Casa, Centro da Mulher Brasileira, Pró Mulher, Associação das Mulheres e Jornal Nós Mulheres, Clube de Mães, Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, Nova Mulher Editora, Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos, Sociedade Brasil Mulher, Movimento Feminino do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e Movimento Feminino pela Anistia.

O primeiro grupo apresentado no jornal foi a Associação das Donas de Casas formado na periferia de São Paulo por donas de casas cujo objetivo era conseguir realizar melhorias nos bairros através de assinaturas coletadas para pressionar as autoridades competentes. Segundo, foi o CMB, criado no Rio de Janeiro em 1975 com a proposta de grupo de reflexão e desenvolvimento da mulher brasileira. Sendo os períodos de 1975 e 1976 pontuados como de estruturação e organização do feminismo

⁵¹ Rose ressalta a sua participação na fundação como também foi nesse momento que seus livros foram censurados pela ditadura. “Eu estava na mesa do plenário da Câmara dos Vereadores de São Paulo, num debate com dom Paulo Evaristo Arns, fundando o Centro da Mulher Paulista junto com as mulheres, tanto freiras como as mulheres do Partido Comunista, quando recebo um telefonema. Era frei Ludovico: “Filhinha, a polícia levou todos os seus livros.” Era 9 de outubro de 1975. “E aí, frei?”. “Entregamos”. Aí chego no auditório e digo: “Senhores, acabei de ser proibida pela ditadura militar”. O pessoal levantou e bateu palmas. Foi bom aquele apoio!”. (*MMI*, 1999, p. 178/ 179).

⁵² Para compreender o contexto e agenda do Jornal Nós Mulheres ver: FREITAS, Viviane Gonçalves. **De Qual Feminismo Estamos Falando? Desconstruções e reconstruções das mulheres, via imprensa feminista brasileira, nas décadas de 1970 a 2010.** Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Universidade de Brasília, 2017, p.84-92).

no Rio de Janeiro, enquanto 1977 através do 1º Encontro da Mulher que trabalha “(...) iniciou-se um movimento de “sair de si” estando mais atentas ao conjunto de reivindicações da sociedade civil, tentando fazer um Centro uma associação mais atuante (...)” (Nós Mulheres, março, 1978). Destacou a proposta dos três anos de atividade o CMB “cada vez mais nos distanciamos do aspecto sexista da luta da mulher, para privilegiar a problemática da mulher trabalhadora.”. (Nós Mulheres, n.7, março de 1978)

Pró-mulher surgiu em São Paulo em 1977 com o objetivo de “(...) desenvolver estudos teóricos e práticos sobre a condição da mulher, formular estratégias de ação para as reivindicações surgidas, denunciar e divulgar os resultados dos estudos (...)” (Nós Mulheres, n.7, março de 1978). O grupo tinha a proposta de fornecer orientação médica, psicológica e jurídica, profissional e educacional as mulheres em cursos sobre todos os assuntos nos locais disponíveis. O Jornal Nós Mulheres foi publicado pelo grupo Associação das Mulheres em 1976, por mulheres em São Paulo que no editorial especificou as razões da opressão da mulher como um problema específico e por isso justificou a necessidade da criação de um jornal feminista “(...) para que possamos ter um espaço nosso, para discutir nossa situação e nossos problemas. E para pensarmos juntas nas soluções. Mais ainda, esclarecia que a luta feminista é a parte integrante da luta de todos os oprimidos (...)”. (Nós Mulheres, n.7, março de 1978)

Clube das Mães foi formado na periferia de São Paulo no início da década de 1970 sendo representados principalmente por mulheres empregadas domésticas ou donas de casas que devido a terem sofrido com aumento do custo de vida reivindicavam “(...) salários justos, melhor alimentação, mais saúde, escolas e creches para todos (...)”(Nós Mulheres, n.7, março de 1978).O Centro de Desenvolvimento da Mulher fundado em 1975 em São Paulo, no contexto das comemorações do Ano Internacional da Mulher, teve como objetivo criar uma emancipação das mulheres através da igualdade entre homens e mulheres e promover “(..)o conhecimento e a divulgação da condição da mulher brasileira em geral e em particular da mulher de São Paulo (...)”(Nós Mulheres, n.7, março de 1978) através de atividades culturais, recreativas, palestras, cursos, conferências e pesquisas.

Nova Mulher Editora se referiu a uma editora paulista fundada em 1977 que discutiu os principais temas como saúde, trabalho, sexualidade e educação da menina e da adolescente de forma diária, inicialmente no jornal Brasil Mulher, no entanto depois

retirou-se para publicar livros feministas “(...) para recolher manuscritos inéditos de todo o país para divulgar a poesia e prosa da mulher comum (...)” (Nós Mulheres, n.7, março de 1978). A Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos surgiu no contexto das manifestações estudantis por um grupo mães que se reuniu para discutir sobre seus filhos tendo como objetivo: defesa das reivindicações dos filhos delas, a volta do Estado de Direito na defesa dos Direitos Humanos e o trabalho para o bem da comunidade.

A Sociedade Brasil Mulher de acordo com o jornal Nós Mulheres, relacionou-se a um grupo que publicou no jornal Brasil Mulher, criado em Londrina em 1975 caracterizado como uma imprensa independente que enfrentou dificuldades financeiras, no entanto, através de reportagens, pesquisas e entrevistas buscou desempenhar um papel importante, como ressaltou: “(...) apoiamos e solidarizamos a todos os movimentos que lutam pela libertação de amplos setores oprimidos e explorados, procurando destacar o papel que a mulher deve ter e tem tido em todas essas lutas (...)”.(Nós Mulheres, n.7, março de 1978)

Movimento Feminino do MDB tratou-se de uma organização do partido de oposição da ditadura militar que propôs uma luta das mulheres de forma conjunta aos homens para a conquista da representação política na campanha eleitoral de 1978. Dentre os representantes estavam: profissionais liberais, artistas, donas de casas e empregadas domésticas. Por fim, o último grupo analisado no jornal foi o Movimento Feminino pela Anistia que surgiu em 1975 em São Paulo com o objetivo de luta de anistia de todos os presos políticos exilados e banidos do país. A expansão do movimento nos demais estados brasileiros foi relatado no jornal, como a conquista de doze mil assinatura para pressionar as lideranças do Senado, Câmara e Presidência da República. No 1º Encontro Nacional do Movimento Feminino pela Anistia as representantes ressaltaram a anistia na busca por uma constituinte “(...) nós, mulheres brasileiras do Movimento Feminino pela Anistia, perante a Nação, reafirmamos nesse documento histórico o compromisso de não descansar enquanto nossos objetivos não forem atingidos na sua totalidade (...)”. (Nós Mulheres, n.7, março de 1978)

Figura 7: “Abrindo Caminho”. Fonte: Jornal Nós Mulheres, n.7, março de 1978. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn7.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2020.

Com base na fonte do jornal *Nós Mulheres* iremos ressaltar o surgimento do CMB no Rio de Janeiro em 1975 devido a participação de Rose nesse grupo feminista. Como já afirmamos anteriormente, a fundação do CMB foi possível em virtude da verba obtida por Rose para ir à Primeira Conferência sobre a Situação da Mulher na cidade do México. Os objetivos do CMB eram promover pesquisa, divulgação de informações e proporcionar melhorias sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. No entanto, a estrutura do CMB abrigava diversas tendências no tocante a forma de organização que de acordo com Goldberg (1987)⁵³ corresponde a questões teóricas divergentes sobre os feminismos. O estudo de Soihet (2007), também nos ajuda a compreender o processo de debates, disputas e legitimação atendendo aos diversos interesses das feministas dentro do CMB. No artigo, a autora se dispõe a analisar o contexto histórico autoritário da emergência do feminismo brasileiro nas décadas de 1970 e 1980, ao dialogar com a historiografia correspondente ao feminismo e os discursos das feministas envolvidas no CMB.

No tocante a participação de Rose dentro do CMB, o documento do CMB⁵⁴ enviado por Rose e Elly Santos ao Ministério da Educação teve por objetivo buscar recursos para a realização de pesquisas e estudos sobre a questão da mulher na sociedade brasileira através do “Plano de Aplicação de Recursos de 1983-1984”. O propósito foi apresentado a ministra Esther de Figueiredo Ferraz através da ideia da erradicação das desigualdades entre mulheres e homens, ao expor um planejamento de aplicação de recursos em áreas consideradas estratégicas para promover as pesquisas com o objetivo de “maior integração da mulher dentro da sociedade brasileira” (ICMR, 1983, nº101). Após uma introdução que demonstrou a importância do CMB para o estudo e inserção da mulher na sociedade brasileira, foi apresentado as pesquisas selecionadas pelo CMB para buscar o financiamento público que foram: Sexualidade da Juventude Brasileira, Violência Contra a Mulher na Baixada Fluminense, A Mulher

⁵³ Goldberg utiliza em sua análise a seguinte reflexão para discorrer sobre as divergências dos feminismos no CMB-RJ: “(...) 1º Qual a origem da opressão das mulheres; 2º qual a luta principal delas e quais os objetivos a alcançar; 3º Como se organizar?” GOLDBERG, Anette. *Op. Cit.*, 1987, p.110.

⁵⁴ O documento apresenta 11 páginas que constará no anexo da dissertação por ser extenso.

Rural e o Processo de Modernização e O Compromisso Feminino na Sociedade Brasileira: Passividade ou Luta.

O projeto “Sexualidade da Juventude Brasileira” foi uma tentativa de complemento ao livro *SMB* que será apresentado no quarto capítulo. O material apresentado referente a pesquisa Sexualidade da Juventude Brasileira, se apresenta como “(...) referência obrigatória para todos aqueles que trabalham com comportamento humano, principalmente o da mulher, e também para todos os grupos de ação, sejam feministas ou movimentos sociais (...)” (ICMR, 1983, nº101). O documento apontou o andamento da pesquisa pelas mesmas pessoas que participaram do livro, sendo a pesquisa iniciada em 1982 com entrevistas-piloto na periferia do Rio de Janeiro, que deveriam ser ampliadas para questionários definitivos e encerrada em julho de 1984 para a elaboração da redação e publicação. A descrição dos custos e a quantia foi discriminada no documento em: material de consumo, remuneração de serviços pessoais e outros serviços e encargos.

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - s/713 - Rio CEP 20.000
CGC: 42.313.143/001-47

Rio de Janeiro, 30 de março de 1983

Exmo. Sr.
Secretário Geral do
Ministério da Educação e Cultura
Brasília - DF

Desde a sua fundação em 1975, sob os auspícios da ONU, o Centro da Mulher Brasileira vem se dedicando à formação de um pensamento especificamente brasileiro sobre a condição da mulher. Além disto, vem agindo como sementeira de grupos de mulheres, em todo o país, muitos dos quais já vêm efetuando trabalhos de maior relevância, seja junto a mulheres da periferia, seja junto a grupos de renda mais elevada, mas, em ambos os casos, no sentido da erradicação de estereótipos e discriminações sexuais e econômicas em relação à mulher.

No ano de 1982, período eleitoral, notou-se um enorme progresso em relação à mulher. Índice disto foi a aceitação e a ampla discussão que o nosso ALERTA FEMINISTA PARA AS ELEIÇÕES teve nos partidos políticos, tanto a nível local como nacional, mostrando como esta discussão se tem aprofundado na sociedade inteira.

Isto se deve, em parte, às dotações que este Ministério vem fazendo sucessivamente através dos anos ao Centro da Mulher Brasileira, e que tem possibilitado a nossa existência, as nossas pesquisas e a nossa ação. Vimos, pois, pela presente, apresentar, em anexo, nosso PLANO DE APLICAÇÃO DE RECURSOS PARA 1983/1984, que nos permitirá desenvolver pesquisas, estudos e trabalhos que possam continuar permitindo uma colaboração de nossa parte na maior integração da mulher dentro da Sociedade Brasileira.

Vossa Inq. 10/83

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - s/713 - Rio CEP 20.000
CGC: 42.313.143/001-47

2

Nosso plano será aplicado nas seguintes áreas:

1. SEXUALIDADE DA JUVENTUDE BRASILEIRA
2. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PAIXANA FEMININISTA
3. A MULHER RURAL E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO
4. O COMPROMISSO FEMININO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: PASSIVIDADE OU LUTA?
5. MANUTENÇÃO E APOIO ADMINISTRATIVO PARA A REALIZAÇÃO DOS TRABALHOS ACIMA.

Sem mais, despedimo-nos, atenciosamente.

Pelo Colegiado do Centro da Mulher Brasileira,

Rose Marie Muraro
Rose Marie Muraro

Ely Santos
Ely Santos

Vossa Inq. 10/83

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - 4713 - Rio CEP 20.000
CGC. 42.513.143/001-47

1

1. SEXUALIDADE DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Esta é a segunda parte da primeira pesquisa SEXUALIDADE DA MULHER BRASILEIRA - CORPO E CLASSE SOCIAL NO BRASIL. Conforme nosso relatório anterior, o livro foi publicado em janeiro de 1983, tendo obtido a melhor repercussão nacional e internacional. Constitui mesmo, desde já, referência obrigatória para todos aqueles que trabalham sobre o comportamento humano, principalmente o da mulher, e também para todos os grupos de ação, sejam feministas ou movimentos sociais, partidos políticos, comunidades de base, etc. seja a nível local, seja a nível nacional.

Esta segunda pesquisa, SEXUALIDADE DA JUVENTUDE BRASILEIRA: FAMILIA E CLASSE SOCIAL NO BRASIL, já se encontra em pleno andamento, coordenada pela equipe que realizou a primeira. Em 1982 foram realizados todos os seminários preliminares, o levantamento de bibliografia, as entrevistas-piloto na periferia do Rio de Janeiro, estando em elaboração os questionários definitivos a serem aplicados. Deve ser encerrada em julho de 1984, passando, então, à fase de redação final e publicação.

Para esta segunda fase da pesquisa, necessitamos das seguintes quantias nos itens previstos por este Ministério:

1.1. Material de Consumo:	<u>Cr\$</u>
Neste item está incluída a compra de papel, fitas cassete e outros materiais	500.000
1.2. Remuneração de Serviços Pessoais:	
a) 1 coordenadora (Cr\$60.000x12).....	720.000
b) 2 auxiliares de pesquisa (25.000x12) ..	600.000
c) Consultores	300.000
d) 5 entrevistadoras (400.000 x 5).....	2.000.000
e) IAPAS	362.000
	<u>3.982.000</u>

Vossa Insignia

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - 4713 - Rio CEP 20.000
CGC. 42.513.143/001-47

2

1.3. Outros Serviços e Encargos:

Incluindo viagens dos pesquisadores, transporte, alimentação e mais cópias xerográficas e serviços gráficos

	<u>1.500.000</u>
TOTAL	5.982.000

Vossa Insignia

Figura 8: Carta de 1983 ao secretário geral do Ministério da Educação e Cultura do CMB. Fonte: CX -PTF-005-LT01 (Digitalizado- nº 101). Acervo ICRM.

O feminismo brasileiro enfrentou dificuldades de organização em um ambiente marcado pela ditadura. Ao apresentar a existência de lutas “gerais” e “específicas” no qual, demonstravam a busca pela autonomia para debater as questões feministas atreladas a oposição à ditadura. Em suma, há de se ressaltar que o surgimento desse feminismo organizado exemplificado no CMB só foi possível devido à trajetória social e cultural das participantes, se restringindo a uma classe média intelectualizada. (SARTI,1988)

Dado o processo de redemocratização do país, o feminismo na década de 80 foi caracterizado também por uma institucionalização através de ONG's, conselhos e políticas públicas com o Estado (ALVÁREZ,2001). Desta forma, o feminismo institucional, ou seja, a relação do feminismo com o Estado teve debates internos sobre a questão da autonomia do movimento como no VII Encontro Nacional Feminista realizado em 1985 em Belo Horizonte. No entanto, notabilizou-se a importância do Estado como gerenciador de políticas sociais e econômicas através de mecanismo que possibilitariam uma transformação do papel feminino.

Ana Alice Costa (2010) discorre que a institucionalização do feminismo teve como contexto as eleições políticas, ao abordar que o processo eleitoral estadual em 1982 pela primeira vez depois do golpe de 1964, elegeu dez deputadas oposicionistas constituindo a maioria na câmara federal. Principalmente através da vitória do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) em alguns estados brasileiros sobretudo em São Paulo, o que contribuiu para a criação do Conselho Estadual da Condição Feminina (1983), órgão importante para o diálogo do movimento feminista com o Estado. Este cenário político possibilitou a transformação das formas de atuação do feminismo:

(...)Até então, a perspectiva de relação com o Estado no projeto de transformação feminista não se havia colocado. Toda a relação estabelecida com o governo ditatorial era no sentido de confronto, de uma prática oposicionista. A eleição de partidos políticos de oposição para alguns governos estaduais e municipais forçou as feministas a repensarem sua frente ao Estado na medida em que a possibilidade de avançar em termos de uma política feminista passou a ser uma realidade (...). (COSTA, 2010, p.188)

As dificuldades enfrentadas pelo Conselho Estadual da Condição Feminina se apoiaram na sua estrutura de caráter consultivo e propositivo. Uma vez que não possuía verba própria pois era constituído pela verba do partido PMDB, as discordâncias geradas pela própria forma de condução das políticas a serem adotadas com o dinheiro

recebido, foram feitas principalmente pelas feministas ligadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e de grupos de mulheres das camadas populares através de discussões internas que proferiram críticas a institucionalização. A questão da institucionalização do feminismo é ressaltada por Celi Pinto como uma discussão problemática:

“(...) Se o recrutamento ocorre a partir do Estado, a tendência é que o partido e o movimento venham a se confundir, resultando daí que, por mais feministas que sejam as mulheres recrutadas, elas acabarão ficando de alguma forma comprometidas com as propostas do governo. De outra sorte, se o recrutamento se realiza a partir dos movimentos, há em princípio a possibilidade de se construir um espaço mais independente. Ora se a última alternativa parece ser mais democrática, é também mais difícil de ser concretizada (...) (PINTO, 2003, p.71).

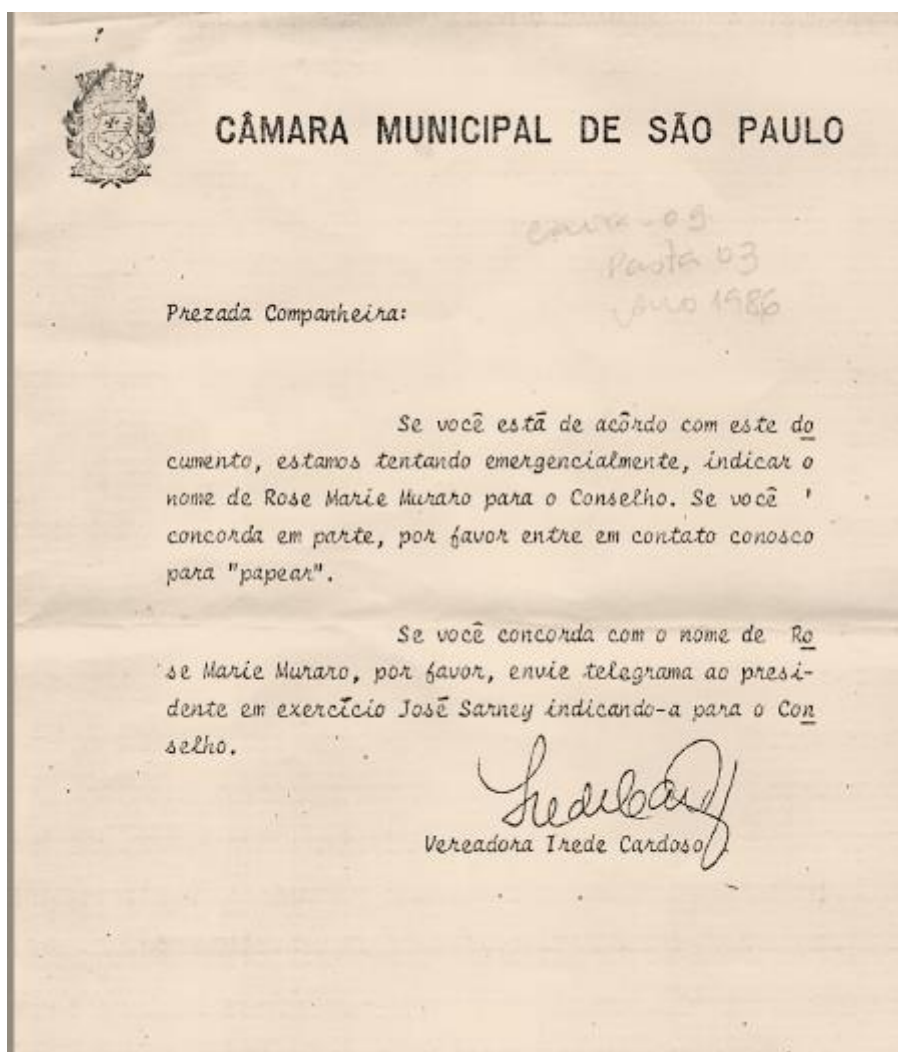
Para demonstrar os antecedentes da criação do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres, analisaremos a fonte da Câmara Municipal de São Paulo⁵⁵ enviada pela Vereadora Irede Cardoso⁵⁶ para as mulheres do Conselho da Condição Feminina de São Paulo. No início do documento Irede solicitou a indicação de Rose como uma das conselheiras no Conselho e pediu as “companheiras” termo que se associou a sua militância feminista que se concordassem com a indicação de Rose enviassem um telegrama para o presidente José Sarney. Desta forma temos indícios da relação de Rose com a formação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher órgão criado pelo presidente da república.

Na segunda parte do documento, ela apresentou críticas ao Conselho da Condição Feminina de São Paulo, ao abordar de forma indireta que o conselho “(...) foi imposto dentro de uma organização partidária e deixou de lado a grande oportunidade de ser realmente o porta-voz das entidades femininas já existentes no Estado (...)” (ICRM, nº325-2). Os erros apontados por ela, no Conselho em nível estadual em São Paulo deveriam ser utilizados como experiência para a construção de um “Ministério ou Conselho” através da representatividade política das mulheres dentro do Estado no nível federal. A organização do conselho de acordo com Irede é exemplificada no trecho a seguir:

⁵⁵ O documento constará de forma integral no anexo da dissertação, ele possui 8 páginas.

⁵⁶ Irede Cardoso foi militante feminista, editora do programa TV Mulher da Rede Globo e vereadora por 10 anos no Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u16283.shtml>>. Acesso: 25 nov. 2020.

(...) O grupo de coordenação deveria ser formado por vinte mulheres, no máximo, em nível federal, trabalhando em reuniões quinzenais, e fazendo uma reunião mensal com as representantes estaduais. Findo um ano de coordenação e planejamento já deveria estar pronta a fórmula da eleição do Conselho, entre mulheres que viessem a merecer confiança dos grupos envolvidos da população feminina, para prosseguimento do trabalho. Nesta segunda fase, a do Conselho propriamente dito, o trabalho seria mais complexo: o da implementação de projeto prioritários, resultante de toda pesquisa feita anteriormente nos Estados acolhidos pela Comissão federal. (ICRM, nº325-2)



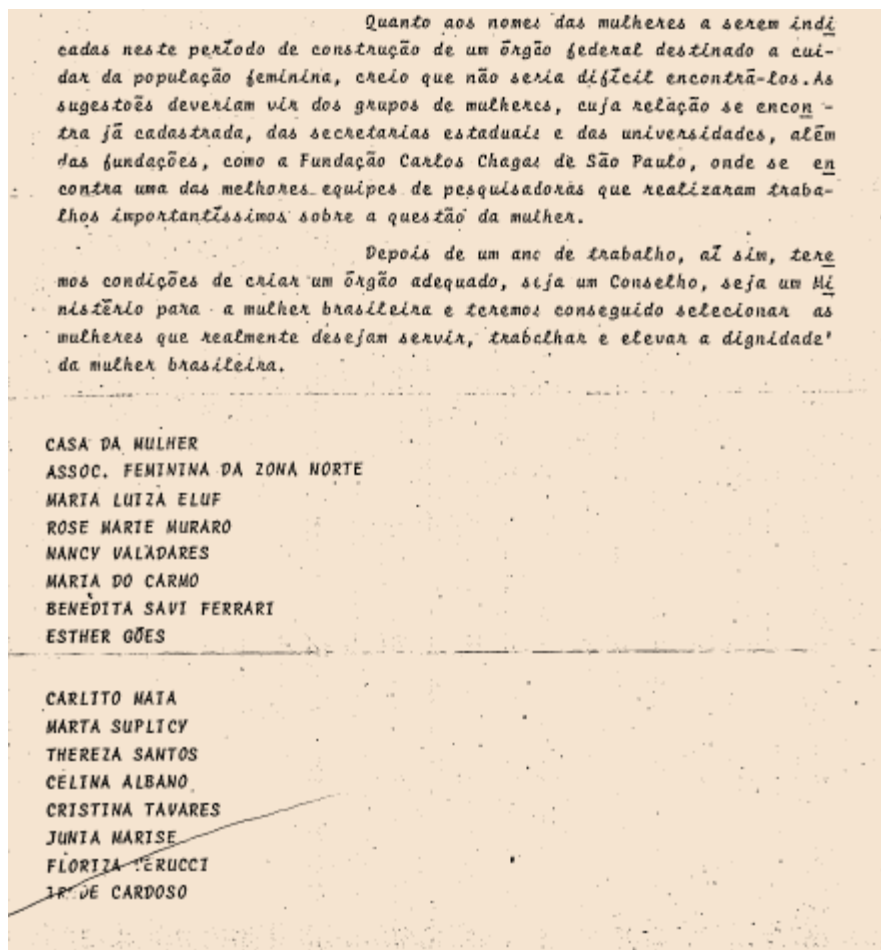


Figura 9: Documento da Câmara Municipal de São Paulo escrito pela vereadora Ireda Cardoso.
Fonte: número 325 (2) (Digitalizado). Acervo: ICRM.

Jacqueline Pitanguy⁵⁷ ao analisar o processo de afirmação dos direitos das mulheres o aborda em dois momentos: durante ditadura e após democracia. A autora discorre ainda sobre as dificuldades de se implantar uma resistência naquele contexto pois “(...) o conceito de povo não comportava diferenças de sexo, raça ou etnia, o que dificultava a construção de uma agenda identitária naquele contexto” (PITANGUY, 2019, p.91). Em 1985 foi fundado CNDM, consequência da mobilização da Campanha das Diretas-Já que tinha o objetivo de propor políticas públicas para as mulheres através da atuação de algumas feministas nos setores de decisão e planejamento.

⁵⁷ “Socióloga fundadora e coordenadora da ONG CEPIA (Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação). Formou-se em Ciências Sociais na Universidade Católica de Louvain (Bélgica) e na Escola Sociológica da Pontifícia Universidade Católica do Chile. Fez doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Foi professora na Universidade de Rutgers, Estados Unidos, onde ocupou a cátedra Laurie New Jersey Chair in Women’s Studies. Presidiu o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher durante a constituinte (...)”. HOLLANDA, 2019, p.430).

O CNDM⁵⁸ tinha um orçamento próprio, desenvolvido em uma estrutura administrativa que possibilitava que sua presidenta tivesse o mesmo status do ministro da defesa. Apresentava uma formação de 17 conselheiras, nomeadas pelo ministro da Justiça, acrescido de um Conselho Técnico e por uma Secretária Executiva. O período que o órgão atuou de acordo com as demandas feministas se estendeu de 1985 a 1989, pois após essa duração foram indicadas conselheiras com pouca relação com o feminismo como se reflete na composição do Conselho nos dias atuais dentro do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos⁵⁹.

Um dos resultados mais importantes do CNDM se apresentou no período da Assembleia Nacional Constituinte em 1988 através da campanha nacional “Constituinte pra valer tem que ter a palavra de mulher”, que originou na Carta das mulheres, um documento que teve uma proposta de promover ampla discussão na sociedade com base na relação de justiça social e direitos da mulher. Ao expor o debate sobre os direitos da mulher no tocante ao trabalho, saúde, direitos de propriedade, sociedade conjugal, entre outros. Celi Pinto (2003), apresenta a inovação do documento em vinculação com outros do mesmo período:

Em dois pontos a carta apresentou originalidade em relação aos demais documentos do período. O primeiro refere-se à questão da violência contra a mulher, expresso numa detalhada proposta da defesa da integridade física e psíquica das mulheres, redefinindo o conceito de estupro e sua classificação penal, apenando o explorador sexual e solicitando a criação de delegacias especializadas no atendimento da mulher em todos os municípios do território nacional. O segundo diz respeito ao polêmico tema do aborto: a carta não propõe explicitamente a legalização da prática, mas postula um preceito constitucional que abriria caminho para uma posterior discussão do tema. Nela se lê: “Será garantido à mulher o direito de conhecer e decidir sobre o seu próprio corpo” (...). (PINTO,2003, p.75)

A participação feminista na construção democrática representou em estratégias de luta para aprovação das pautas na Assembleia Constituinte sendo que “(...)foram enviadas 122 emendas, 12.265.854 assinaturas. Quatro dessas emendas trataram dos direitos das mulheres, três delas promovidas por associações de mulheres e grupos feministas (...)” (PINTO,2003, p.76) que através dessa mobilização da sociedade civil

⁵⁸ Para saber mais a respeito do CNDM ver: PIMENTA, Fabrícia Faleiros. **Políticas Feministas e os Feminismo na Política**: O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1985-2005). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade de Brasília, 2010.

⁵⁹ Composição do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em 2020, disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/conselho/composicao/composicao-atual-2014-2017>>. Acesso em: 31 out. 2020.

conseguiram legitimar as várias reivindicações das mulheres na Constituição. Rose descreve da seguinte forma o processo de implementação dos direitos da mulher na Constituição de 1988:

(...) Moema São Thiago feminista, deputada eleita pelo Ceará, que tanto me ajudou na época do meu câncer juntou as mulheres de todos os partidos, do PFL ao PT. Eram umas 29. E sempre que havia assuntos de mulher a serem tratados, elas se juntavam e constituíam a chamada “bancada das mulheres”. Esta bancada era respeitadíssima, e conseguia mobilizar os deputados homens e fazê-los votar nos itens da Carta de Brasília. Acho que foi a primeira vez no mundo que se fez isso. E elas fizeram da Constituição brasileira uma das mais avançadas internacionalmente em relação à mulher (...). (MMI, 1999, p.299)

As conquistas do CNDM foram analisadas no jornal *Mulherio*⁶⁰ com o título “A Que Viemos, O Que Fizemos”. O artigo inicia com informações da sua criação através do seu vínculo com o governo executivo e legislativo e se estruturou em comissões em áreas como: saúde, educação, violência, creche, legislação, constituinte, cultura e trabalho. O objetivo do artigo é fazer uma divulgação do CNDM e para isso apresenta os principais programas nas áreas descritas: primeiramente com as medidas contra a violência através da criação de delegacias em defesa da mulher; na saúde destacou a Conferência Nacional Saúde e Direitos da Mulher; na educação abordou a contribuição de trabalhos de cerca de duzentos mil escolas no Dia Internacional da Mulher, com relação a creche efetuou reuniões sobre atendimento à criança, resultando na elaboração de manuais entre outros. O artigo sublinhou as conquistas do CNDM e termina propondo a participação das mulheres no projeto do conselho ao destacar “Você mulher, você educador. Junta-se ao CNDM. Participe. Discuta. Democratize” (*Mulherio*, edição 27, dez/fev.1987).

É importante sublinhar que a discussão da criação e repercussão do CNDM⁶¹ foi destaque no jornal *Mulherio* em algumas edições, o que demonstra o intenso debate dentro do feminismo sobre a atuação do Estado como gerenciador de políticas públicas para as mulheres.

⁶⁰ Para compreender o contexto e agenda de o Jornal *Mulherio* ver: FREITAS, 2017, p.93-103).

⁶¹ É importante compreender que a atuação do CNDM não se restringiu ao eixo Rio- São Paulo, para maiores informações: CRESCÊNCIO, Cíntia Lima; OLIVEIRA, Mariana Esteves de. “Constituinte da Mulher tem que ter a palavra da mulher”: Movimento de Mulheres do IAJES, Movimento Regional de Mulheres e Luta por Democracia no Brasil. **Revista do Programa de Pós- Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, v.26, 2019.

O Que Fizemos.

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher foi criado a partir da lei nº 7.353, de 29 de agosto de 1985, pelo Presidente da República, com aprovação do Congresso Nacional. Neste sentido, o CNDM representa a articulação do movimento social das mulheres com o Poder Executivo e o Poder Legislativo. O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher é uma conquista política das mulheres brasileiras, que lutam principalmente por respeito e dignidade. Sua criação formalizou o reconhecimento de que nossa causa é justa.

Na luta por seus objetivos, o CNDM se estruturou em comissões de trabalho, nas seguintes áreas: saúde, educação, violência, creche, legislação, constituinte, cultura e trabalho. Em 86, essas comissões alcançaram vitórias significativas, tanto a nível de atuação institucional interministerial, como em termos de programas e projetos desenvolvidos:

Violência: o Conselho promoveu o Encontro Nacional de Delegadas lotadas em Delegacias de Defesa da Mulher, para avaliar a incidência da violência no cotidiano das mulheres, além de apoiar a criação de novas delegacias e elaborar um manual de defesa para a mulher.

Saúde: a organização e coordenação da Conferência Nacional Saúde e Direitos da Mulher e a publicação, junto com o Ministério da Previdência e Assistência Social, da cartilha Vida de Mulher.

Educação: o setor de educação, em conjunto com o INEP/MEC, elaborou o jornal "Em Dia com a Mulher", subsidiando os trabalhos desenvolvidos em mais de 200 mil escolas do país no Dia Internacional da Mulher, sobre o papel social da mulher. Convênio com o CAPES, para bolsas de estudo.

Creche: a comissão de creche realizou reuniões sobre políticas de atendimento à criança, ações junto ao Ministério da Educação, elaborando ainda manuais de creche.

Parcerias: pareceres sobre questões ligadas à mulher e o levantamento e acompanhamento de projetos de lei relativos à mulher, em trâmite no Congresso Nacional.

Outros: lançamento do prêmio Cora Coralina e filmes como a "Mulher e Constituinte" e "Meninas de Calçada", organizando a mostra Olhar Feminino, no FEST/RIO.

Tribuna: projeto fotográfico junto aos sindicatos "Estas Somos Nós".

A Comissão Constituinte: promoveu uma ampla campanha, a nível nacional, encerrada com um Encontro, com a presença de duas mil mulheres, em que foi elaborada a "Carta das Mulheres à Constituinte".

A nível institucional, o CNDM obteve várias vitórias: o decreto-lei que obriga os órgãos públicos a criarem creche; a portaria do Ministério da Reforma Agrária que garante à trabalhadora rural a posse da terra, independente do estado civil; a colocação do tema aborto nas discussões dos Ministérios da Saúde e Previdência Social; e a adesão do BNDES à campanha pelas creches, submetendo a concessão de empréstimos ao compromisso da criação de creches nas empresas.

Em 87 a nossa luta principal será por uma constituinte justa, não só para a mulher, mas para todos os cidadãos brasileiros. Por um estado verdadeiramente democrático. Para ampliar essa discussão, no dia 8 de março, o papel social da mulher será discutido nas escolas da rede oficial. Você mulher, você educador, junte-se ao CNDM. Participe. Discuta. Democratize.




Figura 10: “O Que Vimos, O Que fizemos”. Fonte: Jornal Mulherio, edição 27, dez/fev de 1987. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em: 03 set. 2020.

Outro aspecto do feminismo na década de 80 foi à preocupação em lidar com problemas específicos a saúde e combate à violência contra a mulher. À vista disso, através dos Conselhos foram criados órgãos como o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) vinculado ao Ministério da Saúde que provia de assistência para todas as idades, considerando aspectos biológicos e sociais. Com respeito à luta contra a violência a mulher evidencia-se primeiro o fato de a legislação criminalizar este tipo de crime, antes justificado na premissa de legítima a defesa de honra masculina,⁶² aliada à criação de delegacias especializadas de atendimento às mulheres contra violência doméstica.

⁶² O caso Doca Street foi importante dentre outros para acabar com a justificativa de crimes contra mulheres de legítima defesa da honra na constituição de 1988: “(...) teve grande repercussão na época o julgamento de Doca Street, como era conhecido Raul Fernando do Amaral Street, que assassinou Ângela Diniz, sob a alegação de ela o traía. Na primeira instância ele recebeu pena mínima, o que acabou constituindo num fato crucial para a formação do processo da consciência de gênero no Rio de Janeiro (...). Antes do segundo julgamento, há uma crescente mobilização, com as manifestações de ruas. Numa delas, a escritora Rose Marie Muraro, em meio a 500 pessoas, exige a condenação de Doca e declara: “(...) o que nós queremos é que caia a legítima defesa da honra” (...). (SOIHET; PEDRO, 2007. p.250-251).

Neste período a atuação do feminismo acadêmico foi significativa desencadeada pela expansão dos estudos sobre as mulheres promovidos pela Fundação Carlos Chagas de financiamento da Fundação Ford que “(...) durante esses 20 anos foram realizados oito concursos que financiaram 170 projetos de todas as regiões do país (...)” (PINTO,2003, p.86). É importante destacar que a valorização dos estudos feministas estava inserida em um contexto de expansão ideológica dos Estados Unidos, pois a Fundação Ford (CANEDO,2015) foi um projeto político e social norte americano de financiamento de pesquisas de pós-graduação na área das ciências sociais, associado à sua política externa de guerra fria na construção de intelectuais em oposição a possível influência do socialismo. Assim, através de seus financiamentos contribuíram também para a institucionalização das ciências sociais no Brasil.

O protagonismo do feminismo acadêmico se insere nesse contexto que contribuiu na criação de núcleos de pesquisas em universidades através de associações e reuniões científicas como: Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS); Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED); Associação Nacional de Pesquisa em Letras (ANPOLL), entre outras. O jornal *Mulherio* publicado entre 1981-88, com mais de 30 edições, era formado em sua maioria por feministas paulistas e se insere nos financiamentos da Fundação Ford. Nele identificamos colunas e matérias discutindo temas como: aborto, divórcio e sexualidade. No entanto, antes dele, a imprensa feminista⁶³ já tinha destaque através dos jornais *Brasil Mulher* (1975 e 80 com 16 edições) e *Nós Mulheres* (1976-78 com 8 edições). Cíntia Crescêncio ressalta a importância dessa imprensa feminista:

(...) Se o *Brasil Mulher*, fundado em 1975, é apontado por muitos integrantes hoje como uma espécie de laboratório feminista, totalmente envolvido em partidos de esquerda e com grupos que integraram à luta armada, é porque as mulheres estavam, efetivamente, reconhecendo a necessidade de embates, não só com armas em punho. Se o *Nós Mulheres* é lembrado pelo amadurecimento do pensamento feminista, é porque contexto de ditadura já estava sendo transformado. Se o *Mulherio* é lembrado porque fez parte e ajudou a construir um feminismo de cunho acadêmico, é porque é um campo que mais fortalece os estudos de gênero e estudos feministas é o acadêmico, e essa história é recente (...). (CRESCÊNCIO, 2016, p.126)

O processo de anistia política e reforma partidária propiciou um panorama de maior participação política, o que significou novos rumos para o movimento feminista. A discussão para as temáticas da sexualidade e a saúde da mulher se tornaram

⁶³ Para mais informações sobre a imprensa feminista: CARDOSO,2004.

discussões relevantes para buscar o atendimento as mulheres através de pautas políticas, realização de encontros e discussões em eventos feministas em lugares de acesso ao grande público como programas de televisão⁶⁴. O que significa, que o objetivo era a implantação de uma política feminista em diversos setores da sociedade, através do Estado.

Deste modo, a parte inicial desse capítulo teve a proposta de reconstruir o contexto histórico do feminismo brasileiro das décadas de 1970 e 80 ressaltando a relação estabelecida entre Rose Marie Muraro e o feminismo do período, bem como seu papel no interior das instituições e grupos feministas criados naquele momento. Com base nos principais acontecimentos e organizações feministas, foram utilizadas fontes históricas para demonstrar as atuações de Rose com as feministas para a defesa de pautas importantes para o feminismo brasileiro, principalmente no CMB, Conselho Nacional das Mulheres e o CNDM.

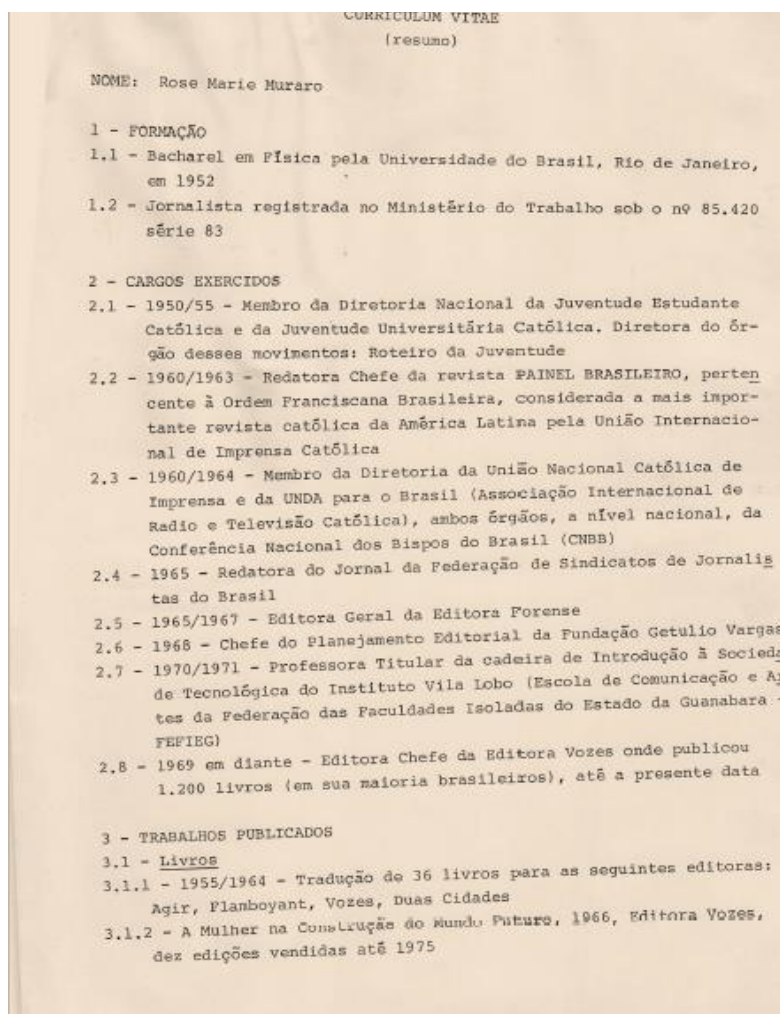
2.2- O “batismo de fogo” para o feminismo: correspondências do início da relação de Rose com o feminismo

A segunda parte do capítulo propõe apresentar a trajetória feminista de Rose, através do seu papel como intelectual mediadora. O objetivo é compreender através da sua autobiografia e correspondências (ICRM) o diálogo de eventos, obras e livros feministas. As correspondências analisadas foram digitalizadas pelo Instituto Rose Marie Muraro e totalizaram dezenove pastas, sendo elas: 1960-63 (6 arquivos), 1966 (16 arquivos), 1967 (39 arquivos), 1968 (27 arquivos), 1969 (12 arquivos), 1971 (10 arquivos), 1972 (31 arquivos), 1973 (3 arquivos), 1974 (4 arquivos), 1975 (4 arquivos), 1976-1979 (112 arquivos), 1976 (11 arquivos), 1976 (17 arquivos), 1977 (68 arquivos), 1978 (86 arquivos), 1968-1993 (90 arquivos), 1979 (105 arquivos), 1980 (43 arquivos), 1981 (26 arquivos).

⁶⁴ Rose ressaltava a importância da discussão da sexualidade no programa TV Mulher: “Conheci Eduardo Suplicy no início dos anos 70, por intermédio do Luís Carlos Bresser Pereira. E Marta, que entrou no feminismo por minha influência. No fim dos anos 70, ela tinha um quadro num programa de televisão da TV Globo, o TV Mulher. Eu me apresentei muitas vezes nesse programa. Foi quando o feminismo se difundiu na cultura de massas. Isso foi o início dos anos 80, mas vale falar agora para se ter uma visão mais abrangente do que foi a luta feminista. Era nesse programa que Marta Suplicy ensinava sexualidade ao povo. O programa chegou a atingir dois milhões de pessoas, e era muito importante como fator de consciência do corpo.” (*MMI*, 1999, p. 181).

O propósito ao examinar as fontes foi entender a construção da sua identidade feminista através da sua trajetória como intelectual mediadora nas décadas de 1970 e 80. Para isso, a metodologia aplicada retomou a auto definição de Rose presente na autobiografia através dos termos “feminismo de intuição” (MMI, 1999, p.118/120) e “Um Batismo de Fogo para o Feminismo” (MMI, 1999, p.143/213), apresentados no primeiro capítulo desta dissertação. Com isso, traçamos nas correspondências as relações em sua trajetória que culminaram principalmente no seu papel como escritora de livros feministas e assessora editorial da Editora Vozes, caracterizando como agente participativa do processo histórico do feminismo brasileiro nas décadas de 1970 e 80.

De modo compreendê-la como uma intelectual mediadora (GOMES; HANSEN, 2016), recorreremos ao Curriculum Vitae de Rose datado de 1984 que apresenta a sua trajetória profissional e acadêmica principalmente as suas atividades feministas.



- 2 -

- 3.1.3 - Automação e o Futuro do Homem, 1968, Editora Vozes, 5 edições até 1975
Ambos estes livros foram proibidos pela Censura do Governo Brasileiro, em 9/10/1975
- 3.1.4 - Libertação Sexual da Mulher, 1970, Editora Vozes, 4 edições
- 3.1.5 - Sexualidade da Mulher Brasileira-Corpo e Classe Social no Brasil, como resultado de pesquisa financiada pela Fundação Rockefeller, em 1979, e pelo Ministério da Educação e Cultura, 1980. O livro alcançou 4 edições em 1983, tendo entrado para a lista dos mais vendidos do Brasil (O Globo, Folha de São Paulo, Veja e outros), durante 26 semanas. O dossier (incompleto) do livro, referente a 1983, contém:
2 reportagens em jornais internacionais
9 reportagens em revistas brasileiras de grande tiragem
22 reportagens em primeiras páginas de jornais nacionais (de capitais) e
67 reportagens outras.
Os lançamentos nos vários estados brasileiros foram patrocinados por Assembléias Legislativas, Câmaras de Deputados, Câmaras de Vereadores, Comissão Justiça e Paz, Ordem dos Advogados do Brasil, Partidos Políticos, além de Associações de Mulheres
- 3.2 - Artigos
- 3.2.1 - REVISTAS - Cerca de 90 artigos publicados nas maiores revistas do País, como: Manchete, Nova, Pais e Filhos, Realidade, Visão, etc
- 3.2.2 - JORNAIS - Autora de centenas de artigos publicados nos maiores jornais do País, incluindo Correio da Manhã, Jornal da Tarde, Estado de São Paulo, etc.
1974/75 - Foi crítica literária do Jornal do Brasil
1976/77 - Escreveu para a página "As Cariocas", publicada em 12 capitais brasileiras, com cerca de 1 milhão de leitores. Atualmente, é colaboradora da Folha de São Paulo.
- 4 - ATIVIDADES FEMINISTAS E OUTRAS
- 4.1 - 1971 - Trouxe, através da Editora Vozes, a escritora Betty Friedan ao Brasil, cujo livro The Feminine Mystique publicou em português. A partir dessa data foi convidada por instituições de todo o País para

- levar o problema da mulher, antes que se formassem os primeiros grupos feministas no Brasil.
- 4.2 - Conferências: A partir de 1971 foi convidada por inúmeras universidades brasileiras para fazer conferências ou ciclos de palestras sobre a questão da mulher no Brasil. Entre elas: Universidade do Ceará, do Piauí, de Pernambuco, de Brasília, de Minas Gerais, de São Paulo, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, PUC-RJ, PUC-SP e outras inúmeras instituições.
- 4.3 - Grupos Feministas: A partir de 1975 ajudou a fundar os principais grupos feministas do Brasil. Entre eles: o Centro da Mulher Brasileira e o Centro de Desenvolvimento da Mulher Paulista, ambos sob os auspícios das Nações Unidas.
- 4.4 - Prêmios recebidos: Eleita MULHER DO ANO pelos Jornais O Globo, Correio da Manhã e Mundo Ilustrado, em 1971.
Eleita MULHER DO ANO pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, em 1977.
Em 1981, em São Paulo, homenageada no dia 8 de março por 10.000 operárias reunidas em evento patrocinado pelo Centro da Mulher Brasileira (setor São Paulo) como "A mulher que mais se destacou na década de 70 na luta pela Condição da Mulher".
1984 - MULHER DO ANO, prêmio concedido pelo Clube Nova Mulher (São Paulo).
- 4.5 - Cerca de 150 entrevistas em rádios, jornais e televisões brasileiras sobre o problema da mulher.
- 4.6 - Palestras e debates em Sindicados, Associações Profissionais e outras
- 4.7 - Participou de inúmeros congressos nacionais e internacionais.
- 5 - ASSOCIAÇÕES A QUE PERTENCE
- 5.1 - Membro da Diretoria do Centro da Mulher Brasileira
- 5.2 - Membro Suplente da Diretoria do Sindicato dos Escritores do Município do Rio de Janeiro
- 5.3 - Membro da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência
- 6 - VIAGENS INTERNACIONAIS
- 6.1 - 1977 - Recebeu um Fulbright Fellowship. Deu aulas durante um semestre na área dos Five Colleges (Smith Colleges, Amherst College, Universidade de Massachusetts, Mount Holyoke College, Hampshire College) nos quais também participou de diversos eventos e conferências. Além destes, fez conferências em Cornell, Universidade da Pensilvânia em Pittsburgh, Shaw e Duke em North Carolina, NYU, Storrs-Connecticut, Yale Rutgers, e na área do Alabama Consortium for Advanced Education.

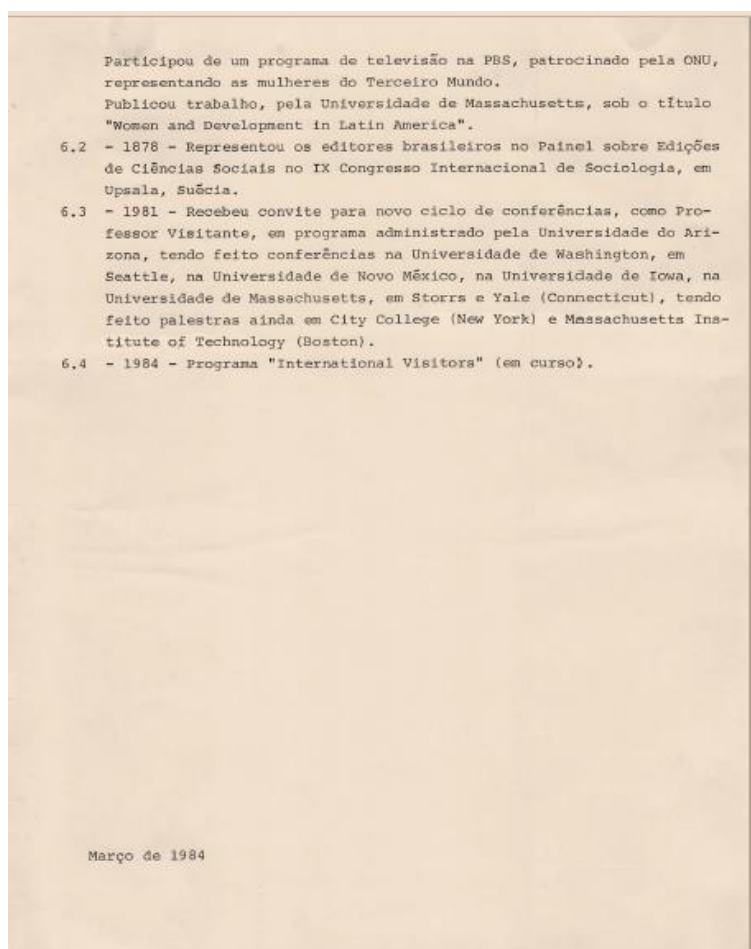


Figura 11: Curriculum Vitae de Rose de março de 1984. Fonte: DP 003- Vida Acadêmica de Rose Marie Muraro (parte 1), p.43/46. Acervo: ICRM.

O currículo tem 4 páginas divididas em: formação, cargos exercidos, trabalhos publicados, artigos, atividades feministas, associações a que pertence e viagens internacionais. Na primeira parte de formação, ela se apresenta como bacharel em física mesmo que não tenha concluído e cita o seu registro como jornalista. Em relação, aos cargos exercidos aborda o seu início na década de 1950 como membra da diretoria Nacional da JEC e JUC e ressalta o início do seu cargo como editora chefe na Editora Vozes em 1969. Os seus trabalhos publicados abordam suas produções intelectuais que se iniciam na década de 50 através da tradução de livros e depois listam as publicações e edições de seus livros e as repercussões em revistas e jornais.

A parte sobre seus os artigos ocupa pouco espaço em seu currículo, porém não menos importante pois faz questão de elencar a suas principais atuações em relevantes revistas e jornais do país nos quais escreveu artigos. As atividades discorrem sobre a:

publicação do livro da Betty Friedan, debates sobre a mulher em universidades brasileira após a publicação do livro, grupos feministas que ajudou a fundar (CMB e o Centro de Desenvolvimento da Mulher Paulista), prêmios recebidos, entrevistas em meios de comunicação sobre a mulher, e congressos nacionais e internacionais. A sua atuação nas associações a que pertenceu se resume como: membro diretora do CMB, membro suplente da Diretoria do Sindicato dos Escritores do Município do Rio de Janeiro e membro da Sociedade Brasileira Progresso da Ciência.

Com relação a parte que aborda os seus trabalhos publicados, o seu interesse recai em detalhar a importância do livro *SMB*. As informações trazidas sobre o livro referem-se ao financiamento, número de edições e repercussões do lançamento em jornais e revistas, como consta no trecho a seguir:

A Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil, como resultado de pesquisa financiada pela Fundação Rockefeller, 1979, e pelo Ministério da Educação e Cultura, 1980. O livro alcançou 4 edições em 1983 tendo entrado para a lista dos mais vendidos do Brasil (O Globo, Folha de São Paulo, Veja, outros), durante 26 semanas. O dossiê (incompleto) do livro, referente a 1983, contém: 2 reportagens em jornais internacionais, 9 reportagens em revistas brasileiras de grande tiragem, 22 reportagens em primeiras páginas de jornais nacionais (capitais) e 67 reportagens outras. Os lançamentos nos vários estados brasileiros foram patrocinados por Assembleias Legislativas, Câmaras de Deputados, Câmaras de Vereadores, Comissão Justiça e Paz, Ordem dos Advogados do Brasil, Partidos Políticos, além de associações de mulheres. (ICRM, 1984, p. 44)

Como último destaque do seu currículo, para fins desse capítulo, temos a apresentação das suas viagens aos Estados Unidos, que teve como objetivo ministrar aulas, palestras e conferências. Destacamos, a sua viagem em 1977 aos Estados Unidos através da Bolsa da Fundação *Fulbright Fellowship*⁶⁵, pois proporcionou elaborar o projeto de pesquisa do livro *SMB* com Iêda Wiard⁶⁶. Evidencia-se também que algumas universidades citadas por Rose foram confirmadas nas correspondências analisadas.

Desta forma estes dados são relevantes para introduzir questões sobre o livro que serão discutidas neste capítulo e no próximo. Ainda neste capítulo, analisaremos as várias correspondências que abordam o processo de elaboração do livro enviadas por Iêda Wiarda, como por exemplo sobre o financiamento pela fundação *Rockefeller*⁶⁷. E

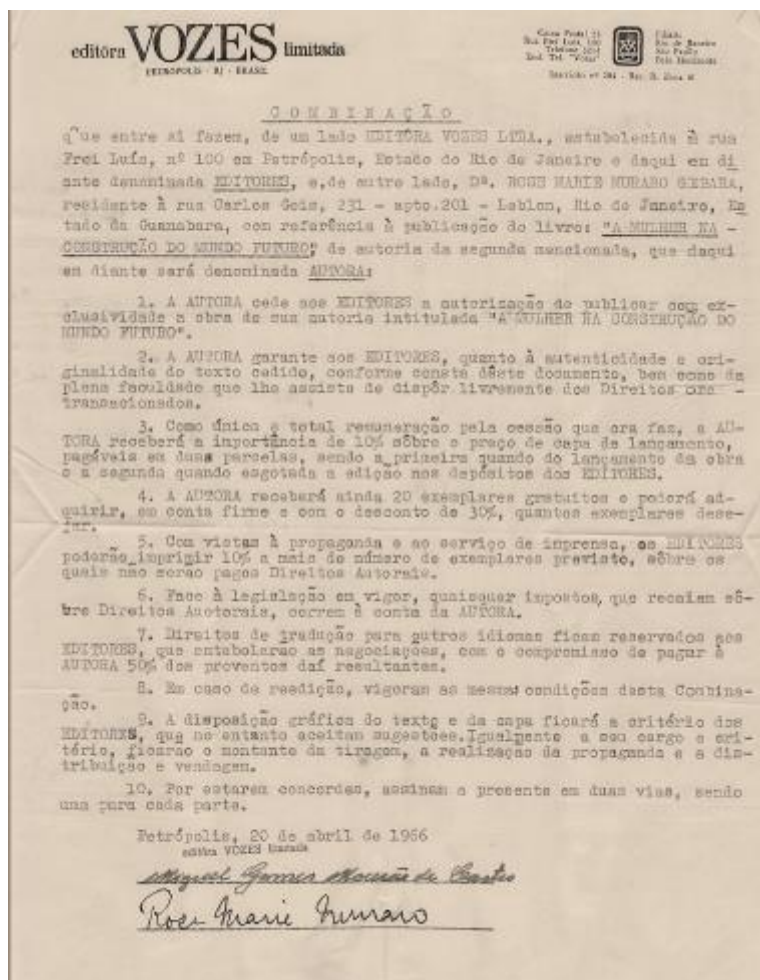
⁶⁵ Para maiores informações da Fundação *Fulbright*, disponível em: < <https://fulbright.org.br/bolsas-para-brasileiros/>>. Disponível em: 28 de novembro de 2020.

⁶⁶ Para mais informações: < <https://www.loc.gov/loc/lcib/9712/wiarda.html>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

⁶⁷ Para saber mais, ver: < <https://www.rockefellerfoundation.org/about-us/our-history/>>. Acesso em: 19 dez 2020.

no capítulo 4 o livro *SMB* será apresentado, principalmente as coberturas dadas em reportagens publicadas em jornais e revistas para compreender a difusão de ideias feministas na sociedade brasileira.

No documento dos direitos autorais do livro de 1966, foram ressaltados os critérios da publicação do livro e os direitos referentes a relação entre a editora Vozes e autora. Os detalhes do pagamento foram destacados, sendo que a editora se propôs a pagar dez por cento do valor da venda do lançamento do livro em duas parcelas. No entanto, a impressão de livros relativos à propaganda da Editora ficaria isento do pagamento de direitos autorais. Por fim, ressaltou que a tradução do livro para outros idiomas ficaria ao encargo da editora, no estabelecimento do valor de cinquenta por cento do pagamento para a autora.



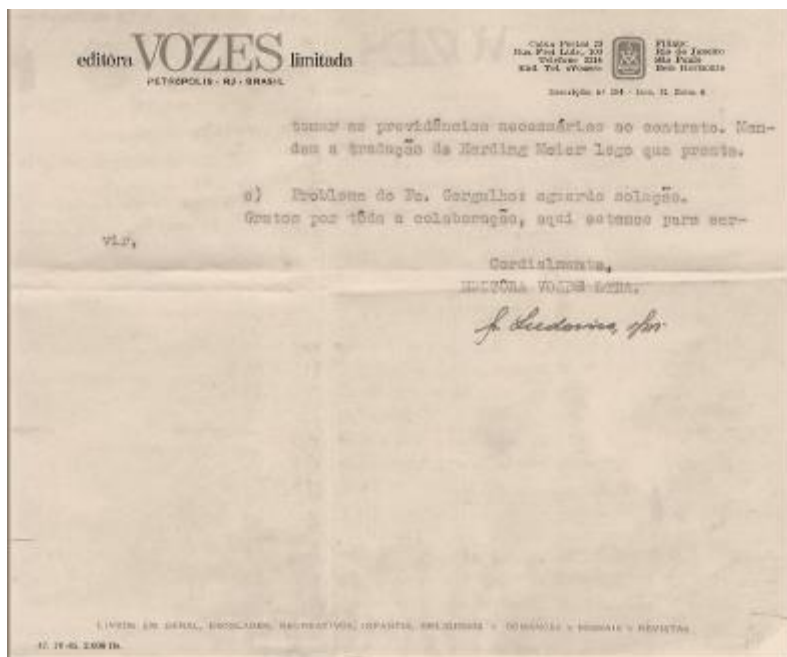


Figura 12: Documento dos direitos autorais do livro MCM. Fonte: DP 001- Correspondências de 1968 (digitalizado), p. 3-4. Acervo:ICRM.

Este documento é importante para compreender a percepção de Rose como “feminista de intuição”, abordado no primeiro capítulo da dissertação. A auto definição como “feminista por intuição” se desenvolveu com a publicação do livro *MCM* na Editora Vozes. Seu destaque na autobiografia foi de que o seu objetivo no livro *MCM* foi de interpretar a tese de um livro francês não citado, que menciona: “um país não se desenvolve se não desenvolver suas duas metades, a feminina e a masculina” (*MMI*,1999, p.119). Rose também abordou a relação da venda do livro com o começo da sua vida pública, ao referir que o livro “(...) vendeu dez mil exemplares em três meses. Foi o segundo livro mais vendido da Editora Vozes, sem nenhuma promoção, sem nada. Foi o boca-a boca. (...)”. (*MMI*,1999, p.119)

De acordo com as fontes pesquisadas não foi possível certificar os dados de venda do livro citado na autobiografia. No entanto, o fundamental é analisar a sua própria percepção de entrada na vida pública através do livro e a construção da sua identidade feminista⁶⁸ nas décadas de 1970 e 80.

As correspondências da década de 1970 e 80, apresentaram as relações de Rose com militantes feministas, sendo que as cartas encontradas sobre essas relações tiveram como referência a partir de 1971. Nas cartas recuperadas no arquivo apenas duas brevemente citaram Betty Friedan. A primeira foi enviada por Lúcia de Campina

⁶⁸As partes “Nascimento de uma Bruxa” e “Ressurgindo das Cinzas” são importantes para compreender a definição de Rose como feminista e atuação nos espaços sociais feministas. (*MMI*, 1999, p.143-304).

Grande, (Lúcia, 28 de março.1971, p.5-6) de março de 1971, uma médica ginecologista e a outra por Heleieth Saffioti. A carta de Lúcia, apresentou um estilo de escrita formal diferente das cartas de Saffioti que apresentaremos posteriormente.

Campina Grande, 28 de março de 1971.

Exm. Sra.
ROSE MARIE MIRABO
Diretora do Departamento de Relações *Ext. Soc.*
da Editora VOZES Ltda.

Distinta Senhora:

Tomo a liberdade de dirigir-lhe algumas linhas por confiar em sua cultura e discernimento e pretender ouvir sua valiosa opinião.

Apresentando-me, de início, sou uma médica ginecologista e citologista interessada em problemas sociais e particularmente em trabalhos que se propõem a tornar a mulher mais consciente de seus valores e potencialidades e a suportá-la para a dimensão social da pessoa humana.

Infelizmente, aqui entre nós, a grande maioria das mulheres, inclusive mesmo algumas formadas, não trabalham, resumem sua vida ao doméstico e vivem presas a toda sorte de preconceitos sociais e religiosos. Há cerca de quase três anos, iniciei reunindo no meu apartamento amigas, sobretudo de nível universitário, para em grupo informal, analisarmos nossa realidade social e possibilidades de mudança. O grupo de reflexão foi aos poucos aumentando e já conta hoje com um razoável número de profissionais e sobretudo universitárias, embora um grande número continue ainda em certo modo de serem censuradas pois o nosso movimento não é bem compreendido pela maioria dos homens que só pensam em termos de libertinagem e patriarcado.

Com toda certeza, não sou a mais capacitada (pelo contrário, me sinto muito nas condições para dirigente) porém devo confessar que ninguém me excede em entusiasmo e todas sentem que não estão interessadas em ser líder nos trabalhos visando diretamente um ideal, razão por que tenho me mantido por tanto tempo à frente do grupo, mesmo a contra gosto. Aliás, constitui uma única exceção entre as duas médicas que residem aqui pois não tenho conseguido ainda motivá-las como também às estudantes e profissionais das demais carreiras científicas e técnicas, para esse trabalho.

Entretanto, apesar da pouca receptividade, mesmo pelas próprias mulheres, sinto um dever quase que "sagrado" de, nessa região sub-

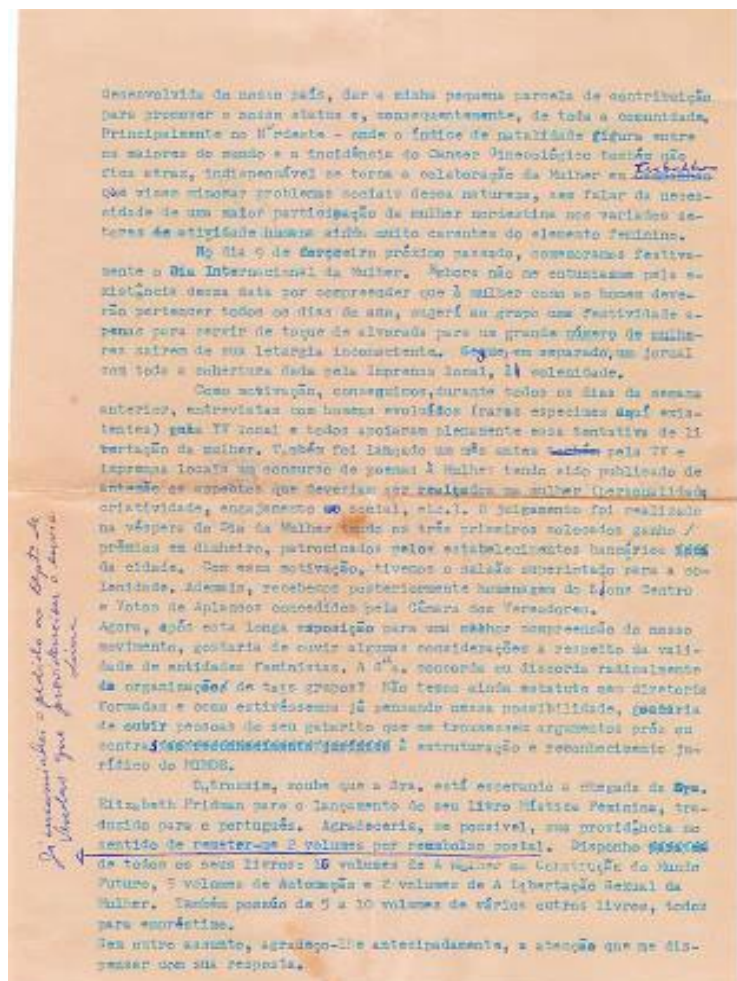


Figura 13: Carta de Lúcia para Rose. Campina Grande, 28 de março de 1971. Fonte: DP 001- Correspondências de 1971 (digitalizado), p.5-6. Acervo: ICRM.

As formalidades são apresentadas na carta, como o termo “distinta senhora” ao retratar as relações profissionais presente no próprio cabeçalho que exibiu Rose como “Diretora do Departamento de Edições” da Editora Vozes. No tocante ao conteúdo da carta, Lúcia inicialmente se apresenta com cautela ao dizer “tomo liberdade de dirigir-lhe algumas linhas por confiar em sua cultura e discernimento e pretender ouvir sua valiosa opinião” (LÚCIA, 28 de março. 1971, p.5). Como também se definiu como médica ginecologista e citologista que buscava a conscientização das mulheres através do seu trabalho e que também em seu apartamento criou um grupo de reflexão com mulheres universitárias de debates sobre a mulher.

Em uma segunda parte da carta, Lúcia expressou as dificuldades de seu trabalho como médica ginecologista no Nordeste, no que ela denominou de “dever quase que sagrado”, em uma região “subdesenvolvida” contribuir para melhores condições de vida das mulheres nordestinas de amplo índice de natalidade e câncer ginecológico. No

evento das festividades do Dia Internacional da Mulher na cidade, ela discorreu sobre o processo de entrevista com “homens evoluídos” da TV local que apoiavam a libertação da mulher e a elaboração de um concurso de poemas sobre a mulher que foram lançados pela imprensa local no qual receberam prêmios em dinheiros e patrocínios de bancos locais. Com relação ao evento da premiação dos poemas sobre a mulher na sua análise esteve lotado e recebeu votos de aplausos da Câmara dos Vereadores.

Após essa apresentação das festividades do Dia Internacional da Mulher, Lúcia pediu a Rose uma reflexão sobre a “validade de entidades feministas” para a compreensão do seu movimento em Campina Grande. Ela ressaltou que o seu movimento não tinha estatuto e diretoria, porém gostaria de ouvir os conselhos de Rose para conseguir estruturação e reconhecimento. Sendo importante sublinhar que Lúcia não deixou claro na carta os objetivos do seu grupo de reflexão e como este grupo foi importante para a elaboração de uma festividade de representatividade local, pois o destaque dado foi ao seu papel como médica na cidade.

Por fim, terminou expressando com o interesse da chegada da Betty Friedan ao Brasil ao mencionar o lançamento do seu livro e pedir o envio de dois volumes do livro sobre seu custo. Assim como descreveu a leitura dos livros de Rose, sendo citados: *MCM*, *Automação e o Futuro do Homem* e *LSM*, o que demonstrou o seu respeito e admiração profissional.

Na primeira carta de Saffioti, em 1971, há um questionamento sobre as motivações do adiamento do Congresso Nacional de Mulheres e discorreu sobre o objetivo de viajar para os Estados Unidos e coletar dados de organizações feministas norte-americanas. Para isso, pediu ajuda para Rose pois não encontrou acesso a essas organizações feministas pelo Consulado Americano, os endereços da *National Organization of Women (NOW)*⁶⁹, da *Women’s Internacional Terrorist Corporation from Hell (WITCH)*⁷⁰, grupo liderado por Katte Millet entre outros. Desta forma, ela afirmou que Rose tem acesso ou tem como conseguir tais informações e que gostaria que fosse a intermediária para facilitar o diálogo com os grupos feministas norte-americanos. O trecho a seguir exemplifica tais informações:

(...) Estou praticamente resolvida a ir aos Estados Unidos em fins de dezembro para passar 30 a 40 dias, coletando dados junto organizações femininas e feministas. Evidentemente, o meu interesse é muito maior por

⁶⁹ Para saber mais sobre a NOW: <<https://now.org/>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

⁷⁰ Para saber mais sobre a WITCH: <<https://www.topic.com/witches-brew>> Acesso em: 04 jul. 2021.

algumas do que por centenas de outras associações. E neste sentido é que preciso de seu auxílio. O Consulado Americano possui um enorme catálogo, mas, embora publicado em 1970, não traz o endereço da NOW, da WITCH (Women's International Terrorist Corporation from Hell), do grupo liderado pela Kate Millet e outras associações de gênero. Você certamente possui tais endereços ou os meios de consegui-los. (...). (SAFFIOTI, 9 de nov. 1971, p. 4)

No final da carta, Saffioti reporta o pedido de envio de dados dos endereços das associações feministas mencionadas devido a necessidade de realizar contatos antes da viagem aos Estados Unidos. Como também desejava receber um “bilhetinho” especial sobre as brigas que impossibilitaram a realização do Congresso das Mulheres e perguntou se a data foi transferida para o mês de abril de 1971.

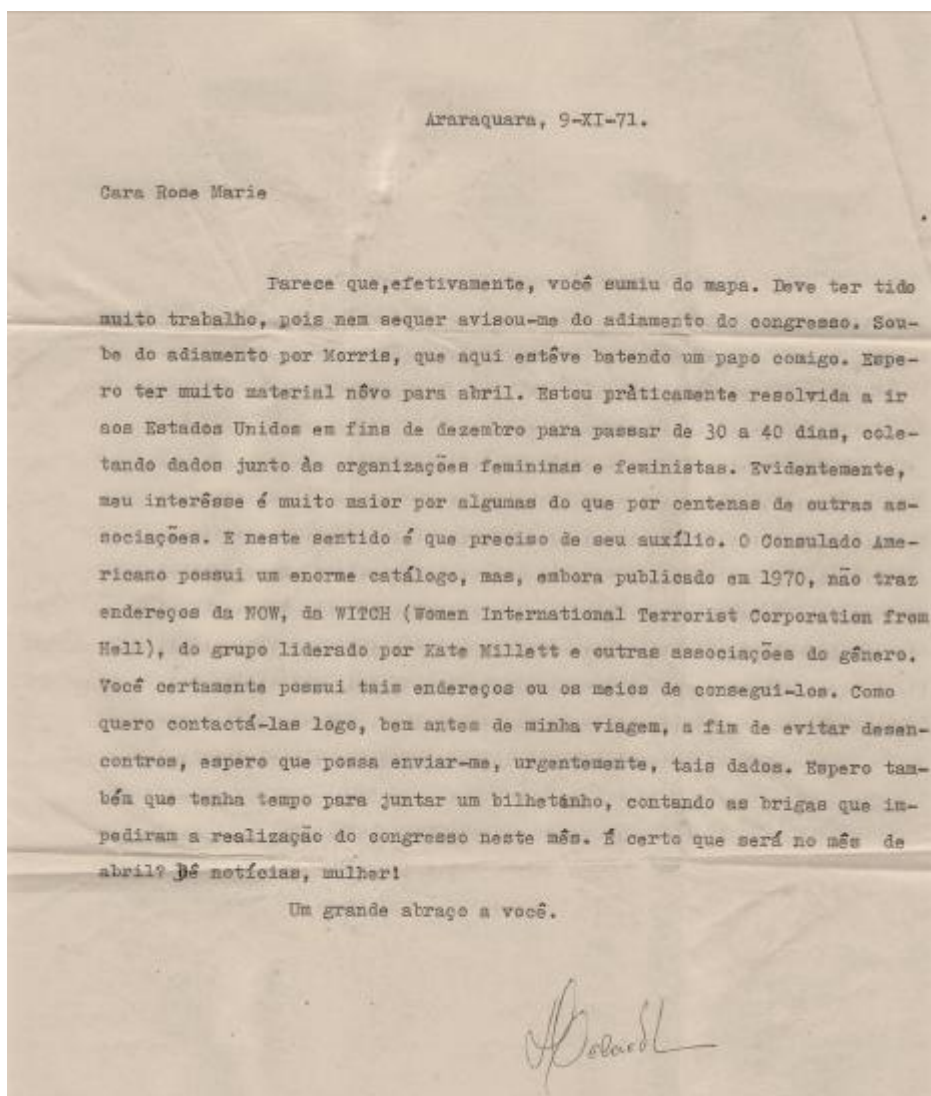
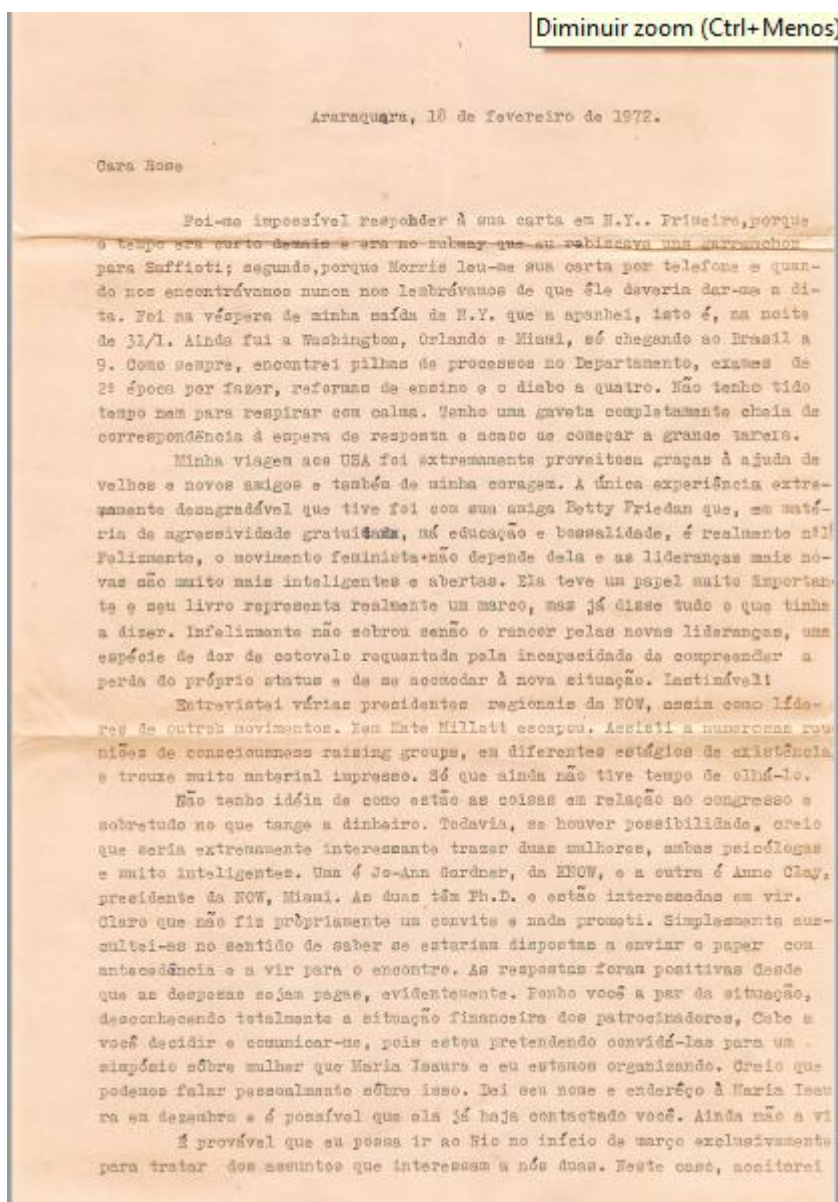


Figura 14: Carta de Heleieth Saffioti a Rose em 1971. Araraquara, 9 de novembro de 1971. Fonte: DP. 001- Correspondências de 1971 (digitalizado), p. 4. Acervo: ICRM.

Na carta de 1972, Saffioti relatou que a viagem aos Estados Unidos foi boa pois entrevistou líderes da *NOW* e outras lideranças como Kate Millet. No entanto citou a experiência desagradável que teria sido o encontro com a “amiga de Rose”, no caso Betty Friedan, abordada na carta de forma negativa segundo Saffioti pela sua agressividade. Para Saffioti, o movimento feminista não dependia mais de Friedan, por mais que seu livro tenha sido importante, o que restou, ao seu ver foi um rancor por ter perdido o espaço por novas lideranças.



sua oferta de hospedagem, pois estou profundamente endividada com esta viagem. Portanto, escreva logo ou telefone. Em caso de ter perdido o nº, oi-lo:4412.

Saffioti tem um livro de "Práticas de Psicodinâmica" quase pronto. Será entre 150 e 200 páginas e, dependendo da rapidez com que possa publicá-lo, o livro será da Vozes. Dê-me alguma notícia a respeito, sim?

Mande-me informações a respeito do congresso, sobretudo temática, para que eu vá pensando, durante minha viagem até o Rio, no que fazer.

Morrin falou-me por cima a respeito das lutas intestinais e, a esta altura, creio que cabe perguntar quais serão efetivamente os patrocinadores do encontro. Outro dado importante para mim é o nº de participantes, com discriminação entre os efetivos e os observadores. Um jornal do Brasil que chegou para uns amigos meus, brasileiros, em Pittsburgh, falava em 100,000 como o nº dos esperados para o congresso. Deve haver um bom exagero do jornal, não? Ou você conseguiu efetivamente tais proporções? Bem, mande-me notícias. Creio que o melhor mesmo seria telefonar. Estou em casa quase sempre à noite e entre 12,30 e 14,00 horas. Até que as aulas comecem, dia 6, raramente mais antes das 9 da manhã. Logo, já sabe quando me encontrar.

Em outubro, em Porto Alegre, fui entrevistada por pessoas que a haviam entrevistado pouco tempo antes. Parece que fazem grandes marcos históricos para a Província de Rio Grande do Sul.

Bem, deixe-me cuidar das 68 cartas que ainda tenho por responder. Um grande abraço de Saffioti a você.

Heleieth

Figura 15: Carta de Heleieth Saffioti para Rose em 1972. Araraquara, 18 de fevereiro de 1972. Fonte: DP 001- Correspondências de 1972 (digitalizado), p.3-4. Acervo: ICRM.

Em segundo momento da carta, ela perguntou sobre o dinheiro recebido para o Congresso de Mulheres com relação, já que Rose era a responsável pela parte de financiadores e pela escolha e suporte dos pesquisadores do evento, pois gostaria que Rose aprovasse a participação de Jo-Ann Carter e a Anne Clay, ambas integrantes da NOW, no Congresso:

Não tenho ideia de como estão as coisas em relação ao congresso e sobretudo no que tange a dinheiro. Todavia se houver possibilidade, creio que seria extremamente interessante trazer duas mulheres, ambas psicólogas e muito inteligentes. Uma é a Jo-Ann Gardner da KNOW, e a outra é Anne Clay, presidente da NOW, Miami. As duas tem PHD e estão interessadas em vir. (...) Mande-me informações a respeito do congresso, sobretudo a temática, para que eu vá pensando, durante a minha viagem até o Rio, no que fazer. (SAFFIOTI, 09 nov.1971)

Também buscou o conhecimento sobre os patrocinadores do Congresso, o número de participantes, porque de acordo com o Jornal do Brasil seria expressivo a temática que seria abordada. E, por fim, outro assunto abordado na carta de forma breve foi a possibilidade de Rose publicar o livro do marido de Saffioti na Editora Vozes com o título “Práticas de Fisiocoquímica”.

Ambas as cartas enviadas por Saffioti diferentemente da carta enviada por Lúcia, esboça uma relação de amizade como em trechos de despedida exemplificados na forma de proximidade em: “dê notícias mulher” e “um grande abraço para você!”. A relação de amizade e profissionalismo entre Rose e Saffioti se confirma em outras cartas que serão analisadas no capítulo em seguida.

A publicação do livro da Betty Friedan foi demarcada por Rose como fundamental para sua identidade feminista⁷¹ e para o feminismo Brasileiro devido a repercussão do livro em jornais e revistas. As cartas encontradas sobre o contexto da chegada de Betty Friedan para publicação do livro *A Mística Feminina* ao Brasil foram poucas, infelizmente não conseguimos cartas trocadas entre Rose e Friedan. Mas com base nessas cartas podemos apresentar os indícios da importância de Rose na sua difusão. De forma conjunta com a análise dos jornais pontuaremos a relevância do livro para o contexto do feminismo brasileiro do período. Na carta de Lúcia, o pedido do livro de Friedan a Rose antes do seu lançamento na Editora Vozes, foi por provável conhecimento da publicação nos jornais o que significa que a repercussão não esteve apenas nos eixos Rio-São Paulo, uma vez que, como informamos anteriormente, ela morava em Campina Grande. E na carta de Saffioti, o termo “amiga de Rose”, discorreu sobre o relacionamento de Rose e Friedan e contextualiza-se ao que Rose denomina de “Finalmente Betty Friedan” (MMI, 1999, p.168/170), ou seja, o processo de chegada da Betty Friedan ao Brasil para a publicação do livro.

Iremos analisar também algumas fontes sobre a divulgação do livro *A Mística Feminina*. Em uma busca na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional⁷², com o nome da “Betty Friedan” foram recuperadas 487 ocorrências em 209 acervos e com o nome do livro “Mística Feminina” foram recuperadas 499 ocorrências em 209 acervos.

⁷¹ “Minha entrada no feminismo foi original e teórica. Madre Cristina me dera *The Feminine Mystique*, de Betty Friedan, em 1969. Quando acabei de ler pensei: “Acho que os Estados Unidos são uma sociedade em que alguma coisa vai acontecer. E uma sociedade em que o homossexualismo deve ser forte. Porque aquelas mulheres autoritárias, aquelas *moms*, só podem ser mães de homossexuais, não é possível! Vou traduzir esse livro!”. Assim fiz, e ele foi publicado em 1971”. (MMI, 1999, p.166).

⁷² Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> . Acesso em: 28 dez. 2020.

2.3- A divulgação do livro *Mística Feminina* nos jornais brasileiros

A vinda da Betty Friedan ao Brasil no contexto de comemorações dos 70 anos da Editora Vozes é referida no jornal do Brasil em 1971 (Jornal do Brasil, edição 00008, 1971). O jornal destaca que para o lançamento do livro seria promovido debates e encontros com reuniões de imprensa com a participação de Rose e Heloneida Stuart. Nessas reuniões do livro, Betty Friedan explicaria sua atuação de destaque no movimento feminista nos Estados Unidos. A imagem a seguir apresenta uma reunião de mulheres na redação do jornal do Brasil, com a presença de Rose e Betty Friedan.



Figura 16: Rose ao lado de Betty Friedan no Jornal do Brasil. Fonte: Acervo pessoal.

A reportagem “Betty Friedan em Debate: Ação e Reação” (Jornal do Brasil, edição 00008, 1971) detalhou o encontro de duas horas e meia no Jornal do Brasil, de Betty Friedan com sete mulheres⁷³ jornalistas, psicólogas, escritoras, advogadas e donas de casas sobre a situação da mulher. O debate entre essas mulheres, apresentou uma estruturação de uma conversa entre mulheres sobre suas experiências e desafios para a

⁷³ As sete mulheres que participaram do debate foram: Isabel Montero, Rose, Heloneida Stuart, Suzane Wacman, Carmem da Silva, Léa Maria Aarão Reis e Romy Medeiros Fonseca.

Figura 17: “Betty Friedan em Debate: Ação e Reação”. Fonte: *Jornal do Brasil*, edição 00008, ano 1971. Disponível: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Inicialmente, Friedan exibiu a sua trajetória como psicóloga, jornalista que fundou em 1966 a *NOW* e escreveu o livro *Mística Feminina* com o propósito de criticar a opressão masculina e a submissão feminina. Ela apontou que o livro teve impacto pois conseguiu transparecer o problema recorrente das mulheres norte americanas no início dos anos de 1950, em suas palavras:

(...) constituía um único objetivo: uma bela casa, filhos, marido e carro. Ou adotaram a Mística Feminina, fazendo o pão em casa e educando as crianças – sentiam então esse vazio interior ao qual não sabiam dar um nome – ou resolviam trabalhar, como muitas mulheres, mas sentindo tamanha culpa por estar traindo sua feminilidade, que não podia ganhar também desta maneira (*Jornal do Brasil*, edição 00008, 1971).

A primeira parte da reportagem apresentou a trajetória de Friedan e suas ideias do livro, enquanto em seguida foi exibido um debate entre ela e as sete mulheres indicadas pelo jornal. Friedan, preliminarmente analisou a conjuntura do movimento feminista norte americano atrelado a luta pela igualdade, principalmente através da eliminação da discriminação do sexo de forma legal e constitucional. Ao exemplificar através da lei do aborto de Nova York, a garantia de igualdade de trabalho para ambos os sexos na constituição e o aumento da oferta de creches para as crianças, o que ao seu ver contribuiu para que as mulheres exercessem suas profissões.

A partir da temática abordada por Friedan da lei do aborto de Nova York, Rose questionou sobre a possibilidade de a mulher ter o controle do seu próprio corpo antes de praticar o aborto. A explicação dada por Friedan reafirmou os perigos do aborto ilegal uma vez que, apesar de mulheres ricas ou pobres realizarem o aborto, o aborto ilegal coloca em risco sobretudo as vidas das mulheres pobres que não tem condições financeiras de praticar um aborto seguro. E sobretudo, destacou o direito da mulher de decidir sobre o seu corpo, pois a questão do aborto deveria ser uma escolha definitivamente da mulher:

Deixemos claro o seguinte: deve ser deixado à mulher decidir- caso sua consciência religiosa não permita, o problema é dela. Mas que ela tenha ao menos o direito de decidir. Eu não sou católica, mas, mesmo que fosse, gostaria de poder levantar à minha voz. Não queria que o meu corpo, o meu processo reprodutor fosse decidido somente por homens (*Jornal do Brasil*, edição 00008, 1971).

Rose discordou de Friedan ao apresentar uma opinião que analisava que a decisão do aborto deveria ser dada por um acordo entre o homem e mulher na relação. No que Friedan reafirmou a defesa do controle da reprodução pela mulher, na preservação da saúde das mulheres e proteção de um aborto seguro ao ressaltar: “(...) me preocupa o pouco valor que se dá à mulher, à sua vida, através dos defensores do feto. O feto com um dia de vida, não pode ou um minuto, ou seis meses, terá supremacia sobre a vida (...)” (Jornal do Brasil, edição 00008, 1971).

Heloneida Stuart teceu o seu comentário a respeito da sua experiência sobre a situação das mulheres brasileiras, nas regiões desenvolvidas de São Paulo e Guanabara (Rio de Janeiro). Com base na sua experiência, caracterizou que o principal problema brasileiro era o subemprego, e nesse sentido apontou as dificuldades para inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro:

No Brasil de cada 10 mulheres, só duas trabalham. O mercado de trabalho é escasso, em todo o interior existe o que chama de subemprego, ou seja, o trabalho que o homem faz apenas para sobreviver. Fica muito difícil para a mulher postular esse subemprego, que nem satisfaz aos homens. Como vão as mulheres, que não estão preparadas para isso, querer o emprego dos homens? Sem uma profunda mudança econômica, fica difícil a colocação do nosso problema feminino (Jornal do Brasil, edição 00008, 1971).

Carmem da Silva também fez sua avaliação através de sua experiência com mulheres de classe média no qual recebia correspondências na revista⁷⁴ em que trabalhou. Segundo esses apontamentos iniciais de sua experiência individual, ela retratou as diferenciações dos problemas estruturais da economia dos Estados Unidos e do Brasil. Em relação aos Estados Unidos, destacou o modelo de sociedade capitalista, em oposição ao modelo econômico brasileiro que caracterizou de pré-capitalista exemplificado em uma sociedade periférica. Baseado nesse modelo de sociedade periférica brasileira, analisou que algumas reivindicações apresentadas na sociedade norte americana deveriam ser readaptadas a realidade sócio-política brasileira:

Então há um certo tipo de reivindicação que aqui não teria razão de ser. Por exemplo, a igualdade de remuneração. Para igual trabalho, igual salário: é um absurdo porque o homem aqui é pessimamente remunerado. Se nós temos um salário mínimo que não cobre as necessidades mínimas vitais, não vejo necessidade de a mulher reivindicar igualdade nesse terreno. Seria preciso que ela reivindicasse junto com o homem o salário justo e não apenas igual (Jornal do Brasil, edição 00008, 1971)

⁷⁴ Mesmo Carmem da Silva não ter citado a revista, a referência é a revista Cláudia no qual publicou o livro *A arte de ser Mulher* (1966).

Outro aspecto destacado por Carmem Silva foi o papel da conscientização da mulher através do rompimento da dupla alienação vivenciada na sociedade: uma alienação experimentada por todos devido a desigualdade social e uma específica do seu sexo. E com base em sua experiência, sublinhou o seu papel na conscientização feminina no Brasil ao dizer que foi a primeira intelectual a citar o livro *Mística Feminina* em 1965 baseado em uma leitura de um artigo de uma revista estrangeira. No entanto, apontou as dificuldades em modificar a estrutura da sociedade brasileira devido a quantidade de grupos oprimidos.

Romy Medeiros acentuou a sua experiência na área jurídica da mulher brasileira, ao mencionar que em 1949 quando era advogada percebeu a realidade da mulher em viagem ao exterior acompanhada do marido. Ao observar que o código civil “(...) classificava as mulheres como menor ou silvícolas; a mulher não tinha vontade por si própria o direito de agir. Ela podia ter sua profissão cassada pelo marido, não tinha direito a domicílio próprio, não tinha vontade (...)” (Jornal do Brasil, edição 00008,1971), se engajou na luta para modificar a situação jurídica das mulheres no Brasil.

De acordo com o documento do código civil cujo conteúdo demonstrava desigualdade de gênero, Romy através do Instituto dos Advogados se aproximou de Associações Femininas para colaborar com mudanças jurídicas. E por causa dessas relações dentro das associações femininas, foi designada a representar o Brasil na Conferência Interamericana de Mulheres. Todavia não pode marcar sua presença, sem antes pedir permissão ao seu marido, devido a condição da mulher casada determinada no código civil. Desta forma, nesta Conferência, ela e outras representantes da América Latina perceberam a necessidade de reformularem o código, ao sublinhar:

(...) O anteprojeto de lei foi aprovado em 1952 pela Conf. Interamericana de Mulheres OEA, aqui no Rio, em seguida apresentada no Senado Federal. Demorou de 52 a 57, quando fui chamada a defender o anteprojeto no Senado. Claro que o projeto foi muito comentado e apareceram para ele vários autores, vários políticos que se diziam os pais da criança. Mas eu fiz questão de deixar bem claro que esta era a primeira lei feita por mulher, no Brasil, demonstrando que a mulher era capaz também disso. Em 1962, finalmente, foi aprovada a nova lei, baseada nesse projeto (4121), que considera mulher casada não relativamente incapaz, mas com plena capacidade, pelo menos legal (...). (Jornal do Brasil, edição 00008,1971)

Por fim, Friedan evidenciou o papel da ação no processo da libertação das mulheres, ao exemplificar que a experiência das brasileiras nas creches possibilitou melhorarem as condições sociais excludentes, em suas palavras: “(...) a experiência de vocês com as creches, por exemplo, fazendo cumprir uma lei, isto é ação, é tomada de posição no sentido de mudar uma condição existente (...)” (Jornal do Brasil, edição 00008,1971). Destacou também a importância das experiências ouvidas das sete mulheres ao relacionar com sua própria ao sublinhar: “(...) as poucas mulheres que, como vocês ou como eu, conseguiram a sua libertação através do trabalho, da profissão, com dificuldade, é certo são exceções (...)” (idem). E finalizou sua proposta de conscientização das mulheres brasileiras:

(...) a mulher brasileira não é uma força reacionária. Se as jovens da nova geração dirigirem suas consciências como mulheres, não divorciadas do que está acontecendo no país – mas, pelo contrário, como parte dele elas serão as forças de liberação da nação e não a força reacionária. (Jornal do Brasil, edição 00008, 1971)

A publicação do livro *Mística Feminina* no Brasil foi amplamente divulgada nos grandes jornais. Um dos artigos publicados na mídia a respeito do livro foi escrito por Rose, no Jornal do Brasil, com o título “O começo da nova mulher” (Jornal do Brasil, edição 00002, 1971). O artigo informa que Betty Friedan iria participar de um debate no Museu de Arte Moderna, por ação do patrocínio do Jornal do Brasil. Bem como descreve as principais ideias do livro e a sua relação com a conjuntura do feminismo da década de 1960 e 1970. Apesar de não citar a palavra feminismo, algo comum no período, o texto é bem explicativo, sendo a proposta situar o leitor antes do debate.



BETTY FRIEDAN:

O COMEÇO DA NOVA MULHER

ROSE MARI MURARO

A mulher insatisfeita

Quando Friedan escreveu seu livro não imaginava a bondade que lhe caberia. Era um tratado sobre uma doença de muitas faces, feita de raiva, frustração, tristeza e solidão, e a mulher insatisfeita que se tornou o símbolo de uma nova consciência coletiva. Ela não apenas falou de sua própria experiência, mas também de outras mulheres que se sentiam isoladas e desoladas. Ela mostrou que não estava sozinha e que havia outras mulheres como ela. Ela mostrou que a insatisfação não era apenas uma questão de personalidade, mas sim de uma sociedade que não oferecia oportunidades para as mulheres. Ela mostrou que a insatisfação não era apenas uma questão de trabalho, mas sim de uma sociedade que não oferecia oportunidades para as mulheres. Ela mostrou que a insatisfação não era apenas uma questão de família, mas sim de uma sociedade que não oferecia oportunidades para as mulheres.

A revolta

Na década de 1960, as mulheres começaram a se revoltar. Elas não queriam mais ser apenas mães e esposas. Elas queriam ser profissionais, líderes e pessoas com suas próprias vidas. Elas queriam ser respeitadas e valorizadas. Elas queriam ser ouvidas e respeitadas. Elas queriam ser tratadas como seres humanos e não apenas como objetos de desejo ou de cuidado. Elas queriam ser tratadas como pessoas e não apenas como mulheres. Elas queriam ser tratadas como indivíduos e não apenas como membros de um grupo. Elas queriam ser tratadas como seres humanos e não apenas como mulheres.

A mulher manipulada

Quando Friedan escreveu seu livro, ela não sabia que estava escrevendo um tratado sobre a manipulação das mulheres. Ela estava apenas tentando ajudar as mulheres a entenderem suas próprias vidas e suas próprias necessidades. Ela estava apenas tentando ajudar as mulheres a encontrar um caminho para a liberdade e a autonomia. Ela estava apenas tentando ajudar as mulheres a encontrar um caminho para a felicidade e a realização. Ela estava apenas tentando ajudar as mulheres a encontrar um caminho para a vida.

Figura 18: “O Começo da Nova Mulher”. Fonte: Jornal do Brasil, edição 00002, ano 1971. Disponível: Hemeroteca Digital da Biblioteca Digital.

Primeiramente, Rose apresentou Friedan ao leitor como psicóloga e jornalista formada que escreveu o livro que na primeira edição vendeu cerca de três mil exemplares, no entanto três anos depois vendeu um milhão e meio, sendo o livro “elemento catalisador de uma revolução mais profunda gerada na *great society*” (Jornal do Brasil, edição 00002, 1971). O período da década de 1920 até o pós-guerra foi mostrado como um o processo em que as mulheres norte-americanas “(...) lutava pela construção do mundo ao lado do seu companheiro, sem, contudo, abandonar os seus papéis de mãe e esposa (...)” (Jornal do Brasil, edição 00002, 1971), ou seja, a perpetuação dos valores tradicionais femininos. Essa conjuntura foi caracterizada pelo desenvolvimento da sociedade de consumo norte-americana, cuja fabricação de produtos foi destinada majoritariamente as mulheres pois expressava um modelo de feminilidade posto por meio da realização na família, exemplificado nas revistas

femininas no slogan “Ela também pode ser tornar-se a caçadora do homem”. (Jornal do Brasil, edição 00002, 1971)

Rose destacou a tese de Friedan denominada de mística feminina cujo modelo de feminilidade permeava a imagem da perfeita dona de casa, associada a sociedade de consumo no qual as mulheres norte-americanas estavam inseridas. E na década de 1960, a mulher norte-americana não se satisfazia consumindo e tinha o seu papel também diminuído no âmbito da esfera sexual, o que foi argumentado por Friedan, com base em autores como Freud e Margaret Mead que convenciam as mulheres do seu papel tradicional como mães e esposas. Dentre os papéis atribuídos a mulher, a questão da sexualidade era reduzida a um valor sexual e assexual, ou seja, através de uma passividade perante os homens, o papel da mulher era ser uma ferramenta sexual de prazer masculino e, ao mesmo tempo, uma figura assexualizada, através da idealização da mãe dedicada a seus filhos e, por isso, sem prazer sexual.

Os questionamentos dessa situação vivenciada pelas mulheres são descritos por Rose como marco na década de 1970 através de passeatas universitárias que defendiam a libertação feminina com o objetivo de construir uma nova sociedade, pois, segundo o jornal as “(...) mulheres e jovens no mundo inteiro, questionavam com seus próprios seres a milenar instituição patriarcal. (...)” (Jornal do Brasil, edição 00002, 1971).

No final do texto há um posicionamento de Rose sobre a importância do livro para a construção de uma sociedade brasileira pautada em uma nova consciência da mulher, sendo, porém, necessário também “a revolução do homem”. A citação de Rose demonstrou o que seria a transformação da sociedade através da revolução da mulher e do homem:

(...) É, porém, essencial para o desenvolvimento do país e do ser humano a participação maciça da mulher nas estruturas, trazendo novos valores para a sociedade tecnológica. (...) Não é, pois uma nova revolução da mulher que se está processando, mas uma outra revolução muito mais global: a revolução do homem. A libertação da mulher não é mais do que a libertação da mulher e do homem. (Jornal do Brasil, edição 00002, 1971)

2.4- O protagonismo de Rose no Conselho Nacional das Mulheres

A publicação do livro *Mística Feminina* proporcionou vários debates nos jornais sobre o papel da mulher na sociedade brasileira, sendo a discussão da temática feminina também abordada no ano seguinte em 1972, no Congresso Nacional das Mulheres no

que Rose denominou de “O Primeiro Feminismo” (*MMI*,1999,p.170-172). O Congresso foi caracterizado como uma reunião que proporcionou a construção de amizades que possibilitaram a realização do evento:

Em 1970 conheci a Romi Medeiros. Já conhecia Heloneida Stuart, que continuava sendo minha grande amiga. Ela trabalhava na Bloch. Também conhecia a Carmem da Silva, que era da Abril. Elas me davam quanto espaço podiam, porque eu era a louca que fazia o que elas não podiam, então me davam a maior força. (...)Naquela época comecei a conhecer as grandes estrelas, mulheres e homens do Brasil. Então, com Romi, 1972, fizemos o Primeiro Congresso de Mulheres do Brasil. E foi aí que vieram as artistas: Pinky Wainer, filha de Danusa Leão, Odete Lara, Leilah Assunção, que já eram minhas amigas também. (*MMI*,1999, p.170-171)

A importância dada por Rose ao evento se dá por proporcionar condições para o desenvolvimento do debate sobre a situação das mulheres no Congresso Nacional das Mulheres mesmo em período de ditadura militar. Em outras correspondências trocadas por Rose encontramos elementos que nos ajudam a dimensionar o seu papel na organização do Congresso Nacional das Mulheres e a compreender a importância desse evento do para o feminismo brasileiro em um contexto autoritário.

Encontramos cinco cartas, sendo que duas enviadas por Saffioti foram apresentadas anteriormente; a primeira enviada em 09 de novembro de 1971 apresenta o interesse em viajar para os Estados Unidos para realizar sua pesquisa; na segunda, enviada em 1972, relata a viagem e as questões relacionadas ao Congresso Nacional de Mulheres.

A carta de Lilah⁷⁵ de março de 1972, apresentou uma escrita informal característica de uma relação de proximidade exemplificados em: “Querida Rose Marie” e “aqui vai um abraço muito amigo”. O conteúdo da carta exibiu a confirmação da participação de Lilah no congresso, agradecimentos pelo convite e interesse nas particularidades do evento, como ressaltou: “(...) necessito agora é claro, receber os detalhes quanto à data, permanência aí, o Tema (tal qual gostaria que fosse intitulado), e o prazo de entrega. Os demais detalhes, ficam ao teu critério.” (LILAH, 7 de março.1972, p.19)

⁷⁵ Não tive como obter informações sobre a correspondente.

INSTITUTO EDUCACIONAL JOÃO XXIII
 Entidade Mantenedora: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Porto Alegre, 7 de março de 1972

Querida Rose Marie

Espero que tenhas recebido o "Western" através do qual confirmei minha participação no Congresso, para o qual gentilmente me -- convidaste, gesto este que muito me sensibilizou.

Ratificando meus agradecimentos, quero te dizer que teu convite representou, para mim, um incentivo e um apelo. Por isso, se não da houver em contrário, aí estarei na data prevista, enviando-te, antes o trabalho conforme solicitaste.

Necessito agora, é claro, receber os detalhes quanto à data, permanência aí, o Tema (tal qual gostarias que fosse intitulado), e o prazo da entrega. Os demais detalhes, ficam a teu critério.

Quanto ao "nosso convite", para que venhas dar um pouco de ti às nossas Mães dos "grupos de reflexão", é claro que continua de pé. Não te confirmo a data ainda porque os grupos iniciarão seus encontros a 20 de março; só então poderemos acertar os detalhes de tua viagem.

Estadia e passagem correrão por nossa conta. Apenas a época mais oportuna é que não te posso dizer ainda. Mas, aguardamos, confiantes, que estarás conosco o mais breve possível.

Aguardando uma cartinha tua com os dados que solicitei, aqui vai o meu abraço muito amigo

Lilah

Figura 19: Carta de Lilah para Rose. Porto Alegre, 7 de março de 1972. Fonte: DP 001- Correspondências de 1972 (digitalizado), p.19. Acervo: ICRM.

Ela também relembrou a Rose o pedido de participação no seu grupo de reflexão de mães na sua região de Porto Alegre, no que denomina de “nosso convite”, sendo a passagem e estadia pagos pelo grupo. E termina, solicitando dados sobre o Congresso para serem enviados em uma carta posterior.

A carta de Letícia Lunna⁷⁶ em abril de 1972, evidenciou uma escrita formal e um relacionamento profissional apresentado em termos como “Ilma, Sra” e “Atenciosamente”.

⁷⁶ Não consegui obter informações da correspondente.

Recife, 25 de Abril de 1972

Ilma. Sra.
Rose Marie Muraro

Tomando conhecimento através dos jornais de minha terra, o adiamento do I Congresso Brasileiro de Mulheres, para o período de 2 a 6 de Agosto, época em que o recesso da minha Faculdade de Sociologia e Política se realiza, dando-me oportunidade de comparecer a este certame de cultura, peço-lhe inscrever-me entre as congressistas, como representante de Pernambuco.

Outrossim, peço informações sobre o Congresso e apresentação de Teses.

Atenciosamente,
Leticia Luna

Figura 20: Carta de Letícia Luna para Rose. Recife, 25 de abril de 1972. Fonte: DP 001-Correspondências de 1972 (digitalizado), p.22. Acervo:ICRM.

O objetivo da carta foi anunciar a intenção de participar como uma das congressistas representantes de Pernambuco no Congresso Nacional das Mulheres, para isso Letícia abordou o conhecimento do adiamento do congresso para as datas em que tinha disponibilidade de comparecimento devido ao recesso da sua faculdade. O seu interesse de participação foi bem destacado na carta, porém Letícia não fez uma breve exposição de sua trajetória profissional e acadêmica para que Rose tomasse conhecimento da sua importância para o evento. O conteúdo da carta exemplifica tal análise:

Tomando conhecimento através dos jornais da minha cidade, o adiamento do I Congresso Brasileiro de Mulheres do Brasil, para o período de 2 a 6 de agosto, época de recesso em que o recesso da minha faculdade de Sociologia Política se realiza, dando-me oportunidade de comparecer a este certame de cultura, peço-lhe inscrever-me entre as congressistas, como representante de Pernambuco. Outrossim, peço-lhe informações sobre o Congresso e apresentações de teses. (LUNA, 25 abr 1972, p.22)

A última carta analisada sobre o contexto do Congresso Nacional das Mulheres foi escrita por Teresa Adada Sell⁷⁷.

Ipelise, 25-1-72

Querida Rose

Senti necessidade de comunicar-me com você.

Sou formada em Filosofia pela U.F.S.C. e faço durante dois anos, um estágio a respeito de Mudança Social, no campo da Sociologia para atingir posteriormente a Psicologia Social. Tenho 24 anos, um marido, tenho uma filha.

De repente a gente nota que o pensamento que se vêm criando há tanto tempo, encontra acolhida em tantas outras pessoas, pelo simples fato de estarem pensando analogamente. A primeira expressão a propor idêntica, sintetiza situações interessantes de tantas outras. Talvez seja uma das razões pelas quais você encontrou disponibilidade das mulheres (e homens) de organizarem, em todo Brasil. Parece que de repente todas convergem na mesma direção. Estudando e conversando muito a respeito do papel, da situação da mulher na sociedade atual, encontra-se uma forma inexistente. Parece existir, a própria da pessoa humana, em se realizar como tal, em ser útil à sociedade, desempenhando um papel que vai além do de dona de casa e mãe. Geralmente as mulheres de situação econômica relativamente boa, se bem mesmo, na faixa dos 25 a 35 anos, sem problemas conjugais, felizes tbém com os filhos, é impressionante como o sexo ficou superado para ganhar campo uma busca pela realização.

⁷⁷ Não consegui obter informações da correspondente.

total do ser. São conscientes e nem sempre encontram o caminho.

Depois, o I Congresso Nacional de mulheres, bem acompanhado de uma ansiedade ansiosa, angustiada etc. Algo muito importante para todo o Brasil. E um pesar profundo de não poder participar. E por isso e por não me conformar simplesmente é que resolvi escrever-lhe. Foi-me oferecido um jornal em que poderia escrever. Juntos acho que não adiantava mais eu ficar tirando conclusões próprias, ou em grupo mesmo, podendo, mesmo que de uma forma imperfeita de estilo ou coisa semelhante, deixar dessa tentativa de comunicação mais.

Pensei então em, me por em contato com você, pedir-lhe sugestões, e não sei se de uma forma ou outra, material do I Congresso, me seria possível conseguir. Se tal fosse possível, o material disponível poderia me ser enviado pelo Rembolso Postal. Há muita gente esperando. Todos ficariam imensamente gratos.

Com votos de saúde, meu abraço carinhoso a você

Teresa

P.S. Endereço: Teresa Adada Sell
Departamento de Sociologia,
(do Centro de Educação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Trindade - Ipilic. SE.

Figura 21: Carta de Teresa Adada Sell para Rose. Florianópolis, 25 de abril de 1972. Fonte: DP 001- Correspondências de 1972 (digitalizado), p. 26-27. Acervo: ICRM.

Por mais que esta carta apresente um relato da experiência pessoal de Teresa no feminismo, ela também analisa a importância dada ao evento e o desejo pessoal da disponibilização de materiais apresentados no Congresso.

A carta iniciou com seu relato pessoal, informações privadas do seu estado civil, sua formação e trajetória intelectual. Em seguida a autora discorre que percebeu que as pessoas estavam unidas para discutir sobre a situação da mulher para além dos papéis de dona de casa e mãe, com o sentido de prestar outros papéis a sociedade. Teresa destacou que principalmente mulheres de vinte e cinco e trinta e cinco anos de boa situação econômica e felizes em seus relacionamentos conjugais encontravam-se inseridas no processo de debate sobre a conjuntura feminina no Brasil na década de 1970.

Por fim, sublinhou a importância do Congresso Nacional para apresentar esse debate de ideias sobre a mulher brasileira no período no qual não pode participar, no entanto encerra pedindo os materiais feministas apresentados no Congresso, pois

acredita no diálogo com todas essas apresentações para a construção de seu estudo. Desta forma a carta exibida, sintetiza experiências feministas para além das organizações criadas como o próprio Congresso. Destacamos os trechos a seguir referente a importância dada por Teresa ao Congresso:

(...) Agora, o I Congresso Nacional das Mulheres, vem acompanhado de uma curiosidade ansiosa, angustiada até. Algo muito importante para todo o Brasil. É um pesar profundo de não poder participar. E por isso e por não me conformar simplesmente é que resolvi escrever-lhes. (...)Pensei então eu, me pôr em contato com você, pedir-lhe sugestões, e não sei se de uma forma ou outra, material do I Congresso, me seria possível conseguir (SELL,25 abr.1972, p.27)

Com base nas cartas enviadas a Rose sobre o Congresso Nacional das Mulheres, percebemos o seu protagonismo na realização do evento. Nas cartas de Saffioti, Luna e Lilah observamos o papel de Rose na organização do evento através da responsabilidade com o financiamento, escolha de participantes e suporte aos congressistas. E na carta de Teresa Sell, verifica-se a relevância do Congresso para o debate sobre a mulher brasileira e para seu estudo.

2.5- O papel de Rose como assessora editorial cultural da Vozes

Após a apresentação das cartas referentes ao protagonismo de Rose no Congresso Nacional das Mulheres, é importante sublinhar o seu papel como assessora editorial na Editora Vozes, no que foi destacado na autobiografia nos capítulos *Um Grande Prazer: Editar* (MMI,1999, p.187-188) e na sua *Vocação de Editor* (MMI,1999, p.190-191), títulos que demonstram como seu papel de editora foi ressaltado como importante para sua trajetória de vida e profissional.

Mais uma vez selecionamos um conjunto de cartas que nos auxiliaram a compreender as relações profissionais e pessoais que possibilitaram as publicações dos livros na Editora Vozes e a evidenciar, sobretudo, a importância do seu papel como assessora editorial da Vozes.

Milton Santos⁷⁸, foi um dos intelectuais publicados pelas Vozes e destacado por Rose na autobiografia: “(...) trouxemos todos os grandes intelectuais brasileiros para a

⁷⁸ “Milton Santos nasceu em 1926, em Brotas de Macaúbas, Bahia. Na década de 1950, além de ministrar aulas de geografia, formou-se em direito. Em 1958, doutorou-se em geografia pela Universidade de

Vozes (...) Publicamos Michel Foucault e os sociólogos do CEBRAP (...) levei a Eva Blay (...) por intermédio dela veio o grande Milton Santos (...)” (MMI,1999, p.166-167). Na carta enviada de Milton à Rose em 1979, sublinhou inicialmente seus compromissos de viagem, no entanto, o objetivo principal parece ser o de agradecer o provável encontro com a Vozes para publicação do seu livro não mencionado, ao assinalar que “(...) será com grande prazer, que encontrarei, também, a equipe da Vozes com a qual, parte da qual, jamais tive contato pessoal (...)” (SANTOS,13 de out. 1979, p.82).

Milton Santos
rua Laura Hüller, 95 apt. 1406 B. Anjo
22290 Rio de Janeiro R.J.

sábado, 13 de outubro de 1979

Estimada Rose,

Viajando a semana entrante para Caracas, quero confirmar o nosso encontro para a primeira ou segunda semana de novembro (dias 7 e 8, estarei em Belo Horizonte). Será com grande prazer que encontrarei, também, a equipe da Vozes, com a qual, isto é, parte da qual, jamais tive contato pessoal.

Peço-lhe que examine a possibilidade de sugerir a abertura de uma linha inclusive de problemas chamados espaços: "regionalização", "desconcentração", "metropolização", "conquista de fronteira econômica", "Amazônia"... são assuntos do maior interesse atual.

Logo que chegue dato-lhe um fio, para confirmar nosso encontro.

Apaço
Milton

Figura 22: Carta de Milton Santos para Rose. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1979. DP.002- Correspondências 1979 (digitalizado), p.82. Acervo :ICRM.

Estrasburgo, na França (...). Em 1977, voltou ao país pra atuar na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1984, foi para a Universidade de São Paulo, onde atuou até falecer, em 2001 (...). Sua produção acadêmica possui nítido posicionamento crítico ao sistema capitalista. Algumas de suas obras de destaque são *O Espaço Dividido*, de 1979, *pensando o espaço do homem*, de 1982, e *Por uma nova globalização*, de 2000. Nelas, são discutidos conceitos e problemáticas como globalização, espaço, consumo, tecnologia e desigualdades sociais (...). Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/2017/07/18/milton-santos-biografia-completa-vista/>>. Acesso em: 21 dez 2020.

Por fim, Santos encaminhou algumas temáticas na qual considerava relevante para a publicação de livros na Vozes, condizentes com sua formação de geógrafo ao apontar:

Peço-lhe que examine a possibilidade de sugerir a abertura de uma linha incluindo problemas chamados espaciais: “regionalização”, “desconcentração”, “metropolização”. “conquista da fronteira econômica”, “Amazônia”. São assuntos do maior interesse atual (...). (SANTOS, 13 out. 1979, p.82)

Desta forma, a carta expôs características que antecederam a publicação dos livros do Milton Santos na Vozes, pois ele ainda encontraria a equipe da Vozes para possivelmente conversar sobre o processo da publicação. Com relação ao livro editado e não citado, pela data da carta o livro referido foi *Espaço e Sociedade* (SANTOS, 1979) que teve uma primeira edição em 1979 e uma segunda em 1982.

A função de Rose como editora na Vozes ficou mais evidente nas cartas de Saffioti ao longo dos anos. Para além da relação profissional, a amizade entre as duas mostra-se evidente em virtude dos assuntos cotidianos sempre reportados na escrita da carta. Rose na autobiografia, sublinhou a amizade construída na década de 70 por causa do feminismo e que se manteve durante a vida “: (...) conheci também Heleieth Saffioti, que na época veio a ser a primeira grande teórica de estrita observância sobre a mulher. Ela também se tornou minha amiga para sempre.” (MMI, 1999, p.170)

A primeira carta de Saffioti de 1976 abordou o recebimento do livro dela publicado pela Editora Vozes, porém destacou que não teve disponibilidade para analisar a qualidade da impressão. Seu propósito na carta foi pedir a Rose o envio de um exemplar a Werneck Sodré⁷⁹ para obter maior repercussão do livro, pois “(...) ele poderá publicar a resenha na Opinião, cuja divulgação, como sabemos, é bastante grande (...)” (SAFFIOTI, 22 de fev. 1976, p.3). Saffioti também fez algumas perguntas pessoais a Rose, ao perguntar “(...) como está o caso dos livros? Levantou-se a proibição? E o contato com a universidade americana? (...)” (SAFFIOTI, 22 de fev. 1976,

⁷⁹ “(...) entregou-se totalmente à atividade intelectual de escritor e ao exercício do magistério no ISEB, onde passou a chefiar o Departamento de História. Foi nesse período que desenvolveu o único trabalho em parceria de sua carreira, História nova do Brasil. Após a deposição do presidente Goulart (31/03/1964) pelos militares, teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Refugiado em uma fazenda de parentes em Fernandópolis (SP), foi preso no dia 26 de maio e enviado ao Rio de Janeiro, onde ficou detido durante 57 dias. Como o regime militar havia tirado de Nelson Werneck Sodré o direito de ensinar, sua atividade passou a ser exclusivamente o estudo e a produção de novos livros. Um dos trabalhos em que continuou se empenhando foi História militar do Brasil, editado pela primeira vez em 1965 (...). Disponível em: < https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/nelson_werneck_sodre>. Acesso em: 20 dez. 2020.

p.3). E finalizou reforçando a solicitação do contato com o Sodré “Mande notícias e não esqueça de falar com o Sodré (...)”. (SAFFIOTI, 22 fev.1976, p.3)

É importante inserir esta carta no processo posterior da publicação do livro de Saffioti na Vozes, embora o nome do livro não seja referenciado, pela data do envio e baseado na pesquisa de suas obras o livro destacado foi *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade* (SAFFIOTI, 1976). Como também, é relevante pontuar que a solicitação de Saffioti para que Rose exercesse o contato com Werneck Sodré, correspondia a relação profissional direta entre os dois, devido a Rose editar os livros dele na Editora Vozes, como ressaltou “(...) Nelson Werneck Sodré levou sua obra, só não levou seu livro clássico *A Formação Histórica Do Brasil*, mas pouco a pouco foi trazendo os seus livros (...)” (MMI,1999, p.197).

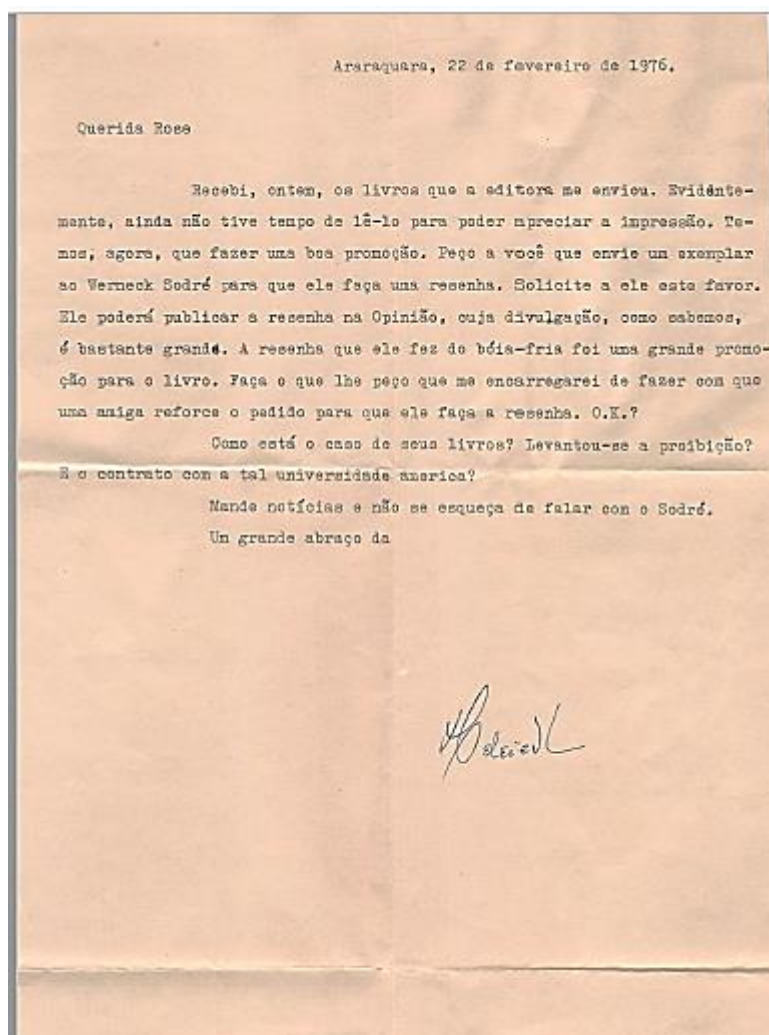


Figura 23: Carta de Saffioti para Rose. Araraquara, 26 de fevereiro de 1976. Fonte: DP.001-Correspondências 1976 (digitalizado), p.3. Acervo: ICRM.

Em 1978, Saffioti escreveu outra carta com o mesmo objetivo de perguntar sobre as publicações de seus livros na *Voices*, no entanto o livro destacado foi *Emprego Doméstico e Capitalismo* (SAFFIOTI,1978). Na introdução da carta, aspectos pessoais de Saffioti como sua experiência de viagem na Europa e África foram expostos para, posteriormente, tratar das questões profissionais: “(...) devo enviar-lhe cópia corrigida daquele sobre as empregadas(...)” (SAFFIOTI, 8 mar. 1978, p.34), pois muitas pessoas estavam interessadas em conhecer o seu trabalho. Esse interesse pelo livro foi explicado por Saffioti dado o contexto de crise econômica vivenciado na Europa de elevado índice de desemprego e que desencadeou o crescimento das empregadas domésticas. Com base nessa justificativa, ela expôs a sua experiência na Europa:

Uma amiga minha em Lisboa em cuja casa eu estava pôs um anúncio no jornal solicitando uma babá. O telefone tocou o dia todo. Apareceram moças que haviam trabalhado em escritório e que estavam desempregadas há um ano, 8 meses e que não encontravam trabalho. Fiz uma exposição sobre o livro das empregadas numa universidade em Lisboa e o pessoal gostou muito. A discussão prolongou-se por muito tempo. O interesse foi enorme. (...). (SAFFIOTI,8 mar. 1978, p.34)

Nesta carta observamos o processo anterior da publicação do livro *Emprego Doméstico e Capitalismo* (SAFFIOTI,1978). Desta forma, compreendemos que o livro não tinha sido publicado, pois na carta Saffioti destacou que não entregaria o material completo antes da publicação ao ressaltar: “(...) não dei a versão mimeografada a fim de que comprem o livro quando sair (...)”. (SAFFIOTI ,8 mar.1978, p.34)

Reescreva-me o trabalho e documentos sobre a viagem a Madagáscar em francês em Lisboa. O valor custa cerca de 200,00. Não sei se está possível fazer isso e se está possível.

Querida Rose.

Esperamos de férias há dois dias e estamos esperando de quando em quando. A viagem a Moçambique acabou por não dar certo. Não se conseguiu descobrir com certeza e não sei se vai dar certo. A dois dias de nossa partida descobri alguém que poderia, por talvez, conseguir que nos fosse dado o visto no aeroporto de Moçambique. Entretanto, já era muito tarde. Já haviam alterado o roteiro de nossa viagem. Fomos ao Senegal, ao Marrocos, à Espanha, a Portugal, à Ilha da Madeira e à França. Alemanha e Marrocos e a Madeira = aprendemos muito nesta viagem. Fomos à Granada, pois não conhecíamos nada no sul da Espanha. É belíssimo! Vale a pena. A viagem a Paris foi bastante interessante, pois eu revivi todo o sofrimento de 76. Não sei se seria assim e quis enfrentar as coisas. Claro que o processo foi amenizado pela presença de Saffioti e que pare chegar ao fim deve ir embora a Paris. De qualquer forma, já sei um grande passo.

Mande notícias sobre os meus livros. Devo enviar-lhe uma cópia corrigida daquele sobre as empregadas domésticas. Já fui procurada por muita gente que quer o livro. Não dei a versão mimeografada a fim de que saíssem a livro quando sair. Há muito interesse em toda a cidade sobre este assunto por uma razão muito simples. Com a crise econômica de Lisboa (em razão de desemprego não remunerado) e também empregadas domésticas resurgiram. Uma amiga minha em Lisboa em cuja casa eu estava pôs um anúncio no jornal solicitando uma babá. O telefone tocou e dia todo. Apareceram moças que haviam trabalhado em escritório e que estavam desempregadas há um ano, 2 meses e que não encontravam trabalho. Fiz uma exposição sobre o livro das empregadas numa universidade em Lisboa e a pessoal gostou muito. A discussão prolongou-se por muito tempo. O interesse foi enorme.

Fui convidada pela deputada Dercy Furtado a depor na CPI da mulher no Rio Grande do Sul. Devo ir para lá no dia 4 e fim de depor no dia 5. Considera você?

Mande notícias, minha querida, via venha dá-las pessoalmente. Não posso sair agora por dois motivos: muito trabalho e pouco dinheiro. Fomos que pagar nossa viagem. Abraços ao Dê e a você. Beijos à Verdinha. *Saffioti*

Figura 24: Carta de Saffioti para Rose, 8 de março de 1978. Fonte: DP 001- Correspondências 1978 (digitalizado), p.35. Acervo: ICRM.

De mesmo ano que a carta anterior, a finalidade de Saffioti foi compreender a repercussão do seu livro *Emprego Doméstico e Capitalismo* através do encaminhamento da reportagem do jornal Globo por Rose. Com uma apresentação de carta diferente, em folha do papel da Universidade Estadual Paulista (UNESP), local de trabalho de Saffioti, novamente questões particulares e profissionais se fizeram presentes. No início, os assuntos pessoais como a viagem a Europa e a dieta alimentar de Rose foram ressaltados. E posteriormente o assunto principal foi sublinhado, o pedido de envio da reportagem do jornal Globo para o conhecimento da repercussão do livro, como ressaltou:

Fui entrevistada pelo Shopping News e as jornalistas me contaram que o Globo publicou uma página inteira sobre este livro das domésticas que está saindo. Será que você consegue obter este número do Globo? Gostaria de vê-lo. Veja se consegue tá? (SAFFIOTI, 8 mar.1978, p.35)

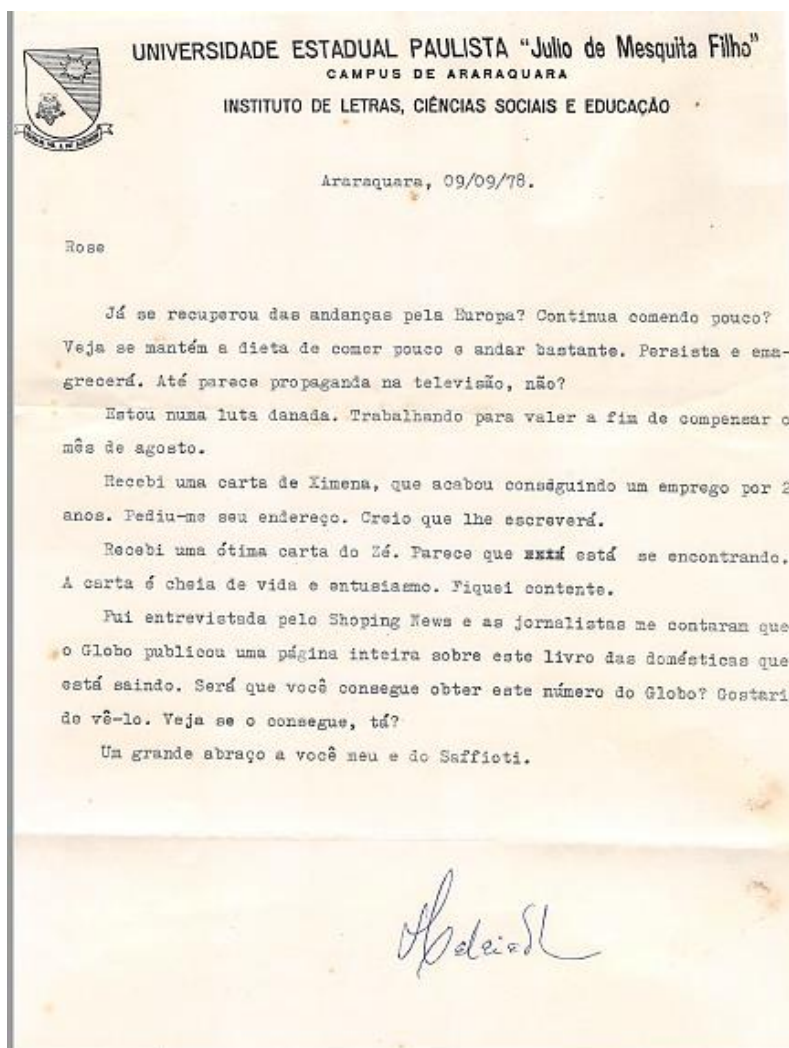


Figura 25: Carta de Saffioti para Rose, 9 de setembro de 1978. Fonte: DP 001- Correspondências 1978 (digitalizado) p.35. Acervo: ICRM.

Em 1981, Saffioti redigiu uma carta no qual pediu o envio do livro *Emprego Doméstico e Capitalismo* para Cuba. Sem apresentar formalidades como todas as anteriores, narrou sua viagem em Cuba para depois abordar o seu objetivo principal de solicitar o encaminhamento do livro: "(...) estou precisando urgentemente de alguns exemplares de meu livro *Emprego Doméstico e Capitalismo* para enviar a Cuba. Não tenho sequer um exemplar. Por favor, mandemos imediatamente mesmo, sim?". (SAFFIOTI, 28 de jan.1981, p.8)

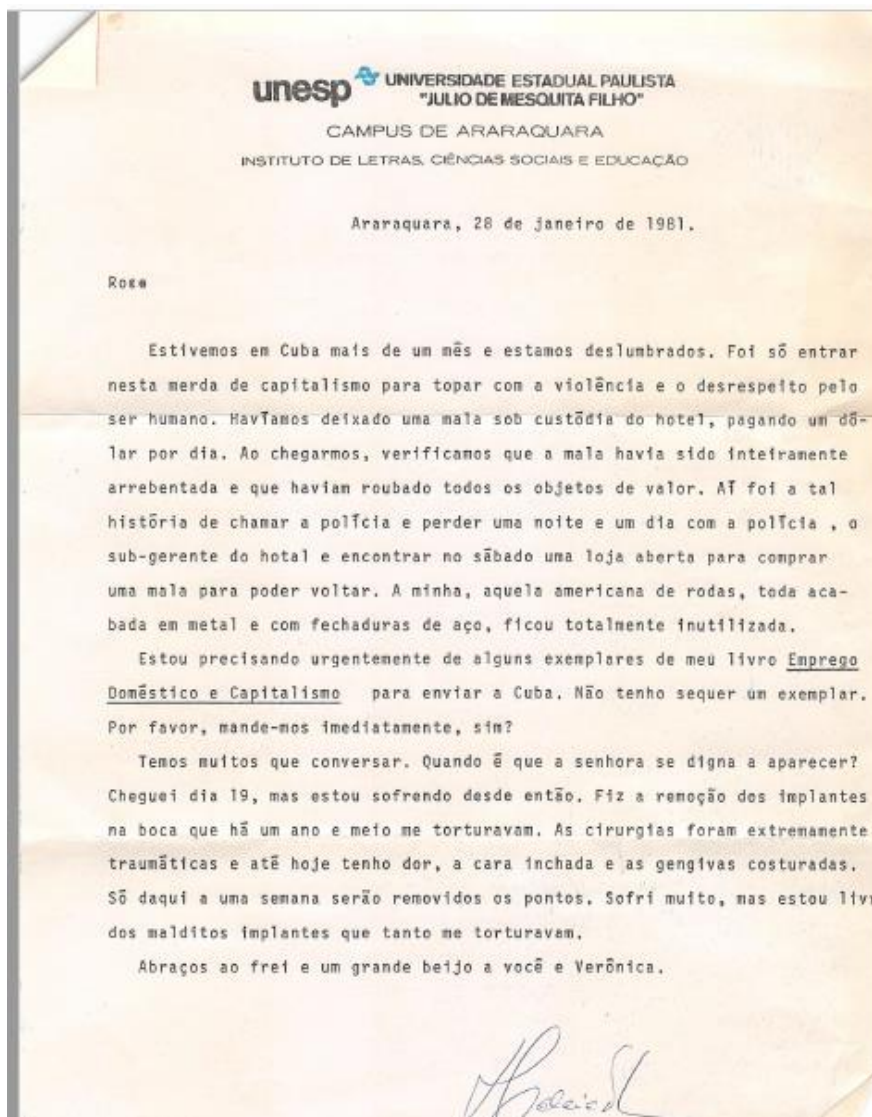


Figura 26: Carta de Saffioti para Rose, 28 de janeiro de 1981. Fonte: DP 002- Correspondências 1981 (digitalizado), p.8. Acervo: ICRM.

A última carta de Saffioti foi escrita no mesmo ano, com o propósito de proferir reclamações profissionais aos atrasos das publicações dos livros que deveria ter saído em 1978. Na carta ela pediu providências profissionais de Rose junto a Editora Vozes para que os livros não demorassem mais tempo, porque atrasos anteriores fizeram com que dois livros fossem para outra editora. E Saffioti assim descreveu:

(...) Esqueci-me de perguntar-me como estão os preparativos para a edição de meu livro que deveria ter saído em 1978. Como você deve se lembrar, deve substituir um dos ensaios e escrever a introdução. Como tenho muito trabalho, devo planejar cuidadosamente minha vida. Claro que estou ansiosa que estou ansiosa para que o livro saia e me ponho imediatamente a escrever

a introdução. Por favor, faça pressão para que esta coisa caminhe. Está excessivamente atrasado. Vão sair mais dois livros meus nos próximos meses. Com a demora da Vozes, a gente acaba entregando o ouro a editora muito mais rápidas (...). (SAFFIOTI, 30 jan.1981. p.11)

Pelo ano da carta, identificamos que Saffioti não teve nenhum livro publicado pela Editora Vozes, no entanto, o livro *Artesanal ao Industrial: A Exploração da Mulher* (1981) foi editado pela Editora HUCITEC neste mesmo período. Com base nessas informações, podemos presumir que os atrasos da Editora Vozes fizeram com que Saffioti desistisse que esse livro fosse publicado na Vozes e fosse para Editora HUCITEC.

É importante também sublinhar que a escrita da carta foi direcionada para a possibilidade de Rose encontrar alguma solução ao problema, devido a sua função na editora como assessora editorial. O que repercutiu em um estilo de carta de cunho mais profissional, sendo renegado os assuntos privados por causa da insatisfação de Saffioti com a editora.

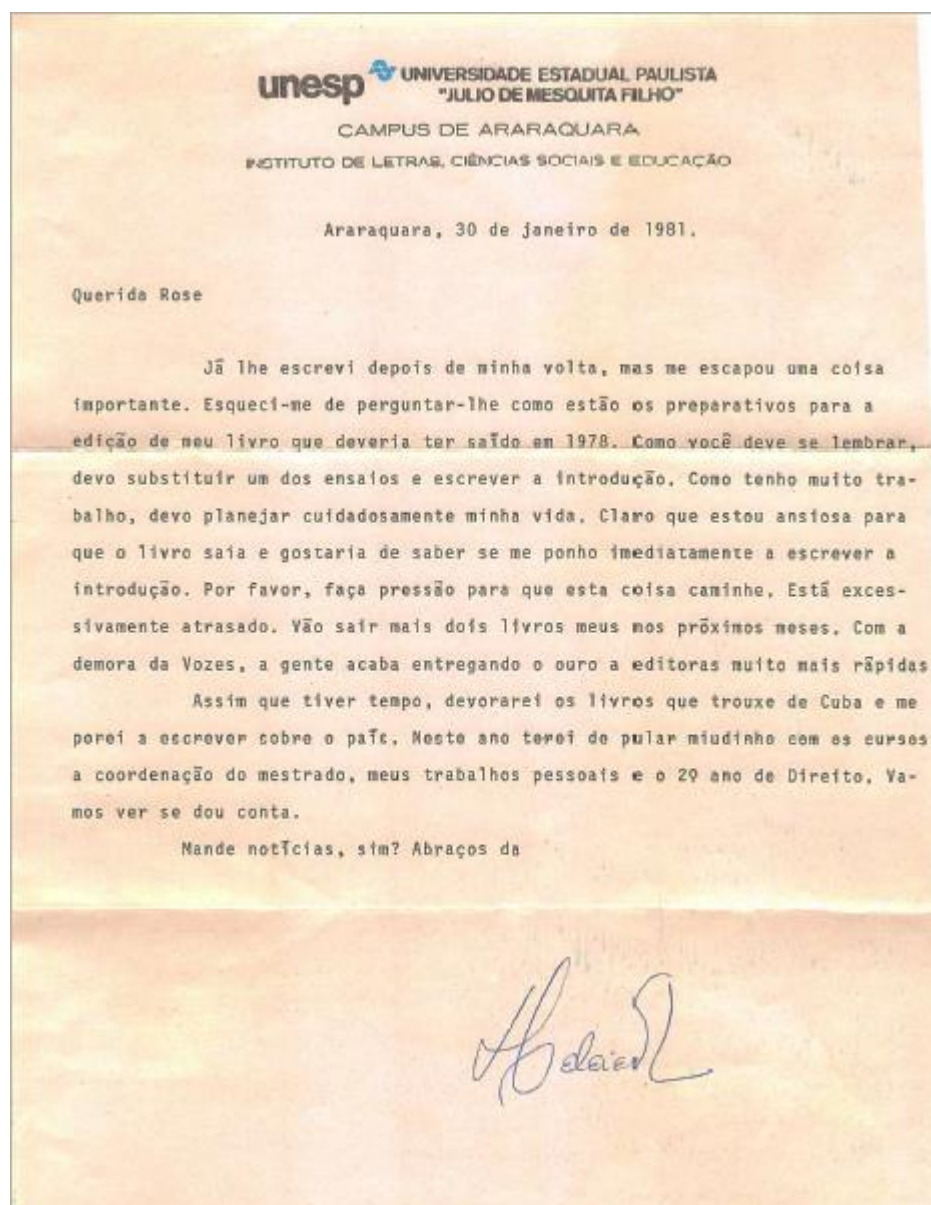


Figura 27: Carta de Saffioti para Rose, 30 de janeiro de 1981. Fonte: DP 002-Correspondências 1981 (digitalizado), p.11. Acervo: ICRM.

Para finalizar a análise do papel de Rose como assessora editorial da Vozes, apresentaremos a carta de Neuma Aguiar coordenadora do Curso De Mestrado De Ciência Política e Sociologia do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e o documento do seminário “A Mulher na Força de Trabalho da América Latina” no qual teve participação.

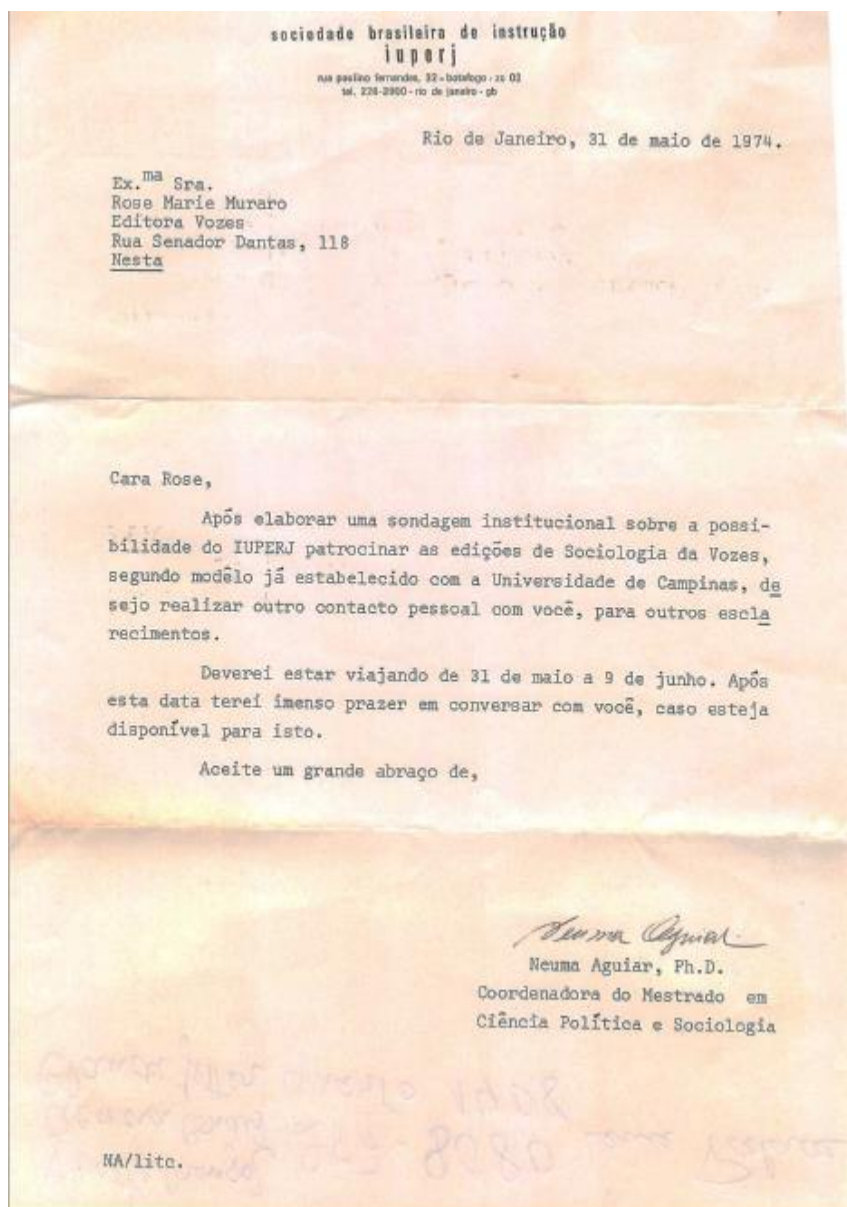
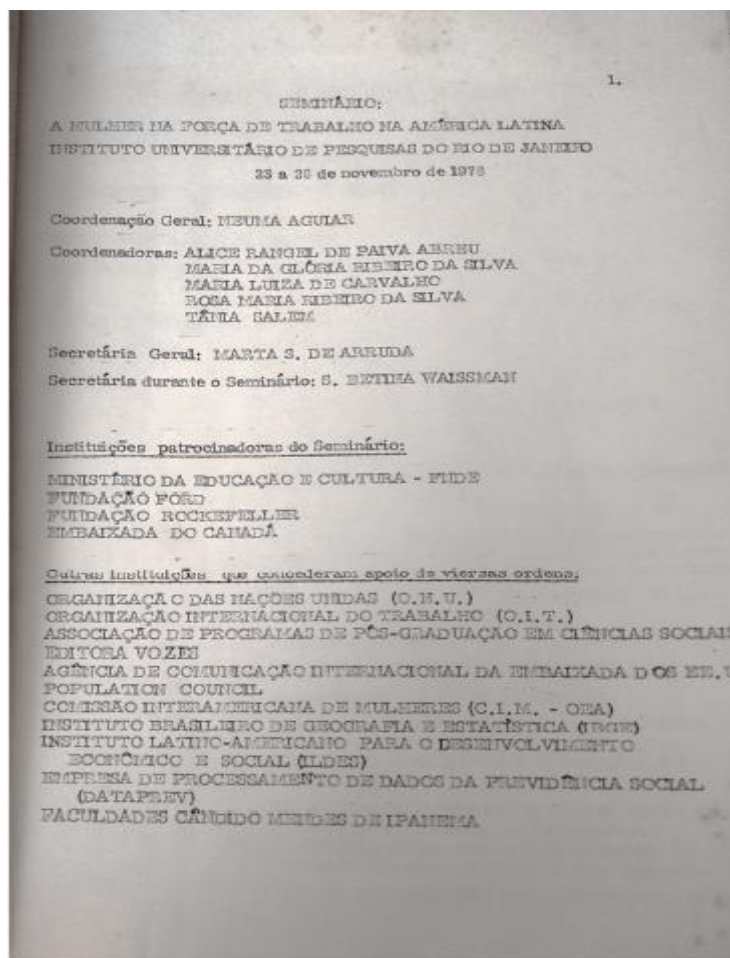


Figura 28: Carta de Neuma Aguiar para Rose. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1974. Fonte: DP 001- Correspondências 1974 (digitalizado), p.1. Acervo: ICRM.

Na carta, com uma escrita sintética, respondeu a Rose a proposta profissional da Vozes de ter o IUPERJ como patrocinador das edições de Sociologia da Vozes baseado no modelo da UNICAMP, ao ressaltar que antes de qualquer compromisso “(...) desejo realizar outro contato pessoal com você, para outros esclarecimentos (...)” (AGUIAR, 31 mai. 1978, p.1). De forma breve terminou ressaltando sua viagem entre os dias 31 de maio a 09 de junho, no entanto, após essa data gostaria de conversar com Rose sobre a proposta.

É importante destacar que não encontramos outras cartas para evidenciar o prosseguimento da relação entre a Vozes e o IUPERJ nas publicações de livros de sociologia. No entanto, o que sabemos é a permanência do relacionamento entre Neuma e Rose que aparece na autobiografia como uma das pessoas importantes na construção do livro *SMB*.

Um documento encontrado do seminário “A Mulher na Força de Trabalho da América Latina” realizado nos dias 23 a 26 de novembro de 1978 no Rio de Janeiro pelo IUPERJ, teve Neuma Aguiar como a coordenadora geral do evento e a Editora Vozes como uma das instituições que contribuiu para a realização. A abertura do evento foi iniciada por Neuma, sendo Rose considerada a presidente da seção inaugural do seminário. Os trabalhos apresentados relacionaram-se a pesquisadoras do Brasil e de outros países que tinham o propósito de debater sobre a temática da mulher. Através desse seminário percebemos que Neuma manteve algum tipo de relação com a Editora Vozes após a carta enviada a Rose.



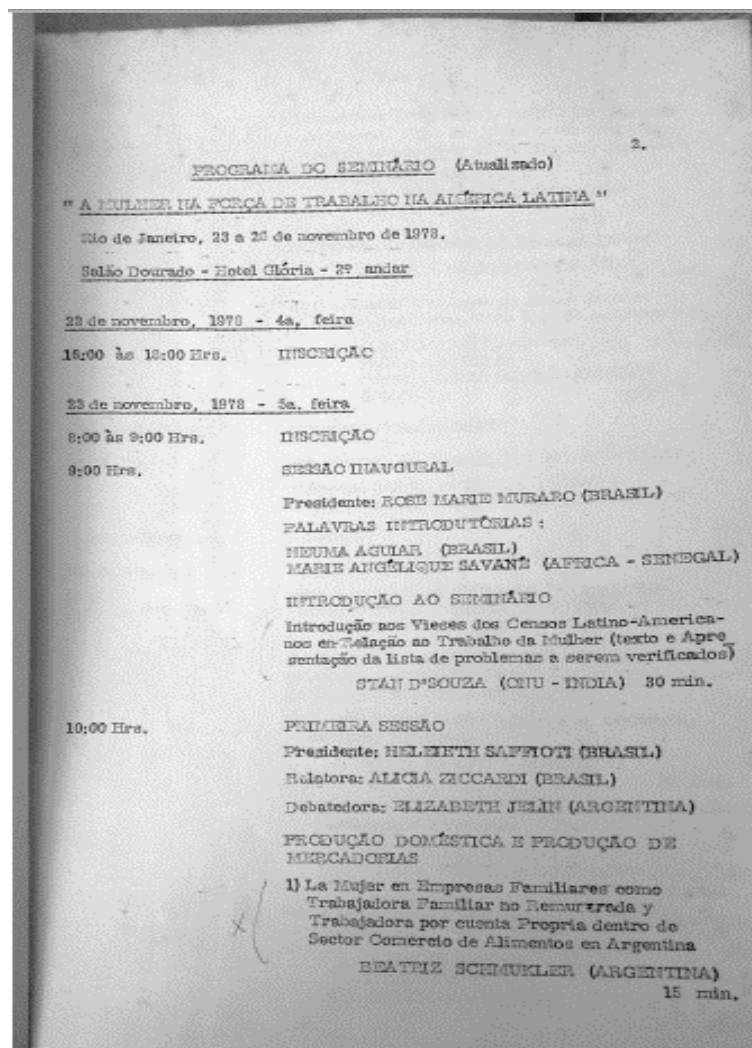


Figura 29: Seminário “A Mulher na Força de Trabalho da América Latina” realizado nos dias 23 a 26 de novembro de 1978 no Rio de Janeiro pela IUPERJ. Fonte: MP-004, p.61-72. Acervo:ICRM.

Neste capítulo o objetivo foi compreender o papel de Rose como intelectual mediadora através da sua participação no feminismo brasileiro nas décadas de 1970 e 80. Na primeira parte do capítulo, a ideia foi apresentar sua relação com militantes feministas brasileiras e sua atuação dentro do feminismo brasileiro; e a segunda parte a partir do exame de um conjunto de correspondências colocamos em destaque o seu papel como assessora editorial da Vozes.

Desta forma, com base na análise das cartas, alguns aspectos da trajetória foram ressaltados como: a publicação do livro *MCM* associado ao surgimento da sua definição de “feminismo de intuição”, a repercussão da chegada de Betty Friedan como determinante para o seu “Batismo de Fogo para o Feminismo”, a participação no Congresso Nacional das Mulheres e o papel como Assessora editorial na Vozes.

No capítulo 3 tentarei compreender o pensamento feminista de Rose através da sua abordagem para sexualidade nos livros *LSM* e *SLF*. Ao mesmo tempo em que explorarei a autobiografia para entender por que a sexualidade foi uma questão tão importante para a sua produção intelectual feminista, ao destacar na apresentação dos livros a relação da experiência na elaboração da sua escrita feminista.

Capítulo 3: Da Contracultura à Erótica Cristã: A Sexualidade no Olhar Murariano

A proposta deste capítulo é apresentar dois livros de Rose: *LSM* e *SLF*, cuja temática é a discussão da sexualidade. O conceito de sexualidade pode ser compreendido como a uma construção social que se apresenta em comportamentos, ações e práticas sexuais. No entanto, em sua compreensão a sexualidade “(...) constrói hábitos e condutas que em um dado tempo, simbolizam as práticas e discursos sobre o sexo socialmente aceitas (...)” (MÉNDEZ, 2008, p.137), ou seja, o estabelecimento de comportamentos sexuais considerados normais perante a sociedade. A historicidade e reflexão do conceito de sexualidade é evidenciado por Heilborn (2002), ao destacar:

(...)A sexualidade é uma invenção do século XVIII. A partir de então os fatos ligados à expressão do sexo e de determinados contatos corporais visando a obtenção/ produção do prazer adquiriram um conteúdo específico. Na trajetória ocidental passou a significar uma dimensão da pessoa humana, moderna, ocidental, radicalmente importante para a explicação de quem ela (...)própria idéia de que há um desejo sexual que se organiza em termos de heterossexualidade e homossexualidade é muito peculiar à sociedade ocidental (...). (HEILBORN,2002, p. 7).

É importante sublinhar que a publicação de livros feministas de Rose se insere em um contexto de produção de livros com a temática sobre a sexualidade no Brasil. O texto “Pesquisa sobre a mulher no Brasil: do Limbo ao gueto?” (COSTA; BARROSO e SARTI, 2019) discute através de uma periodização, os estudos sobre a mulher no contexto político e social autoritário das décadas de 1970 e 80, que abordavam principalmente as temáticas referentes ao trabalho, família e sexualidade. O processo de institucionalização das pesquisas, dispôs da expansão dos programas de pós-graduação, implantação de núcleos de estudos e agências financiadoras.

O capítulo um do livro *A Pesquisa sobre Sexualidade e Direitos Sexuais no Brasil (1990-2002) Revisão Crítica* (CITELLI,2005), abordou o contexto da produção intelectual do Brasil a respeito da temática da sexualidade, destacando algumas obras. Nesse sentido, o objetivo foi analisar as pesquisas produzidas no período em um contexto brasileiro marcado pelo autoritarismo e pelos movimentos sociais:

A ênfase na igualdade de direitos ressoa nos estudos que se voltam para a família e a saúde da mulher- temática que mais tarde viria a assumir o rótulo de saúde sexual e reprodutiva. Ao postular o caráter histórico das hierarquias entre os sexos e da sexualidade, tomadas como construções sociais, em vez

de condições naturais, os estudos acadêmicos feministas promoviam a dissociação entre o exercício da sexualidade e reprodução, afirmando o direito ao prazer e ao próprio corpo (CITELLI, 2005, p.17).

Variados trabalhos foram apresentados, dentre eles: Heleieth Saffioti no livro *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade* (1976), Rose Muraro em *LSM e SMB*, Danda Prado em *Ser Esposa a mais Antiga Profissão* (1979), *O Estigma do Passivo Sexual* (2007) de Michel Misse, o artigo “Família e Feminismo” (1981) de Maria Lygia de Moraes, *Espelho de Vênus* (1981) do Grupo Ceres entre outros. Como também o papel da Fundação Ford dentro da Fundação Carlos Chagas apoiou importantes pesquisas como: *Vivências: História, Sexualidade e Imagens Femininas* (1980) e *Rebeldia e Submissão* (1989) e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher produziu o livro *Quando a Vítima é a Mulher* (1987). A autora destacou:

Referindo-me agora ao conjunto das obras produzidas no período de 1971-1989, é possível perceber algumas temáticas recorrentes. Sem dúvida, a maioria dos estudos trata da sexualidade ao abordar a temática da união entre os sexos, conjugalidade e família (CITELLI, 2005, p.21).

Natália Méndez (2008) em seu trabalho sobre a produção intelectual de Carmem da Silva, Rose Muraro e Heleieth Saffioti na década de 1960, caracterizou a posição das autoras no tocante a sexualidade, no que se refere ao confronto com a moral tradicional na busca pela emancipação feminina.

Desta forma Méndez (2008), ao ressaltar o trabalho de Saffioti no livro *A Mulher na Sociedade de Classes* sublinhou que mesmo que o objetivo fosse analisar a condição feminina na concepção de classe “não se furtou de destacar que a sexualidade constituía um terreno no qual as relações de poder se manifestavam tanto quanto nas relações de classe” (MÉNDEZ,2008, p.141). A exemplificar a defesa de Saffioti a reprodução das mulheres como uma escolha e não como uma obrigação determinada pelas instituições familiares e religiosas.

Carmem da Silva através de seu trabalho na imprensa, abordou temas como sexo, virgindade e prazer, em crítica a uma educação restrita para a mulher baseada nos papéis de esposa e mãe. No entanto por, mas que esses papéis sociais atribuídos a mulher fossem questionados, o casamento ainda simbolizava a realização feminina e a “(...) virgindade, mesmo que intelectualmente passasse a ser considerada antiquada, ainda era objeto de cobiça dos homens e prova de boa conduta das moças (...)”.

(MÉNDEZ, 2008, p.146). Com relação a Rose, a autora destacou a crítica a família tradicional no contexto da “explosão sexual”, questionando assim o controle da sexualidade pela Igreja Católica.

Considerando este amplo debate a respeito dos estudos sobre a mulher nas décadas de 1970 e 1980, inserimos a produção feminista de Rose neste contexto. A apresentação das obras tem o propósito de compreender as discussões, propostas e limites da sua abordagem da sexualidade. Por, mas que não pretenda analisar as contradições do seu discurso, cabe ressaltar a defesa da heteronormativa, uma visão até certo ponto moralista sobre a liberdade sexual feminina e um posicionamento conservador a respeito do aborto.

Com auxílio das fontes do ICRM, jornais e revistas que referenciavam os seus livros, a minha intenção foi suscitar a apresentação do pensamento feminista de Rose para as leitoras e leitores, mediante uma dissecação de trechos importantes do livro. Como também abranger a repercussão dos seus livros através das resenhas e explicar os motivos de sua demissão da Vozes através das correspondências do Presidente em exercício do CNBB e a resposta de Frei Ludovico mediante o auxílio da autobiografia.

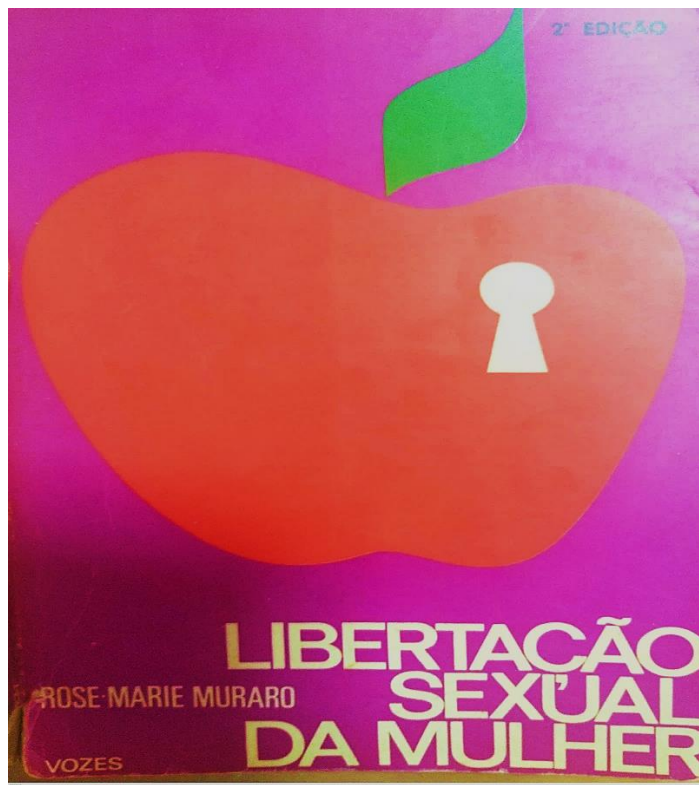
3.1- Libertação Sexual da Mulher: o primeiro livro abertamente feminista de Rose

Para analisar a atuação de Rose na função de escritora de livros feministas na década de 1970 e 1980, é indispensável a compreensão do tema da sexualidade como questão comum de suas obras no período. Desta forma, na primeira parte desse capítulo apresentarei de forma sucinta os livros: *LSM* e *SLF* onde a sexualidade é entendida a partir do processo de desconstrução do corpo, ou seja, símbolo da libertação da dominação sexual vivenciada pelas mulheres, e aparece junto com o debate sobre a eliminação das desigualdades de gênero e classe na sociedade.

De acordo com Rose, *LSM* foi o seu primeiro livro abertamente feminista devido a influência dos movimentos feministas dos Estados Unidos e da Europa. A sua proposta central, visou sintetizar algumas das principais ideias desses movimentos, fundamentando suas premissas a partir das reflexões desenvolvidas pelo filósofo Herbert Marcuse⁸⁰ no livro *A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional*.

⁸⁰ O filósofo alemão Herbert Marcuse foi um dos principais representantes da Escola de Frankfurt. Marcuse nasceu em Berlim, em 1898. Estudou filosofia em Friburgo, recebendo forte influência de

(...) Já não era o sistema econômico e a opressão da mulher que eu, criticava, e, sim, a repressão sexual como base do poder e, principalmente, pela primeira vez alguém sistematizava no Brasil a crítica a estereótipos que fabricavam a mulher convencional: beleza, magreza, juventude...(...). (MMI,1999, p.174)



Edmund Husserl e, sobretudo, de Martin Heidegger (...). De Freud, Marcuse absorve a tese de que a sociedade se fundamenta na repressão dos instintos individuais -em particular pela substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade. Para sobreviver, o homem troca a satisfação imediata de suas necessidades por uma satisfação postergada: o jogo cede lugar ao trabalho, a liberdade cede lugar à segurança. A repressão é o princípio que instaura a civilização. Cf. REPORTAGEM LOCAL. Saiba quem foi Herbert Marcuse. *Folha de São Paulo*, 07 jun. 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff07069818.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

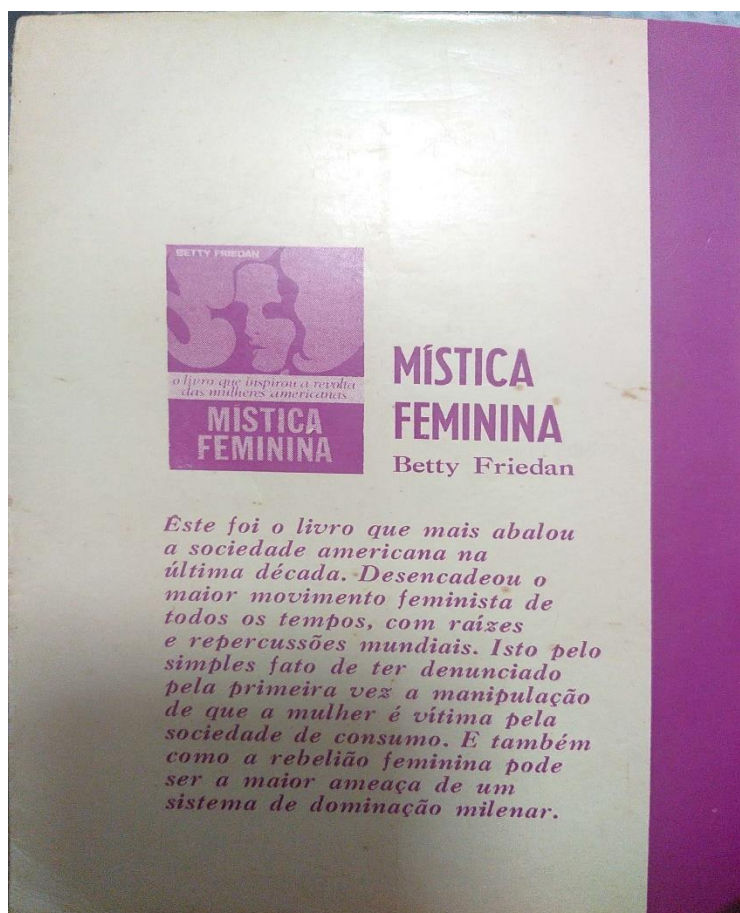


Figura 30: Capa e contracapa do livro *LSM*. Fonte: Acervo Pessoal.

Com relação a metodologia do livro, empregou o pensamento dialético e os princípios da cibernética de Wiener (1968) para “(...) construir uma teologia do corpo, pois foi da negação do corpo que se originou a ameaça da morte da espécie que hoje paira sobre a humanidade” (MMI,1999, p.9). Também foi destacado por Rose a não utilização de termos técnicos acadêmicos na elaboração do livro, devido ao público alvo se correlacionar a pessoas não especializadas. Por isto, enfatizou que as dúvidas dos leitores deveriam ser solucionadas através da bibliografia selecionada do livro, de seguintes temáticas: sociedade tecnológica, contracultura, sexualidade e condição da mulher.

O livro possui três partes e dezoito capítulos. Na primeira parte denominada *O Homem Abstrato* a autora realiza a contextualização da revolução sexual associada ao feminismo internacional, a partir dos conceitos de repressão sexual, revolução tecnológica e cultura de massa de Marcuse. A segunda parte intitulada *O Homem Eletrônico* objetivou compreender a formação da estrutura psíquica do indivíduo no contexto da contracultura, utilizando como fundamentação para seu argumento as

premissas de Freud, da teoria do complexo de Édipo⁸¹. E por último a *Libertação Sexual da Mulher* que sintetizou as análises anteriores do livro ao referenciar o contexto da contracultura e propôs a construção de um mundo novo sem a dominação sexual através de papéis sociais em condições de igualdade para mulheres e homens.

Em o *Homem Abstrato*, uma das primeiras questões levantadas foi a contextualização da revolução sexual a partir da conjuntura do feminismo internacional em países como Inglaterra, América Latina, Brasil e Estados Unidos. Nesse contexto ela compreendia que a revolução sexual se associava ao processo da revolução tecnológica⁸².

A revolução tecnológica foi relacionada a alguns fatos do progresso científico da humanidade, iniciada ao seu ver na pré-história através do estabelecimento da sedentarização do homem e estendido a invenção do alfabeto fonético pelos fenícios, em suas palavras: “(...) liberou no homem a capacidade do pensamento abstrato, ainda embotada no primitivo (...)” (LSM, 1971, p.23). Nesse aspecto o que a autora denominou de revolução tecnológica significou o processo de transformações vivenciadas pela humanidade, como ressaltou a seguir:

Fatos aparentemente dispersos como a guerra do Vietnã, a revolta dos estudantes na França, a crise no Vaticano ou a explosão sexual e a revolta feminina que se expande, têm todos raízes comuns. A explosão religiosa, racial, demográfica, socioeconômica (guerras de liberação nacionais) e a sexual são filhas da explosão tecnológica (...). Todas estas explosões são apenas parte de outra explosão muito mais total, de uma revolução global- a *revolução do homem*. (LSM, 1971, p.19)

Com base nas consequências do que denominou de explosão tecnológica, analisou as origens da repressão sexual ao surgimento da propriedade privada. A partir de um raciocínio histórico a respeito da vida sexual humana, a autora estabeleceu uma periodização dividida em: Período Pré-histórico, Período Tradicional e Período Tecnológico. No que se refere ao período Pré-histórico, fundamentada nos estudos de Margaret Mead (1968), ressaltou a existência de uma vida sexual livre e uma vivência de uma liberdade comunitária baseada nos rituais das tribos.

O período tradicional para a autora se caracterizou pelo progresso da civilização que “(...) foi-se impondo uma repressão da vida sexual (livre no primitivo). Pouco a pouco essa repressão foi adquirindo regras, códigos morais mais rígidos (...).” (LSM, 1971, p.27). Rose exemplificou esse período através do contexto social da Europa rural

⁸¹ Para maiores informações: < <https://www.psicanaliseclinica.com/conceito-complexo-de-edipo/> >

⁸² Rose baseia a revolução tecnológica no seu livro: MURARO, 1969.

tradicional, exemplificado nos casamentos arranjados pelas famílias, em que a mulher teria como função principal a procriação, resultando na negação da sua satisfação sexual. Segundo a autora:

Na Europa rural tradicional, por exemplo, apenas 2/3 das pessoas podiam casar-se (...). Os casamentos invariavelmente obedeciam a interesses. O que contava era a preservação e o aumento do patrimônio. O amor nunca era levado em conta (...). A mulher e os filhos eram propriedade do marido. Quanto mais filhos melhores: mais filhos para cultivar a terra (...). Tendo, pois, todas as funções limitadas a uma só: a procriação que garantiria a missão do patrimônio, a mulher não tinha direito a satisfação sexual. Sentir prazer chegava a ser pecado (...). (LSM,1971, p.28)

Por fim o período tecnológico, foi retratado por ela através das modificações da Revolução Industrial, resultado do processo de industrialização e urbanização. Sendo ao seu ver um período em que: “(...) as massas urbanizadas conseguiam viver sem a posse da terra. Com a industrialização, foi aumentando pouco a pouco a distância entre privilégios e sobrevivência (...)” (LSM,1971, p.29). *O século das revoltas* referenciado por Rose no livro ao século XX, teve como característica o avanço da conquista das mulheres por seu espaço social através da inserção no mercado de trabalho e a explosão sexual que proporcionou o questionamento da instituição do casamento. Na citação a seguir, Rose descreveu alguns elementos que caracterizam o que ela define como explosão sexual:

(...) Começa o uso generalizado de anticoncepcionais pelas moças solteiras. O adultério já agora é motivo de divórcio, não mais de morte. A psicanálise, embora ainda considerando a sexualidade da mulher como complementar do homem, descobre que esta tem direito a uma vida sexual plena. E a mulher, - e para isto tiveram grande influência os meios de comunicação, principalmente o cinema - descobre o erotismo. E assim se abre no século XX uma nova e explosiva etapa para a vida da mulher e do casal. (LSM,1971, p.30)

Desta forma, fundamentou a tese de que aceleração histórica motivada pela explosão tecnológica produziu a repressão e a dominação. Ao compreender que ocorreram transformações históricas em torno da questão da sexualidade, ou seja, o surgimento da sociedade tecnológica alterou a relação com a sexualidade para fins produtivos devido ao controle exercido pelo capital. Ela definiu a possibilidade do questionamento da repressão:

(...) A revolução do homem engloba não só um questionamento individual em profundidade, como também o questionamento prático das estruturas

construídas pelo desejo de dominação. A consciência individual nascida do pensamento abstrato alarga-se, na era eletrônica, a uma nova consciência da espécie, sonhada tanto por Teilhard de Chardin, como por Marx ou McLuhan, cada um a seu modo, mas de que apenas agora estamos vivendo o embrião (...).” (LSM,1971, p.39)

A crítica de Rose a opressão das mulheres mediante o sistema capitalista e a propriedade privada, pode ser compreendido através da análise de Gerda Lerner (2019). Lerner, caracterizou como uma concepção tradicionalista a naturalização da submissão das mulheres justificada pela presença da dominação masculina nas sociedades ao longo da história, fundamentado em sua análise através do conceito de *assimetria sexual*, definido a partir de uma avaliação sobre as diferentes funções sociais dos homens e das mulheres na sociedade com base na natureza biológica. A citação a seguir exemplifica esse conceito para a visão tradicionalista:

(...) A consequente explicação da assimetria sexual coloca as causas da submissão feminina em fatores biológicos pertinentes ao homem. A maior força física, a capacidade de correr mais rápido e levantar mais peso e maior agressividade dos homens fazem com que eles se tornem caçadores. Portanto, tornam-se os provedores de alimentos nas tribos e são mais valorizados e honrados do que as mulheres (...). Por fim essa explicação determinista do ponto de vista biológico estende-se da Idade da Pedra até o presente pela afirmação de que a divisão sexual do trabalho com base na “superioridade” natural do homem é um fato (...). (LERNER, 2019, p.54)

Segundo essa autora, em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (ENGELS,1984) identificamos uma abordagem sobre a opressão feminina ligada ao processo histórico do surgimento da propriedade privada na sociedade. Para ele, antes da existência da propriedade privada as sociedades eram igualitárias, devido a divisão social primitiva do trabalho fornecer um papel produtivo para as mulheres. No entanto, a medida em que a propriedade privada foi estabelecida os homens necessitavam de herdeiros e assim tiveram a necessidade de constituírem a *família monogâmica*, pautada no controle da sexualidade feminina em detrimento da função procriadora. Após o estabelecimento do Estado a *família monogâmica* se tornou a *família patriarcal*, sendo restrito a mulher a esfera privada pautada no trabalho doméstico e cuidado dos filhos. Gerda Lerner, sintetizou a importância de Engels:

(...) As suposições básicas de Engels sobre a natureza dos sexos foram embasadas na aceitação de teorias evolutivas da biologia, mas seu grande mérito foi chamar atenção para o impacto de forças sociais e culturais na estruturação e definição das relações entre os sexos (...). Chamando atenção para o conflito sexual forjado na instituição ao emergir das relações da

propriedade privada, ele reforçou a conexão entre a mudança socioeconômica e o que hoje chamaríamos de relações entre gêneros. Definiu assim o casamento monogâmico formado na sociedade do início do Estado como a “submissão de um sexo pelo outro, a proclamação de um conflito entre os sexos desconhecido por completo até então em épocas pré-históricas” (...). (LERNER,2019, p.64)

Para Rose, a sociedade industrializada proporcionou o aumento da produtividade agrícola e industrial, o surgimento da competitividade e principalmente a cultura de massas. Em sua visão, a cultura de massas reproduziu um sistema de padronização de comportamento, ou seja, um “(...) totalitarismo tecnológico que regula o tempo livre e o tempo de trabalho, opinião pública e pensamento privado, a livre competição entre as empresas (...) a repressão e a depressão sexual (...)” (LSM,1971, p.48). A seu ver, o sistema de dominação imposto pela cultura de massas, privilegiou o desejo da vida irrealizável do indivíduo inspirada na moda, filmes e revistas.

Essa dominação gerada pela sociedade tecnológica ocasionou diversos problemas para o indivíduo, principalmente a negação do corpo que foi compreendida com base na interpretação das ideias de Marcuse, correspondente a existência de uma repressão do prazer corporal para o trabalho produtivo. Baseado nesta concepção, o indivíduo era reprimido pela sociedade através da imposição de regras morais proibitivas que restringiam sua liberdade e determinavam seus papéis sociais.

Desta forma, na sociedade de culturas de massas a negação do corpo foi exemplificada por Rose através dos diversos tabus que a sociedade criou como: sexo, bebida e drogas no qual representam, proibições para o indivíduo se sentir culpado ao transgredir essas imposições morais. Com isso caracterizou os problemas gerados pelas privações “(...) da intimidade com o próprio corpo, que o impede de identificar-se com ele, e, através dele, consigo mesmo, com o seu próprio sexo (...)” (LSM,1971, p.58), responsáveis pelo surgimento de neuroses no homem, no qual seria necessário desconstruir os papéis do homem e da mulher perante o outro. Para isso, um dos aspectos abordados foi olhar para o corpo não de forma erotizada, mas como parte integrante de um corpo prazeroso.

Por fim Rose, utilizou os conceitos de *neurose da juventude* e *obsessão sexual* para caracterizar algumas questões na cultura de massa. A *neurose da juventude* se traduz na busca pela beleza, magreza e juventude impostas pelas publicidades dos meios de comunicação, no qual as mulheres se reconheciam obrigadas a se inserirem nos padrões estipulados, desenvolvendo distúrbios psicológicos, pois se sentiam insatisfeitas

consigo próprias quando não incorporadas aos padrões determinados. E a *obsessão sexual* se caracteriza pelo sistema de dominação que, sob o argumento de defesa da liberdade das relações sexuais individuais, propagou o sexo nos meios de comunicação através do mercado de consumo da pornografia.

Na segunda parte *O Homem Eletrônico*, Rose abordou a construção de uma estrutura social e tecnológica caracterizada por um novo modelo psicanalítico do indivíduo na sociedade de cultura de massas. A elaboração dessa nova estrutura, está relacionada com o enfraquecimento da instituição familiar como uma autoridade coercitiva de controle sobre o indivíduo. Desta forma Rose cita Freud para apresentar o *novo eu* na sociedade de cultura de massas:

Freud enumera como características da regressão do eu individual para a formação das multidões os seguintes traços: desaparecimento da personalidade consciente, orientação das ideias e dos sentimentos de todos em uma única e mesma direção, predominância da afetividade e da vida psíquica inconsciente, tendência à realização imediata das intenções que possam surgir (...). (*LSM*, 1971, p.102)

A nova estrutura psíquica abordada pela psicanálise de Freud foi importante para a descoberta do erotismo e a nova consciência do corpo na contracultura. Nessa perspectiva, Rose tratou de umas das importantes questões da contracultura: a sexualidade. Baseada na teoria do psicanalista Carl Jung⁸³, ao destacar o sexo como uma forma de libertação, sublinhou os novos papéis do homem e da mulher no aspecto de compreensão do sexo como expressão corporal:

(...) A busca do sexo total, do máximo prazer leva à superação do sexo como entidade separada e integra-o em algo maior do que ele próprio. Nesse novo tipo de relações o sexo é uma sensação multissensorial e feita em comum. Não há distinções artificiais entre os papéis masculino e feminino. (*LSM*, 1971, p.120/121)

⁸³ “Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psiquiatra suíço, fundador da escola da Psicologia Analítica. Desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, de arquétipos e do inconsciente coletivo (...). Em *Tipos Psicológicos* (1920), Jung observou que conforme a energia vital se dirigisse para o interior ou para o exterior, resultaria no aparecimento de um dos dois tipos psicológicos fundamentais: a introversão ou a extroversão. Outros conceitos centrais da psicologia analítica são os complexos (conjunto de representações psíquicas cuja influência se manifesta sem nenhum controle do eu) e o do inconsciente coletivo (...).” Disponível em: <

Na terceira parte do livro, ela propõe “(...)a compreensão dos caminhos da vida e pô-los em prática em nossa vida cotidiana, a fim de assumir nossa plena humanidade de homens e mulheres e integrados.” (*LSM*,1971, p 131). Para a autora, a integração de homens e mulheres na construção de uma sociedade melhor apenas seria possível se ocorresse a superação da dominação da mulher pelo homem. Por acreditar que a participação das mulheres teria um grande valor, pois poderiam incorporar novos valores para a sociedade: “(...)biologicamente, a mulher foi programada pela natureza para engendrar e conservar a vida. Não admira que psicologicamente isto se projetado para sua maneira de ser (...)”. (*LSM*,1971, p 134)

No seu ponto de vista os problemas sociais seriam amenizados através da participação feminina na sociedade devido ao seu papel gerador de vida, ou seja, “(...) sua maneira profunda de reagir está toda ela voltada para os valores da vida que são valores de antidominação (...)” (*LSM*,1971, p 136) ao contrário do caráter competitivo e destrutivo dos homens para a humanidade responsáveis pela poluição, armamentos nucleares etc. Sendo assim, a libertação sexual da mulher promoveria a transformação do papel social das mulheres na sociedade através da construção de mundo melhor juntamente com o homem. Em suas palavras:

(...) Assim, a libertação sexual da mulher não é um problema simples. Ela requer que a mulher encontre o seu lugar no mundo junto ao homem. Que tenha competência profissional e independência econômica, sem o que não pode haver libertação nenhuma. A libertação sexual é um problema de maturidade pessoal e social (...). Trata-se de dar à mulher jovem formação pessoal, competência profissional e suficiente consciência social para que possa conscientemente decidir o que fazer com sua vida. Nisto e não nas relações sexuais compulsivas, como se pensa à primeira vista, é que consiste a libertação da mulher. (*LSM*,1971, p 155)

Portanto, no livro *LSM* a temática da sexualidade teve sua análise voltada para o contexto da revolução tecnológica e a contracultura. Sendo ao seu ver, a revolução tecnológica importante devido as transformações políticas, sociais e econômicas desenvolvidas nas sociedades ao longo da história, exemplificado na consolidação da sociedade capitalista. O questionamento da sociedade capitalista, considerada por ela repressiva especialmente no que se refere a sexualidade, foi expresso na crítica da contracultura aos padrões impostos por essa sociedade. Pois, na contracultura o indivíduo busca romper com essas estruturas sociais repressivas, elucidado em uma

moral sexual tradicional, através da valorização da liberdade sexual mediante uma nova expressão corporal.

3.2- A ótica contracultural de Rose a partir das fontes

De acordo com Patrícia de Barros o feminismo de Rose se inseria na perspectiva da contracultura pois “(...) dentro da imprensa alternativa na década de 70 (único meio possível de se obter uma contrainformação à imprensa oficial), novos temas foram abordados sob seu olhar vanguardista (...)” (BARROS, 2017, p.106). Nesse sentido, Patrícia de Barros utiliza como fontes históricas os livros *A Mulher no Terceiro Milênio* (MURARO, 1992), a autobiografia *MMI* e a entrevista de Rose na revista *Bondinho* “*Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher*” (JARY, Revista *Bondinho*, maio.1972), com o objetivo de compreender a concepção contracultural de Rose.

Com base na visão de Patrícia de Barros, compartilhamos a sua análise da integração de Rose na ótica da contracultura, no entanto expandimos o estudo ao compreender as produções de livros de Rose da década de 70 e 80 sob esse viés contracultural. Desta forma, após apresentar o livro *LSM* é necessário inferir algumas questões sobre a contracultura para entendermos incorporado a esse contexto.

Segundo Kaminski (2019) o termo contracultura foi cunhado por Rozark (1972) em 1968, “(...) nesse sentido, conceitualmente falando, a contracultura, como ela é entendida hoje, não existia antes de 1968. Suas experiências socioculturais de contraposição ao sistema que existiam e estavam ocorrendo em diferentes lugares do mundo (...)”. (KAMINSKI, 2019, p.22). Com isso Kaminski, considera a contracultura inserida na perspectiva transnacional ao analisá-la como um fenômeno histórico caracterizado pela diversidade de experiências singulares baseada na sua própria historicidade.

A contracultura como manifestação histórica se apresentou através da crítica a cultura ocidental vigente, ao buscar a transformação estrutural da sociedade pelo viés revolucionário em questões como sexualidade, estrutura familiar tradicional e subjetividade do indivíduo. A “(...) repressão sexual, imperialismo, exclusão social e ética, alienação, tudo fazia parte de uma cultura que, para parte dessa juventude, era a expressão de uma neurose coletiva (...)” (CAPELARI, 2007, p.26)

A rebeldia da juventude se externava no desejo de transformações políticas, econômicas e sociais em um contexto de Guerra Fria, principalmente através da contestação as instituições fundamentais como o Estado, família e educação. Sendo sobretudo a sociedade capitalista a raiz do problema para a crítica apontada ao consumismo, o autoritarismo, corrida armamentista, discriminação racial, de gênero e a desigualdade social. A citação de Rose a seguir apresenta alguns dos acontecimentos históricos desse contexto da contracultura, principalmente a transformação do seu comportamento influenciada pela Revolução Sexual pauta do feminismo:

Maio de 1968. Os estudantes levantam barricadas em Paris, reivindicando qualidade de ensino e liberdade para viver. Do outro lado do mundo, quase um milhão de jovens americanos desertam da Guerra do Vietnã, movidos pela mesma paixão de não servir ao sistema. As mulheres e os negros já haviam começado sua rebelião. Estava tendo início o que chamo de revolução das mentalidades, que iria se tornar o fato mais importante do século XX (...). Na minha vida também o centro passa da política para o comportamento. Nesse ano sem saber, virei uma bruxa (...). A revolução sexual dos anos 70 nos fez, a todos que a vivemos, abandonar os antigos padrões de sexualidade convencional e criar padrões novos (...). (MMI, 1999, p. 143-149)

Para Capellari, a busca pela ruptura da sociedade pelos jovens nas décadas de 1960 e 70, reflete o desejo de uma revolução interna onde a “(...) a adesão as drogas, à psicanálise em diversas versões, ao misticismo oriental, muitas vezes de forma combinada, correspondia ao anseio pela revolução psíquica (...)” (CAPELLARI, 2007, p.27). Desse modo, a ânsia pela liberdade sexual e a expansão da consciência através das drogas significava uma forma particular de conhecer o próprio corpo. Em sua autobiografia, no capítulo *Desconstrução do Corpo* (MMI,1999, p.234-240), Rose abordou da seguinte forma o seu processo de autoconhecimento:

(...) Aí foi uma coisa louca. O foco da terapia era a couraça de caráter, havia técnicas para saber quais os pontos do corpo eram reprimidos (...). Então comecei essa desconstrução do corpo todo. Foi muito fundo (...). A Revolução das Mentalidades continuava, mas já estava no seu finzinho. Eu ainda tinha essas experiências de corpo expandido, como por exemplo a liberação da Kundalini, que consegui depois de ter vivido o trauma do nascimento. Vou por partes, senão não consigo contar. Primeiro as drogas (...)” (MMI,1999, p.234-235)

A contracultura como ideologia foi “(...) respaldada nas concepções que justapunham marxismo e psicanálise, parte da juventude passou a enxergar, no superego, o agente repressor internalizado pelo Sistema (...)” (CAPELLARI, 2007,

p.17). Nesse sentido, autores como Wilhelm Reich e Herbert Marcuse expuseram a importância de uma produção intelectual de abordagem crítica da sexualidade.

Wilhelm Reich pode ser considerado um precursor das ideias sobre a sexualidade, ao questionar e acrescentar algumas concepções de Freud no campo psicanalítico. Seus estudos na década de 1920 e 30, são relevantes para compreender a função do orgasmo como resultado da genitalidade do indivíduo não restrito ao encargo psíquico sublinhado por Freud. Lourenço Leite diferenciou as ideias de Reich de Freud:

(...)Iniciar uma abordagem da teoria da genitalidade em Reich é, de um certo modo, supor a teoria freudiana da neurose repressiva. Freud estabeleceu na maquinaria psíquica que a neurose é o resultado de um conflito entre a libido e sua instância moral repressiva. Essa instância ele denominou de SuperEgo e Ego (...). Reich vai aceitar esse funcionamento, mas definirá a neurose como resultado de uma perturbação, não da libido em geral, mas da libido genital. Somente a plena satisfação somente a plena satisfação da libido pelo orgasmo pode assegurar o equilíbrio do indivíduo (...) (LEITE, 2012, p.2)

A repressão da sexualidade de acordo com a teoria de Reich levaria a diminuição do desempenho no trabalho e problemas emocionais no indivíduo, pois a neurose foi compreendida através da sua dimensão social e política. Dentro desse contexto, a instituição familiar exemplificou a base repressiva da sociedade pois era marcada pela ideologia autoritária da burguesia de caráter moralista:

(...)O processo de ideologização portanto, carrega consigo o estigma da família autoritária que vai fundamentar a moral sexual repressora e indicar o caminho que os homens e as mulheres devem seguir na sociedade, principalmente a sociedade burguesa (...). A família para Reich, como objeto de estudo e análise histórica tem na repressão sexual sua razão de ser. Assim fundamenta a origem da ideologia autoritária, exclusivamente, sem outras finalidades explicativas. (LEITE, 2012, p.5)

Herbert Marcuse foi um autor muito referenciado durante o período da Contracultura devido a sua visão crítica ao capitalismo. Em termos teóricos, ele utilizou algumas proposições de Freud, como a ideia no qual a formação da civilização se constituiu em uma base repressiva. No entanto, Marcuse se diferenciou ao incorporar também a teoria de Marx indicando a possibilidade de uma civilização não-repressiva através da transformação da sociedade. Cintia da Silva apresenta a diferenciação da concepção de repressão nas premissas de Marcuse e Freud:

(...) Ao analisar a psicanálise, Marcuse chegou à conclusão de que a repressão dos instintos humanos existe histórica, e não biologicamente; concordando com o posicionamento de Freud. Sua divergência se encontra no fato de afirmar que a repressão ocorreu não por uma escassez da natureza para satisfazer as necessidades de todos, mas por conta da distribuição desigual dos recursos naturais, que aconteceu quando as classes dominantes impuseram sua vontade egoísta a populações submissas, para privar, explorar e pisar os mais fracos (...). (SILVA,2015, p.24)

Fundamentado no conceito freudiano de princípio da realidade, Marcuse por meio da interpretação histórico-social estabeleceu o conceito de *Mais-repressão* que significa a exploração social existente na sociedade, ou seja, “(...)o que caracteriza o trabalho como algo alienante – conceito de Marx -, que influencia toda a vida do indivíduo (...)” (SILVA,2015, p.25). Neste sentido, o autor analisa a repressão como sintoma da supressão do prazer, caracterizado pela necessidade do trabalho na construção da sociedade capitalista.

Na teoria de Marcuse, essa repressão simboliza a alienação do indivíduo na sociedade capitalista, pautada em um processo de dominação do homem por meio das instituições sociais como o Estado e família. O autor apresenta a existência de um conflito entre sexualidade e civilização, que estabeleceu o desenvolvimento da dominação. Deste modo, através do conceito de o *princípio do desempenho*, examinou a incorporação do indivíduo ao sistema capitalista pautado em um progresso civilizatório de segregação social. Como pode ser observado abaixo:

(...)Na sociedade unidimensional, dado que o enorme avanço técnico e racionalidade poderiam facilmente libertar todos do jugo do trabalho alienado, transformando tal atividade em uma parcela residual da vida de cada um, reina um Princípio de Realidade específico, responsável justamente por aniquilar as possibilidades de crítica e de transformação: o Princípio de Desempenho. Tal Princípio é baseado em uma mais-repressão, necessária justamente para aniquilar a potencialidade que a própria sociedade unidimensional cria, isto é, a libertação do homem do trabalho heterônomo e alienado (...). (SANTOS, 2012, p.6)

No livro *LSM*, Rose incorporou as ideias de Marcuse ao destacar que a origem da repressão sexual se desenvolveu a partir do momento em que na sociedade capitalista, a sexualidade teve seu destaque para fins produtivos. No entanto, ela não abordou ao longo do livro expressamente os conceitos de Marcuse, basicamente identificou no autor o processo de formação da sociedade tecnológica baseado na repressão sexual após o período da pré-história:

(...) Com o progresso da civilização foi-se impondo uma repressão da vida sexual (livre no primitivo). Pouco a pouco essa repressão foi adquirindo

regras, códigos morais cada vez mais rígidos (...) O sexo, livre no primitivo, passa a ser reprimido em nome da necessidade de trabalhar. Evidentemente, o tempo gasto com o trabalho tinha que ser tirado de outras formas de atividades, especialmente a sexual. Assim, a civilização é, conforme frisou Marcuse, filha da repressão (...). (LSM, 1971, p.27-33)

O artigo escrito por Rose “Feminismo e Androginia” na revista Rolling Stone Brasil, exemplificou a sua perspectiva contracultural.



Figura 31: “Feminismo e Androginia”. Fonte: Rolling Stone Brasil, ano 1972, edição número 3, p.7. Disponível: Hemeroteca Digital da Rolling Stone Brasil. Disponível em: < <https://www.pedrarolante.com.br/#>>.

No início, mencionou que a partir de 1971, os jornais publicaram o processo de mudança desempenhadas pelas mulheres, e assim, relatou: “(...) não creio que a vinda da Betty Friedan tenha trazido algo novo. O que fez foi, apenas, revelar, o que já havia, latente (...)” (MURARO, Revista Rolling Stone, 1972, p.6). A presença da Betty Friedan ao Brasil foi destacada por Rose mediante o patrocínio da editora Vozes para participar de palestras e publicar o livro *Mística Feminina*. No entanto, ela sublinhou que não sabia do impacto que Friedan causaria no Brasil, pois o objetivo era apresentá-la nos meios universitários “(...) nem eu nem ela contávamos com a verdadeira revolução cultural que desabou (...)” (MURARO, Revista Rolling Stone, 1972, p.6). Na

citação a seguir Rose destacou as repercussões negativas e positivas da chegada da Betty Friedan:

(...) as repercussões negativas na imprensa foram acompanhadas de uma repercussão positiva menos visível. Onde quer que aparecêssemos éramos logo cercadas de jovens. Nas duas conferências feitas por ela (São Paulo e Rio) havia centenas, talvez mais de mil deles em cada uma. E de ambos os sexos. Sem nenhuma discriminação. O que acontecia revelava uma dupla face: a reação negativa era a expressão de uma sociedade patriarcal (...) A positiva era a expressão de um mundo novo que vem se formando dentro dela (...). Novos valores, novos padrões de comportamento como eu própria iria confirmar mais tarde em minhas viagens pelo resto do Brasil (...). (MURARO, Revista Rolling Stone, 1972, p.6).

Após a vinda da Betty Friedan proporcionar a abordagem da questão da mulher nos meios de comunicação, Rose salientou a luta do Conselho Nacional das Mulheres e dos sindicatos para garantir a criação de creches, através da discussão com o governo sobre políticas públicas para as mulheres. Nesse sentido, apontou a criação do Primeiro Congresso Nacional de Mulheres realizado em 1972, no qual teve o papel de desempenhar a parte intelectual do congresso, devido a sua função como assessora editorial da *Vozes*, como afirmou: “(...) minhas viagens, de fato, prendiam-se a motivos profissionais, mas como chefe de uma grande editora brasileira, tinha acesso às universidades e às entidades culturais do país (...)” (MURARO, Revista Rolling Stone, 1972, p.6).

Nas suas viagens pelo Brasil, Rose realçou que se surpreendeu com a quantidade de pesquisas realizadas sobre a mulher e destacou o seu protagonismo nesse processo. Primeiramente ela diferenciou as suas características pessoais das de Betty Friedan, considerada agressiva pelos meios de comunicação. Sendo o seu objetivo apontar uma maior recepção das suas ideias com o público, ao destacar: “(...) ainda havia recepções negativas nos jornais, mas, a minha personalidade menos agressiva e mais carioca que a de Betty Friedan atenuava-lhe os efeitos (...)” (MURARO, Revista Rolling Stone, 1972, p.7). Em seguida, ela caracterizou o tratamento recebido pelos jovens em suas palestras pelo Brasil:

(...) E ao lado dessa carga negativa, uma outra positiva: lá estavam os jovens de ambos os sexos nas minhas palestras, E em massa! (...) Até mesmo quando tudo era feito de improviso. Em Florianópolis, onde fiquei apenas vinte e quatro horas e aparecera (...) sem avisar ninguém, lá estavam quase duzentos jovens reunidos no campus da Universidade. Haviam sabido da minha presença na noite anterior, por um programa de televisão. Portanto,

nada havia sido preparado (...). (MURARO, Revista Rolling Stone,1972, p.7)

Na parte final do artigo, as ideias de Rose baseadas na contracultura foram apresentadas. Principalmente a sua concepção de andrógino resultado da sua influência em Norman Brown que compreendia “(...) à ideia de superação da questão sexual, indo além do entendimento binário (“homem ou mulher”) geralmente apresentado (...)foi compreendida por muitos como a mutação e evolução da espécie humana (...)” (BARROS,2017, p.98-99). Desta forma, Rose caracteriza o papel da juventude a partir da visão de andrógino:

(...) Na juventude atual a mulher já vem espontaneamente igual ao homem. O jovem da Era Eletrônica é a era do Andrógino. O unissex não é mais do que um sintoma físico de uma transformação mais profunda. O machão tradicional reprimia a sensibilidade, assim como a mulher submissa reprimia a inteligência (...). Na era eletrônica, o homem e a mulher integram-se ao viverem ao mesmo tempo as suas diferenças e as suas semelhanças. E ganham uma dimensão muito mais rica ao desenvolver a sua androginia (...). (MURARO, Revista Rolling Stone,1972, p.7)

Para Rose a libertação da mulher se inseria no processo do questionamento da juventude a sociedade, caracterizada como competitiva, patriarcal e autoritária. No qual, “(...) mudar a relação entre os sexos é mudar a estrutura toda. O homem e a mulher que se sentem iguais e veem isso como um dado natural, não podem aceitar os privilégios e as disparidades de um mundo competitivo (...)” (MURARO, Revista Rolling Stone,1972, p.7).

O desenvolvimento dessa libertação para Rose era algo recente no Brasil em oposição a Europa e Estados Unidos, no entanto, ela termina o artigo proclamando a libertação das mulheres através da sua visão contracultural do andrógino, em suas palavras: “(...) ABAIXO O MACHÃO! E viva o Mundo Andrógino! Bem bichos e bichas, o andrógino é um papo muito especial que fica para o próximo número.” (MURARO, Revista Rolling Stone,1972, p.7).

Na entrevista para a revista Bondinho denominada “Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher”⁸⁴, ficaram ainda mais evidenciadas a concepção contracultural. No início da entrevista a pergunta proferida a Rose sublinhou a questão da luta da mulher na perspectiva contracultural. Ela destacou a respeito da

⁸⁴ A entrevista de Rose a revista Bondinho contém doze páginas, no entanto para os objetivos dessa dissertação destacaremos alguns aspectos.

existência de uma opressão específica vivenciada pela mulher na sociedade patriarcal: a de gênero. Desta forma, inseriu a luta das mulheres no contexto do questionamento da própria sociedade opressiva na visão da Contracultura:

(...) E todas as lutas contra a opressão constituem uma luta global a que hoje chamam de contracultura. Não existem mais países, nem sexos, idades, nem raças, nem classes em luta. Existe uma mentalidade dominada (...). Assim a luta do jovem que se recusa a ser propriedade do homem, nos mesmos termos em que os países subdesenvolvidos se recusam a ser propriedade dos países desenvolvidos, são expressões específicas dessa luta de culturas (JARY, Revista Bondinho, 1972, p.45).

Para Rose, a luta compartilhada por todos, correspondia a supressão da relação dominante e dominado e retomou a descrição do mundo tradicional já desenvolvida no livro *LSM*, ao destacar: “(...) o corpo nesse mundo de escassez era disciplinado, reprimido. Só era usada uma de suas dimensões: produzir, produzir sempre, para garantir a sobrevivência (...)” (JARY, Revista Bondinho, 1972, p.45).

O rompimento desse mundo tradicional pautado na repressão do corpo para o trabalho começou a ser transformado “(...) na era tecnológica é que esse esquema, que veio do reino biológico (Darwin- e a lei do mais apto), foi rompido. Pouco a pouco o tecnológico vai dominando o biológico: por exemplo, a lei do mais forte acaba no mundo tecnológico (...)” (JARY, Revista Bondinho, 1972, p.45).

Nesse sentido é importante destacar que ao mencionar que: “(...) a repressão não era só sexual, mas de todos os instintos que não tivessem uma aplicação funcional, como por exemplo, a parte sensorial (...)” (JARY, Revista Bondinho, 1972, p.46), deixa claro sua compreensão que a repressão do corpo não se limitava a questão sexual.

Desta forma, ao seu ver o rompimento da relação dominante e dominado na sociedade, se associaria a busca do indivíduo pela sua reintegração, ou seja, a desrepressão do corpo. Portanto, Rose caracteriza a integração do indivíduo na figura do andrógino, como demonstra no trecho abaixo:

(...) Em primeiro lugar é preciso que o homem desreprima a parte feminina que tem dentro dele, e a mulher faça o mesmo com a parte masculina que tem dentro dela. Isto é, o homem desreprima a sensibilidade e a mulher desreprima a inteligência e a criatividade. Este tipo de ser novo não é mais o homem e a mulher como conhecemos tradicionalmente, mas sim outro tipo a que chamaremos de andrógino, isto é, o homem-mulher e mulher-homem (...). (JARY, Revista Bondinho, 1972, p.47-48).

A repercussão do livro teve destaque no jornal Correio da Manhã através da matéria “A mulher e a neurose da juventude” escrita pela própria Rose.



Figura 32: “A Mulher e a Neurose da Juventude”. Fonte: Correio da Manhã: ano 1970, Edição 23825 (2). Disponível: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O artigo abordou a manipulação sofrida pelas mulheres na sociedade de consumo, definida por Rose como “neurose da juventude”. Na parte inicial, a crítica a culturas de massas foi posta no artigo ao analisar os padrões e valores culturais imposto em filmes e propagandas da sociedade de consumo norte-americana sendo “(...) a mulher é bombardeada pela visão de jovens esbeltas tentando vender-lhes este sabonete ou aquele cigarro que a fará eternamente jovem e glamourosa (...)” (MURARO, Correio da Manhã, 1970). A ditadura da beleza na qual as mulheres são instigadas a se inserir através de regimes para emagrecer, deixam marcas negativas devido à dificuldade de se manter as aparências físicas. Com isso, Rose apontou os problemas gerados pela cultura de massas:

(...) Assim, a cultura de massas frustra todas as mulheres, uma vez que todas envelhecerão e a maioria engorda e perde a beleza. Por negar os lados negativos da vida, a cultura de massas nega, também, a totalidade dessa mesma vida. É, por isso, uma cultura neurótica e “puxa” de dentro das pessoas médias reações neuróticas. Muitas mulheres reagem às suas inferioridades físicas negando a sua feminilidade. Tornando-se hostis aos homens e ao sexo. Emasculam-se. Fica inseguro. Outras fogem do problema dedicando sua vida a tarefa: profissão, esporte, artes, vida intelectual...(...) (MURARO, Correio da Manhã, 1970).

Após apresentar os problemas desenvolvidos pela cultura de massas, ela ressaltou a sua contribuição para que as mulheres conseguissem resolver esses dilemas, ao destacar que todas deviam compreender seu interior com profundidade, ao dizer que principalmente as mulheres gordas ou mais envelhecidas precisariam quebrar os estereótipos para se sentirem aceitas por si próprias e, assim serem felizes. Desse modo para Rose, a partir do momento em que a mulher reconhecesse a sua feminilidade ela poderia constituir junto ao homem uma nova sociedade o que seria o oposto da neurose influenciada pela cultura de massas.

A reportagem “Salvar a humanidade contra o domínio e a competição suicida” publicada no jornal Diário de Pernambuco, abordou o movimento feminista através da perspectiva de Rose. Na introdução do artigo, algumas indicações foram feitas pela jornalista Zenaide Barbosa, no que se relacionava a compreensão do leitor sobre o movimento feminista.



Figura 33: “Salvar a humanidade contra o domínio e a competição suicida”. Fonte: Diário de Pernambuco: 1971, Edição 00269 (1). Disponível: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Zenaide apontou a leitura do livro *Mística Feminina* (1971) de Betty Friedan e o diálogo com Rose, como exemplos de requisitos fundamentais para o entendimento do feminismo. Na apresentação do movimento feminista organizada pelo jornal, foi exibido o objetivo de lutar contra as estruturas de dominação e a competição do homem tradicional. A justificativa apresentada pontuava que o propósito não seria acabar com todos os homens, apenas propunha a igualdade entre os sexos, ao abordar a necessidade da liberdade sexual feminina na relação conjugal, definida a seguir:

(...) Não se trata, como muitos pensam, de ter a mulher a liberdade de dormir cada noite com um homem diferente. Liberdade não é libertinagem. O que a mulher procura é a liberdade de participar plenamente das relações sexuais. O direito de ter, com o seu marido, as mesmas explosões de sentimentos e paixões que ele, homem tradicional, machão, somente concebe na mulher que não é sua (...). (Diário de Pernambuco, edição 00269, 1971)

Na entrevista, Rose ressaltou a sua compreensão a respeito das distorções que os jornais e revistas faziam do movimento feminista. Para ela, a origem destas deturpações estaria vinculada ao domínio da escrita masculina nos meios de comunicação, consequência da perpetuação da dominação e a competitividade existente na sociedade, no que ressaltou: “(...) esta civilização patriarcal, competitiva, autoritária e suicida, dura há dez mil anos. Nos últimos cem anos, a competitividade se tornou planetária, através da Revolução Industrial e pós-industrial(...)” (Diário de Pernambuco, edição 00269, 1971).

Desse modo, a competição dos homens foi analisada historicamente por Rose através da transição do nomadismo para o sedentarismo, “(...) isto porque a dominação, que nasceu quando o homem deixou de ser nômade e fixou-se a terra, gera a competição (...)” (Diário de Pernambuco, edição 00269, 1971).

Em sua visão, a dominação do homem caracterizava um “espírito competitivo” que conduzia a humanidade a “autodestruição” através de guerras. Com isso, para eliminar essa dominação e a competição característicos do homem na sociedade, o papel da mulher seria fundamental pois para ela o elemento feminino ofereceria novos valores para a construção da sociedade, como afirmou:

(...) biologicamente, a mulher foi programada pela natureza para engendrar e conservar a vida. Não admira que, psicologicamente, isto se tenha projetado para sua maneira de ser. A mulher além de ser essa base biológica e psicológica da espécie, é também a sua base sociológica. A mulher traz os valores da pessoa para dentro da sociedade de dominação, em que a pessoa é simplesmente manipulada. Podemos afirmar, sem dúvida, que sendo mãe da

raça humana, traz consigo valores de vida e não de manipulação, que é negação do outro (...). (Diário de Pernambuco, edição 00269, 1971).

No final do texto algumas informações pessoais e profissionais de Rose são expostas no jornal, com ênfase principalmente nos aspectos pessoais descrevendo como: “(...)jovem, mãe de dois filhos adolescentes. Afirma também que tanto o marido quanto os filhos têm o maior respeito pelas suas ideias e concordam com eles (...)” (Diário de Pernambuco, edição 00269, 1971). Com relação, aos assuntos profissionais dizem respeito ao seu cargo de chefia na Editora Vozes e o lançamento do livro *LSM*.

3.3- A Erótica Cristã: a crítica da sexualidade na perspectiva da Teologia da Libertação

O livro *SLB* publicado em 1985 pela Editora Vozes, que, conforme destacado por Rose, foi consequência de seminários, palestras e participação em grupos de reflexão, principalmente com pessoas associadas a Igreja Católica, agentes pastorais, teólogos, mas também com cientistas sociais, politólogos, militantes de movimentos sociais, terapeutas, historiadores e mulheres dos movimentos de mulheres.

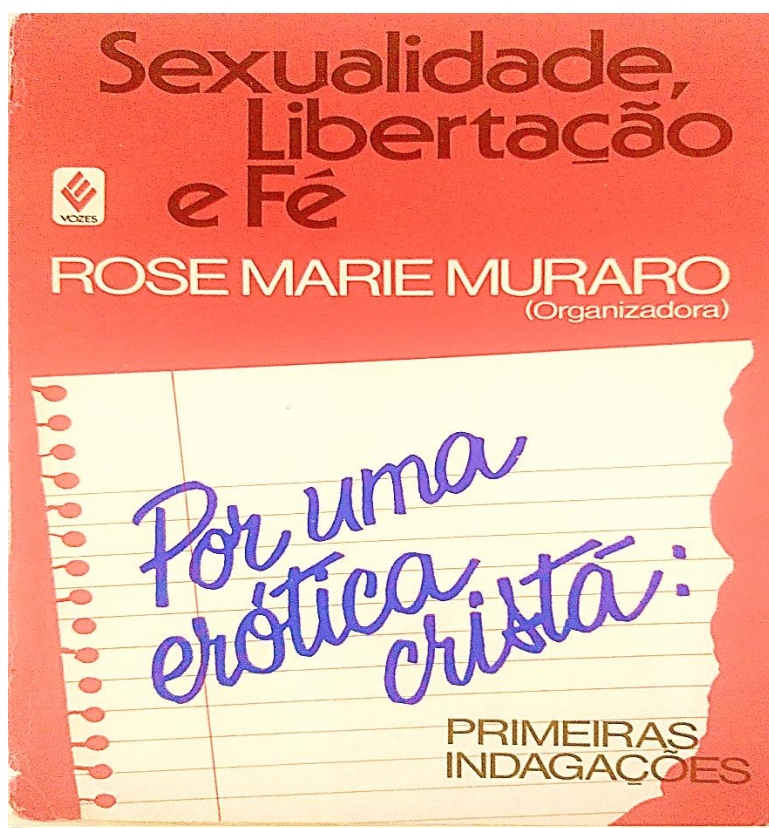




Figura 34: Capa e Contracapa do livro SLF. Fonte: Acervo pessoal

Ao contrário dos outros livros apresentados, o livro *SLF* não apresenta uma teoria, metodologia e bibliografia, sendo intencionalmente organizado desta forma pois, em suas palavras, a “(...) a metodologia convencional havia sido propositalmente rompida a fim de que o novo pudesse emergir (...)” (*SLF*, 1985, p.7-8). O objeto do livro na visão de Rose foi propor a discussão da sexualidade a partir da crítica a teologia oficial da Igreja no que se refere “(...) a sexualidade, até hoje tabu mesmo nos livros da teologia oficial da Igreja e, dada também a novidade do enfoque a partir do oprimido (principalmente da mulher)” (*SLF*, 1985, p.9).

Na apresentação do livro, Rose citou as seguintes instituições: universidade, partidos políticos e Igreja com o objetivo de propor a discussão da sexualidade nessas

instituições pois “o que se deu de fato, em suas mais de cinquenta viagens pelo território nacional convidada por instituições e pessoas oriundas destes e de outros segmentos da sociedade brasileira” (SLF, 1985, p.7).

Com relação as universidades, ela abordou seu distanciamento epistemológico acadêmico por compreender que essas corroboram para a classe dominante. Os partidos políticos em sua visão impossibilitariam “(...) o desejo de libertação do povo (...)”, dessa forma as organizações políticas deveriam ser reformuladas. E por fim a Igreja, que através dos valores morais submeteu a manipulação da sexualidade por meio da submissão da restrição do desejo.

Sendo a proposta do livro mediante as discussões com as pessoas de dentro da Igreja, construir uma erótica cristã, “(..) erótica aqui entendida como a arte que leva a vida e não, como vulgarmente se possa pensar, como caminho da manipulação do desejo pelo poder (ex: pornografia)” (SLF, 1985, p.8).

Para a melhor compreensão do livro *SLF* é necessário inseri-lo nas discussões da Teologia da Libertação. Alberto Moreira analisou as colaborações da Teologia da Libertação para os movimentos sociais no aspecto social, prático, político e religioso. Ele apresentou as propostas centrais da Teologia da Libertação da seguinte forma:

A Teologia da Libertação latino-americana nasceu da proximidade com os pobres e marginalizados. Com um pensamento primariamente não acadêmico, orientado mais a prática pastoral e uma opção existencial do que a questões doutrinárias, esta teologia, e o movimento social-político-ecclesial que leva seu nome, supunham uma confrontação pessoal com a pobreza, a injustiça e a marginalização social vividos pelas camadas pobres da população. Os homens e mulheres, religiosos, leigos, teólogos, padres, bispos que marcaram o movimento, buscavam (e ainda buscam) fazer uma experiência imediata de conhecimento e solidariedade com a vida dura e sofrida das camadas populares urbanas e rurais (MOREIRA, 2012, p. 38).

Com base nessa definição, o autor pontuou algumas ações importantes dos agentes pastorais e educadores populares da Teologia da Libertação apresentada como *mudança de lugar social*, *mudança de lugar teórico* ou *mudança do horizonte epistemológico*. A *mudança de lugar social* significava que os agentes pastorais, que geralmente eram de classe média, teriam que se colocar no lugar dos desfavorecidos, ou seja, deveriam compreender e priorizar as necessidades dos pobres a partir da aproximação física com eles. E a *mudança de lugar teórico* ou *mudança do horizonte epistemológico* correspondia que:

(...) o teológico não era mais uma doutrina religiosa pronta, um *ensinamento* preparado *a priori* e vindo de um contexto distante, quase sempre europeu ou romano, para ser repassado e internalizado pelas pessoas (MOREIRA,2012, p.39).

Ou seja, a teologia é compreendida através da ação coletiva entre a comunidade e o teólogo, sendo o objetivo principal proporcionar o rompimento com a desigualdade social e injustiça marcada pela vida dessas pessoas.

A relação da Teologia da Libertação com os movimentos sociais é evidenciada através das “(...) redes sociais contra diferentes formas de opressão (além daquelas político-econômicas do passado) e em luta por “novos” *direitos* a serem reconhecidos como (de gênero, identitários, étnicos e culturais etc)” (MOREIRA,2012, p.46). Nesse sentido, algumas contribuições da Teologia da Libertação para os movimentos sociais pontuadas pelo autor, foram: a educação popular, libertação cognitiva, espiritualidade e mística, crítica do capitalismo e a universalização das lutas.

A educação popular se relacionou a elaboração de publicações de livros, cartilhas, folhetos na linguagem popular, com o objetivo de promover uma educação libertadora para essas pessoas das comunidades. O que se associa a libertação cognitiva entendida “(...) no processo de formação de movimentos sociais, a religião foi usada empiricamente como recurso político – o potencial democrático das comunidades de base ofereceu suporte e formou uma cultura política de participação e de corresponsabilidade (...)” (MOREIRA,2012, p.49).

A espiritualidade e mística não foi bem desenvolvida por Alberto Moreira, apenas caracterizado mediante a formação de uma suposta sensibilidade nos agentes pastorais, identificado em uma mística religiosa. Desta forma, para ele essa mística possibilitou uma integração e disposição dos agentes pastorais com a luta diária das comunidades, sendo reconhecidos como uma autoridade moral que desejavam acabar com toda a injustiça social sofrida por aqueles mais necessitados. A percepção da existência de uma injustiça social se desenvolveu através da crítica ao capitalismo, compreendido como um sistema que produzia essas desigualdades sociais.

Por fim, a ideia da universalização das lutas apresentou a importância da Teologia da Libertação para os movimentos sociais pois “(...) as comunidades eclesiais de base, as pastorais sociais e a própria Igreja Católica por sua presença no mundo todo, formam uma grande rede internacional de apoio, (...) informações e recursos (...)” (MOREIRA,2012, p.51), ou seja, conseguiu ampliar as bases sociais no que se refere

atuação nas comunidades. O autor concluiu sobre a relevância da Teologia da Libertação:

(...)A Teologia da Libertação trouxe muito mais do que apenas uma nova forma de fazer teologia dentro das igrejas – aquela que pensa a irrupção do Reino de Deus a partir do avesso e do reverso da história. Ela trouxe um novo horizonte, um marco, um divisor de águas para todo tipo de pensamento teológico e ação pastoral que se queiram sérios em relação à revelação de Deus no mundo (...). (MOREIRA, 2012, p.51)

Jaci Candiotta no capítulo um “Mulheres, Teologia e Libertação: uma trajetória histórica” (CANDIOTTO, 2012), analisou o contexto histórico da formação da teologia feminista. Em sua visão, primeiramente é importante compreender a influência do feminismo a partir da década de 60 no movimento de mulheres da América Latina. No entanto, abordou que “(...) os feminismos são considerados o corpo teórico e o projeto político; já o movimento de mulheres, é compreendido como a dimensão prática do engajamento e luta das mulheres (...)” (CANDIOTTO, 2012, p.31). A autora ressaltou a diferenciação do movimento de mulheres do feminismo no tocante aos objetivos:

(...) Em contraste com aquele feminismo, os movimentos de mulheres latino-americanas enfatizaram mais a luta pela vida a partir da ampliação do sentido de luta de classes; no plano discursivo, elas minimizaram a luta contra o sexismo ao privilegiar uma reflexão de caráter socioeconômico, particularmente a problematização da feminização da pobreza (CANDIOTTO, 2012, p.31).

O movimento de mulheres cristãs da América Latina se associou a vivência na Igreja e ao Concílio do Vaticano II⁸⁵. A autora sublinhou a participação das mulheres nas agregações religiosas tradicionais como: Apostolado da Oração⁸⁶, Congregação Mariana⁸⁷, Conferências Vicentinas⁸⁸ e Damas de Caridade⁸⁹ e principalmente nas CEBs. As CEBs incentivavam a relação entre clérigos e leigos tendo as mulheres um

⁸⁵ “Foi uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século 20. Com o objetivo de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião o papa João XXIII convidou bispos de todo mundo para diversos encontros, debates e votações no Vaticano. Da pauta dessas discussões constavam temas como os rituais da missa, os deveres de cada padre, a liberdade religiosa e a relação da Igreja com os fiéis e os costumes da época (...)”. Trecho extraído da reportagem “O que foi o Concílio do Vaticano II?”, *Revista Super Abril*, jul. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

⁸⁶ Mais informações sobre o tema, ver: <<https://aomej.org.br/historia>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

⁸⁷ Mais informações sobre o tema, ver: <[CONGREGAÇÃO MARIANA – CONFEDERAÇÃO NACIONAL \(cncmb.org.br\)](https://congregacao-mariana-confederacao-nacional.cncmb.org.br)> Acesso em: 30 mar. 2021.

⁸⁸ Mais informações sobre o tema, ver:< <https://ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

⁸⁹ Mais informações sobre o tema, ver: < <http://arquisp.org.br/organizacaoapastoral/coordenacao-pastoral-do-laicato/associacao-das-damas-de-caridade-de-sao-vicente-de-paulo> >. Acesso em: 30 mar. 2021.

papel evangelizador importante, contribuindo em “(...) respostas a várias demandas de comunidades carentes, desde a lideranças de ações básicas como creches para seus filhos, saneamento básico, moradia etc. (...)” (CANDIOTTO, 2012, p.39). Mesmo as mulheres sendo participativas nas CEBs, foi destacado a permanência da desigualdade de gênero exemplificado na prevalência de postos de lideranças masculinos.

Candioto denomina de a Teologia da Libertação na ótica das mulheres a participação feminina no movimento da Teologia da Libertação, ao privilegiar as reivindicações das mulheres pobres através da “(...) inclusão das mulheres na vida social e eclesial de forma mais decisiva, seu objetivo é fortalecer as interações entre homens e mulheres na colaboração conjunta (...)” (CANDIOTTO, 2012, p.62). Diferentemente, a Teologia Feminista surgida na década de 1980, criticou o próprio termo libertação ao destacar que a Teologia da Libertação não analisou a opressão específica das mulheres. Desta forma, a teologia feminista crítica a não integração das mulheres no discurso teológico, ao propor através da categoria analítica de gênero, uma nova epistemologia que incorpore a atuação feminina na sociedade.

Ivone Gebara, teceu críticas a Teologia da Libertação no que diz respeito as mulheres, pois a “(...) hegemonia teológica masculina não acolherá o novo lugar das mulheres sem a gradativa transformação dos fundamentos que sustentam a chamada fé cristã e sem uma contínua educação pessoal e coletiva (...)” (GEBARA, 2020, p.5). Nesse sentido, esta autora destacou que o significado da libertação para as mulheres teólogas se diferenciavam dos homens:

Não era apenas a libertação dos pobres como diziam os teólogos da libertação. Era a libertação de nossas identidades sexuais, de nossas relações cotidianas e a libertação da opressão social, política e religiosa imposta ao nosso sexo pela “natureza patriarcal”. Convocamos e acolhemos os saberes de nossos corpos; desconstruímos narrativas; desmanchamos velhos preconceitos e preconceitos; criticamos os absolutos; relemos a história bíblica e a história dos cristianismos buscando os traços de nossa presença escondida, de nossa voz silenciada e de nossos direitos negados. Tentamos resgatar nossas sexualidades, para além dos moralismos e dos controles ditados pelos representantes do poder divino. (GEBARA, 2020, p.6).

Ao apresentar um trecho do livro do teólogo Gustavo Gutierrez (1971), a autora ressaltou que a Teologia da Libertação se propôs a refletir sobre os mais pobres a partir de uma visão não eurocêntrica, no entanto a formação intelectual dos teólogos apresentava uma linguagem clerical patriarcal ao mencionar: “(...) O papel das

comunidades é bastante minimizado, visto que tudo deve passar pelo crivo dogmático identificado à fé. Incluem-se os pobres na teoria sobre eles, mas pouco aparece a cosmovisão dos muitos pobres (...)” (GEBARA, 2020, p.9). A sua experiência dentro da Teologia da Libertação teve destaque no seu texto, ao demonstrar a luta das mulheres dentro do viés teológico ao seu ver compreendido como uma filosofia contemporânea baseada na busca pela libertação:

A violência que antes criticávamos apenas a partir da economia e da política, reaparece hoje em outras modalidades com a grande banalização da vida humana e da vida do planeta. Expande-se igualmente como violência crescente contra os corpos femininos e de muitas formas é corroborada pela sutil violência simbólica presente nas igrejas. É, pois, a partir dessas dores concretas especialmente das mulheres na sua diversidade social e cultural que os feminismos e a teologias feministas tem dado respostas que, com frequência, não se coadunam com as posturas morais das igrejas cristãs (GEBARA,2020, p.11-12).

Nesse sentido, Ivone Gebara faz uma crítica ao próprio cristianismo pois este em sua visão reafirma a naturalização da diferença entre homens e mulheres através de uma justificativa divina, ressaltando: “(...) o Deus dos pobres e da libertação não gostava das mulheres que faziam aborto, não gostava das que denunciavam a violência masculina, não gostava das sexualidades diferentes (...)” (GEBARA, 2020, p.13). A crítica da autora reverbera na forma que as igrejas e a teologia excluem as mulheres de uma participação protagonista nos espaços religiosos devido a tradição patriarcal cristã.

Com relação ao que denominou de tradição patriarcal cristã, a autora discutiu a temática da sexualidade. Sendo a sexualidade na visão religiosa, representada no controle do corpo feminino através da valorização da virgindade e renúncia ao desejo sexual. No entanto no início do século XX, ela citou as inovações da psicanálise no campo da sexualidade e o feminismo como fatos importantes para o questionamento do controle do corpo feminino. A autora indicou a lutas das mulheres pela liberdade da própria sexualidade, ao questionar a visão religiosa:

Em nome Deus Pai afirmavam a posse do nosso corpo, impedindo-nos de escolher ou decidir sobre ele, indicando-nos o número de filhos que deveríamos ter, os prazeres permitidos e os proibidos, os deveres e as obrigações em relação ao serviço aos homens, sempre nas formas e tempos aprovados por eles. Por isso, podemos dizer que as mulheres eram os sujeitos mais interessados na revolução sexual, uma vez que eram as maiores vítimas do sistema patriarcal repressivo (GEBARA, 2020, p.15).

A questão da sexualidade foi compreendida como um assunto pouco mencionado pela Teologia da Libertação pois “(...) ao falar dos pobres, se limitava a sua pobreza à dimensão econômica e não as relações sociais e interpessoais em que a vivência da sexualidade era fundamental” (GEBARA, 2020, p.15). Com isso, ela propõe a transformação da epistemologia teológica, marcada pela visão masculina, e que se torna fundamental para perpetuar as crenças religiosas que mantêm as mulheres em subalternidade. Para tanto, defende a proposta de modificação das estruturas de dominação masculina através de uma antropologia feminista:

Uma antropologia feminista é nada mais do que uma antropologia sem predefinições do humano na linha da ordem perfeita estabelecida pelo Deus patriarcal (...). É uma antropologia que desnuda as tramas do controle das hierarquias religiosas em cumplicidade com as hierarquias econômicas, políticas e sociais (GEBARA, 2020, p.21).

Nesse sentido, Rose em seus livros expressou uma crítica a normatividade sexual que estabelecia que as normas e condutas sexuais seriam baseadas em fatores biológicos, principalmente ao condenar a moral sexual defendida pela Igreja Católica. Como também em sua análise teve a contribuição de Foucault (1988), pois acreditava na possibilidade de desconstrução do corpo baseado em uma vivência da sexualidade livre das repressões sexuais.

SLF possui vinte três capítulos e algumas das temáticas desenvolvidas são: corpo dominado, aborto, dimensão política da sexualidade, dimensão teológica da sexualidade, sexualidade e classe social, moral da Igreja e adultério entre outros. No capítulo sobre o *corpo dominado* (*SLF*, 1985, p.38-41), o questionamento se desenvolveu em compreender como na sociedade de consumo, as práticas do sexo e prazer se inserem nos esquemas de dominação da sexualidade, ao sublinhar que “(...) o grupo social, dentro e através do qual nascemos, modela nosso corpo (aquela da “percepção corpórea”) muito além do que estamos habituados a supor (...)” (*SLF*, 1985, p.40). Sendo, assim o problema da sexualidade se referiu a uma libertação do desejo, ao ser destacado da seguinte forma:

(...) E tudo isto, penso, está muito ligado ao problema da sexualidade como afirmação de si, como auto expressão. A sexualidade está é mesmo a serviço do bem da própria pessoa, que é sempre alguém sexuado no seu ser e conviver. Daí que a sexualidade tem que excluir toda a relação que a escravize (*SLF*, 1985, p.41).

O aborto foi outra temática analisada, primeiramente de forma crítica a visão burguesa feminista de controle do próprio corpo, ao ser ressaltado por uma das participantes do livro: “(...) eu acho fragilíssimo o argumento do aborto vindo critério burguês feminista de dizer “porque a mulher a mulher é dona de seu corpo”. Todos nós somos donos de nosso corpo e não somos” (SLF, 1985, p.42). Ou seja, na sua percepção a ideia burguesa de pertencimento do corpo reafirmava a não responsabilidade masculina no relacionamento, a exemplo da questão do aborto cujas consequências seriam impostas apenas as mulheres. Desta forma, discorreu sobre a necessidade da integração entre mulher e homem na relação, ao analisar:

Agora, é a relação de coresponsabilidade de um pelo corpo do outro que acho que é a relação libertadora. Mesmo nas sociedades avançadas, principalmente, o aborto existe por causa do individualismo, como você diz. Então o problema da mulher dona de seu corpo pode ser uma conotação burguesa sim, que acho que é predominante, mas ela pode ser uma resposta e uma resistência a esta não-coresponsabilidade. E isto aí, acho que em termos teóricos pode dar-nos também um pouco o caminho para o problema geral, isto é, do pobre. Se não houver a coresponsabilidade, ainda a relação dominante/dominado. Ela só deixará de existir quando houver realmente identidade autônoma de ambos (SLF, 1985, p.42-43).

A questão do aborto no Brasil como aborda Leila Barsted (1992), representou uma trajetória de luta das feministas principalmente a partir da década de 1980. Os debates públicos em torno da problemática do aborto, apresentavam discursos favoráveis e contrários pelos diversos setores da sociedade como: feministas, imprensa, partidos, Igreja Católica, políticos entre outros. No entanto, cabe ressaltar que apesar das disputas geradas em torno da questão, as feministas lutaram bravamente pela descriminalização e legalização do aborto como direito garantido na constituição:

(...) A pressão dos setores religiosos foi contínua; ora discreta, nos bastidores da política, ora mais ofensiva, através de um intenso marketing na grande imprensa ou de poderoso lobby junto aos congressistas e setores governamentais em geral. No entanto, é importante assinalar que o mais notável do processo desencadeado pelas feministas na luta pelo direito ao aborto foi a sua capacidade de defender esse direito de forma solitária. As mulheres deflagraram, sozinhas, um debate público com uma radicalidade e persistência inegáveis. De fato, os aliados foram poucos. Os Conselhos Regionais de Medicina, com algumas exceções, o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, os sindicatos e centrais de trabalhadores, a intelectualidade progressista do país se manteve indiferentes à luta feminista, quando não contrários a ela (...). (BARSTED, 1992, p.21)

Dentro do sistema produtivo, a sexualidade esteve inserida na dimensão social e política, ou seja, “a sexualidade, a partir da compreensão do corpo, enraizado na corporalidade, como modo de ser do corpo, é um lugar de entroncamento pessoal (...) e do social, político, enfim da sociedade” (SLF, 1985, p.44). Sendo também fundamental a redefinição do próprio conceito de política:

Deve-se, portanto, entender a política como dimensão que atravessa toda a relação social. Agora, a questão que se coloca é: Como é que se recupera a moral num sentido novo? Como fundar uma moral político-sexual nova? Como realizar uma recuperação política da sexualidade ou uma recuperação sexual da própria política da sexualidade ou como quiserem (...) E eu caminharia mais naquela colocação que a Rose avançou aqui, da corresponsabilidade, que é por aí que a coisa caminha (SLF, 1985, p.47).

A dimensão teológica da sexualidade destacou-se através da moral sobre o aborto, no qual as questões biológicas restritivas foram analisadas como menores em relação aos obstáculos políticos, sociais e econômicos ao ato de abortar. A autora pontua ainda as dificuldades das mulheres de classes sociais desfavorecidas na análise da prática do aborto: “precisamos cuidar de não empobrecer mais ainda o pobre, ou seja, de sua condição que já é massacrada” (SLF, 1985, p. 49).

A moral oficial da Igreja⁹⁰ esteve em debate no livro, a partir do questionamento da sexualidade serem determinadas hierarquicamente por normas morais inquestionáveis, sendo proibido escrever ou falar sobre a temática na instituição. E a proposta de romper com essa moral se atrelou a ideia de conhecer o corpo e o desejo “(...) no momento em que não se passa por todas as linhas corpóreas, não se conhecem todas as potencialidades do próprio corpo, prazer, e não se vai poder tirar esse saber, porque um decorre do outro” (SLF, 1985, p. 65).

A relação entre sexualidade e classe social se associou principalmente a crítica a discussão de planejamento familiar das famílias pobres proposta pelo governo. Uma das soluções apontadas por Rose para essa política de planejamento familiar se baseou ao seu ver nas feministas que “fazem-se clínicas de conscientização da mulher. A partir do momento em que a mulher sabe as condições do controle ou não da natalidade, ela decide” (SLF, 1985, p. 86).

⁹⁰ Para compreender melhor a questão recomendo a leitura: GUEDES, Carlos Wagner Jota “Representações da dualidade feminina: santificações e a perdição”. IN: **Essa Moça Tá Diferente: Debates sobre a Representação da Sexualidade**. Dissertação (mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

A imoralidade ou não do adultério entrou em um controverso debate sobre a possibilidade da justificação de cometimento da ação devido ao envolvimento do indivíduo em uma relação opressora. Como umas das defensoras, Rose analisou criticamente a liberalização sexual da mulher sem afeto na relação, mas ressaltou a possibilidade de ocorrer o sexo sem afeto, pois a libertação da dominação é gradual. No trecho a seguir exemplifica a análise:

(...) o problema de se chamar a mulher para uma lógica masculina, porque é isto que se chama de liberalização: transação sexual dissociada do afeto; mas aceito chamar homens e mulheres para uma lógica feminina, que é, no caso, a transação sexual integrada com afeto que é muito difícil. E muitas vezes tenho visto também, com minha experiência com mulheres, que esta saída do casamento, que supõe uma fase intermediária, em que a mulher vai transar com outros homens, isto vem a partir das terapias que ela faz (*SLF*, 1985, p. 88).

O livro *SLF* buscou reconsiderar a moral sexual através do olhar do oprimido das mulheres, ao abordar as discussões dos seminários que abordavam as questões da sexualidade através da vertente da Teologia da Libertação. Sendo a sexualidade considerada uma temática polêmica no interior da instituição da Igreja Católica, pois era expressamente proibido falar ou escrever sobre este tema uma vez que significava um questionamento da moral cristã.

Este livro nas palavras de Rose “(...) foi vendido principalmente dentro da Igreja. E foi um impacto. Nele nós, mostrávamos que a moral católica servia ao sistema e que a ética não tinha nada a ver com a moral. A ética estava acima da moral (...)” (*MMI*, 1999, p.270). Por causa da abordagem da sexualidade o livro sofreu censura da Igreja e foi retirado de circulação, sendo apontada por ela como uma das razões da sua expulsão da Editora Vozes em 1986.

3.4- A repercussão do livro a Erótica Cristã e sua demissão da Vozes

Na resenha “E o erótico lá casa com cristão?” no jornal *Mulherio*, o antropólogo Luiz Mott⁹¹ fez duras críticas ao livro.

⁹¹No período da publicação da resenha ele era professor do departamento de antropologia da Universidade Federal da Bahia.

E erótico lá casa com cristão?

Luiz Mott

Sexualidade, Libertação e Fé, Por uma erótica cristã
Rose Marie Muraro
Editora Vozes, Petrópolis, 1985,
124 páginas.

Quando fé religiosa e conhecimento científico se confrontam na análise de uma questão humana concreta — a sexualidade por exemplo — o resultado, seja na Cristandade de João Paulo II, seja no Islão do Aiatolá, é, invariavelmente catastrófico. Por mais liberais e malabaristas que sejam os teólogos, a “revelação divina” tem sempre a última palavra. Deus falou — está falado. A fé é um passo no escuro: destrua-se o telescópio de Galileu, que Leonardo Boff se cala. A infalibilidade do dogma é essencial à unidade do rebanho de crentes. Um só rebanho, um só pastor.

Este último livrinho da primadona do feminismo católico tupiniquim — lastimavelmente é um grande fiasco. Apesar da humildemente sub-titular-se “Primeiras Indagações”, *Por uma Erótica Cristã* revela as limitações e contradições

insuperáveis dos que crêm na mitologia judaico-cristã como a concretização acabada e perfeita da própria “moral natural”, esquecendo-se do beabá do conhecimento antropológico e da história comparada das religiões que comprovam, por A mais B, que nenhum código moral pode envolver-se em ser mais perfeito do que o outro, posto que para o grupo social que o segue, constitui a resposta cultural adequada para o modus vivendi da comunidade em questão. A condensação recente, por exemplo, da poligamia africana por parte do Papa polonês, revela o quão longe da verdade científica e dos direitos humanos a Igreja ainda se mantém, negando o direito à alteridade, sob o alegação altamente questionável de que a família nuclear do tipo judaico-cristã representará maior perfeição do que as soluções alternativas.

Tendo publicado em 1983 o volumoso *Sexualidade da Mulher Brasileira*, muitos foram os debates, sobretudo no meio católico, provocados por aquela obra. Aproveitando-se então de tais discussões, e de outro tanto de palestras, seminários e grupos de reflexão, Muraro organizou este material que é o conteúdo da presente obra. Seus interlocutores são agentes pastorais, teólogos, terapeutas, cientistas sociais, feministas, militantes de movimentos sociais.



Sem nenhum questionamento crítico, a Autora informa que “evidentemente” os nomes dos debatedores são fictícios, “para manter a maior privacidade e liberdade — liberdade que faz o núcleo da caminhada, do pensamento e da ação do povo de Deus que é a Igreja...” (p. 7) Anonimato estratégico, pois o medo da Inquisição não é injustificado: o recente castigo ao franciscano da teologia da libertação está na lembrança de todos. O Santo Ofício renasce das cinzas: a proibição do filme de Gouard, “Ave-Maria” em vários países é apenas a ponta de um tenebroso iceberg do qual as CEBs da

vida, os Cursinhos e TFPs são as pontas de lança.

Conversando sobre temas os mais variados — do aborto à homossexualidade, do adulterio à masturbação ao celibato, passando pela dimensão teológica da sexualidade e da ética sexual — ao todo são 23 capítulos! — o resultado final destes debates é algo que certamente o mais indolente dos teólogos e os mais cândido dos sexólogos não titubeariam em considerar um verdadeiro desastre! Desastre duplo: lastimavelmente, os interlocutores e a própria Rose Marie Muraro revelam grave desinformação em matéria de nova teologia moral, e igualmente, chocante desatualização quanto à mais elemental teoria antropológica da sexualidade. O capítulo sobre o homossexualismo — sintomaticamente colocado em último lugar no livro — deve ter feito Oscar Wilde tremer no túmulo. Em vez de veicular chavões de efeito duvidoso, do tipo “a voz da revelação nós a ouvimos no chão da história...” (p. 40), ou “ameaçadoras são as liberdades pela metade...” (p. 62), que os teóricos da “Erótica Cristã” cumpram o que prometeram: decodificar os fenômenos sexuais passando-os pelo crivo das ciências humanas (p. 118). Caso contrário jamais escaparia do fascínio irresistível da diabólica serpente da maçã do amor. Ave Maria! □

Luiz Mott é professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Figura 35: “E erótico lá casa com cristão?” Fonte: *Jornal Mulherio*, ano 5, n 23, out/nov 1985.

No início da resenha, o autor apresentou a sua principal discordância acerca do livro: a metodologia, a seu ver problemática, que utilizou a religião e a ciência na abordagem da sexualidade:

(...) quando fé e conhecimento científico se confrontam em uma análise de uma questão humana concreta- a sexualidade- por exemplo seja na Cristandade de João Paulo II, seja no Islão do Aiatolá, é, invariavelmente catastrófico” (MOTT,1985).

Ele destacou que o livro foi um desastre e caracterizou Rose como a “dona do feminismo católico tupiniquim” (MOTT,1985) ao sublinhar que a autora usufruiu das discussões e repercussões do livro *SMB*, para lançar esse novo livro organizado através de seminários e debates de Rose com agentes pastorais teólogos, terapeutas, cientistas sociais entres outros. Mott criticou também a não explicação da incorporação dos nomes das pessoas que participaram da construção do livro, como fica evidenciado a seguir:

Sem nenhum questionamento crítico, a Autora informa que “evidentemente” os nomes dos debatedores são fictícios, “para manter maior privacidade e liberdade que faz o núcleo da caminhada, do pensamento e da ação do povo de Deus que é a Igreja ...”. Anonimato estratégico, pois o medo da Inquisição não é injustificado: o recente castigo ao franciscano da teologia da libertação está na lembrança de todos (...) (MOTT,1985).

Após a apresentação do livro, ele expôs a quantidade de capítulos e algumas das abordagens afirmando que Rose não conseguiu desempenhar um bom trabalho nos debates no qual se propôs a ingressar. Ele ressaltou que o que está escrito no livro “é algo que certamente o mais indulgente dos teólogos e o mais cândido dos sexólogos não titubariam em considerar um verdadeiro desastre!” (MOTT,1985). E terminou a resenha, reafirmando a crítica ao que Rose escreveu ao que denominou de desconhecimento teórico, ao ressaltar:

Lastimavelmente, os interlocutores e a própria Rose Marie Muraro revelam grave desinformação em matéria de nova teologia moral, e igualmente, chocante desatualização quanto à mais elementar teoria antropológica da sexualidade (MOTT,1985).

A resenha crítica “Polemizando sexo-fé-opressão” do jornal Fluminense diferiu da anterior pois considerou o livro *SLF* importante para a defesa do Evangelho.



Figura 36: “Polemizando sexo-fé-opressão”. Fonte: Jornal O Fluminense, 13 de outubro de 1985, número 285 (digitalizado). Acervo: ICRM.

O artigo de Roberto Maria, iniciou apresentando Rose como autora do livro *SMB* ao abordar o objetivo de analisar a moral sexual através do oprimido e percorreu que “numa linguagem clara e objetiva e incisiva, a autora coloca posições altamente opostas

à tradição católica” (MARIA, 1985). Nesse sentido, sintetizou que a perspectiva de Rose identificou a censura dos setores conservadores da Igreja Católica a liberdade sexual e a teologia da libertação através da repressão do desejo. Para o autor, o mais relevante no livro seria a defesa do Evangelho destacado por Rose no término do livro, o que o leva a seguinte conclusão:

Como se vê é livro para muitas e muitas discussões acaloradas. O importante está aí: na capacidade que Rose Muraro possui de trazer grandes e fundamentais questões do nosso tempo para amplo e fecundo debate. Já por essa razão, a par de outras, o “Sexualidade, Libertação e Fé” é documento indispensável a religiosos e a ateus, de todos os credos. (MARIA, 1985).

Após a publicação do livro, a Editora Vozes recebeu uma carta da CNBB para retirar os livros de circulação. Com essa pressão da Igreja Católica, o livro não foi mais editado e, na análise de Rose, o documento fundamentou a sua demissão da editora. Na citação a seguir observamos a sua visão sobre a relação entre a publicação do livro e a expulsão na Editora Vozes:

(...) Logo que saiu, recebemos uma carta do Vaticano e da Cúria mandando retirar o livro do mercado. Então, o que frei Ludovico fez? Frei Ludovico era uma coisa! Não editou mais. Mas ele já havia vendido oito mil exemplares em um ano, o foi fantástico (...). (SMB, 1983, p.270)

O documento citado por Rose foi enviado pelo presidente em exercício Benedito de Ulhoa Vieira do CNBB ao Frei Ludovico e objetivou “(...) expor-lhe nossa profunda e séria preocupação, como Bispos, diante da publicação pela Editora Vozes de “Sexualidade, Libertação e Fé” de Rose Marie Muraro, coordenadora (...)”. (VIEIRA, 1985, p.8)

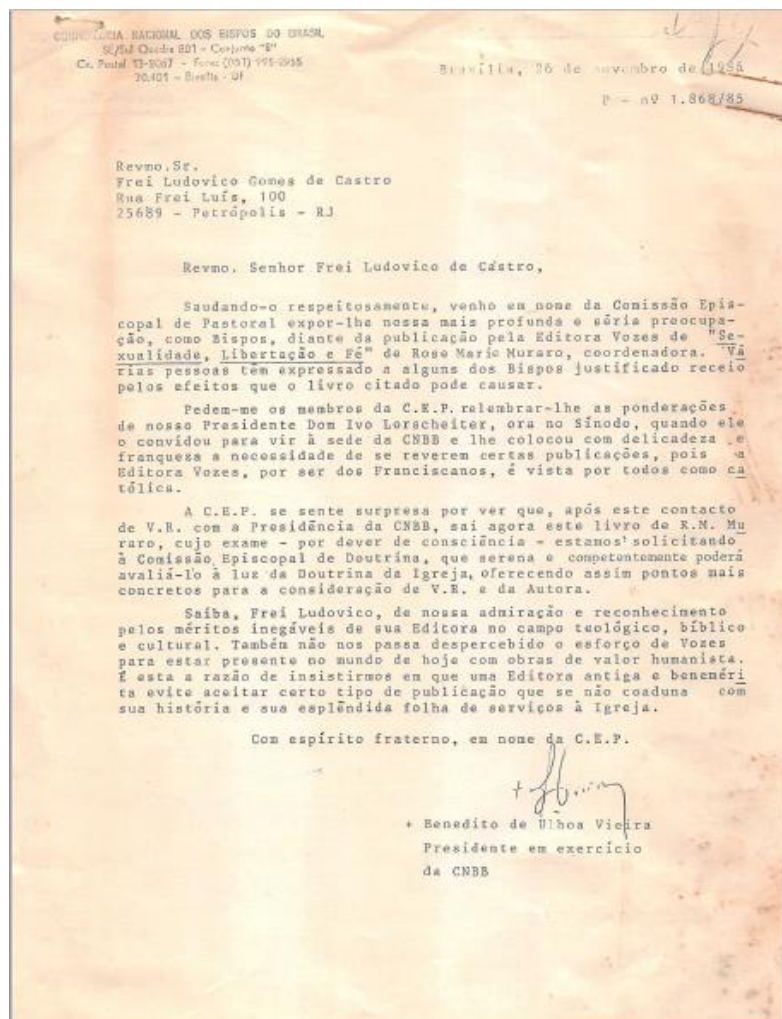


Figura 37: Carta do presidente em exercício da CNBB Benedito de Ulhoa Vieira para Frei Ludovico. Brasília, 26 de novembro de 1985. Fonte: Número 315 (digitalizado), p.8. Acervo ICRM.

Ele informa na carta que o presidente do CNBB ao qual estava substituindo, já tinha avisado ao Frei Ludovico que essa proposta de publicação não deveria ser aceita na Editora Vozes devido a sua característica de uma editora católica. Na citação a seguir reafirma-se o teor da proibição:

(...) Pedem-me os membros da C.E.P. lembrar-lhe as ponderações de nosso Presidente Dom Ivo Lorscheiter, ora no Sínodo, quando ele o convidou para sair à sede da CNBB e lhe colocou com delicadeza e franqueza a necessidade de se reverem certas publicações, pois a Editora Vozes por ser dos Franciscanos, é vista por todos como católica. (VIEIRA, 1985, p.8)

Por fim, para reafirmar o desejo de não publicação do livro de Rose o presidente Benedito Vieira discorreu sobre a trajetória profissional de sucesso de Frei Ludovico na

Editora Vozes, como forma de justificar que o teor do livro não condizia com os tipos de publicações da editora.

(...) Saiba Frei Ludovico, de nossa admiração e reconhecimento pelos méritos inegáveis de sua Editora no campo teológico, bíblico e cultural. Também não nos passa despercebido o esforço de Vozes para estar presente no mundo de hoje com obras de valor humanista. É esta a razão de insistirmos em que uma Editora antiga e benemérita evite aceitar certo tipo de publicação que se não coaduna com sua história e sua esplêndida folha de serviços à Igreja. (VIEIRA, 1985, p.8)

Como resposta à carta recebida pela CNBB, Frei Ludovico escreveu em defesa ao livro de Rose e a própria Editora Vozes.

Petrópolis, 03 de dezembro de 1985

Dom Benedito de Ulhoa Vieira
C.N.B.D.
SE/Sul Quadra 801 - Conj. B
Caixa Postal, 13-2067
70401 - BRASÍLIA / DF

Prezado Dom Benedito,

Primeiramente agradeço a carta do dia 26 de novembro em nome da CEP. Temos o maior interesse em ouvir críticas pois só assim chegaremos ao diálogo que é o caminho para a verdade cristã que se baseia em Deus que é Amor. A pequenez da mente humana só é superada pelo amor que vê onde a razão nunca enxerga pois a fé se funda menos na razão do que na vontade e na entrega do ser humano a Deus.

No jornal "A Folha de São Paulo" de 30/11/85 p. 52 Dom Luciano Mendes de Almeida comentando o livro de Pe. Charbonneau sobre a Teologia da Libertação escreveu o que anima também os trabalhos da Vozes: "Este anseio pelo Reino de Deus, que aproxima a fé e a vida, inspira agentes de pastoral, teólogos e os membros mais simples de nossas comunidades".

Quanto ao livro "Sexualidade, Libertação e Fé. Por uma Erótica Cristã: Primeiras Indagações" devo dizer o seguinte, o que aliás vem explicado na primeira página introdutória (p.7). O livro é fruto de debates, seminários, encontros com pessoas das mais distintas procedências, também ligadas ao trabalho da Igreja e mesmo teólogos. É importante compreender o gênero literário: é um debate, onde as ideias e posicionamentos que se encontram em voga na sociedade são questionados, repensados, refutados, confirmados as vezes e aprofundados. Há posições que são objetivamente difundidas na sociedade, que não podem ser escamoteadas e que no livro-debate são postas em juízo crítico. Nem tudo o que é dito por Rose Marie Murero, a coordenadora, vem simplesmente assumido; ela tem antes a função de suscitar as questões; em seguida vêm as opiniões e até contradições a posição da autora. Nunca há o tom apodítico de quem quer fechar as questões. O texto foi escrito pela

- continua -

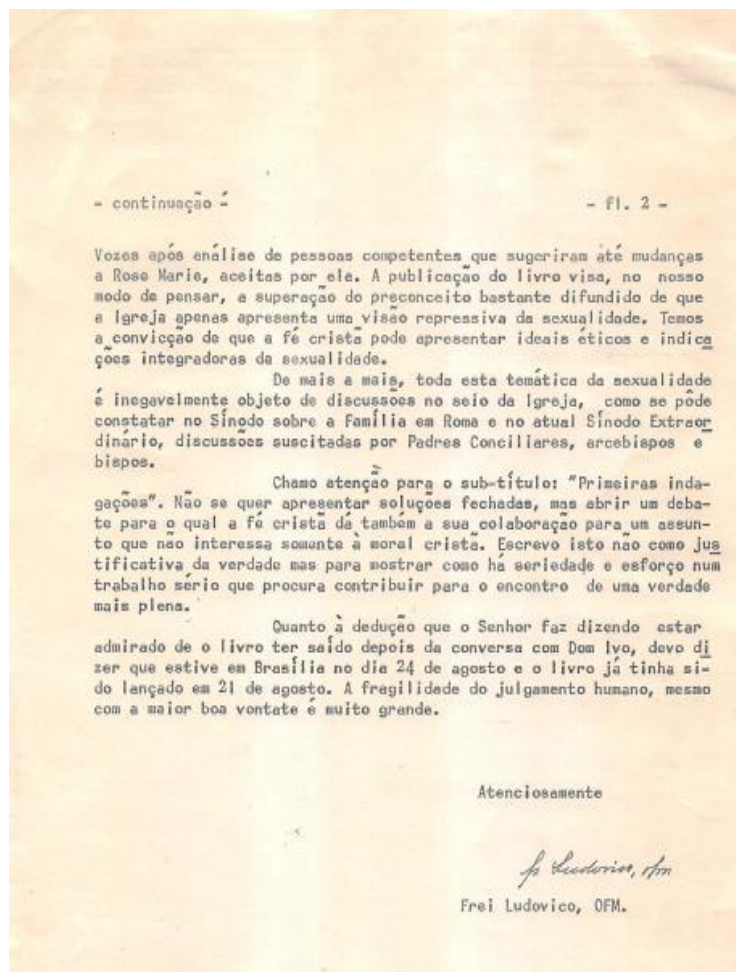


Figura 38: Carta de Frei Ludovico para o presidente em exercício da CNBB Benedito de Ulhoa Vieira. Petrópolis, 3 de dezembro de 1985. Fonte: Número 315 (digitalizado), p 9 e 10. Acervo: ICRM.

Primeiramente, justificou a importância da Teologia da Libertação, ao mencionar um trecho de uma matéria do Jornal Folha de São Paulo de 1985 sobre o livro de Pe. Charbonneau. No que diz respeito ao livro, apresentou a sua organização através dos debates e seminários com pessoas ligadas à Igreja e justificando que "(...) é importante compreender o gênero literário⁹²: é um debate em que as ideias e posicionamentos que se encontram em voga na sociedade são questionados, repensados, refutados, (...) e aprofundados (...)" (LUDOVICO, 1985, p.9-10). Depois de retratar o livro como um debate de ideias e não uma imposição de valores, ele passou a referenciar Rose como uma mediadora da discussão da sexualidade e do diálogo:

(...) Nem tudo que é dito por Rose Marie Muraro, a coordenadora, vem simplesmente assumido; ela tem antes a função de suscitar as questões; em

⁹² Grifos do autor.

seguida vêm as opiniões e até contradições à posição da autora. Nunca há o tom apodítico de quem quer fechar as questões. O texto foi aceito pela Vozes após a análise de pessoas competentes que sugeriram até mudanças a Rose Marie, aceitas por ela. A publicação do livro visa, no nosso modo de pensar, a superação do preconceito bastante difundido de que a Igreja apenas apresenta uma visão repressiva da sexualidade(...) (LUDOVICO, 1985, p.9-10)

Para fundamentar a importância dada pela própria Igreja Católica para o assunto da sexualidade, sublinhou que “(...) de mais a mais, toda esta temática da sexualidade é inegavelmente objeto de discussões no seio da Igreja, como se pode constatar no Sínodo sobre a Família em Roma e no atual Sínodo Extraordinário (...)” (LUDOVICO, 1985, p.9-10). Em seguida, retomou a sua defesa da publicação do livro ao apresentar o subtítulo do livro “Primeiras indagações” com o intuito de produzir discussões sobre o tema, ao escrever da seguinte forma:

(...)Chamo atenção para o subtítulo: “Primeiras Indagações”. Não se quer apresentar soluções fechadas, mas abrir um debate para o qual a fé cristã dá também a sua colaboração para um assunto que não interessa somente à moral cristã. Escrevo isto não como justificativa da verdade, mas para mostrar como há seriedade e esforço num trabalho sério que procura contribuir para o encontro de uma verdade mais plena (...). (LUDOVICO, 1985, p.9-10)

Com base nesses documentos analisados, procuramos também compreender a percepção de Rose sobre o processo de demissão na Editora Vozes apresentada em sua autobiografia. A experiência dela no fato em questão é muito importante para a análise do livro e da própria demissão da Vozes. O seu relato no que diz respeito a sua expulsão, salientou a sua tristeza em sair da editora de forma impiedosa pela Igreja, assim destacado:

(...) Lembro que, no dia 1º de dezembro de 1986, eu estava sendo expulsa da Vozes sem uma palavra. Ninguém tomou conhecimento da minha expulsão. Foi um silêncio absoluto. Ninguém viu. Eu era como uma não- pessoa. E ser uma não-pessoa é uma coisa terrível. É privar o ser humano de sua própria humanidade (...). Lembro de algumas coisas que eles fizeram comigo e que foram terríveis. Logo que saí avisei: “Tenho uma linha de telefone da Vozes, dia tal eu devolvo”. Dez dias depois cortaram. Tinha até uma cadeira deles em meu escritório e, eles foram buscar como se eu tivesse roubado. Que horror. (...). (MMI,1999, p.284-285)

Para finalizar essa parte, tentamos apresentar no quadro abaixo as diferenças identificadas entre os livros no que se refere aos temas, estrutura, objetivos teorias e

metodologia, ou seja, a escrita não acadêmica de Rose certificou uma ausência de padrão.

Tabela 1: Tema, estruturação, objetivos e opções teóricas e metodológicas entre os livros de Rose sobre a sexualidade.

	Libertação Sexual da Mulher (1971)	Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil (1983)	Sexualidade, Libertação e Fé: por uma erótica cristã (1985)
Tema (Sexualidade)	Contextualiza o processo de libertação da mulher no mundo durante a revolução sexual e na contracultura.	Relação da sexualidade e classe social no Brasil através da reflexão entre corpo, inconsciente e sistema produtivo.	Questionamento da moral cristã através de algumas temáticas que envolvem a sexualidade.
Objetivo do livro	Construir uma nova teologia do corpo.	Contribuir para o debate do movimento feminista e movimentos de esquerda.	Promover a discussão da sexualidade para alguns setores da sociedade como: Igreja, partidos políticos e a universidade.
Estrutura do Livro	18 capítulos em 3 partes: <i>Homem Abstrato</i> , <i>Homem Eletrônico</i> e <i>A libertação Sexual da Mulher</i> .	Parte I (Introdução), Parte II (Burguesia, Campesinato, Operariado e Classes Sociais) e Parte III (Primeiras Conclusões, Bibliografia Consultada e Anexo).	23 capítulos
Teoria	Marcuse, Freud, Foucault, Friedan, entre outros.	Freud, Foucault, Althusser, entre outros.	Não citada.
Metodologia	Metodologia dialética e princípios da cibernética.	Questionário (quantitativo e qualitativo).	Metodologia não convencional com poucas informações.
Bibliografia	Sim	Sim	Não

Desta forma, com base nessas informações analisaremos no próximo capítulo o livro *SMB*. A seleção desse livro para sua apresentação fundamentou-se, nos seguintes

aspectos: realização de uma pesquisa com elementos de teoria e metodologia mais consistente, proposta de discussão com o movimento feminista, repercussão nos meios de comunicação e representatividade para a própria Rose no que se refere a sua trajetória intelectual. Em vista disso, o estudo do livro atentará esmiuçar o tema, a estruturação, as preferências teóricas e metodológicas e as resenhas e entrevistas de Rose nos meios de comunicação com o objetivo de compreender a repercussão das suas ideias feministas.

Capítulo 4: O Questionário Muraro: Uma Análise da Sexualidade e Classe Social no Brasil

Neste capítulo temos como propósito apresentar a obra *SMB*, com o objetivo de compreender como se desenvolveu a temática da sexualidade associada a perspectiva de classe social. Sendo importante ressaltar a ampla discussão feminista no período em relação ao conceito de classe social a perspectiva do trabalho feminino. Nesse sentido as reflexões de Lobo (1991, p.125-149), contribuíram ao caracterizar as dificuldades de inserção das mulheres no mercado de trabalho operário. Como também, os estudos de Heleith Saffioti e Zuleika Alambert acerca do trabalho doméstico feminino iniciaram o debate a respeito das relações das mulheres brasileiras com o mercado de trabalho em uma perspectiva marxista.(PEDRO;MELLO; OLIVEIRA, 2005)

Estes referidos trabalhos, exemplificam a existência de um campo de estudos feministas brasileiro sobre a temática do trabalho feminino nas décadas de 1970 e 1980. No entanto o livro de Rose *SMB* diferencia de tais análises citadas, ao analisar a temática da sexualidade feminina através da compreensão das diferenças de classe (burguesia, campesinato e operariado) na sociedade brasileira.

Á vista disso, para este capítulo abordaremos o processo de elaboração do livro atrelado a sua experiência nas palestras nos Estados Unidos e o projeto de pesquisa do livro. Para finalmente apresentar o livro nos seguintes aspectos: o tema, a estruturação e opções teóricas e metodológicas do livro que tem como resultado analisar a percepção de Rose da sua própria obra e apontar elementos que direcionem para a importância do livro para divulgação das ideias feministas no período.

4.1- Intercâmbios Feministas: os primeiros contatos com as Universidades Norte-americanas

O conjunto de fontes a serem analisadas a seguir tem a proposta de compreender o processo de elaboração do livro *SMB* através das viagens de Rose aos Estados Unidos e as correspondências referentes ao livro, principalmente de Iêda Wiarda. Na autobiografia, Rose dedica um capítulo específico (*MMI*, 1999, p.214-220) sobre as suas viagens nos Estados Unidos, ao mencionar que foi bolsista da *Fulbright*⁹³ em 1977,

⁹³ Para saber um pouco mais sobre a Fulbright Brasil. Disponível em: <<https://fulbright.org.br/comissao/>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

através de um convite de 1974 do brasilianista Roberto H. no qual primeiramente foi apresentada pelo cientista político Paulo Sérgio Pinheiro⁹⁴.

Na descrição de sua viagem aos Estados Unidos em 1977 pelo Programa *Fulbright*, Rose destacou que foi empregada para fornecer um curso sobre a mulher na América Latina na área *Five Colleges*⁹⁵, em Massachussets. Nessas palestras conheceu mulheres como Iêda Wiarda que foi importante para o projeto do seu livro *SMB*, se relacionou com uma rede de intelectuais marxistas⁹⁶ que foram fundamentais para sua compreensão da sociedade norte americana e utilizou o seu tempo disponível para ampliar o estudo sobre a condição da mulher na América Latina através da estrutura proporcionada pela biblioteca das universidades. A citação a seguir, exemplifica tal análise:

(...) Fui para os Estados Unidos contrata pelo Programa *Fulbright*, para dar um curso sobre a mulher na América Latina na área do *Five Colleges*, em Massachussets. Primeiro falei na Universidade de Massachussets, dei aulas no Amherst College, depois em New Hampshire, Mount Holyoke Smith...Em Smith conheci a filósofa Ann Ferguson, e ficamos amigas. Ao mesmo tempo, eu fazia uma pesquisa sobre a condição da mulher na América Latina. Tinha acesso a uma biblioteca maravilhosa, de vinte e seis andares. Conheci gente ótima, inclusive Yeda Wiarda, brasileira, socióloga, que me ajudou o tempo todo no choque cultural (...). (*MMI*, 1999, p.217)

Na autobiografia mediante as conferências realizadas, ela apontou sua discussão sobre a mulher da América Latina especificamente no Brasil. Como também abordou, a construção do projeto do livro *SMB* com Iêda através do financiamento da Fundação Rockefeller. O trecho abaixo discorre sobre essa experiência:

(...) Foi então que consegui fazer o projeto com Yeda para a primeira grande pesquisa que fiz, publicada em 83 e que veio a ser o *Sexualidade da Mulher Brasileira*. Foi a Fundação Rockefeller que me deu o dinheiro, e Yeda quem fez o projeto. Ao mesmo tempo, li bastante sobre gênero. Viajei muito. E pude ver os dois EUA, que estavam numa luta violentíssima, mas silenciosa, entre a maioria conservadora e a sociedade alternativa. Comecei a fazer conferências. Falava sobre o que sabia: ou sobre a mulher na América Latina ou sobre a mulher no Brasil (...). (*MMI*, 1999, p.217)

⁹⁴ Para saber mais: < <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/membros/66-paulo-sergio-pinheiro.html>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

⁹⁵ Para maiores informações: < <https://www.fivecolleges.edu/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

⁹⁶ “(...) Eu andava com os intelectuais marxistas de Amhrst: Ann Ferguson, filósofa, John Brentlinger, filósofo, Andy Zimbalist, economista, Valerie Maxwell, psicóloga etc..Porque eles sabiam que eu vinha da Teologia da Libertação, e assim fui parar ali. Acho que a gente para perto das pessoas que são semelhantes (...)”. (*MMI*, 1999, p.218).

Na primeira correspondência encontrada de Cyntia Sommer que trabalhava na *Five Colleges* em 1976, percebemos o contato entre Rose e as universidades nos Estados Unidos que antecederam a sua viagem para participar das conferências. Em uma apresentação no papel da universidade e escrita formal, Cyntia parabenizou Rose pela possibilidade de participação na universidade ao citar que enviaria a pedido do senhor Bancook responsável pelo Conselho de Estudos Latino-americanos uma lista dos cursos ofertados pela universidade, como também um pouco da história da *Five Colleges*. E por fim, ressaltou que os cursos que seriam concedidos por Rose foram publicados nos folhetos e se caso tivesse alguma dúvida poderia escrevê-la.

Ao analisar essa primeira carta compreendemos o processo de viagem de Rose aos Estados Unidos nas universidades da *Five Colleges*, através da sua participação na elaboração de cursos nas universidades. Cabe ressaltar, sobretudo que o convite formal da universidade norte-americana representou o interesse em ouvir a sua pesquisa desempenhada no Brasil.

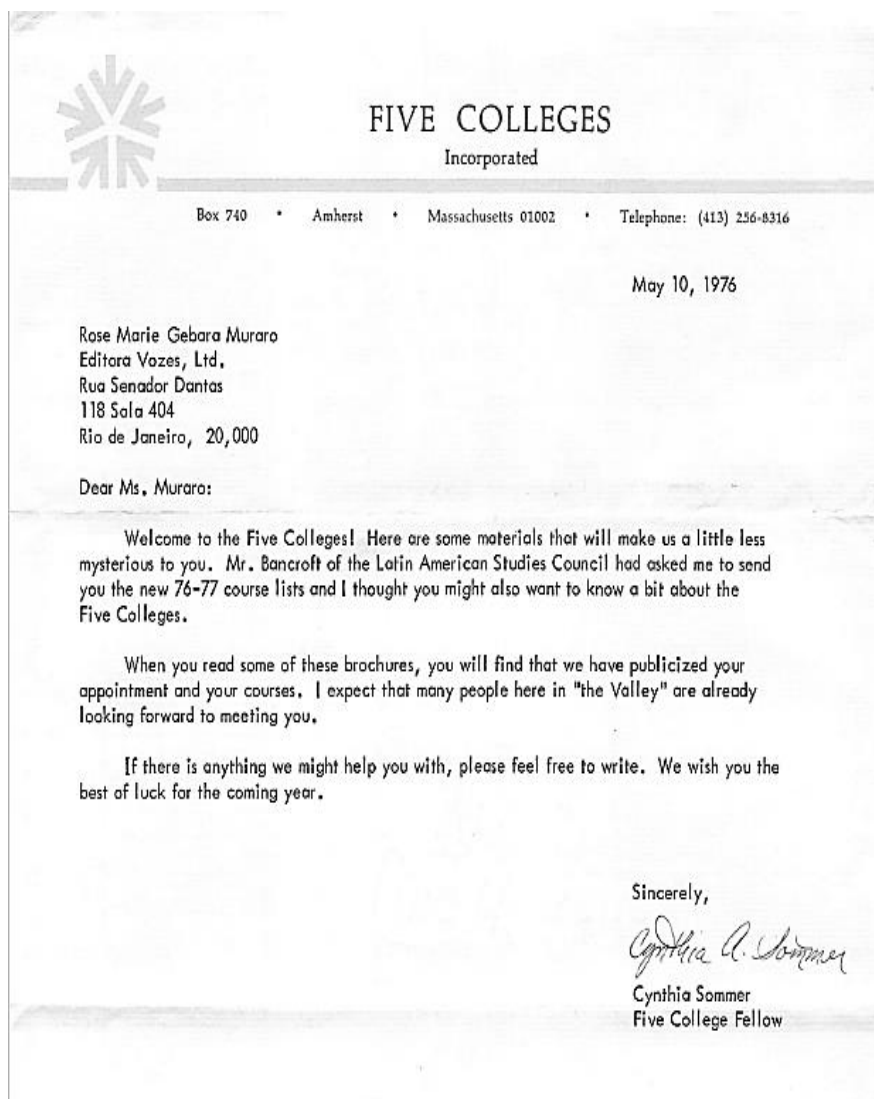


Figura 39: Carta de Cynthia Sommer para Rose, 10 de maio de 1976. Fonte: DP-001-Correspondências de 1976 (digitalizada), p.1. Acervo: ICRM.

As relações com as universidades norte-americanas se exemplificam também com a carta de Rose ao Dr. Murphy de Massachusetts em 1976. Na carta, ela agradeceu o convite de participação no Projeto de Palestras Latino-Americano nos Estados Unidos no período de 15 de janeiro a 30 de maio de 1977 e depois evidenciou seu planejamento nas palestras cujo tema seria *O Buraco Social da Mulher na América Latina* através da abordagem do contexto histórico, processo da industrialização e emancipação das mulheres, no período de dezesseis semanas.

A respeito de questões informativas da viagem, ressaltou que estaria acompanhada ou pela prima Vera Lúcia ou o filho Marcos Gebara, ambos médicos, e gostaria de indicações de localizações mais baratas devido ao custo. E por fim sublinhou

que deveria pedir ao consulado do Estados Unidos no Rio de Janeiro um documento para que certificasse a concessão da bolsa oferecida para que pudesse viajar.

Na carta escrita por Rose pudemos desvendar maiores informações do processo de viagem aos Estados Unidos, como: o período da bolsa recebida pela universidade, planejamento da palestra, necessidade de documentação do consulado e possíveis acompanhantes de viagem, no entanto, infelizmente não conseguimos obter maiores detalhes dos relacionamentos de Rose com essas pessoas citadas nas cartas.

Rio de Janeiro, Brazil
May 12, 1976

Dr. E. Jefferson Murphy
Five Colleges Coordinator
Five Colleges Incorporated
Box 730
Amherst, Massachusetts 01002
United States of America

Dear Dr. Murphy:

In answer to your letter of March 17, I have to tell you that I gladly accept your invitation for me to participate in the Latin American Lecturer Project—under the Mutual Educational Exchange Program for the period of January 15, 1977 - May 30, 1977.

I am already preparing a series of lectures on The Social Role of Women in Latin America, covering historical background, the impact of rapid industrialization and the struggle for emancipation, to be given three hours a week for 16 weeks and a summary of this course to be given in an integrated series of public lectures, whenever they are needed. I am also at your disposal to work with the specialists in Latin American Studies at the Five Colleges area, and in other projects as necessary.

I must also inform you that I will be accompanied in the United States by a relative of mine, who may be my cousin Dr. Yora Lucia Acar (a medical doctor) or my son, Dr. Marcos Alexandre Gibara Muzaro (also a medical doctor). So, I will be very grateful if you could help me to locate suitable housing at moderate rates for the period I am in Massachusetts.

I am also writing to Dr. Robert White to discuss with him some details of my course.

I have requested the Consulate General in Rio de Janeiro to forward to CIES the three signed copies of the Grant Certificate.

I look forward to hearing from you soon, and hope very much you will be satisfied with our program.

Sincerely,

Figura 40: Carta de Rose para Jefferson Murphy, 12 de maio de 1976. Fonte: DP-001-Correspondências de 1976 (digitalizado) p.5. Acervo: ICRM.

A última carta desse contexto de viagem de Rose aos Estados Unidos foi de Ruth Shirey, da Universidade de Massachussets que trabalhava no Departamento de História em 1977. O propósito da carta foi acertar a chegada de Rose na universidade, ao mencionar de forma sucinta que estava organizando encontros para conhecer ela e o senhor Toth outro orador do simpósio no aeroporto de Pittsburgh e desejava que ela chegasse no dia 28 de abril às 15:00. Após essa breve menção, finalizou de forma

amistosa, elogiando a vontade de conhecê-la e fez uma pequena observação ao dizer que enviaria uma cópia do programa do Simpósio para avaliação.

O tema do simpósio não foi diretamente citado na carta, no entanto, pelo carimbo de Ruth Shirey associado ao Simpósio Latino-Americano, o tema tratado por Rose possivelmente foi sobre América Latina como referido na carta anterior enviada por Rose ao Dr. Murphy. Por fim, é significativo destacar que enquanto as outras cartas analisadas antecederam a viagem aos Estados Unidos, sublinhado pelo ano do encaminhamento e as temáticas abordadas, esta carta se inseriu no ano da viagem de Rose aos Estados Unidos em 1977, ou seja, analisou o processo de efetivação das palestras nas universidades norte-americanas.

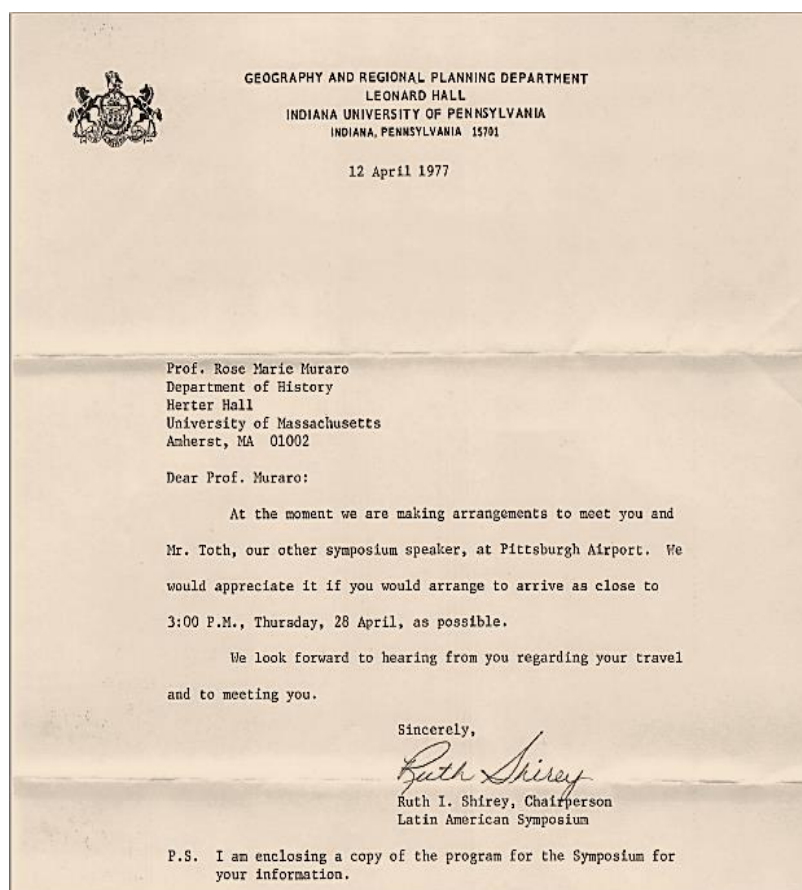


Figura 41: Carta de Ruth Shirey para Rose, 12 de abril de 1977. Fonte: DP-001- Correspondências de 1977 (digitalizado), p. 39. Acervo: ICRM.

O documento do consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, de 30 de junho de 1976, abordou o recebimento da bolsa “Fulbright-Halls” por Rose para administrar um curso de nome “*Five College, Incorporated*” nas instituições superiores de Massachusetts de: “Amherst College”, “Hampshire College”, “Mountain Holyoke

College”, “Smith College” e a “University of Massachusetts”. Sendo a bolsa responsável pelo “Council for International Exchange of Scholars” no período de 15 de janeiro a 30 de maio de 1977 com as despesas pagas pela instituição, manutenção e transporte de ida e volta. Esta declaração do consulado foi anterior a concretização da viagem, sendo mencionada na carta de Rose (Rose, 1976) para o Dr. Murphy como um documento necessário para a realização da viagem.

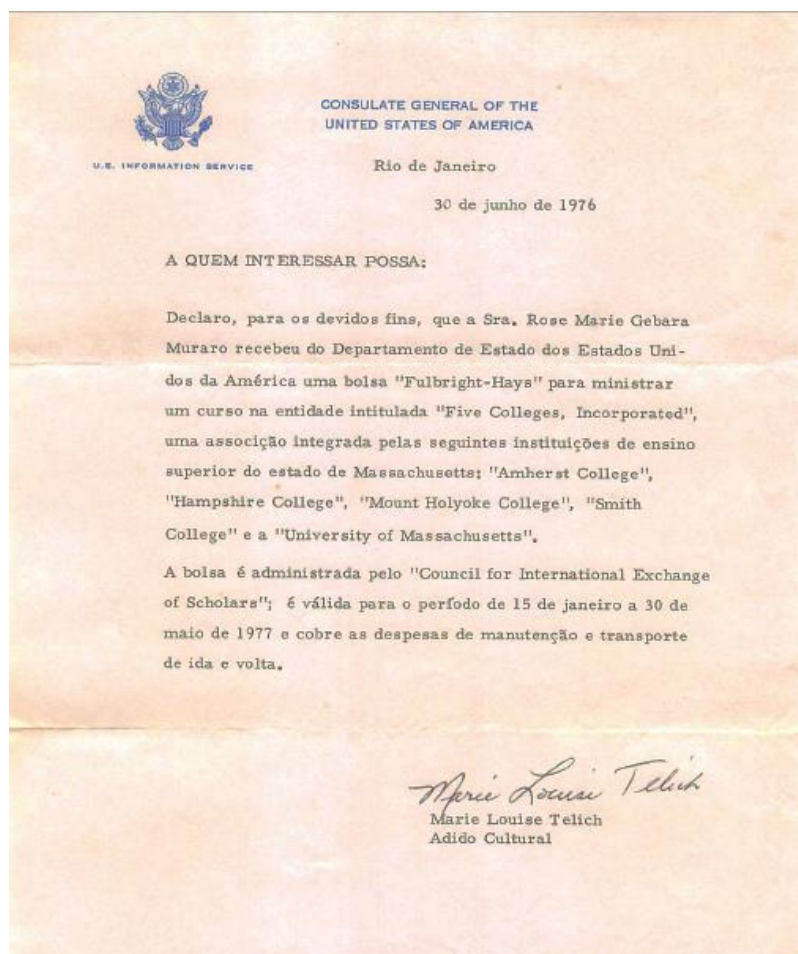


Figura 42: Documento de declaração do Consulado dos Estados Unidos sobre a participação de Rose em universidades norte-americanas. Fonte: DP 001-Correspondências de 1977 (digitalizado), p.56. Acervo: ICRM.

4.2- O projeto do livro Sexualidade da Mulher Brasileira através das correspondências

Com base nessas correspondências examinadas, especificamente as cartas de Iêda Wiarda professora de Ciências Políticas da Universidade de Massachusetts a respeito da viagem de Rose nos Estados Unidos, iremos compreender o projeto de

elaboração do livro *SMB*. Na primeira carta de Ieda, percebemos os indícios do início do projeto do livro através do contrato com a instituição Rockefeller, sendo sua finalidade principal perguntar sobre o recebimento do dinheiro, como foi ressaltado:

(...)Só uma notinha p.a dizer que até o final recebi o contrato da Rockefeller. Espero que o seu tenha chegado aí pa. a sua assinatura e pa. do Centro de Mulher (...).” Desta forma, ela ressaltou que de acordo com uma pessoa chamada Krita quando elas recebessem os contratos assinados a organização liberaria o dinheiro. (WIARDA, 1 de maio)

A relação de Iêda com Neuma Aguiar também foi evidenciada na carta através do seu objetivo de “(...) mandar os endereços de Publisher que prometi a ela ainda nesta semana (...)” (WIARDA, 1 de maio), sendo Neuma igualmente citada no livro *SMB* (*SMB*, 1983, p.10) no Brasil como uma das pessoas que contribuíram para a discussão da pesquisa com Rose. No término sublinhou que sua viagem ao Brasil poderia sofrer um atraso, mas neste caso a pesquisa deveria ser prosseguida através da troca de cartas entre as duas.

May 1

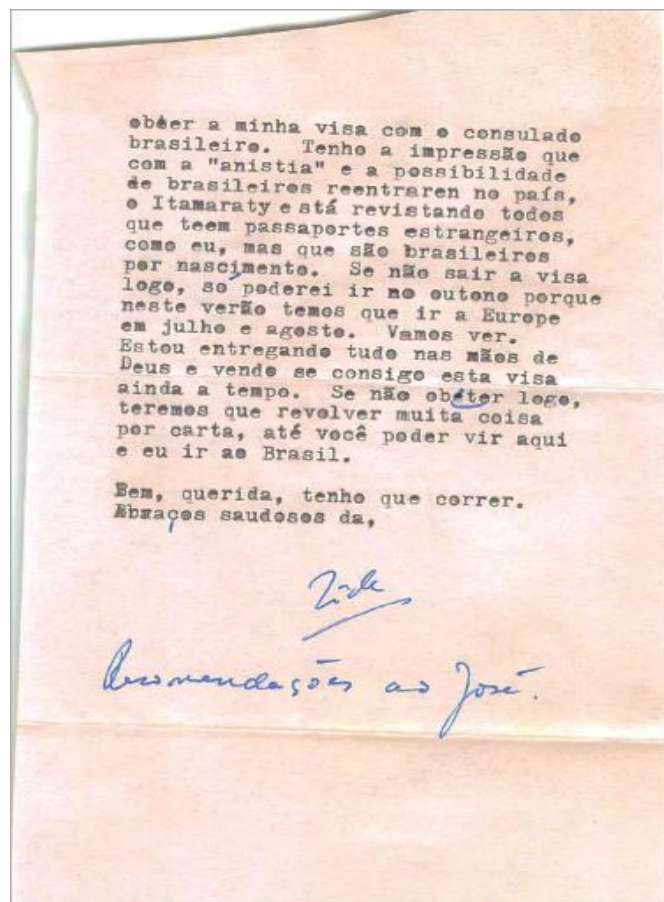
Querida Rose Marie,

Só uma notinha pa. dizer que até que afinal recebi o contrato da Rockefeller. Espere que o seu tenha chegado aí pa. a sua assinatura e pa. a do Centro de Mulher. Você não imagina quantos telefonemas pa. NY levou pa. chegarmos a este ponto... é mesmo uma coisa inônica que a red tape da Rockefeller foi tão complicada, especialmente em vista da verba. Enfim, parece que agora as coisas são andar. A Krita disse que assim que receberem os contratos assinados por nós e pelas nossas organizações, o dinheiro será liberado.

Já mandei o seu livro (Turnover) que você pediu. Tive tb. um telefone da Verna Green, Rutgers, assim pedindo pa. você entrar em contato imediatamente com ela. Parece que querem publicar um paper seu. Você sabe de que se trata? De qualquer forma, escreva diretamente pa. ela porque ela tem urgência.

Estive muito de estar com a Neuma Aguiar. Se estiver com ela, diga que vou mandar os endereços de publishers que prometi ainda nesta semana. Na semana que vem tenho que ir a Washington dar uma palestra no Center of Population Activities--depois escreverei pa. você, com mais tempo, contando todas as novidades.

Estou tendo muito problemas em



obter a minha visa com o consulado brasileiro. Tenho a impressão que com a "anistia" e a possibilidade de brasileiros reentrarem no país, e Itamaraty está revistando todos que tem passaportes estrangeiros, como eu, mas que são brasileiros por nascimento. Se não sair a visa logo, só poderei ir no outono porque neste verão temos que ir a Europe em julho e agosto. Vamos ver. Estou entregando tudo nas mãos de Deus e vendo se consigo esta visa ainda a tempo. Se não obter logo, teremos que revolver muita coisa por carta, até você poder vir aqui e eu ir ao Brasil.

Beim, querida, tenho que correr.
Abraços saudosos da,

Iêda
As mandações ao José.

Figura 43: Carta de Iêda Wiarda a Rose, 1 de maio (sem ano estipulado). Fonte: DP.001- Correspondências de 1976-79 (digitalizado) p.49 e 50. Acervo: ICRM.

Na carta de março de 1980, o objetivo principal foi ressaltar os assuntos profissionais, principalmente as indicações de leituras que poderiam ser incorporadas no projeto. Em um primeiro momento as questões particulares foram apontadas, ao ser mencionada por Iêda que não tinha conseguido o endereço do médico das cataratas, mas que quando tivesse os endereços enviaria. Da mesma forma agradeceu os momentos no qual esteve com Rose no Brasil, ao dizer "(...) quero agradecer tudo que fez por mim aí (...)Se Deus quiser você virá e eu acharei um jeito de voltar ao Brasil e assim a gente tem oportunidade de bater um papo (...)". (WIARDA, 11 de março,1980)

No tocante as questões profissionais, Iêda frisou algumas leituras que considerava primordiais para o desenvolvimento da pesquisa com Rose. Nesse sentido, citou um livro peruano de pessoas que deveriam ser próximas a ela chamada de Kay e Susan, os outros livros foram: *Hite Report* (HITE,1976) de Shere Hite e o *World of*

*Pain*⁹⁷ de Lilian Rubin. Dos livros referidos, o *Hite Report* (HITE,1976) teve sua relação constatada na construção do livro *SMB* pois Rose salientou críticas ao livro⁹⁸ diferenciando-a da sua pesquisa. O trecho a seguir expressa os comentários de Iêda sobre os livros:

Kay e Susan acabam de receber um prêmio pelo livro delas sobre as mulheres peruanas. Ainda não foi publicado, mas deve sair antes do fim do ano pela University of Michigan Press. Quando sair, comprarei um para você. Nesta semana vou conversar com a Susan sobre nosso questionário. Já havia falado com ela um pouco há alguns dias e ela achara ótima ideia. Ela me disse que preciso ler mesmo a *Hite Report* e um livro de um tal de Rubin *World of Pain* que parece ser como a *Hite Report*, só mais sério e mais “científico”. Se eu conseguir esses livros e ver que você deva ler, mandarei por via aérea (WIARDA, 11 de março,1980).

⁹⁷ Mais informações em: < <https://www.amazon.com/Worlds-Pain-Lillian-B-Rubin/dp/0465092489>>. Acesso em: 03 dez 2020.

⁹⁸ “Este livro não é um livro sobre técnicas sexuais. Quem lê o *Relatório Hite*, por exemplo, vai encontrar, a descrição de como mulheres e homens realizam o ato sexual ou masturbação, mas a própria natureza da sexualidade continua imersa em uma interrogação impenetrável. Em livros desse gênero, o fenômeno sexualidade continua sendo abordado de maneira superficial e descritiva”. *SMB*, 1983, parte interior da contracapa)



DEPARTMENT OF POLITICAL SCIENCE
THOMPSON TOWER

The Commonwealth of Massachusetts
University of Massachusetts
Amherst 01003

Telephone:
413/545-2438

March 11, 1980

Dra. Rose Marie Muraro
R. Maestro Francisco Braga, 181. Apt. 102
Bairro Feixoto, Copacabana
Rio de Janeiro, RJ Brasil

Querida Rose,

Demorei a escrever pa. você porque estava esperando o endereço do médico que opera cataratas. Infelizmente os meus amigos ainda não mandaram e por isto vou mandar agora a informação sobre a income tax e logo que receber o endereço do médico, escreverei pa. você. Vou tambem mandar separadamente os artigos do Howard que você pediu.

Mais uma vez, quero agradecer tudo que fez por mim quando estive af. Foram mesmo horas inesquecíveis e já a vontade de ter horas assim de novo são imensas. Se Deus quiser, em breve você virá e eu acharei jeito de voltar ao Brasil e assim a gente tem uma boa oportunidade de bater um papo.

Encontrei a casa mais limpa que deixara, mas os meninos estavam meio gripados e Jonathan e Howard Elvindo haviam pegado sarampo. Felizmente já estão bons e voltaram para a escola. Howard tem gostado demais de sua fellowship no Harvard-MIT, que há poucos dias incluiu um jantar com o Bryzinsky (sp?). Como foi off-record, só fiquei sabendo que comeram um boa filet...

Kay e Susan acabam de receber um prêmio pelo livro delas sobre as mulheres peruanas. Ainda não foi publicado, mas deve sair antes do fim do ano pela University of Michigan Press. Quando sair, comprarei um para você. Nesta semana vou conversar com a Susan sobre o nosso questionário. Já havia falado com ela um pouco há alguns dias e ela achava ótima a ideia. Ela me disse que preciso mesmo ler a Hite Report e um livro por uma tal Rubin, Worlds of Pain que parece ser como a Hite Report, só mais sério e mais "científico". Se conseguir este livro e ver que você deva ler, mandarei por via aérea.

Espero que você tenha conseguido um arranjo quanto a computação dos dados até \$4 a \$5 mil me pareceu ótimo, pois no máximo eu poderei dar \$2 mil, como lhe disse. Logo que possível, escreva como as coisas vão andando af e tambem para matar um pouco as saudades. Não sei porque, desta vez senti

Rose Marie Muraro
Page 2
March 11, 1980

demais a volta e, se não fosse a minha família aqui, procuraria mesmo ver um jeito de voltar para ficar permanentemente.

Com um abraço saudoso, a amiga,


Iêda S. Wierda
Post-Doctoral Research Associate

ISW:in

Figura 44: Carta de Iêda Wiarda para Rose, 11 de março de 1980. Fonte: DP 002- Correspondências de 1980 (digitalizado), p. 3 e 4. Acervo: ICRM.

A carta de Iêda de maio de 1980, relatou inicialmente o encaminhamento de algum esboço do material da pesquisa, ou seja, o pagamento pelo trabalho realizado ao dizer “(...) junto vai meu primeiro cheque de 500 (...)”. Assim como o progresso dos questionários do livro foi enfatizado, ao citar a satisfação com os resultados apresentados por Rose nos questionários juntamente com seu empenho em ter conseguido ampliá-lo através de mais recurso. Desta forma, Iêda descreveu:

Achei ótimo o questionário e tenho certeza que vamos conseguir muita coisa através disso, inclusive possibilidades de obter outras bolsas mais tarde, se Deus quiser. Foi ótimo você ter conseguido mais dinheiro para fazer mais questionários, pois assim fica uma coisa mais séria e bem feita (WIARDA, 28 mai 1980)

Após elogiar o trabalho produzido por Rose, Iêda destacou a necessidade de produzir um relatório provavelmente para Fundação Rockefeller com o propósito de repassar as atividades produzidas para uma pessoa chamada Kritz, que poderia entrar contato com Rose por telefone pedindo mais detalhes do desenvolvimento da pesquisa. Outra questão levantada foi a possibilidade de conseguir outros financiamentos para o prosseguimento da pesquisa, na qual a Fundação Ford foi citada como uma instituição que tinha potencial para oferecer investimento devido aos estudos sobre a mulher. O trecho abaixo evidenciou a percepção de Iêda sobre a Fundação Ford e Rockefeller:

“(...) Soube que a Fundação Ford está com imensa destinada a coisas de mulher... Quando você vier aqui a gente vê deve ver como podemos captar um pouco deste manancial... Sempre achei o pessoal da Ford muito mais simpático que os enjoados da Rockefeller (...) (WIARDA, 28 mai 1980).

Devido ao bom desempenho da pesquisa, Iêda abordou o seu planejamento de apresentar o trabalho em uma universidade privada liberal em Massachussets destinada a mulheres denominada de Smith College⁹⁹, ao mencionar: “(...) na semana que vem vou falar sobre o nosso trabalho na Smith College e já vou dizer que você trará o segundo capítulo no outono (...)” (WIARDA, 28 mai 1980). E por fim, ela expôs a elaboração de um artigo que ainda não tinha sido publicado com algumas ideias de Rose e Romy “(...) usei algumas ideias (mas lhe dei créditos) da Romy em num artigo que vai

⁹⁹ Para maiores informações: < <https://www.smith.edu/> >. Acesso em: 04 dez 2020.

sair na ocasião da Conferência de Copenhague” (WIARDA, 28 mai 1980), tal como perguntou a Rose se ela ou algumas das suas amigas iriam participar da Conferência de Mulheres em Copenhague¹⁰⁰.

Querida Rose -
 Foi ótimo receber a sua carta do dia 09, pois já estava um pouco preocupada. As cartas estão levando quase duas semanas até chegarem aqui...
 Junto vai o meu primeiro cheque de \$500, em seu nome, como você disse. Por favor desconte logo pa. evitar contratempos. Escreva dizendo se da próxima vez devo mandar um "certified check" em seu nome, se assim fica mais facil.
 Achei ótimo o questionário e tenho certeza que vamos conseguir muita coisa através disso, inclusive possibilidades de obter outras bolsas mais tarde, se Deus quiser. Foi ótimo você ter conseguido mais dinheiro para fazer mais questionários, pois assim fica mais uma coisa a mais seria e bem feita.
 Nesta semana vou escrever a minha carta-relatório para a nossa amiga Kritz. Mandarei copia para você quando terminar. Você me mantenha bem em dia das coisas ai porque eles podem telefonar pedindo mais detalhes.
 Soube que a Fundação Ford esta com uma soma imensa destinada a coisas de mulher... Quando você vier aqui a gente deve ver como podemos captar um pouco deste manancial... Sempre achei o pessoal da Ford muito mais simpático que os enjoados da Rockefeller.
 Você ja tem uma ideia aquando mais ou menos vem aqui? Deve planejar com antecedencia pa. obter convites para palestras, etc. Não deixe de comprar as passagens com antecedencia pa. evitar galhos como o pessoal da Rockefeller.
 Na semana que vem vou falar sobre o nosso trabalho no Smith College e ja vou dizer que voce trara o segundo capítulo no outono. Depois lhe conto como a minha presentation sair.
 Por agora, e so isto. Estou com muitos compromissos mas queria mandar logo o cheque. Belo visto voce tem obtido muita coisa com um "minimum budget". Ate a Kritz vai ficar admirada...
 Abraços para os seus, lembranças pa. o

¹⁰⁰ II Conferência Mundial sobre a Mulher (Copenhague, 1980): Seu objetivo foi o de avaliar os progressos obtidos desde a I Conferência (México). Destacada pelo reconhecimento dos direitos humanos das mulheres e meninas como parte inalienável, integral e indivisível dos direitos humanos universais, constatou como desprezo aos direitos humanos as violências física, psicológica e sexual ocorridas no ambiente familiar, culminando na elaboração da Declaração sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher, além de definir a violência perpetrada ou tolerada pelo próprio Estado. Disponível em: < http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inc_social_mulheres/Marcos%20Internacionais%20e%20Alguns%20 >. Acesso em: 04 dez. 2020.

Prei Ludovico, que gostei muito, e a Neuma. Já escrevi pa. a Romy, Eluff e outras, não sei se receberam. Usei algumas idéias (mas lhe dei crédito) da Romy num artigo que vai sair em xxxxx, na ocasião da conferência de mulheres em Copenhagen. Algumas de suas amigas vão? E voce?!

Com um abraço muito amoroso das amigas,

P.S. ...

... logo que possível escreva, contando mais sobre o andamento do trabalho pa. eu poder mandar um relatório porque a Kritz já está me apertando pa. saber o que temos feito (...). (WIARDA, 10 nov. 1980, p.38)

Figura 45: Carta de Iêda Wiarda para Rose, 28 de maio (sem ano escrito). Fonte: DP 002-Correspondências de 1980 (digitalizado), p. 20 e 21. Acervo:ICRM.

O processo de elaboração dos questionários de entrevistas do livro, foi abordado na carta de Iêda de novembro de 1980. No cabeçalho da carta exibiu-se um selo do *Department Science of Political da University de Massachussets* local de trabalho de Iêda, o telefone e logo abaixo as marcas de informalidades se fizeram presente através da expressão “Querida Rose”. Com relação, ao conteúdo observamos o interesse pelo andamento da pesquisa referente aos questionários realizados com algumas pessoas da USP, pois ela necessitava produzir um relatório sobre a pesquisa até então desempenhada, como ressaltou: “(...) logo que possível escreva, contando mais sobre o andamento do trabalho pa. eu poder mandar um relatório porque a Kritz já está me apertando pa. saber o que temos feito (...)”. (WIARDA, 10 nov. 1980, p.38)

Uma rede de sociabilidade em comum foi sublinhada no final da carta, ao destacar que enviou cartas para Neuma Aguiar, Maria Luisa Eluff¹⁰¹, Carmem

¹⁰¹ Encontramos uma carta de Maria Luiza Eluff para Rose mencionando a criação do grupo feminista em São Paulo Pró- Mulher. DP 001-Correspondências de 1978 (digitalizado), p.4 a 6. Fonte: Acervo ICRM.

Barroso¹⁰², Romy Medeiros e Frei Ludovico, no entanto, à medida em que ainda não tinha recebido as respostas das cartas, pediu a Rose para mandar, cumprimentos à todas.

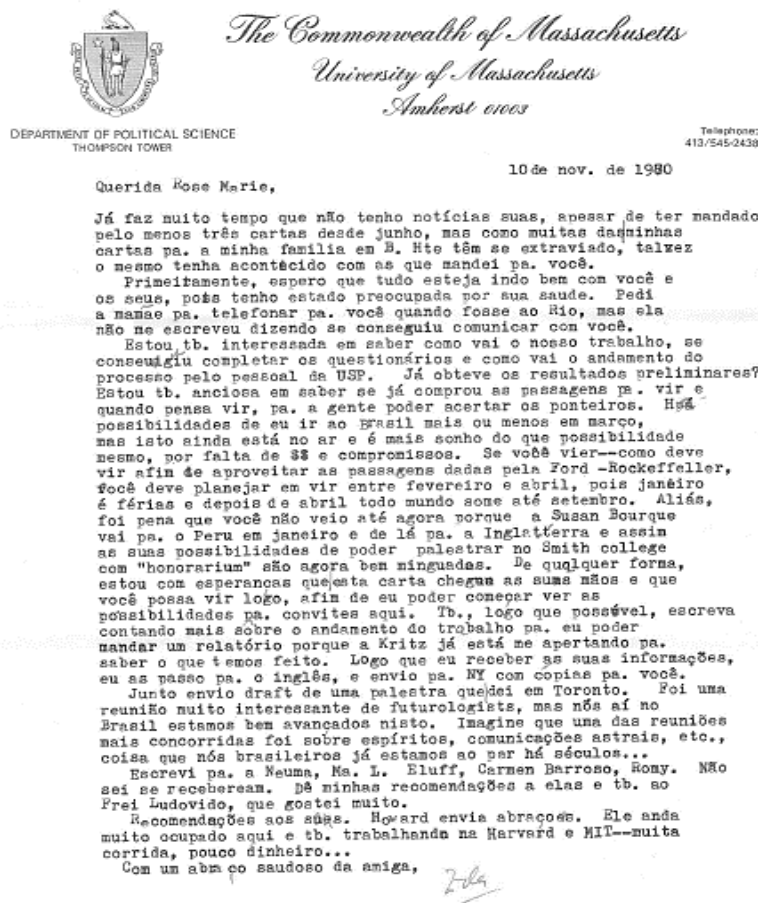


Figura 46: Carta de Iêda Wiarda para Rose, 10 de novembro de 1980. Fonte: DP.001-Correspondências de 1976-79 (digitalizado), p.38. Acervo: ICRM.

Finalmente, exploramos ainda duas últimas cartas que envolvem esse processo de construção do livro. Na primeira, escrita por Saffioti temos uma breve menção ao livro mesmo sem citá-lo, em julho de 1981, referindo a possibilidade de ajudar Rose na leitura do trabalho como destacou em um dos trechos das cartas: “(...) Zyra deu-me um exemplar de sua tese para que eu leia e opine sobre os cortes. Disse-me que você quer que ela elimine as tabelas, mas não sabe como proceder. Assim que dispuser de tempo, lerei o seu trabalho para fazer sugestões” (SAFFIOTI, 26 de julho 1981, p.26).

¹⁰² Formada em Ciências Sociais, atuou como pesquisadora na Fundação Carlos Chagas, participando de assuntos pioneiros sobre gênero no Brasil, e, a partir dos anos de 1970, como professora na Universidade de São Paulo (USP). Dirigiu o Programa de População e Saúde Reprodutiva da Fundação MacArthur e se tornou diretora da Internacional Planned Parenthood Federation para o Hemisfério Ocidental, em Nova York. Cf. HOLLANDA, *Op. Cit.*, 2019, p.429.

Araraquara, 26 de julho de 1981.

Rose

Fiquei cerca de três semanas no nordeste. Depois da SBPC, em Salvador, onde chovia dia e noite, peguei ótimo tempo em Recife, João Pessoa e Fortaleza. A parada em Recife valeu muito a pena, já que bati dois longos papos com Gregório Bezerra. O homem, aos 81 anos de idade, tem uma memória espantosa e muita ternura. Fiquei encantada.

Kevi alguns amigos em Fortaleza. Zayra deu-me um exemplar de sua tese para que eu leia e opine sobre os cortes. Disse-me que você quer que ela elimine as tabelas, mas não sabe como proceder. Assim que dispuser de tempo, lerei o trabalho para fazer sugestões.

Peregrina mora agora em uma linda casa, com piscina. Pediu-me que lhe dissesse para ir para lá a fim de escrever seu trabalho. Creio que as condições são ótimas. O endereço dela é:

Peregrina Capelo Cavalcanti
Av. Zezé Diogo, 7.340 Caixa Postal 2645
60000 Fortaleza Fone: 234-4683

Se você escrever a ela, não deixe de colocar a caixa postal, pois o local é retirado e o correio não chega até lá. Caso vê, é só dizer ao motorista do taxi que é em frente ao Caça e Pesca.

Mande as novidades, sim? Depois do encontro de Nova Friburgo, em outubro, deverei ficar uns dois dias aí no Rio. Creio que irei ao Rio, já de volta para casa, aí pelo dia 23 ou 24 de outubro.

Um abração da

Helaine

Figura 47: Carta de Saffioti para Rose. Araraquara, 26 de julho de 1981. Fonte: DP 002-Correspondências 1981 (digitalizado), p.26. Acervo: ICRM.

A segunda foi escrita por Diva Maria Prestes de Barros de Araújo de Sorocaba em julho de 1987 a Editora Vozes. Ao solicitar, “após a leitura do livro *Sexualidade da Mulher: Corpo e Classe Social no Brasil*”, desejo aprofundar-me na leitura do assunto, para o que solicito cópias xerox das tabelas completas da pesquisa que deu origem ao livro de Rose Marie Muraro” (ARAÚJO, 17 de julho de 1987, nº376). Com isso, a carta demonstrou o interesse da pesquisa desempenhada por Rose no livro, o que significa dizer que as ideias difundidas no livro alavancaram o desejo de Araújo em expandir a análise sobre o tema.

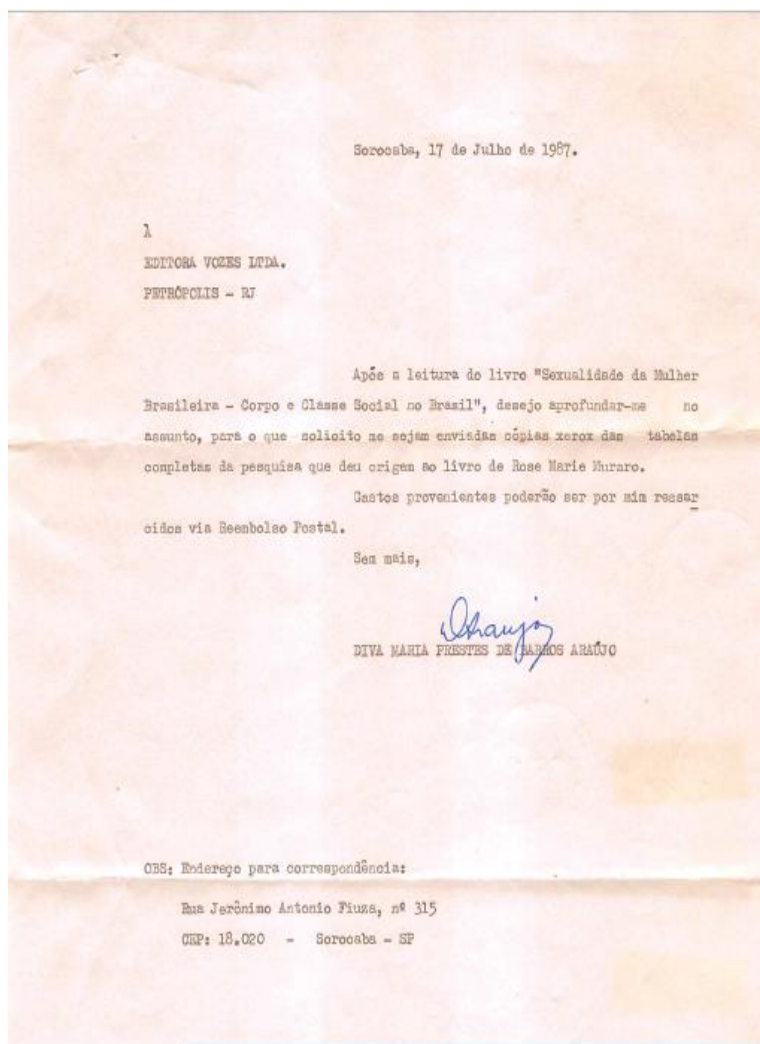


Figura 48: Carta de Diva Maria Preste de Barros de Araújo para a Editora Vozes sobre o livro *SMB*. 17 de julho de 1987. Fonte: número 376 (digitalizado). Acervo: ICRM

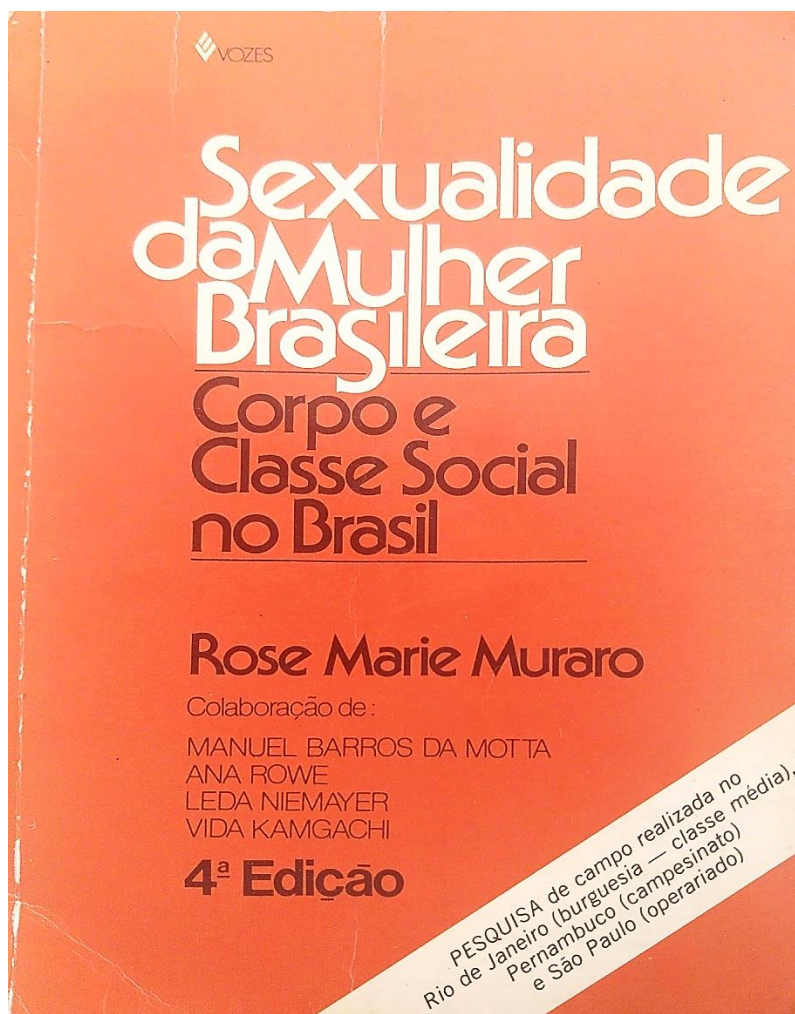
4.3- Sexualidade e Classe Social na escrita feminista de Rose Muraro

Originalmente o livro *SMB* foi um projeto de pesquisa elaborado na viagem aos Estados Unidos por Rose e Iêda Wiarda com financiamento da Fundação Rockefeller e ampliado pela verba obtida pelo Ministério da Educação (FNDE) por intermédio do CMB. Publicado em 1983 pela Editora Vozes, teve como proposta “ter uma visão brasileira da sexualidade” (MMI,1999, p.175). O primeiro projeto de pesquisa “(...) destinava conhecer as motivações das camponesas do Nordeste para terem tantos filhos (...)” (MMI,1999, p.257), no entanto ao final do livro, quando de sua publicação, a autora insere o propósito de contribuir para o debate feminista e movimentos de

esquerda existentes no Brasil na década de 1980, por meio da reflexão sobre a dominação sexual e de classes. Nesse sentido, Rose caracterizou a suas opções metodológicas da pesquisa:

Decidi fazer a pesquisa tanto com mulheres quanto com homens, porque nunca fui de separar mulheres e homens... se não tivesse homens, não haveria comparação. Foi a melhor coisa que fiz... Eu e Yeda Wiarda elaboramos juntas o questionário. Não tínhamos pesquisa piloto, e pensamos: “Ah, é assim? O dinheiro é pouco? Então vamos fazer pesquisa com nossa própria experiência”. Porque o dinheiro da Fundação Rockefeller não dava para nada. Então começamos a fazer as questões mais idiotas possíveis, que vieram a dar respostas mais fabulosas e que foram a paixão de Félix Guatari antes de morrer (*MMI*, 1999, p.258).

É importante destacar para os aspectos gerais da obra, como a capa apresentada em uma estética simples, sem a presença de imagens contendo apenas o título do livro nas cores branco e preto com o fundo vermelho.



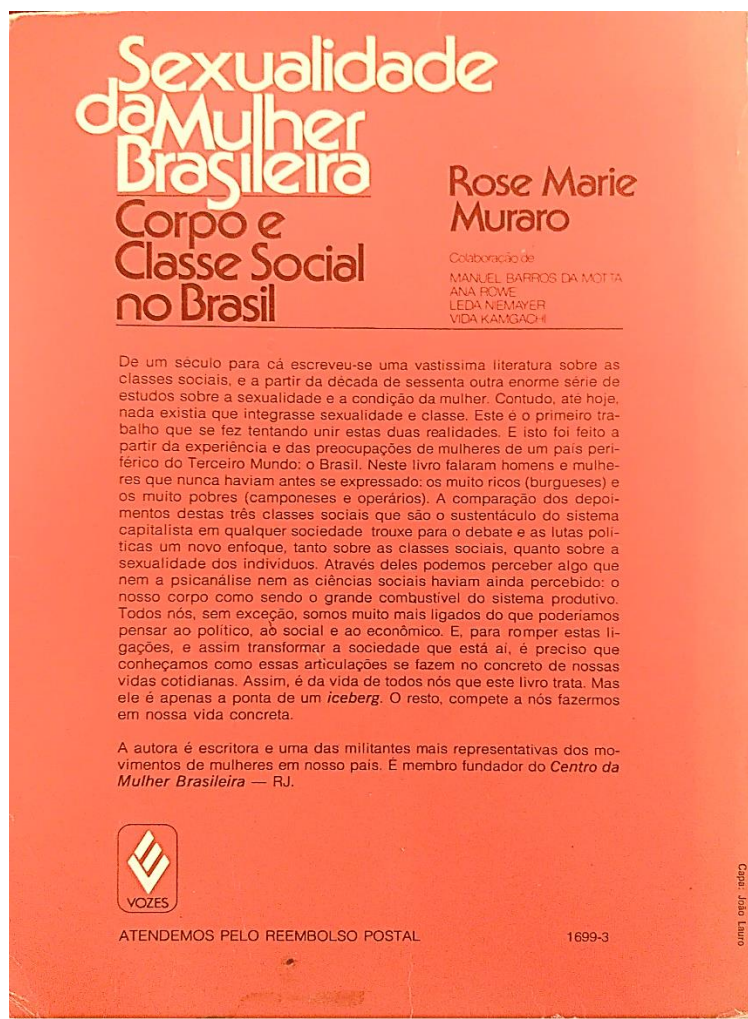


Figura 49: Capa e Contracapa do livro SMB, acervo pessoal

Na capa, além dos nomes de alguns colaboradores como Manuel Barros da Motta¹⁰³, Ana Rowe¹⁰⁴, Leda Niemayer¹⁰⁵ e Vida Kamgachi, há a informação da metodologia, locais e grupos sociais selecionados para a pesquisa “(...) pesquisa de campo realizada no Rio de Janeiro (burguesia- classe média), Pernambuco (campesinato) e São Paulo (operariado)”.

Na contracapa, o destaque foi para a existência de outras pesquisas que abordaram as mesmas temáticas no Brasil. No entanto, ao seu ver, a sua pesquisa era pioneira ao integrar a sexualidade e classe através da análise das experiências das mulheres brasileiras de três classes sociais diferentes: burguesia, operariado e

¹⁰³ “(...)Atualmente é professor adjunto IV da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (...) em experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia, verdade, ciência, história da ciência, epistemologia, sujeito, psicanálise, inconsciente, política, direitos humanos, revolução, justiça e arqueologia e história das ciências”. Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/597595/manoel-barros-da-motta>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹⁰⁴ Ressaltado no livro que era economista e membro do CMB. Sem maiores informações.

¹⁰⁵ Ressaltado no livro que era socióloga e membro do CMB. Sem maiores informações.

camponeses, pois (...) podemos perceber algo que nem a psicanálise nem as ciências sociais ainda haviam percebido: o nosso corpo como sendo o grande combustível do sistema produtivo (...)"'. E por fim foi apresentada uma justificativa para a leitura do livro mediante a sua contribuição para o feminismo brasileiro, ao mencionar: "(...) A autora é escritora e uma das militantes mais representativas dos movimentos de mulheres em nosso país. É membro fundador do Centro Da Mulher Brasileira-RJ. (...)".

Na parte interna do livro, a autora diferenciou a sua obra do Relatório Hite (1976) que ao seu ver tem um caráter detalhado do ato sexual ao contrário da sua análise que se propôs a compreender o controle da sexualidade pelo sistema produtivo de forma cotidiana. Nesse sentido, ela abordou a necessidade da libertação da mulher desse sistema dominante:

É somente a partir do momento em que adquirimos o conhecimento de como esse processo de dominação e muitas vezes de esmagamento inconsciente que o sistema dominante exerce, tanto sobre os homens como as mulheres que poderemos nos dar conta do que realmente significa a nossa sexualidade em sua verdadeira dimensão, em sua realidade concreta e não com uma visão idealizada e, portanto, alienante. Só poderemos ser realmente felizes e libertos no momento em que, deliberadamente e a cada instante, pudermos resistir a essa lógica enlouquecida do capital que rege a vida de todos nós (SMB, 1983, parte interna).

Na análise de Tito Sena (2007) sobre o livro *Relatório Hite* (1976), observamos propostas diferentes de estudo da sexualidade nos livros de Shere Hite e de Rose. Sena ao examinar a obra, ressaltou que na organização dos questionários sobre a temática da sexualidade para mulheres e homens, Hite teve como proposta principal compreender a sexualidade feminina através de algumas questões como: a masturbação, o orgasmo, coito, estimulação clitoriana e lesbianismo. Nesse sentido, o tema central da sua análise no que diz respeito a sexualidade feminina se ateve a apresentar a importância da masturbação como a origem do prazer feminino, passando a descrever os tipos básicos de masturbação feminina no livro. A pesquisa concluiu que a maioria das mulheres não conseguiam gozar no ato sexual, o que gerava nas mulheres um sentimento de culpa, insegurança e frigidez. Isto ocorria para a autora, devido a existência do mito da obrigatoriedade do orgasmo vaginal para a conquista do prazer feminino. Em linhas gerais, Sena sintetiza as ideias de Hite:

O relatório explora o que a autora denomina dois grandes mitos sobre a sexualidade feminina: 1º) As mulheres se interessam-se menos por sexo e

orgasmo que os homens; 2º) As mulheres demoram muito, mas tempo que os homens para gozar, devido a fragilidade e delicadeza feminina (...). Em suma, Shere Hite a partir do relato de suas pesquisadas, conclui que as dificuldades do orgasmo feminino evidenciam a supremacia genitalizante e mecânica masculina, constituída pela ereção, penetração e orgasmo, excluindo a mulher da possibilidade de expressão e satisfação (SENA, 2007, p.227-228).

Com relação a organização do livro *SMB*, ele possui quinhentas e uma páginas e foi dividido em três partes acrescido do anexo. A primeira parte abordou capítulos sobre corpo e sexualidade, classes sociais, sexualidade e classes sociais e a base teórica e metodológica do livro. Na segunda parte, analisou as respostas dos questionários aplicados nas três classes sociais (burguesia, campesinato e operariado) em homens e mulheres. Os questionários foram analisados de forma comparativa nas três classes sociais nos respectivos capítulos: sexualidade de classe, maternidade e classe social e ideologia, trabalho e classe. Na terceira parte, apresentaram-se as conclusões finais da pesquisa. E por fim o anexo subdividido em: questionário aplicado, falas dos entrevistados, história de vida dos camponeses e resumo de tabelas.

A proposta analítica do livro seguirá os critérios mencionados na primeira parte do capítulo: tema, a estruturação, as preferências teóricas e metodológicas e as resenhas e entrevistas de Rose nos meios de comunicação. Centraremos nossa análise: a primeira parte, composta por quatro capítulos cuja proposta foi apresentar o tema, teoria e metodologia de pesquisa do livro; a segunda parte, especificamente as introduções realizadas antes da apresentação das entrevistas e, por fim, a terceira parte onde a autora apresenta as conclusões finais do livro.

Na apresentação observamos o destaque dado para construção do livro de forma coletiva, “(...) fruto da integração do conhecimento acadêmico com o conhecimento oriundo da prática dos movimentos sociais (...)” (*SMB*, 1983, p.9). Também sublinhou a importância do trabalho de campo realizado no Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco e uma longa lista de pessoas que contribuíram de alguma forma para a elaboração do livro.

Na preparação do projeto e confecção de questionários nos Estados Unidos contribuíram a Prof.^a Iêda Siqueira Wiarda no Rio de Janeiro, a Prof.^a Irles Continho¹⁰⁶, em São Paulo a Dra. Albertina Duarte¹⁰⁷, Drs. Hércules Maluley¹⁰⁸ e Masatoshi

¹⁰⁶ Ressaltado no livro que era doutorada em Ciências Políticas pela Universidade de Glasgow (Inglaterra). Sem maiores informações.

¹⁰⁷ Ressaltado no livro apenas que era médica. Sem maiores informações.

¹⁰⁸ Ressaltado no livro apenas que era médico. Sem maiores informações.

Takiuti¹⁰⁹ e Darcy Oliveira¹¹⁰ e em Pernambuco a Prof.^a Janete Azevedo¹¹¹, Ana Célia Bandeira de Souza¹¹², Vera Sílvia Araújo Magalhães¹¹³, Sônia Correia¹¹⁴ e Maria Betânia d'Ávila¹¹⁵.

Com relação ao processamento dos dados, foi realizado por uma equipe do Dr. Fernando Gomes¹¹⁶ e Maccaron¹¹⁷. A análise de discurso foi desenvolvida pelo professor Manuel Motta, Anna Lúcia Nery e Leda Niemayer. Os divulgadores da pesquisa nos meios da comunicação foram: Ruy Castro¹¹⁸ e Mário de Andrade¹¹⁹ (*Revista Playboy*), Glória Álvares¹²⁰ (*Revista Desfile*), André Singer¹²¹ (*Folha de São Paulo*), Fátima Ali¹²² da *Revista Nova* e *Revista Veja*, Roberto d'Ávila¹²³ (Canal Livre),

¹⁰⁹ Ressaltado no livro apenas que era médico. Sem maiores informações.

¹¹⁰ Ressaltado no livro que era pedagoga e licenciada em filosofia. Sem maiores informações.

¹¹¹ “(...)É mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1981) e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1994) (...). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Pernambuco, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (campus do Recife e do Agreste) e ao curso de Pedagogia (campus do Recife) e líder do grupo de pesquisa Políticas Públicas da Educação (...)”. Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/578416/janete-maria-lins-de-azevedo>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹¹² Ressaltado no livro apenas que era historiadora da Universidade de Pernambuco. Sem maiores informações.

¹¹³ Ressaltado no livro que tinha mestrado em economia rural. Disponível outras informações: < [Especial, Golpe de 64: Vera Silvia e o sadismo na tortura; numa sexta-feira Santa, como se fosse Jesus Cristo \(srzd.com\)](https://www.especial.golpe.de/64:VeraSilviaeOSadismoNaTortura;numasextafeiraSanta,comosefosseJesusCristo(srzd.com))>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹¹⁴ Ressaltado no livro que era socióloga formada da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível outras informações, ver: ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um debate**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007, p. 190.

¹¹⁵ Socióloga, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2009). Atualmente é coordenadora geral e Pesquisadora do SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia. Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/6778001/maria-betania-de-melo-avila>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹¹⁶ Ressaltado no livro apenas que era engenheiro em São Paulo. Sem maiores informações.

¹¹⁷ Ressaltado no livro apenas que era engenheiro em São Paulo. Sem maiores informações.

¹¹⁸ Jornalista, biógrafo e escritor brasileiro. Mais informações: < [03 grandes biografias escritas por Ruy Castro \(barco.art.br\)](https://www.03grandesbiografiasescritasporRuyCastro(barco.art.br))>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹¹⁹ “(...) Na Playboy dirigiu durante mais de dez anos, se revelou o grande revisteiro. Alma de jornalista, editor brilhante, workaholic, exigente, perfeccionista, ávido leitor. Seu lema predileto era Deus está nos detalhes e levava o ditado a sério, de maneira implacável e obsessiva. Não saía nada na revista que ele não visse (...)”. Disponível em: < <http://www.oexplorador.com.br/mario-de-andrade-1944-1991-carioca-primeiro-diretor-de-redacao-de-playboy/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹²⁰ Não encontramos mais informações.

¹²¹ “Professor Titular do Departamento de Ciência Política (DCP) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), onde leciona desde 1990. Possui graduação em Ciências Sociais (1980) e em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1986) (...)” < [André Vitor Singer | Escavador](https://www.andre.vitor.singer|Escavador)>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹²² Disponível em: < <https://www.linkedin.com/in/fatima-ali-2aa91b8/?originalSubdomain=br>>. Acesso em: 06 de junho de 2021.

¹²³ Jornalista brasileiro, além de atuar como empresário, apresentador e diretor-geral de seu programa televisivo de entrevistas Conexão Roberto D'Ávila.

José Itamar de Freitas¹²⁴(Fantástico), Eduardo Mascarenhas¹²⁵ (Interiores, TVE), entre outros. E as fontes financiadoras do projeto Fundação Rockefeller através do CMB e o FNDE.

A exposição dos nomes dessas pessoas nesta dissertação tem por objetivo reforçar a hipótese que o sucesso do livro também perpassa pelo apoio desses profissionais que estiveram com Rose no processo de elaboração e, principalmente, na divulgação midiática.

Na introdução, a autora destacou o seu interesse pela temática de estudo da mulher em trabalhos realizados anteriormente como os seus livros *MCM* e *LSM*. Há ainda uma breve contextualização a respeito da sua experiência no movimento feminista brasileiro das décadas de 1970 e 80, ao destacar o Conselho Nacional de Mulheres, o lançamento do livro *Mística Feminina* (1971) de Betty Friedan, o CMB e o Centro de Desenvolvimento da Mulher Paulista. No tocante a finalidade do livro sublinhou a contribuição para o debate do movimento feminista e os movimentos de esquerda. Assim como, apresentou sua crítica aos movimentos de esquerda no que se refere ao tratamento das questões relacionadas as opressões de gênero:

Por um lado, a cegueira ideológica dos movimentos de uma certa esquerda ignora os problemas específicos da mulher, não só sexuais como também econômicos, tais como dupla jornada, salário inferior ao do homem pelo mesmo trabalho e muitos outros que denunciaremos no decorrer do presente estudo, que são discriminações realmente econômicas por motivos sexuais e que contribuem, enormemente, para a acumulação do capital (*SMB*,1983, p.15).

O objetivo do livro seria demonstrar como a dominação sexual fundamentou a dominação de classes. Mediante essa análise Rose teceu uma crítica a algumas correntes feministas que não questionavam as estruturas econômicas determinadas pelo próprio Estado, ao ressaltar as transformações comportamentais e não estruturais:

(...) Por outro lado, várias correntes dos movimentos feministas perdem-se em suas finalidades e em sua ação porque não têm articulações que lhes permitam questionar o Estado central. Sem este questionamento, as transformações pleiteadas no comportamento das pessoas não poderão ir

¹²⁴ “Nos anos 1980, sob a direção de José-Itamar de Freitas, o Fantástico era um programa mais voltado para variedades e música. Por muitos anos, o nome dele se confundiu com o "show da vida". Disponível em: < [José-Itamar de Freitas, ex-diretor do Fantástico, morre no Rio | Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](#) >. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹²⁵ Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eduardo-guimaraes-mascarenhas-da-silva>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

muito longe, o que é uma contradição aguda, pois a infraestrutura econômica bloqueia as transformações comportamentais (...). (SMB,1983, p. 15)

A construção do livro como já citado anteriormente se desenvolveu inicialmente com a professora Iêda Siqueira Wiarda a convite da Fundação *Fulbright*. O projeto seria uma pesquisa “(...) junto às mulheres e organizações com o poder de decisão sobre o programa de Planejamento Familiar no Brasil e junto àquelas que deveriam ser os recipientes destes programas, isto é, algumas de classes menos favorecidas (...)” (SMB,1983, p. 15). Este projeto inicial teve aprovação e verba da Fundação Rockefeller em 1979, no entanto, em 1980 Rose destacou que juntamente com outros pesquisadores de São Paulo considerou a proposta do projeto insuficiente, como justifica a seguir:

Para que pudesse conhecer as verdadeiras motivações das mulheres para a maternidade, seria preciso ligá-las à percepção que elas teriam do seu próprio corpo, da sua sexualidade, dos papéis sexuais que a sociedade lhes determina, como seria necessário relacioná-las com sua inserção no mundo do trabalho, bem como conhecer sua ideologia e visão do mundo (SMB,1983, p. 15).

Desta forma a autora transformou a pesquisa em curso que obteve financiamento. Primeiramente o objetivo do projeto era entrevistar mulheres importantes de organizações nacionais e internacionais de controle de natalidade, como também mulheres que se beneficiaram dessas políticas familiares. Sendo alterado para “levar em consideração a divisão da sociedade brasileira em classes sociais e entrevistar amostras de mulheres das diversas classes” (SMB,1983, p.16).

O financiamento também foi ampliado, dispondo o CMB de um papel fundamental na mediação da verba internacional recebida da Fundação Rockefeller e na expansão da pesquisa através obtenção da verba do Ministério da Educação (FNDE). Por causa da verba recebida do FNDE, a pesquisa que teria cento e cinquenta pessoas entrevistadas, se estendeu para mais de mil pessoas através do processamento de dados pelo computador. Reunindo no processo de produção do livro o auxílio de alguns profissionais considerados colaboradores do livro como Manuel Motta e Vida Kamgachi:

Em 80, aplicam-se os questionários em São Paulo, Rio, Pernambuco e a partir de 81, até 82, reúne-se uma equipe do Centro da Mulher Brasileira e mais o professor Manuel Motta que participam em conjunto comigo da análise de conteúdo das “histórias de vida” que ia recebendo. Parte dessa análise havia sido publicada, por pressão dos meios de comunicação, na revista *Play Boy* (...) e veio a ser enriquecida pelo trabalho deste grupo que deu ao livro maiores dimensões, e de mais outra série de encontros meus com

a Dr.^a Vida Kamgachi, psicanalista e especialista em sexualidade feminina. Isto tudo até outubro de 82 (SMB,1983, p.16).

O destaque dado por Rose na apresentação do livro para os questionários, expõe a relevância de utilizar os relatos das experiências de vida de pessoas comuns, principalmente no que se refere a dominação específica das mulheres, como metodologia:

A parte central do livro será, apenas, citando as pessoas entrevistadas. Não será citado nenhum autor, afim de que as fala das pessoas possa tomar todas as suas dimensões. São elas e só elas as referências principais do trabalho aqui apresentado (SMB,1983, p.17).

No que se refere a bibliografia, a autora salientou que não encontrou trabalhos nos quais relacionassem as temáticas corpo, sexualidade e classes sociais, apenas encontrou textos cuja abordagem se associava aos temas sexualidade e classes sociais de forma separada. Com base nessas temáticas, ela apresentou uma bibliografia que, ao seu ver, foi considerada ampla devido a quantidade de pesquisas encontradas. Como destacado no capítulo anterior, o tema da sexualidade feminina ainda era pouco trabalhado no Brasil.

O *Sexualidade* foi o primeiro (e único livro) que encontrou as articulações concretas entre o corpo, o inconsciente e sistema produtivo. O que se descobriu lá mostrou que a ciência dominante é feita para comportamentos maciços (...) então o que fiz? Dividi a sociedade em classes e usei a uma estatística descritiva em cada uma. Aí sim, apareceram os conflitos, e ficou claro como o sistema produtivo/econômico fabrica os nossos corpos, a sexualidade, o nosso imaginário (MMI, 1999, p.258).

No *capítulo 1: Corpo e Sexualidade*, através da pergunta introdutória *Sexualidade por quê?* a autora justifica o estudo da sexualidade, respondendo à questão mediante a análise da relação intrínseca entre o sistema econômico e a reprodução humana. Desta forma, discorreu que o crescimento populacional se desenvolveu de forma diferente nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, pois o sistema capitalista produziu desigualdades sociais fundamentadas no desenvolvimento econômico dos países.

Essa expansão do capitalismo, em sua visão, dependeu da exploração da mão de obra de algumas classes sociais especificamente, por isso o crescimento populacional mostrou-se fundamental para que esse se mantivesse em expansão. Entretanto ela

indicou um impasse: o crescimento populacional estava se restringindo aos países terceiro mundo, associado a isso, embora as mulheres contribuíssem para a expansão econômica através do trabalho da procriação, elas se mantinham (procriando ou não) excluídas do sistema econômico. No trecho abaixo, Rose analisou o contexto brasileiro como forma de corroborar com a premissa de que o crescimento da natalidade prejudicava o capitalismo brasileiro:

A taxa de natalidade é muito alta nos meios rurais e, com a penetração acelerada do capitalismo no campo, massas cada vez maiores de pessoas, que não mais encontram trabalho devido à mecanização crescente ou à diminuição do espaço existente para as culturas de subsistência, migram para as periferias das grandes cidades, vindo aumentar aí o contingente dos desempregados ou subempregados (...) Os índices de criminalidade em São Paulo e no Rio de Janeiro, como já é sabido, encontram-se entre os mais altos do mundo. E a contradição está que também não pode o capitalismo viver sem esse contingente marginal, pois é em cima dele que se processa com mais intensidade a sua reprodução ampliada (SMB, 1983, p.20).

Como forma de mostrar o diferencial do seu trabalho, abordou a produção de diversos padrões reprodutivos de acordo com a situação econômica das classes sociais brasileiras. O que significa que, para ela, a reprodução compreendia a sexualidade nos aspectos individuais e coletivos, ou seja, a sexualidade seria individualmente importante para o sujeito nas suas relações cotidianas e coletivamente inserida no sistema econômico capitalista. Alguns desses questionamentos foram levantados de forma introdutória por Rose com o intuito de apresentar suas respostas ao longo do livro:

A pergunta que então faria neste livro seria: o que é a sexualidade feminina? Quais as suas características específicas? É ela ou não complementar à sexualidade do homem? E: qual a relação entre a reprodução da espécie e a produção? Qual a relação entre sexualidade e o sistema econômico (SMB, 1983, p.21-22.).

Desta forma, com base nas questões desenvolvidas entre a sexualidade e estrutura econômica, ela propõe compreender como funciona o *dispositivo da sexualidade* (SMB, 1983, p.22) no Brasil, ou seja, a ideia que o sistema atua no sentido de construir corpos economicamente úteis e que para serem úteis precisam ser submissos:

Neste livro não teremos a pretensão de entrar neste campo histórico e detalhar os aspectos deste dispositivo, mas apenas naquele que nos é possível: perguntar às pessoas das diversas classes sobre a sua sexualidade e comparar as respostas, para daí inferir algumas linhas de como a classe e

sexualidade se articulam e assim contribuir para a compreensão da articulação entre sexualidade e o econômico, aqui e agora (SMB, 1983, p.21).

Como exposto na citação acima, a intenção dela ao utilizar uma categoria analítica foucaultiana não era produzir uma análise teórica consistente das ideias do autor, mas apenas utilizá-lo na prática da pesquisa. Portanto, ela também não considera importante para os seus objetivos no livro produzir uma discussão bibliográfica dos principais livros que abordavam a sexualidade no período da década de 1980. Como sublinhou:

Evidentemente, extrapola de muito a finalidade deste livro tocar em assunto tão amplo e tão complexo como este sobre o qual, aliás, uma vasta bibliografia vem se formando principalmente nesta segunda metade do século XX. Há ainda uma história da sexualidade no Brasil, campo quase virgem, e da qual as ciências humanas brasileiras possuem trabalhos iniciais e extremamente incompletos (SMB, 1983, p.22).

Para desenvolver sua proposta de articulação da sexualidade com as classes sociais, diferenciou o conceito de corpo e sexualidade da concepção colocada pela medicina. Ao apontar uma análise baseada nos conceitos *corpo psíquico e corpo sexual* (SMB,1983, p.23) de Freud, que compreende a existência de “um corpo com singularidades individuais, com padrões e representações provenientes da sua inserção concreta no tempo, no espaço e nas forças produtivas e, também, estruturas comuns a todos os seres humanos” (SMB,1983, p.23).

A relação do corpo com o sistema econômico, a seu ver, é realizada através das instituições, leis, normas de comportamento e mecanismos econômicos. Sendo fundamental para as atividades de vida humanas, principalmente no que se refere a divisão social do trabalho que constrói modos socialmente distintos de mulheres e homens se inserirem no sistema econômico. O que significa, que o capitalismo produz corpos submissos à lógica do capital, como destacou:

Assim, também, se produzem os corpos economicamente úteis, mas para que eles sejam economicamente úteis é preciso que sejam submissos. Que se tornem seus próprios vigias. Para tanto são adestrados e lhes são inculcados hábitos primários desde a infância. E quanto mais simples esses gestos e hábitos, mais fundamentais, mais determinantes. E as classes se delimitam e se moldam por esses hábitos que, ao mesmo tempo, as articulam entre si (SMB,1983, p.23).

Última questão desenvolvida no capítulo, diz respeito, a proposta de compreensão no livro de como as normas de comportamento desenvolvidas pelas instituições como Igreja, família e escola se vinculavam ao sistema econômico. Para isso a autora utilizou como suporte teórico o conceito de norma de Canguilhem (1978), ao buscar entender como regras explícitas e implícitas conduzem a sociedade a sua própria organização.

No entanto, devido às normas realizadas nas instituições não necessariamente corresponderem os interesses dos indivíduos, a aceitação dos indivíduos perante essas normas se baseia na existência de uma ideologia dominante.

O capítulo 2: As Classes Sociais apresenta o objetivo de classificar as classes sociais existentes no Brasil, segundo as diferentes funções dessas classes a partir dos dados do IBGE: “(...) a burguesia; proprietária dos meios de produção; o proletariado, que vende sua força de trabalho e a pequena burguesia, produtores diretos não assalariados (...)” (SMB, 1983, p.27-28). Dentro dessa divisão, analisa a existência de uma divisão espacial de classes: rurais e urbanas, sendo característico a presença de um capitalismo no campo, com o destaque para as relações de exploração entre os proprietários de terras e os camponeses. Com base na definição de Paul Singer (1981), a burguesia foi compreendida em diversas frações de classe, pois “(...) a burguesia compõe-se de duas frações: uma empresarial, a daqueles que possuem a propriedade jurídica das firmas, e uma outra, gerencial, composta por aqueles que as dirigem (...)” (SMB, 1983, p. 28). Por fim o proletariado caracterizado da seguinte forma por Rose:

O proletariado, também, por sua vez, compõe-se de várias frações: os que trabalham, isto é, vendem a sua força de trabalho, e uma população excedente, desempregada, subempregada ou à procura de um emprego. Esta população é produzida pelo próprio funcionamento inerente ao capitalismo (Lei da Reprodução Ampliada) e que constituiu o seu exército de reserva. Tanto o excesso de trabalho dos que trabalham como a falta de trabalho dos que não trabalham, mas procuram emprego contribui para diminuir a pressão dos operários sobre o capital, em busca de melhores salários (SMB, 1983, p.41).

A partir dessa classificação das classes sociais brasileiras, a autora utilizou sete tabelas de dados do IBGE, privilegiando as tabelas sobre a população economicamente ativa (PEA) brasileira no tocante aos aspectos gerais de renda de empregados e empregadores, homens e mulheres, e a relação da renda com as profissões rurais e urbanas. Também foram apresentadas informações no que diz respeito ao mapeamento

da concentração da população no campo e na cidade, especificamente as condições de trabalho da população feminina economicamente ativa.

O Capítulo 3 Corpo e Classe Social: A Pesquisa e sua Metodologia, propõe apresentar a metodologia da pesquisa composta de questionários que buscam compreender a interligação entre corpo, sexualidade e classe social, no aspecto cotidiano dos indivíduos das diferentes classes sociais. Para tanto, foi construído um questionário que não seguia as regras das ciências sociais, com o objetivo de unir “(...) o conhecimento teórico com a prática política das pesquisadoras (...)” (SMB, 1983, p.41) de forma a “*afrouxar os laços lógicos*” do conhecimento científico. Desta forma, ao desvincular a sua pesquisa dos parâmetros acadêmicos formais, expressou a crítica a instituição acadêmica como saber normalizador:

A Academia é uma instituição politicamente normalizada, instauradora do saber dominante mesmo quando existem pessoas contestadoras em seus quadros. Uma pesquisa como esta, juntando prática política e um certo conhecimento acadêmico, poderia ser mais crítica do que o conhecimento produzido pelo sistema oficial? Na nossa opinião, só se pode conhecer realmente se está fora destas instituições e ainda mais, numa prática de construção de uma realidade nova, como é o caso nosso e dos movimentos sociais em que parte das lutas das mulheres se realiza (SMB, 1983, p.41).

Em relação a uma suposta neutralidade científica da pesquisa, Rose sublinhou a sua inexistência devido à presença de pressupostos ideológicos e teóricos na construção do livro. Dentre esses princípios norteadores da sua análise destacou a relação das perguntas de temáticas corpo e sexualidade partirem da experiência delas como mulheres e a importância de compreender o seu lugar de fala como mulher de classe média em um país subdesenvolvido. Para que na elaboração e análise dos questionários não ocorresse uma imposição de seus valores nas outras classes sociais.

Desse modo, ressalta a preocupação de posicionamento analítico do ponto de vista do oprimido (mulheres e homens), buscando não silenciar as vozes dos desfavorecidos ao reproduzir as suas falas no livro, aliando o seu trabalho às lutas das mulheres no Brasil. Por fim realçou que “não desejamos, ainda, construir um modelo da relação homem e mulher ou sexualidade e classe social (...). O objetivo é apenas dar subsídios para que os agentes possam por si sós interferir na realidade que está aí” (SMB, 1983, p.42).

O conceito básico utilizado na pesquisa de classe teve como propósito buscar padrões de classe no comportamento de homens e mulheres. Para isso, a autora não

empregou uma ampla amostra de entrevistas de todas as classes sociais, restringindo a análise a trinta pessoas de cada classe. Isto significa que para Rose, essa pequena amostra conseguiu comprovar as suas hipóteses de que cada classe social possuía um padrão relacionado a formas de viver, como também “os padrões de classe, se os houver não eliminam as diferenças individuais nem sexuais, mas dão-lhes conotações específicas de classe, especificidade esta cuja captação é nosso principal objetivo” (SMB, 1983, p.43).

Em relação à metodologia, buscou o diálogo com os entrevistados a partir de questões que envolviam as temáticas do corpo, sexualidade e classe social. Com base nesses temas aplicou dois modelos de questionários: um questionário aberto constituído de dados pessoais do entrevistado e outro questionário fechado dispendo de perguntas sobre a sexualidade. A seu ver esta metodologia possibilitou a aplicação dos questionários em um número maior de pessoas, confirmando a sua tese de padrões de classe. Também nas perguntas fechadas sobre a temática da sexualidade empregou uma estratégia de criar perguntas contendo afirmações, mas que não tivessem em si uma resposta:

Assim, tomamos o “concordo muito” como tendencialmente indicando uma atitude levando à prática em relação à pergunta formulada; o “concordo pouco”, como uma representação em vias de mudança; o “sem opinião”, como defesa ou conflito intenso ou, ainda, falta de informação ou, até, desinteresse pelo assunto, dependendo do caso; o “discordo pouco”, como um afastamento “teórico” da discordância à questão e o “discordo muito” como prática tendencialmente contrária a pergunta que se estava fazendo (SMB, 1983, p.44).

Os modelos das perguntas dos questionários fechados totalizaram sessenta e nove perguntas¹²⁶, sendo vinte e sete relacionadas aos dados pessoais e o restante distribuíram-se em três blocos temáticos para mulheres e homens: Ruptura da Norma (sexualidade), Atitudes da Mulher diante da Maternidade e o Trabalho, Política e Ideologia. Essas temáticas podem aparecer em perguntas nas seguintes proposições: “(...) O tabu da virgindade: é importante ter relações sexuais antes do casamento. O adultério: a esposa que não está satisfeita deve procurar outros homens (...)”. (SMB, 1983, p.45)

¹²⁶ As perguntas dos questionários constarão no anexo da dissertação.

Na parte dos questionários abertos, algumas perguntas sobre a história de vida dos entrevistados tiveram como abordagem o corpo, a inserção no mundo do trabalho, os papéis sexuais, sexualidade, o controle da natalidade, ideologia política e a condição da mulher. Desta forma, segundo a autora:

As perguntas feitas induzindo um discurso explícito das pessoas foram: *Gosta de ter relações sexuais? Goza? Como se sente no casamento: feliz, infeliz decepcionada (o) ou muito feliz?* Com esta última pergunta se quis saber o que significava o ser feliz (visto como ter onde colocar o seu desejo) para as diversas classes sociais. A seguir perguntou-se: *É nervosa (o)? Tem tontura, enxaqueca?* O intuito desta questão era saber algum detalhe sobre a satisfação ou insatisfação sexual das pessoas a nível de inconsciente (SMB,1983, p.48).

Tânia Gomes (2014) ao analisar o livro *SMB*, confere a obra um caráter científico ao se propor contribuir para uma ciência do feminismo, ou seja, para essa autora o livro tem uma organização formal e uma tese a ser comprovada que relaciona a sexualidade e classe social. Em sua visão, mesmo que Rose tenha utilizado uma metodologia menos rigorosa ao padrão científico, o livro apresentou um conteúdo com base em um formalismo metodológico científico, exemplificado em procedimentos analíticos como o emprego de questionários, tabelas e entrevistas:

A preocupação com um fazer científico se faz sentir por meio do roteiro instituído pela escritora, que confere à sua obra nuances factuais, sistemáticas, verificadas por meio de procedimentos analíticos, rigorosamente metodológicos. Observa-se, com isto, a importância conferida aos questionários, às entrevistas e às tabelas, na edificação do livro sobredito. Todos esses elementos anunciam uma “ciência do feminismo”, ou seja, uma edificação de eixos formais, logicizantes, que se debruçam sobre a temática da mulher (GOMES,2014, p.115).

Gomes sublinhou o caráter experimentalista da obra que apresentou fragilidades teóricas para analisar os questionários, tabelas e entrevistas apresentadas em forma de anexo no livro. No entanto, a autora caracterizou um novo “fazer científico” aplicado por Rose, baseado em um projeto científico que sugere que a prática se sobrepõe aos formalismos científicos: “na ótica murariana, percebe-se a preocupação com uma ciência que seja sistemática, mas, que, simultaneamente, priorize o material humano que subjaz àqueles índices lógicos” (GOMES,2014, p.124).

O capítulo 4 Rio, São Paulo e Pernambuco: A Amostra, analisou o procedimento utilizado nas entrevistas no que se refere a escolha das classes sociais, a

quantidade de entrevistados e regiões. A autora destacou as dificuldades de recursos para ampliar a amostra, o que justificou a sua prioridade inicial de entrevistar trinta mulheres e dez homens de cada classe social e fundamentou a escolha para mulheres e homens casados no fato da pesquisa, inicialmente, se tratar de um estudo sobre planejamento familiar.

As regiões escolhidas para o estudo foram: Rio de Janeiro (classe burguesa), São Paulo (proletariado) e Pernambuco (camponesa). Com base na exposição de elementos geográficos, históricos, econômicos e demográficos, essas regiões foram apresentadas para o leitor com o objetivo de evidenciar a conjuntura estrutural das regiões. Dessa forma, por exemplo, apresenta o Rio de Janeiro:

O Estado do Rio de Janeiro, com uma superfície de 43.305 km², é um dos quatro que integram a Região Sudeste, e nele situa-se a segunda região metropolitana do País, tanto no que se refere ao efetivo da população, quanto à concentração de indústrias e de atividades terciárias existentes, não só a capital como nos importantes centros urbanos (*SMB*, 1983, p.56).

As dificuldades da pesquisa em conseguir falas masculinas sobre seus corpos e sexualidade, fizeram ser necessário reestruturar três vezes a amostra dos operários e duas vezes, a da burguesia e camponato, assim como a ampliação das entrevistas nas classes sociais do operariado para mais quinhentas pessoas foi justificada através do objetivo de conseguir maior validade estatística a pesquisa.

Sendo que, no caso da expansão das entrevistas para a classe média alta da Zona Sul do Rio de Janeiro, a autora apontou uma surpresa na análise ao salientar que a classe média se diferenciava nas respostas da classe social burguesa. Desta forma, ao perceber diferenças entre ambas, não aplicou o questionário qualitativo na classe média, privilegiando a análise da burguesia. No quadro abaixo sintetizamos as informações das entrevistas nas três classes sociais:

Tabela 2: Informações gerais sobre a aplicação dos questionários no camponato, burguesia e operariado.

	Camponato	Burguesia	Operariado
Quantidade de entrevistas	Inicialmente Mulheres : 30 Homens: 10 Ampliou para: Mulheres : 40	Inicialmente. Mulheres: 30 Homens: 10 500 pessoas da classe média alta.	Inicialmente. Mulheres: 30 Homens: 10 Ampliou para: 500 pessoas
Local	Pernambuco. Surubim	Rio de Janeiro. Zona	São Paulo, região de

	e Vertentes (região agreste) e Palmares (região da mata úmida)	Sul e jovens das universidades PUC-RJ e UERJ.	Osasco.
Justificativa do local das entrevistas	1-Maior taxa de fecundidade do Brasil e o mais importante Estado agrário. 2-Melhor acesso das pesquisadoras a região do Agreste em detrimento ao Sertão de Pernambuco. 3- necessidade de amostra da agricultura de subsistência (região do Agreste). 4- demonstrar a ação do capitalismo em uma região de herança colonial do açúcar (região da Zona da Mata Úmida)	1-Segunda cidade mais importante do país, em termos econômicos. 2- Cidade que influenciou o comportamento do país inteiro através dos meios de comunicação.	Região que apresentava o maior parque industrial e assim grande contingente de operários.

Na primeira parte as discussões teóricas e metodológicas propostas por Rose são exibidas nos capítulos, através das definições sobre a sexualidade, classe social e o método utilizado nas entrevistas. Na segunda parte, a análise dos questionários se dividira por classes sociais e subdividiram entre os gêneros na ordem explicitada: burguesia, campesinato e operariado, primeiramente as mulheres e depois os homens.

Na introdução sobre a burguesia a autora apresentou alguns dados pessoais referentes à: idade, duração do casamento, quantidade de filhos, grau de instrução, religião, cor, renda familiar, profissão, número de cômodos na casa, estado de origem, relação com os meios de comunicação, serviço de saúde e movimento social. No quadro abaixo, organizamos essas informações fornecidas no livro.

Tabela 3: Alguns dados sobre os resultados obtidos na aplicação dos questionários na burguesia.

	Mulheres da burguesia	Homens da burguesia
Idade	De um total de 30 mulheres entrevistadas: 30 e 47 anos.: 40% das mulheres. 41 a 50 anos: 23,3% das mulheres.	De um total de 10 homens entrevistados: 31 a 40 anos:40% dos homens. 41 a 50 anos: 40% dos homens. mais de 50 anos. 20% homens.
Duração do casamento	Até 1 ano: 2 mulheres. 2 a 5 anos: 8 mulheres. 5 a 10 anos: 8 mulheres. 11 a 25 anos: 8 mulheres.	11 a 25 anos de casados: 70% dos homens.

Quantidade de filhos	Nenhum: 7 mulheres Até 3 filhos: 19 mulheres 4 filhos ou mais: 10% das mulheres.	Nenhum: 20% dos homens. 4 filhos ou mais: 2 homens.
Grau de instrução	2º Grau Incompleto: 4 mulheres 2º Grau Completo: 12 mulheres Superior incompleto: 5 mulheres Superior completo: 8 mulheres. Pós Graduação: 1 mulher.	Superior completo: 40% dos homens. Pós Graduação: 60% dos homens.
Religião	90% católica	90% católica
Cor	100% Brancas	100% Brancos.
Renda Familiar	50 a 100 salários mínimos: 33 % das mulheres. Mais de 100 salários mínimos: 66% das mulheres.	50 a 100 salários mínimos: 40% dos homens. Mais de 100 salários mínimos: 60% dos homens.
Profissão/trabalho	Dona de Casa: 60% das mulheres. Profissional Liberal: 7 mulheres Outras profissões: não citou o número.	Profissional Liberal: 4 homens. Empresários: 6 homens.
Procedência	90% urbana	90% urbana
Número de Cômodos na casa	6 a 16 cômodos	6 a 16 cômodos.
Estado de origem	São Paulo: 10 mulheres Rio de Janeiro: 3 mulheres. Outros estados :não citado. Outros países: 2 mulheres.	Rio de Janeiro: 4 homens São Paulo: 2 homens. Minas Gerais: 2 homens. Outros estados: 2 homens.
Relação aos meios de comunicação	Assiste muito televisão: 40% das mulheres. Assiste pouco a televisão: 50% das mulheres. Leitura de jornais: 46,6% das mulheres. Leitura de revistas: 80 % das mulheres.	Assiste muito televisão: 40% dos homens. Assiste pouco a televisão: 50% dos homens. Rádio: 3 homens. Leitura de jornais e revistas: 90% dos homens.
Serviço de saúde	Todas em rede particular	Todos em rede particular
Movimento Social	Nenhum	Nenhum

Em relação ao processo das entrevistas na burguesia, Rose relatou que a pesquisadora Irlés Coutinho ficou responsável pelo envio de cem cartas nos endereços de Ipanema e Leblon. No entanto, como não conseguiu receber nenhuma resposta teve a ideia de pedir ajuda a um dentista, uma esteticista e uma massagista para estabelecer o diálogo com suas clientes, conseguindo, desse modo, o número de trinta mulheres para realizar as entrevistas. Com relação aos homens, a entrevistas ocorreram através de contatos entre amigos em comuns.

De acordo com Irlés Coutinho as pessoas que aceitaram a entrevista encararam com bastante naturalidade as perguntas sobre a sexualidade, ao ressaltar que: “(...) foi

possível perceber, também, que essas mulheres não sofrem barreiras morais. Isto é, é minha percepção de que sentem que têm espaço à volta, que esse espaço é ocupado bastante livremente por suas ideias e práticas, e que não sofrem (...) julgamentos (...)” (SMB, 1983, p.68). As entrevistas das mulheres realizadas perto do horário do almoço em suas residências luxuosas localizadas no Jardim Botânico, Ipanema, Leblon, Barra, Lagoa e Petrópolis. E as entrevistas dos homens aconteceram em seus escritórios de trabalho descrito como lugares sofisticados e modernos.

Na introdução sobre o campesinato a autora novamente apresentou alguns dados pessoais referentes à: idade, duração do casamento, quantidade de filhos, grau de instrução, religião, cor, renda familiar, profissão, número de cômodos na casa, estado de origem, relação com os meios de comunicação, serviço de saúde e movimento social. Sendo importante sublinhar que ela destacou esses dados das entrevistas realizadas no campesinato em quatro subamostras entre mulheres e homens referentes as regiões da Zona da Mata e Agreste. No quadro abaixo, organizamos essas informações:

Tabela 4: Alguns dados sobre os resultados obtidos na aplicação dos questionários no campesinato.

	Mulheres do Agreste	Mulheres da Zona da Mata	Homens do Agreste	Homens da Zona da Mata
Idade	De um total de 20 mulheres entrevistadas: Até 19 anos: 1 mulher. 20 a 30 anos: 6 mulheres ou 30%. 31 a 40 anos: 6 mulheres ou 30%. 41 a 50 anos: 35% das mulheres.	De um total de 20 mulheres entrevistadas. 20 a 30 anos: 45% das mulheres. 31 a 40 anos: 30% das mulheres. 41 a 50 anos: 10% das mulheres. Superior a 50 anos: 10% mulheres	De um total de 10 homens entrevistados. Até 30 anos: 1 homem. 31 a 40 anos: 4 homens. 41 a 50 anos: 4 homens. Superior a 50 anos: 3 homens	De um total de 14 homens entrevistados. Apenas ressaltou que encontrou homens mais jovens devido ao maior predomínio das relações capitalistas.
Duração do casamento	Até 1 ano: 1 mulher. 2 a 5 anos: 4 ou 20% das mulheres. 6 a 10 anos de casadas: 4 mulheres ou 20%. 11 a 25 anos: 9 ou 45% das mulheres. Superior a 25 anos: 2 mulheres ou 10%.	Até 1 ano: 2 mulheres. 2 a 5 anos: 3 mulheres. 6 a 10 anos: 6 mulheres. 11 a 25 anos: 5 mulheres. Superior a 25 anos: 4 mulheres.	Menos de 10 anos: 3 homens. Superior a 10 anos: 7 homens. Superior a 20 anos: 2 homens	3 anos: 1 homem. 12 nos: 1 homem. 13 anos: 1 homem. 15 anos: 1 homem. 16 anos: 1 homem. 21 anos: 2 homens. 27 anos: 1 homem. 31 anos: 1 homem. 46 anos: 1

				homem.
Quantidade de filhos	Número médio de filhos é 5,4%	Número médio de filhos é 4,5%	Até 1 filho: 1 homem. 2 filhos: 3 homens. 3 filhos: 2 homens. 4 filhos: 3 homens. 6 filhos: 2 homens. 10 filhos: 2 homens.	Menos de 5 filhos: não mencionado. 5 a 10 filhos: 5 homens. Mais de 10 filhos: 3 filhos.
Grau de instrução	70% analfabetas	90% analfabetas.	60% analfabetos.	65% analfabetos.
Religião	Protestante: 1 mulher. Religião afro-brasileira: 4 ou 20% das mulheres.	Protestante: 1 mulher. Religião afro-brasileira: 5 ou 25% das mulheres.	Todos católicos.	Todos católicos.
Cor	Branças: 9 ou 45% das mulheres. Mulatas: 25% das mulheres. Outras caboclas: não mencionado.	Branças: 9 ou 45% das mulheres. Mulatas: 15% das mulheres. Outras caboclas: não mencionado.	Branços: 100% dos homens.	Branços: 2 homens. Pretos: 2 homens. Mulatos: 9 homens
Renda Familiar	Até 1 salário mínimo: 75% das mulheres.	Até 1 salário mínimo: 75% das mulheres.	Até dois salários: todos.	Até um salário: 5 homens. 1 a 2 salários: 3 homens. 2 a 3 salários: 6 homens.
Profissão/trabalho	Dona de casa e no roçado da família.	Corte de cana	Trabalhadores rurais.	Trabalhadores rurais.
Procedência	rural	Rural	rural	rural
Número de Cômodos na casa	90% menos de 3 cômodos.	90% menos de 3 cômodos.	3 cômodos na maioria.	3 cômodos na maioria.
Estado de origem	90% de Pernambuco. 2 mulheres da Paraíba. 1 mulher de Alagoas.	90% de Pernambuco. 2 mulheres da Paraíba. 1 mulher de Alagoas.	Pernambuco.	Alagoas e Paraíba: 10% dos homens.
Relação aos meios de comunicação	Não Assiste televisão: 45% das mulheres. Assiste pouco a televisão: 45% das mulheres. Rádio: 55 % das mulheres. Não leem jornais	Não Assiste televisão: 85% das mulheres. Assiste pouco a televisão: 15% das mulheres. Rádio: 55 % das mulheres. Não leem jornais	Não Assiste televisão: 50% dos homens. Assiste pouco a televisão: 50% dos homens. Rádio: 80 % dos homens. Não leem jornais	Não Assiste televisão: 13 homens. Assiste pouco a televisão: 1 homem. Rádio: 70 % das mulheres. Não leem jornais

	ou revistas: 95% das mulheres.	ou revistas: 95% das mulheres.	ou revistas: não citado.	ou revistas: não citado.
Serviço de saúde	Governo:100% das mulheres.	Governo: 20% das mulheres. Sindicato:70% das mulheres.	Governo maioria.	Funrural maioria.
Movimento Social	10% das mulheres.	20% das mulheres.	1 homem.	9 homens.

Com base nessas informações, destacamos um número maior de entrevistas no campesinato do que na burguesia, sendo quarenta mulheres e vinte e quatro homens. No entanto a quantidade de entrevistas foi inferior ao seu objetivo inicial que era entrevistar um homem para cada três mulheres.

Como também, a autora pontuou algumas observações sobre as mulheres e homens entrevistados nas regiões do Agreste e Zona da Mata. Primeiramente em relação as mulheres, destacou um número de mulheres mais jovens na região do Agreste, casamentos mais precoces na região da Zona da Mata, alto número de fecundidade e alto número de mortalidade infantil na Zona da Mata.

A justificativa para as entrevistas serem no Agreste se deu ao fato da região ser pautada na agricultura de subsistência e na Zona da Mata por ser uma região de presença de um capitalismo no campo intensificado com a política do Proálcool¹²⁷. A escolha das regiões de Surubim e Vertentes se baseou no contato de uma das pesquisadoras com um consertador de relógio chamado “compadre Bio”, o que facilitou o processo das entrevistas. E na Zona da Mata os contatos foram feitos através da Federação dos Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco (FETAPE)¹²⁸ que conseguiu o apoio do Sindicato dos Canavieiros de Palmares para a realização das entrevistas. A seguir Rose descreveu o processo das entrevistas:

Uma vez chegadas ao Agreste, as quatro entrevistadoras, Dras. Janete Azevedo, socióloga, Vera Sílvia Araújo Magalhães, economista, Ana Célia Bandeira de Souza, historiadora, e Maria Luíza de Lima Vasconcelos, socióloga, foram só com o compadre Bio que se emprenhava matas adentro pelas estradas vicinais. Este homem e sua mulher prontificaram-se a acompanhá-las por dois dias e meio na região rural (...) aí se fizeram vinte entrevistas e cinco com homens feitas pelo compadre Bio, pois os camponeses não quiseram falar com as mulheres, mesmo sendo da cidade (SMB, 1983, p.144).

¹²⁷ Para saber mais: <https://www.biodieselbr.com/proalcool/pro-alcool/programa-etanol>. Acesso em: 21 mai. 2021.

¹²⁸ Para saber mais: < <https://www.fetape.org.br/institucional.php>>. Acesso em: 09 jun. 2021.

No processo da entrevista, algumas dificuldades foram relatadas como a adversidade de compreensão das perguntas e a recusa inicial dos homens de responder as questões sobre a sexualidade. No caso das entrevistas dos homens, elas tiveram a necessidade do auxílio do militante da AC, João Francisco com a orientação da professora Sônia, devido a primeira tentativa resultar em respostas monossilábicas. No entanto, Rose retratou o seu objetivo:

O que nos interessa agora é analisar, ao contrário da burguesia, onde as relações de dominação ficaram clara nos discursos, as condições de trabalho tanto dos camponeses do Agreste como as da Zona da Mata, homens e mulheres. A vida dos camponeses tem sido muito pouco estudada e, portanto, todos os detalhes que possamos perceber nos darão indicações preciosas dos mecanismos que os soldam à situação concreta em que vivem (*SMB*, 1983, p.146).

As mulheres entrevistadas na Zona da Mata trabalhavam no corte de cana e eram assalariadas. No Agreste, elas trabalhavam em casa, no roçado da família para sua subsistência e sazonalmente iam para a Zona da Mata com o propósito de conseguirem mais dinheiro e sobreviverem. Essa diferença relatada, fazia com que as mulheres da Zona da Mata fossem mais exploradas, sendo exemplificado no livro através das condições físicas de seus corpos, marcados pelas farpas da cana e a presença de uma velhice precoce devido ao sol forte. As condições de trabalho do campesinato foram descritas pela autora da seguinte forma:

Na Mata, os administradores, a fim de sonegarem pagamento, contam errado as braçadas de cana cortadas. Por outro lado, há especificações do Ministério do Trabalho que eles não cumprem, como por exemplo pagar melhor o corte de cana em terrenos de declive ou aclave. Além do mais, todas as mulheres entrevistadas não tinham carteira assinada, o que as privava dos benefícios do Funrural, mas os homens tinham. (“Mulher dá mais prejuízo”, alegavam os administradores) (*SMB*, 1983, p.147).

As condições de vida dessas mulheres eram de extrema pobreza caracterizados em moradias de taipa e barro, de um ou dois cômodos que eram fornecidas pelo próprio dono do engenho. Sendo importante destacar que para além de moradias insalubres, a exploração do trabalho no campo, as mulheres também sofriam a exploração doméstica, através da realização de todo o trabalho em suas casas e o controle de seu dinheiro pelo próprio marido. Assim, “foram feitas quatro entrevistas no local de trabalho e dezesseis, mais tarde, em suas casas. Quando as entrevistas foram feitas no corte de cana, os maridos se intrometeram muito” (*SMB*, 1983, p.145). E por fim outro ponto destacado

pela autora com base no nutricionista Nelson Chaves, diz respeito aos reflexos da desnutrição nas mulheres no período da gravidez:

A mulher na Zona da Mata produz uma quantidade mínima de leite. Em vez de novecentos mililitros, produz trezentos ou menos. Dá ao parto crianças imaturas, já predispostas a deficiências nutricionais. A desnutrição, portanto, começa no útero. As mães são desnutridas, há um envelhecimento precoce, estatura baixa, o embrião se forma mal. E vem para um ambiente de fome e miséria (SMB, 1983, p.148).

Na introdução sobre o operariado os mesmos dados ressaltados anteriormente foram observados, sendo estes esquematizados em forma de quadro. A autora ressaltou com base nas entrevistas que em média as mulheres eram mais jovens que os homens, o tempo de casamento dos homens era inferior aos das mulheres devido a eles se casarem mais tarde, no entanto o número médio de filhos era considerado maior. Este número de filhos superior dos homens, “(...) pode ser explicado em parte, seja pela menor idade das mulheres, seja porque em 80% dos casos dos homens só o marido trabalha fora, e no caso das mulheres, isto só acontece em 20% dos casos (...)”. (SMB, 1983, p.239)

Observou ainda a presença das mulheres no trabalho formal, que ao seu ver postergaria a natalidade. A maior escolaridade das mulheres não representou em sua visão melhores vantagens de trabalho e melhores salários. E, percebeu uma menor migração das mulheres para o trabalho e maior acesso aos meios de comunicação de massa.

Tabela 5: Alguns dados sobre os resultados obtidos na aplicação dos questionários no operariado.

	Mulheres do operariado	Homens do operariado
Idade	De um total de 30 mulheres entrevistadas: Idade no geral das mulheres: 19 a 60 anos Menos de 30 anos: 60% das mulheres.	De um total de 10 homens entrevistados: Idade no geral dos homens: 27 a 57 anos. Mais de 40 anos: 3 homens.
Duração do casamento	Menos de 1 ano: 1 mulher. 2 a 5 anos: 7 mulheres. 6 a 10 anos: 8 mulheres. 11 a 25 anos: 11 mulheres. Superior a 25 anos: 2 mulheres.	3 anos: 1 homem. 6 anos: 3 homens. 9 anos: 1 homem. 11 anos: 2 homens. 15 anos: 1 homem. 36 anos: 1 homem.

Quantidade de filhos	2 filhos: 19 mulheres. 5 filhos: 3 mulheres.	1 filho: 1 homem. 3 filhos: 3 homens. 4 filhos: 2 homens. 5 filhos: 2 homens. 7 filhos: 1 homem. 9 filhos: 1 homem.
Grau de instrução	Analfabetas: 10% das mulheres. Primário incompleto: 33,3% das mulheres. Primário completo: 25% das mulheres. Ginásio incompleto: 1 mulher.	Analfabetos: 20% dos homens. Primário incompleto: 40% dos homens. Primário completo: 30% dos homens. Ginásio incompleto: 1 homem.
Religião	90% católica	80% católico
Cor	70% Brancas 30% Mulatas	70% Brancos. 20% mulatos. 10% negros
Renda Familiar	Até 3 salários mínimos: metade das mulheres. Até 5 salários mínimos: metade das mulheres.	Até 2 salários: 2 homens. 2 a 5 salários: 70% dos homens. 6 salários: 1 homem.
Profissão/trabalho	Operárias: 80% das mulheres. Dona de casa: 20% das mulheres.	
Procedência	70% urbana	40% urbana
Número de Cômodos na casa	1 cômodo: 10% das mulheres. Até 3 cômodos: 70% das mulheres.	1 cômodo: 10% dos homens. Até 3 cômodos: 80% dos homens.
Estado de origem	São Paulo: 15 mulheres 11 nordestinas: sendo 6 mulheres da Bahia.	São Paulo: 2 homens. Minas Gerais: 4 homens. Nordeste: o restante.
Relação aos meios de comunicação	Assiste pouco a televisão: 50% das mulheres. Assiste regularmente a televisão: 35% das mulheres. Não leem jornais e revistas: 60% das mulheres. Leem pouco jornais e revistas: 30 % das mulheres. Ouve pouco o rádio: 50% das mulheres. Ouve regularmente o rádio: 35% das mulheres.	Assiste pouco a televisão: 50% dos homens. Assiste regularmente a televisão: 30% dos homens. Não leem jornais: 70% dos homens. Não leem revistas: 100% dos homens. Ouve pouco o rádio: 70% das mulheres. Ouve regularmente o rádio: 20% dos homens.
Serviço de saúde	INAMPS: 65% das mulheres Convênios: o restante.	INAMPS: 20 % dos homens. Convênios: 80% dos homens.
Movimento Social	Nenhum: 80% das mulheres.	Nenhum: 80% dos homens.

Com relação as entrevistas, se realizaram no município de Osasco pelas pesquisadoras Dra. Albertina Duarte, médica e a professora Darcy Oliveira, educadora, nas fábricas em que as operárias trabalhavam. Algumas entrevistas também tiveram o auxílio do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco que disponibilizou as fichas de algumas operárias para que as pesquisadoras pudessem ir até a casa delas nos fins de semana. A autora descreveu o ambiente das casas e o aspecto físico das entrevistadas:

As casas eram, em sua maioria, feitas de blocos de concreto. Muitas eram construídas pelos próprios moradores. Chão batido, móveis baratos. Mas a maioria delas tinha geladeira. Todas tinham televisão. As operárias que as atendiam usavam corte de cabelo moderno, vestiam-se com modelos modernos, mas feito de tecido barato. Muitas tinham resto de esmalte nas unhas. Isto revela que os produtos que o sistema capitalista produz para o consumo chegam à classe operária, mas os de infraestrutura básica (casas baratas, esgotos, etc.) não estão suficientemente desenvolvidos para chegar lá (*SMB*, 1983, p.241).

As entrevistas também foram aplicadas nas fábricas LOG, Polivox e Tectronic do ramo de indústrias eletroeletrônica e a Cobrasma uma indústria metalúrgica. Na indústria LOG, as pesquisadoras perceberam que mesmo que as mulheres operárias estivessem em número quantitativo maior que os homens, não ocupavam cargos de chefia. Nas indústrias Polivox e Tectronic as mulheres relataram que não gostavam de trabalhar lá devido ao maior controle e piores condições de trabalho. No que foi observado: “as pesquisadoras observaram que, quanto maior a indústria e mais pesada ela seja, como o caso da Cobrasma, piora a situação da mulher” (*SMB*, 1983, p.241). As entrevistas com as mulheres operárias ocorreram sem maiores problemas:

Em geral, as operárias eram muito alegres e, quando viam a “doutora”, acolhiam-na muito bem. A Dra. Albertina realiza um trabalho constante com as mulheres da periferia de São Paulo e foi pessoalmente ao campo. Foi aceita porque as operárias já tinham ouvido falar dela e do grupo da Prof.^a Darcy (...). Ao contrário das burguesas e camponesas, cujo acesso foi muito difícil, as operárias eram todas muito abertas e acolhedoras para as que estavam pesquisando (*SMB*, 1983, p.241-242).

Os questionários realizados nos homens operários não tiveram a mesma facilidade, sendo necessário ser reestruturado duas vezes pelos entrevistadores. Na primeira tentativa foi aplicado duas vezes pelo Dr. Hércules Maluley e por fim pelo Dr. Masatoshi Takiuti no seu consultório. É relevante destacar que os homens entrevistados trabalhavam no complexo industrial Munck do ramo da metalurgia, diferente das mulheres que se observou uma maior diversidade de indústrias trabalhadas. Sendo que essa indústria foi considerada por Rose a mais progressista devido a oferecer assistência médica e cobrir parte da alimentação.

Na introdução sobre as classes sociais, a autora analisou os resultados das amostras dos questionários fechados aplicados na amostra maior de mulheres e homens do operariado e da classe média alta. Sendo ressaltado que na amostra de quinhentas pessoas do operariado apresentou resultados parecidos com a pequena amostra de

quarenta pessoas entrevistadas (trinta mulheres e dez homens), não sendo necessário ao seu ver observar essa amostra maior. No entanto, a amostra maior da classe média alta não foi examinada conjuntamente com a amostra menor da burguesia devido a existência de contradições entre elas:

Nossa primeira hipótese era que a classe média “alta”, por se achar próxima à burguesia, em linhas gerais se aproximaria de seus padrões. Contudo, não foi isso que aconteceu. Apareceram diferenças de grau e contradições muito significativas que serão analisadas no decorrer dessa seção. Aqui apareceu que pertencer a classes diferentes não é apenas uma questão de hierarquia harmonizada como quer o saber dominante, mas muito mais uma questão de antagonismo e oposição como surpreendente para nós aconteceu entre a burguesia e classe média (SMB, 1983, p.298).

É importante ressaltar que ao analisar o operariado, a autora observou que dado o caráter transitório da mão de obra na indústria paulista, havia um número maior de jovens operários. Para ela o número maior de mulheres jovens se associou ao fato das mulheres mais velhas se afastarem do trabalho para cuidar dos filhos. No tocante a renda familiar das entrevistadas, a amostra expôs que a média salarial das mulheres era inferior aos homens, concluindo que as condições de vida das mulheres eram mais difíceis que a dos homens.

Abaixo elaboramos um resumo dos dados quantitativos sobre a amostra do operariado:

Tabela 6: Alguns dados referentes aos resultados obtidos na amostra maior dos questionários aplicados no operariado.

	Mulheres do operariado	Homens do operariado
Idade	De um total de 339 mulheres entrevistadas: Menos de 16 anos: 24 ou 7,1% das mulheres. 16 a 20 anos: 119 ou 35,2% das mulheres. 20 a 25 anos: 72 ou 21,3% das mulheres. 25 a 30 anos: 51 ou 15,1% das mulheres. Até 30 anos: 77,7% das mulheres. Superior a 30 anos: 23,3% das mulheres.	De um total de 163 homens entrevistados: Menos de 20 anos: 3 ou 1,8% dos homens. Menos de 30 anos: 46% dos homens. 31 a 40 anos: 31,3 % dos homens.
Duração do casamento	Não casadas: 191 ou 56,5% das mulheres. Menos de 1 ano: 4,7% das mulheres.	Menos de 1 ano: 12,3% dos homens. 2 a 5 anos: 27% dos

	1 a 5 anos: 17,2% das mulheres. 6 a 10 anos: 8,3% das mulheres. 11 a 25 anos: 11,8% das mulheres.	homens. 6 a 10 anos: 22,7% dos homens. 11 a 25 anos: 25,2% dos homens.
Quantidade de filhos	Sem filhos: 57,4% das mulheres. Até 3 filhos: 37,7% das mulheres.	Sem filhos: 14% dos homens. Até 3 filhos: 71,9% dos homens.
Grau de instrução	Analfabetas: 3,6% das mulheres. Primário incompleto: 22,6% das mulheres. Primário completo: 26,7% das mulheres. Ginásio incompleto: 26,1 % das mulheres. Ginásio completo: 13,1% das mulheres.	Analfabetos: 3,1% dos homens. Primário incompleto: 19,8% dos homens. Primário completo: 29,5% dos homens. Ginásio incompleto: 19,8% dos homens. Ginásio completo: 12,3% dos homens. Segundo grau completo: 13% dos homens.
Religião	80,1% católica 6,5% protestantes. 3,9 % cultos afros. 7,4% outras religiões.	79,9% católico 14,1% protestantes. 1,8% cultos afros. 18,8% outras religiões e não religiosos.
Cor	62,6% Brancas 22% Mulatas 2,4% negras.	67% Brancos. 21% mulatos. 10,4% negros
Renda Familiar	Até 3 salários mínimos: 19,2% das mulheres. 3 a 10 salários mínimos: 66% das mulheres. Ou seja, 85,2% das mulheres têm renda de até 10 salários mínimos:	Até 2 salários mínimos: 9,6% dos homens. Até 3 salários mínimos: 19,2% dos homens. 3 a 10 salários mínimos: 73% dos homens. 10 a 20 salários: 12,9% dos homens.
Renda da (o) entrevistada (o)	3 a 10 salários: 87% das mulheres. 10 a 20 salários: 0,9% das mulheres.	3 a 10 salários: 73,6% dos homens. 1 a 3 salários: 14,1% dos homens. 10 a 20 salários: 9,8 % dos homens.
Procedência das (o) entrevistadas (o)	71,3% urbana	46,6% urbana
Procedência do cônjuge	27,5% urbana 13,3% rural	54% rural 41,7% urbana.
Estado de origem	São Paulo: 43,5% das mulheres. Minas Gerais: 13% das mulheres. Bahia 10,7% das mulheres. Paraná: 9,2% das mulheres. Pernambuco: 4,4% das mulheres. Ceará: 1,8% das mulheres.	São Paulo: 41,7% dos homens. Minas Gerais: 20,9% dos homens. Bahia: 6,7% dos homens. Paraná: 5,5% dos homens. Pernambuco: 4,9% dos

		homens. Ceará: 4,3% dos homens.
Relação aos meios de comunicação	Não assiste a televisão: 16,9 % das mulheres. Assiste pouco a televisão: 46,7% das mulheres. Assiste regularmente a televisão: 35,5% das mulheres. leem regularmente os jornais: 10% das mulheres. Leem regularmente as revistas: 22,2 % das mulheres. Ouve pouco ou regularmente a rádio: 70% das mulheres.	Não assiste a televisão: 14,1 % dos homens. Assiste pouco a televisão: 57,7% dos homens. Assiste regularmente a televisão: 28,2% dos homens. leem regularmente os jornais: 27,5% dos homens. Leem regularmente as revistas: 27,1% dos homens. Ouve pouco ou regularmente a rádio: 70% dos homens.
Serviço de saúde	INAMPS: 51,8% das mulheres Convênios: 42% das mulheres	INAMPS: 24,6 % dos homens. Convênios: 68,7% dos homens.
Movimento Social	25,1% das mulheres.	21,3% dos homens.

As entrevistas do operariado se realizaram também em Osasco na mesma região que foram aplicados os questionários abertos anteriormente analisados. Sendo liderados pelas mesmas pesquisadoras, Dr.^a Albertina Duarte e Prof.^a Darcy de Oliveira, porém a metodologia foi modificada. Na primeira proposta metodológica a ideia era que os questionários tivessem sua aplicação por pessoas de classes sociais distintas as dos entrevistados. No entanto, a medida em que as pesquisadoras apresentaram o projeto no Sindicato dos Metalúrgicos para sessenta mulheres, essas mulheres se interessaram e fizeram várias reuniões para selecionar as mais preparadas para aplicarem os questionários.

Os questionários empregados nas mulheres e homens operários, se localizaram nas portas da indústria Osram de lâmpadas elétricas, na indústria Lonaflex de rolamento e na Toko Brasil de capital japonês. A descrição das péssimas condições de trabalho para as mulheres na indústria Toko Brasil foi ressaltada pela autora:

Em primeiro lugar, a maioria das funcionárias mulheres são menores, de quatorze a dezessete anos. Na empresa, o sistema de som martelava o dia inteiro. As mulheres são rigorosamente controladas em cada gesto. Por exemplo, só podem ir ao banheiro com chapinha e não podem passar lá mais de cinco minutos. Como ganham sapatos para trabalhar, são obrigados a sair descalças para o almoço na rua. São mandadas periodicamente cartinhas aos pais das moças dizendo que não são eficientes (SMB,1983, p.302-303).

No questionário sobre a classe média alta, as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora ex-estudante de sociologia Márcia de Almeida. A escolha dessa pesquisadora foi apontada pelo o fato dela ter prática em pesquisa e desta forma conseguiria aplicar os quinhentos questionários na zona sul e universidades no prazo de um mês. Com o auxílio de cinco pessoas aplicou os questionários nos bairros de Copacabana, Ipanema, Leblon e Urca em ambientes como praia, cabelereiros, portas de teatro, boutiques, bares entre outros.

As entrevistas na universidade privada PUC-RJ e a universidade pública UERJ teve por objetivo observar se existiam distinção considerável entre uma universidade particular de maior poder aquisitivo dos seus integrantes para a universidade pública. No entanto, ambos os resultados “apresentam um tipo de comportamento novo, uma cultura específica, uma vanguarda. Os estudantes foram contactados nos intervalos das aulas, nos pátios e nos corredores” (SMB, 1983, p.303).

Os dados com as informações dos questionários na classe média foram detalhados no quadro abaixo, sendo que algumas informações não estão completas devido a autora não especificar no livro. É importante também salientar que Rose sintetizou sua análise sobre classe média ao observar:

O que se pode sugerir em termos gerais é que homens e mulheres desta classe social, embora haja um desnivelamento em termos de renda, apresentam um desnível menor em termos culturais. A situação de homens e mulheres aqui parece ser bem mais igualitária do que na classe operária (SMB, 1983, p.302).

Tabela 7: Alguns dados referentes aos resultados obtidos nos questionários aplicados na classe média.

	Mulheres da classe média	Mulheres universitárias	Homens da classe média	Homens universitários.
Idade	De um total de 281 mulheres entrevistadas: Até 20 anos: 7,5% das mulheres. 21 a 25 anos: 17,4% das mulheres. 26 a 30 anos: 21% das mulheres. 31 a 40 anos: 25,6% das mulheres. Superior a 40 anos: 26% das	De um total de 70 mulheres entrevistadas. Até 25 anos: 90% das mulheres.	De um total de 123 homens entrevistados. Até 20 anos: 4,9% dos homens. 21 a 25 anos: 12,2% dos homens. 26 a 30 anos: 22% dos homens 31 a 40 anos: 24,4% dos homens. 41 a 50 anos: 16,9% dos homens.	De um total de 38 homens entrevistados. Até 25 anos: 90 % dos homens.

	mulheres.			
Estado Civil	38,4% solteiros.	95% solteiras	36,6% solteiros	71% solteiros
Quantidade de filhos	Sem filhos: 50% das mulheres. Até 3 filhos: 45% das mulheres. Superior a 3 filhos: 5% das mulheres.	1 filho: uma mulher.	Sem filhos: 40% dos homens. 1 filho: 17,9% dos homens. 2 filhos: 19,5% dos homens. 3 filhos: 10,6% dos homens.	1 filho: 8 ou 21% dos homens.
Grau de instrução	2º grau completo: 16,4% das mulheres. Superior incompleto: 29,9% das mulheres. Superior completo: 33,1% das mulheres. Pós graduação: 7,5% das mulheres.		Superior incompleto: 23% dos homens. Superior completo: 51,6% dos homens. Pós graduação: 19,7% dos homens.	
Religião	Católica: 61,9% das mulheres. Outras e sem religião: 31% das mulheres	Católica: 45,5% das universitárias. Outras e sem religião: 43,9% das universitárias.	Católica: 61,4% dos homens. Outras e sem religião: 32,9% dos homens.	Católica: 50% dos universitários. Outras e sem religião: 42,1% dos universitários.
Cor	Branca	Branca	Branco	Branco: 84% dos universitários. Mulatos: 10% dos universitários.
Renda Familiar	3 a 10 salários mínimos: 15,3% das mulheres. 10 a 20 salários mínimos: 48% das mulheres. 20 a 30 salários mínimos: 22,8% das mulheres. 30 a 50 salários mínimos: 11,4% das mulheres. 50 a 100 salários mínimos: 1,4% das mulheres	3 a 10 salários mínimos: 17,1% das universitárias. 10 a 20 salários mínimos: 55,7% das universitárias. 20 a 30 salários mínimos: 20% das universitárias. 30 a 50 salários mínimos: 5,7% das universitárias. 50 a 100 salários mínimos: 0% das universitárias.	3 a 10 salários mínimos: 4,9% dos homens. 10 a 20 salários mínimos: 32,5% dos homens. 20 a 30 salários mínimos: 41,5% dos homens. 30 a 50 salários mínimos: 16,3% dos homens. 50 a 100 salários mínimos: 4,1% dos homens.	3 a 10 salários mínimos: 31,6% dos universitários. 10 a 20 salários mínimos: 18,4% dos universitários. 20 a 30 salários mínimos: 26,3% dos universitários. 30 a 50 salários mínimos: 10,5% dos universitários. 50 a 100 salários mínimos: 13,2% dos universitários.
Profissão/ Trabalho	Donas de casa: 27% das mulheres. Outras: 43% das mulheres.		Profissionais liberais: 63,3% dos homens. Outras: 31% dos homens.	
Quantidade de pessoas que trabalham na família	1 pessoa: 38% da família das mulheres. 2 pessoas: 44% da família das	1 pessoa: 47,1% da família das universitárias. 2 pessoas: 42,9% das universitárias.	1 pessoa: 32,5% da família dos homens 2 pessoas: 51,2% da família dos	1 pessoa: 18,4% da família dos universitários. 2 pessoas: 65,8% dos universitários.

	mulheres.		homens.	
Procedência	Principalmente urbana	Principalmente urbana	Principalmente urbana	Principalmente urbana
Estado de origem	Rio de Janeiro: 61,1% das mulheres.	Rio de Janeiro: 50,4% das universitárias.	Rio de Janeiro: 71,4% dos homens. São Paulo: 11,4% dos homens.	Rio de Janeiro: 68,4% dos universitários. São Paulo: 13,2% dos universitários.
Relação aos meios de comunicação	Leem pouco as revistas: 56% das mulheres.	Leem pouco as revistas: 67% das universitárias.	Leem pouco as revistas: menos de 40% dos homens. Leem regularmente: mais de 50% dos homens.	
Serviço de saúde	Principalmente particular	Principalmente particular	Principalmente particular	Principalmente particular
Movimento Social	16,7% das mulheres.	24,4% das universitárias.	40% dos homens.	44,1% dos universitários.

Por fim, na última parte do livro algumas conclusões sintetizaram as ideias presentes ao longo da pesquisa, como o conceito de *corpo de classe* (SMB, 1983, p.319-320) relacionado “(...) aos lugares que ocupam na produção. Corpos de mulheres e homens. De maneira diferente, mas para o mesmo fim (...)” (SMB, 1983, p.319). O que na sua avaliação, significou que cada classe social estabelecia suas próprias normas de comportamento inserido na sua relação com o lugar ocupado por essas classes na sociedade capitalista.

Para justificar como foram produzidos aqueles comportamentos sociais das classes sociais analisadas, iniciou sua ponderação sobre a burguesia caracterizada pela reprodução em seus corpos sociais, do prazer, o consumo e a prática do poder para sua manutenção como classe dominante. Para desenvolver essa análise utilizou as ideias de Freud presentes no livro *Mal-Estar na Civilização* (2011), ao defender a premissa de que a burguesia sofria um controle excessivo na infância que fazia com que “(...) o poder burguês se inter-relaciona intimamente com a limpeza, ordem e beleza (...) dinheiro é principal determinante social(..)” (SMB, 1983, p.319). No que ainda diferenciou o corpo do homem burguês do corpo das mulheres burguesas, sendo o corpo do homem considerado generalizado cujo órgão sexual seria o responsável pelo prazer sexual e a força física e psicológica importante para o trabalho e relações pessoais. Em suas palavras:

(...) o sentimento da morte, o medo da castração é muito vivo na fala dos homens burgueses. Sente-se perfeitamente o corte que, desde a fase edípiana,

os joga o simbólico com muita força. O sistema simbólico da classe dominante, hoje, é marcado por formas de dominação, exploração, excessiva racionalização, etc. Pode-se mesmo dizer que é um sistema simbólico de classe que torna esses homens aptos a dominar, explorar, etc (SMB,1983, p.319-320)

O corpo das mulheres burguesas diferenciava-se do corpo dos homens burgueses por possuir uma sexualidade extensa não centralizada no órgão genital. No entanto, o corpo feminino tinha o seu controle rígido para a manutenção da beleza física corporal e o controle do desejo era vinculado aos anseios financeiros. O que significava que as mulheres dessa classe, no seu entendimento, dissimulavam uma submissão para poder comandar o marido ao seu interesse. Para a autora, as relações pessoais nessa classe eram marcadas pelo egoísmo, sendo difícil consolidar relacionamentos pessoais fortalecidos:

Nestas classes tradicionalmente o afeto fica cindido e ambíguo, tanto em como em mulheres, com mensagens contraditórias, o que, em geral, os vai impedir o resto da vida de ter acesso pleno a relação verdadeiramente pessoal. Isto também se deve à relação espetacular que eles têm consigo mesmos e com sua classe, conforme apareceu em suas falas (SMB,1983, p. 320).

O *corpo camponês* foi analisado como produto de força e a produção voltada para o trabalho. Sendo o corpo dos homens pautado na sua genitália como o burguês, no entanto, mas caracterizado pela força física. Já o corpo das mulheres ao seu ver tinha a preocupação com o papel reprodutivo e uma forte dominação masculina nas relações familiares. O caráter repressivo das relações familiares e produtivos no campo foi caracterizado pela autora:

Isto mostra que o dispositivo de aliança do campesinato tradicional, em que a mulher é totalmente submetida ao homem, é muito repressivo e violento para ela, mais do que o dispositivo da sexualidade que predomina no modo de produção capitalista. Neste, de uma forma ou de outra, a mulher pode dispor mais de seu corpo (SMB,1983, p. 320).

Para a autora, o *corpo operário* se caracterizou em corpos dóceis e normalizados pois apresentaram uma educação menos rígida com características de vida comunitárias e não individualistas. Sendo, esse modelo de vida dos operários na análise de Rose, os transformavam em aptos para concordar com as ordens do empregador, não passíveis assim de deter o controle e a liderança no trabalho. Isso significa que “por todas essas

considerações pode, pois, ficar mais claro como o sistema dominante administra os corpos, tornando-os adequados às posições que ocupam na produção” (SMB,1983, p. 320).

Outra questão muito importante pontuada pela autora foi a presença de modelos de comportamentos que se associam a condição da classe social do indivíduo de forma inconscientes. Pois para ela “o corpo é preparado logo que nasce para assumir o lugar que o *socius* lhe designa dentro do sistema produtivo. E isto não é feito por nenhuma ideologia que venha se sobrepor à realidade concreta” (SMB,1983, p.323), o que significa que, as classes sociais de forma inconsciente são produzidas desde o nascimento de uma criança, pois o desejo é força que molda as relações sociais e econômicas.

Nesse contexto, Rose abordou a diferenciação das famílias burguesas, camponesas e operárias na perspectiva econômica estrutural do capitalismo. Sendo a família burguesa possuidora dos bens da produção e o papel da mulher nesta classe não se associava a uma submissão e sim ao interesse em manter seu status social. A família camponesa tinha o seu foco voltado na produção e na força do trabalho e a mulher uma subordinação destinada a maternidade. Por fim a família operária foi considerada reprodutora da mão de obra e a mulher responsável por uma dupla jornada econômica. No entanto, o que havia em comum nas três classes sociais era a insatisfação com a instituição do casamento:

O desejo das mulheres de quase todas as classes sociais, pelo que pudemos perceber no decorrer deste trabalho, é romper esta estrutura. A grande maioria das mulheres casadas, embora deseje a maternidade, desejaria também voltar a ser solteira (nota-se que a resposta à pergunta “A vida de solteira é melhor do que a vida de casada”? A maioria das mulheres casadas de todas as classes se pudesse voltaria a ser solteira). Isto mostra que dentro das atuais condições econômicas a família é uma sobrecarga para a mulher (SMB,1983, p. 325).

No tocante a sexualidade feminina, a autora a vinculou a uma relação corporal e emocional não centralizada nos órgãos genitais e a sexualidade masculina relacionada ao aspecto físico corporal. A diferente vivência da sexualidade, justificaria, ao seu ver, a dificuldade das mulheres em atingir o orgasmo percebida nas respostas das entrevistadas, no que fundamentou através da teoria lacaniana de neoconsciente¹²⁹, ao ressaltar: “a inveja do pênis” é o ressentimento da mulher por não poder viver sua sexualidade infantil, percebida do ponto de vista do homem e é também fabricada pelo

¹²⁹ Para maiores informações: < <http://cprj.com.br/lacan/> > . Disponível em: 09 jun. 2021.

sistema” (*SMB*,1983, p. 327). Entretanto, para ela a sexualidade em si se inseria em uma estrutura social de dominação capitalista, marcadas pelas posições desiguais da classe social em que pertenciam:

Toda estrutura psíquica das pessoas entrevistadas apoia-se na estrutura familiar fechada que apareceu nesta pesquisa. Uma estrutura que prepara homens e mulheres para a dominação homem/mulher e homem/homem. Isto fica muito nítido quando se vê que, no campesinato, onde a relação dos homens com o patrão (o “governo”, conforme aparece) é também de extrema subordinação. E, na burguesia, quando a relação mulher/homem é muito contraditória (baseada na hipocrisia) a relação dos homens com o sistema (Estado e sistema econômico) também é baseada num legalismo hipócrita. E na classe operária como é grande o conflito homem/mulher (via valores tradicionais/valores urbanos) (*SMB*,1983, p. 329).

Posto isto ela teceu suas conclusões, ressaltando a necessidade de se fazer uma crítica social a partir do próprio desejo para assim romper com a dominação estabelecida. Ao compreender que a submissão tinha como raiz os problemas do corpo e da sexualidade, principalmente através de instituições como a Igreja Católica, responsável por fabricar os valores e normas sociais na sociedade que resultavam na restrição da vivência da sexualidade dos indivíduos e inserção deles ao sistema capitalista. Pontuou que para transformar as estruturas sociais seria necessário o posicionamento de partidos político ao lado das lutas populares. Como também, a participação dos intelectuais e dos movimentos sociais:

Já o papel dos intelectuais é diferente. A eles cabe apenas fornecer ao povo os seus instrumentos de análise e não dizer-lhes o que eles devem fazer. Caso contrário continuarão numa estrutura hierarquizada e que levará resultados desastrosos. (...) movimentos de mulheres, de negros, de homossexuais, associações de bairros, comunidades de bases, associações de favelas, de operários, de mães, etc., podem dar uma contribuição muito mais importante do que se pensa nesta luta geral, que é a de descobrir antagonismos que existem em seu seio (*SMB*,1983, p. 332).

4.4- A Intelectual Mediadora em ação: O feminismo nos meios de comunicação.

Após a análise do livro é importante apresentar algumas resenhas e entrevistas de Rose nos meios de comunicação, para expor a sua importância na difusão das ideias feministas. No entanto, devido grande quantidade de fontes encontradas, cerca de cento e sessenta e cinco, escolhemos selecionar fontes de jornais feministas e de jornais e

revistas de grande circulação no país. Algumas dessas entrevistas foram citadas em sua autobiografia:

A repercussão do livro começou com a entrevista que dei a Playboy, em julho de 1981, e que quase acabou com meu emprego. Depois que o livro saiu, tive cinco páginas de Veja, doze páginas de Isto É. Também o Los Angeles Times e o Miami Herald noticiaram. Só não deu no New York Times! (*MMI*, 1999, p.259).

A primeira entrevista de Rose a ser analisada é na revista *Playboy*, em um período anterior a publicação do livro *SMB*, ressaltada por Rose na autobiografia como um momento em que a Conferência dos Bispos desejava a sua demissão na Editora Vozes ao apontar que “em 1981, dei uma entrevista à *Playboy*; os bispos já estavam danados comigo. Foram pedir a frei Ludovico para me mandar embora mais uma vez. Frei Ludovico, o que nos deu de apoio nessa época a mim e a Leonardo” (*MMI*, 1999, p.255).

A entrevista de Rose na *Playboy*, foi composta de sete páginas e no título, já percebemos o direcionamento das perguntas para o livro *SMB*: “uma conversa franca com uma das mulheres mais inteligentes do Brasil sobre tudo que ela descobriu ao pesquisar A Sexualidade da Mulher Brasileira” (CASTRO,1981, p.18). Na introdução, primeiramente foi realizada uma apresentação de Rose ao leitor da revista, com destaque para a sua capacidade como pesquisadora em assuntos variados: “(...) economia, política, sociologia, física, astronomia, cibernética, psicologia e- porque não? - sexo (...)” (CASTRO,1981, p.18). Em seguida, apresentou o livro *SMB* como fruto da pesquisa iniciada em 1979 através do financiamento da Fundação Rockefeller sendo realizado cerca de mil entrevistas com mulheres através de questionários e duzentas entrevistas com homens ambos em três classes sociais distintas.

O editorial da revista fez questão de justificar a presença da entrevista de Rose em uma revista de público masculino. Ao argumentar que o livro seria um sucesso sem descrever os motivos e sublinhar a importância de Rose, caracterizada como uma “mulher objetiva e observadora” que ajudaria os homens ao apresentar a visão das mulheres brasileiras sobre o sexo. No entanto, fez uma ressalva ao discorrer sobre a participação dela no movimento feminista, o que não caracterizaria em tese as ideias da revista, todavia argumentou que a posição democrática possibilitaria ouvir ideias distintas das quais se associava:

“Mas Rose Marie Muraro não é feminista?”, poderão perguntar os mais bem informados. A resposta certa é: também. Ela foi uma das primeiras e mais ativas feministas brasileiras, em meados dos anos 60, mas nunca se deixou confundir com as correntes hidrófobas do movimento. É verdade que, identificando-se com as linhas gerais do movimento feminista, algumas conclusões de Rose Marie nem sempre coincidem com o que a Playboy pensa das coisas. Mas faz parte da tradição da Playboy abrir suas páginas inclusive para aqueles que contestam a nossa filosofia editorial (...). (CASTRO,1981, p.18)

É importante destacar o tom amenizador da revista no que diz respeito a sua identidade feminista, ressaltando para o público que Rose era uma feminista “diferente” das demais, ao dizer “(...) porque a própria história de vida da entrevistada a diferencia da maioria das suas colegas do feminismo. Rose Marie estudou física na antiga Universidade do Brasil (atual UFRJ), mas abandonou o curso para casar, em 1952 (...)” (CASTRO, 1981, p.18). Com isso, percebemos a ênfase dada as relações familiares, ao associá-la ao papel tradicional de esposa dissociado da imagem negativa do feminismo. A introdução evidenciou os aspectos pessoais e profissionais, como se exemplifica a seguir:

(...) De seu casamento que acabou em 1974, teve cinco filhos que lhe deram cinco netos. Separada desde então, divide seu tempo entre as pesquisas de campo por todos os Estados brasileiros e conferências nas universidades norte-americanas e europeias, além do seu trabalho como editora-chefe da Vozes, que a obriga a ler quatro ou cinco livros por semana- embora Rose Marie tenha apenas 5% da visão num olho e 7,5% no outro (...). (CASTRO,1981, p.18)

Os livros publicados por Rose tiveram uma breve descrição no que se refere a data da publicação e edições. Sendo caracterizados como “best-sellers e malditos” por dispor de grande sucesso de vendas, mas também serem forçadamente retirados de publicação pela censura da ditadura militar¹³⁰. Isso foi exemplificado através do livro *Automação e o Futuro do Homem* (1969) que em 1975 foi censurado ao ser considerado pornográfico. Para o editorial da revista, o livro *SMB* teria o mesmo sucesso de vendas dos anteriores, mas seria beneficiado pelo contexto de abertura política:

Logo abaixo dessa introdução da primeira página, a revista apresentou três fotos de Rose uma ao lado da outra, com expressões faciais diferentes, porém todas as fotos a demonstravam bem à vontade com o ambiente que ocorreu a entrevista. Assim como,

¹³⁰ Por mais que a entrevista apenas aborde a censura ao livro *A Automação e o Futuro do Homem*, o livro *A mulher na construção do mundo futuro* também foi censurado. Ver: REIMÃO, 2001, p.125.

foram realçados juntamente com as fotos os trechos considerados importante da entrevista.



Figura 50: Primeira página da entrevista de Rose. Fonte: Revista Playboy, n 104, março 1981, p.18 (Digitalizado Acervo ICRM).

Por fim o texto introdutório da entrevista apresentou o entrevistador Ruy Castro como um jornalista experiente que entrevistou outras pessoas importantes. O local da entrevista se realizou no apartamento de Rose em Copacabana, o que pode justificar as fotos espontâneas apresentadas na primeira página. Assim como, exprimiu o relato de Castro a respeito da entrevistada e relevância da entrevista:

(...) Conheço Rose há 10 anos e sempre achei que, com tanto senso de humor, ela poderia ser tudo menos uma feminista de quatro costados. Depois dessa entrevista convenci-me que Rose tem uma visão muito abrangente da realidade para reduzi-la a meia dúzia de slogans de ocasião. O que mais me fascinou em sua pesquisa foi o despojamento com que Rose, sabidamente uma autoridade em diversos (...). (CASTRO,1981, p.19)

Com relação a entrevista, o entrevistador iniciou perguntando se o livro como o trabalho mais relevante a seu ver sobre o tema da sexualidade no Brasil, não teria como objetivo “(...) descobrir a média de orgasmos per capita da mulher brasileira? (...)” (CASTRO,1981, p.19). Em tom descontraído, a resposta de Rose sublinhou o objetivo inicial da pesquisa ser a questão do controle da natalidade, no entanto para compreender o motivo das mulheres terem ou não filhos, deveria “(...) descobrir antes o que ela acha da sua própria sexualidade, qual é o seu grau de percepção do corpo e se tem consciência dos papéis sexuais que a mulher e o homem desempenham no Brasil (...)” (CASTRO,1981, p.19).

Os detalhes da pesquisa do livro, foi sintetizado por Rose na descrição da realização de entrevistas em mulheres e homens das diferentes classes sociais, o que fez a concluir que é “(...)fundamental conhecer as diferenças entre a sexualidade de uma camponesa, a da operária, a da universitária da Zona Sul e da mulher rica para entender como funciona o sistema em que vivemos (...)” (CASTRO,1981, p.19).Nesse sentido, Castro perguntou sobre as diferenças da sexualidade entre as mulheres dessas classes sociais pesquisadas, no que ela respondeu:

(...) Basta fazer a elas a mesma pergunta: “Você gosta do seu corpo? Por que? As respostas variam. A mulher rica associa o corpo a massagem, cosméticos, ginásticas, yoga, dieta, operação plástica- enfim a tudo que possa tornar o corpo, mas belo e mas apto para o prazer. Já as camponesas o associam invariavelmente ao trabalho; “Gosto do meu corpo porque ele é trabalhador; porque é com ele que eu ganho a vida”. Por aí se vê que a sexualidade das mulheres mais ricas é voltada para o prazer; a da camponesa para a produção (...). (CASTRO,1981, p.19).

A respeito da visão da sexualidade das operárias, ela ressaltou a resposta obtida de que achavam seus corpos sexys devido ao marido delas assim falarem. No entanto, ao perguntar as mulheres sobre seus corpos antes e depois da gravidez as respostas continuaram diferentes. As burguesas destacaram que seus corpos continuavam belos devido aos cuidados estéticos, as camponesas responderam que gostavam mais do corpo após a gravidez por terem engordado e ficaram mais fortes para o trabalho. E as operárias reclamaram de seus corpos do ponto de vista estético ao mencionar “(...) meu corpo ficou flácido, estou um bucho, cheia de estrias, não estou valendo mais nada (...)” (CASTRO,1981, p.19).

Ao relatar as respostas das mulheres sobre a felicidade ou não no casamento, Rose pontuou que as mulheres burguesas responderam de forma hipócrita ao seu ver

que eram felizes, as camponesas ficaram divididas e as operárias se disseram decepcionadas, o que na sua análise demonstrou “(...) como a sexualidade da operária brasileira está profundamente fragmentada (...)” (CASTRO,1981, p.19). Nesse sentido, Castro indagou a Rose sobre a sua justificativa para definir a sexualidade da operária como fragmentada. No que ela argumentou, explicando que a sexualidade da operária se dividia entre o prazer e a produção:

(...) Na primeira resposta- dada conscientemente- elas se diziam sexy e atraentes porque era isso que elas gostariam de ser (...). Mas as duas respostas seguintes revelavam a realidade- a de uma vida dura, na qual elas não tinham tempo nem condições para se cuidar, e não passavam de máquinas para produzir filhos e mercadorias. Daí eu deduzo que a sexualidade da mulher operária brasileira está brutalmente dividida- uma parte voltada para a produção, outra para o prazer- porque ela é bombardeada principalmente através da produção, pela ideologia da classe dominante (...). (CASTRO,1981, p.19).

Após essa resposta, o entrevistador devido a talvez ter mais questões a pontuar, sublinhou que regressaria nesse tópico no desenrolar da entrevista. Com isso, perguntou a Rose como seria o comportamento da classe média no tocante ao seu corpo. No que foi respondido que a classe média se aproximava dos cuidados com o corpo da mulher de classe alta, sem, no entanto, ter a mesma renda para o consumo.

Quanto a questão do orgasmo feminino nas classes sociais, ela destacou que as mulheres ricas ressaltaram que gozavam com frequência, as camponesas disseram que não gozavam e que apenas faziam sexo para a satisfação do marido e as operárias relataram que tinham relações sexuais três vezes na semana e nem sempre conseguiam gozar, devido ao cansaço do trabalho e a falta de gentileza masculina no ato sexual. O que a fez chegar na conclusão: “(...) a operária se sente na obrigação de gozar, assim como a mulher rica, mas a exemplo da camponesa, assume mais o seu problema de frigidez. No fundo, todas as classes têm dificuldades com o orgasmo (...)” (CASTRO,1981, p.20). Com base, nessas respostas apresentadas por Rose, o entrevistador a indagou referente a metodologia utilizada na pesquisa, ao buscar compreender como que ela tinha certeza da veracidade das falas das entrevistadas, no que obteve como resposta:

(...) Por causa das perguntas cruzadas. Uma mulher pode dizer que goza todas as vezes. Mas, em outra resposta admite que tem frequentes dores de cabeça e que é nervosa. Ora nervosismo e dores de cabeça são sintomas frequentemente atribuíveis a uma somatização de problemas sexuais. Outro

exemplo: as mulheres ricas afirmam que gozam sempre, mas diante da pergunta “A mulher deve fingir o prazer para o marido?”, elas respondiam que sim. Logo. Não gozam sempre (...). (CASTRO,1981, p.20)

Castro perguntou a Rose se o livro comprovaria a tese de que as mulheres estavam iniciando sua vida sexual de forma mais precoce. No que recebeu a confirmação, através de dados que apontavam para o questionamento da virgindade como requisito valorizado pela mulher para se casar. Ao salientar que “(...) noventa por cento das mulheres de classe média e da classe abastada declaram-se contra a virgindade e admitiram ter relações antes do casamento (...) as camponesas defenderam (...) a virgindade. E as operárias se mostraram divididas” (CASTRO,1981, p.20). No entanto, também apontou que mesmo o maior acesso educacional das mulheres ricas não impede de compartilhar alguns preconceitos e problemas de relacionamento como nas demais classes. Nesse sentido, exemplificou que cerca da metade das mulheres da classe alta acreditavam na ausência do prazer feminino após a menopausa como também não compartilhavam seus problemas sexuais com o marido.

No tocante ao poder masculino sobre as mulheres brasileiras, Rose apontou o início da sua transformação na sociedade. Pois ao perguntar as mulheres se gostavam ou não de participar do mercado de trabalho, a maioria das operárias, classe média e alta apoiaram a ideia. E a resposta dos homens no que se diz respeito a não acreditarem serem os chefes da casa, confirma a sua tese de modificação. Entretanto, assinalou a persistência do machismo na sociedade, ao explicar:

Se é natural que o homem tenha mais de uma mulher. Entre os homens ouvidos na pesquisa, metade dos camponeses, metade dos operários, 75% dos de classe média e 90% dos de classe dominante acham que simplesmente esses últimos porque geralmente eles têm. Embora 80% das mulheres se revoltam contra isso e digam não, uma das coisas mais difíceis de mudar no homem é esse estereótipo de que ele é, por natureza, polígamo, e a mulher, monógama (CASTRO,1981, p.20).

A persistência desse machismo se comprovaria na criação do estereótipo masculino de que eles são polígamos, devido a falsa tese de que no mundo existiam mais mulheres que homens. O que ao apresentar os dados da ONU do período na entrevista demonstrou ser um total engano. Castro perguntou a respeito de quem teria uma atividade sexual mais ativa, mulheres ou homens. No que novamente, Rose ressaltou dados estatísticos para confirmar que os homens heterossexuais ou homossexuais teriam uma quantidade de parceiros maior que as mulheres ao longo da

vida. O que o entrevistador em tom provocativo destacou se poderia concluir que a mulher seria “(...) um ser voltado para a religião, para as artes culinárias e para o corte e costura?” (CASTRO,1981, p.21). Respondido da seguinte forma:

(...) Por natureza não. Por cultura! Durante milhares de anos, a mulher foi reduzida à sua função uterina e, negaram-lhe até a capacidade de orgasmo. O que ela está tentando fazer agora é romper com isso, apoderando-se do pênis, que é o símbolo do poder masculino (...). Ela está corrigindo essa distorção, que é a posse do pênis pelo homem como poder social. É uma distorção que já começa desde cedo na cabeça do menino (CASTRO,1981, p.21).

Desta forma, para ela a mulher estaria começando a participar da vida pública caracterizado como mundo dos homens. Com isso, ao seu ver a mulher estava se “apoderando do pênis como símbolo do poder, o que faz muito bem. E isso só vai se equilibrar quando o homem se apoderar da vagina da mulher- quer dizer quando começar a exercer certas atividades femininas, como a do afeto e do carinho” (CASTRO,1981, p.21). O que significa que a medida em que mulheres e homens compartilhassem entre si elementos para se tornarem pessoas melhores, romperiam com o complexo de Édipo pois o homem dividiria a responsabilidade do cuidado com os filhos, assim “no futuro, o homem perderá o medo apavorante que ainda tem pela mulher e a mulher perderá o terrível desejo de ter pênis, porque ambos serão pai e mãe com o mesmo poder” (CASTRO,1981, p.21).

Com base, nessa exposição o entrevistador perguntou a respeito das atitudes dos homens brasileiros diante das transformações da sexualidade feminina. O que análise de Rose, o homem brasileiro mantinha seus privilégios sociais e sua visão machista, no entanto ao seu ver “quem está mudando é a mulher, porque ela está fazendo a mesma coisa que o homem, ou seja, trabalhando e transando fora de casa. E dessa mulher ele tem medo” (CASTRO,1981, p.21).

Na presença da pergunta feita pela autora, se existia certos carinhos que as mulheres não deveriam fazer com o marido, a maioria das mulheres e homens das três classes sociais concordaram com a afirmação. O que corresponde ao seu ver na tese da existência de um duplo padrão, pois os homens apenas não realizavam atos como: cunilíngua, felação e coito anal com suas esposas, mas não se privavam com outras mulheres. Contudo, ao analisar apenas a classe média setenta por cento responderam que não devia existir privações no sexo para mulheres e homens casados. Nesse sentido, Castro a indagou sobre a real possibilidade das mulheres ricas se absterem dessas

práticas importantes para a conquista do tão sonhado orgasmo, no que foi refutado por Rose:

Claro que não se privam- daí, de novo, a hipocrisia. Mas quando digo orgasmo, estou me referindo ao orgasmo pleno, completo, verdadeiro, ao qual a mulher só chega quando encontra a sua identidade e quando liberta desse sentimento de inferioridade em relação ao homem. A mulher de classe dominante, que usa seu corpo para ter favores, mordomias, e que vive vicariamente através do homem que a sustenta, tem, no máximo, um orgasmo alienado (CASTRO,1981, p.22).

Ela complementou a análise, ao contextualizar historicamente a luta pelo orgasmo feminino como algo recente relacionado aos últimos vinte anos, ou seja, a partir da década de 1960, pois anteriormente era considerado um tabu. Justificou que mesmo a psicanálise que foi importante para a descoberta da sexualidade feminina, inicialmente considerava as mulheres como seres passivos sexualmente. Esta argumentação, gerou um questionamento do entrevistador acerca da real passividade das mulheres das classes dominantes:

Veja esta pergunta: “A mulher deve fazer política?”. Oitenta por cento dos homens de classe média, operários e camponeses acham que sim, mas 50% dos homens de classe alta acham que não. A mesma coisa quanto a mulher saber fazer negócios- só os homens de classe alta responderam não. Portanto, é normal que suas mulheres sejam submissas. Eles pagam para que elas sejam assim (CASTRO,1981, p.22).

Com relação a questão do casamento a pesquisa mostrou na visão dela uma rejeição das mulheres a vida de casadas. Pois através de perguntas que indagaram a respeito da felicidade ou não no casamento e sobre a vida mais satisfatória a de solteira ou casadas, as respostas ressaltaram: “(...) as camponesas e as mulheres de classe alta responderam que sim a primeira pergunta e não a segunda pergunta, o que nos leva a concluir que elas associam o casamento à proteção econômica, e não ao corpo(...)” (CASTRO,1981, p.22). Castro ao ouvir sobre o descontentamento feminino com o casamento, indagou de forma debochada se os homens estavam em perigo frente a revolução das mulheres, sendo respondido:

Porque elas se deram conta que eles estavam levando mais vantagens no casamento. O camponês e o operário, então, nem se fala- com o casamento, eles sempre têm alguém que lhes lave a roupa ou cozinhe para eles. Os únicos homens que se julgam em relativa desvantagem são os de classe alta, porque o casamento é mais uma transação comercial entre eles. Os únicos homens que se julgam em relativa desvantagem são os de classe alta, porque

casamento é mais uma transação comercial que eles são obrigados a fazer (CASTRO,1981, p.22).

A transformação do comportamento sexual feminino esteve em debate na entrevista. Rose apontou que as mulheres estavam se comportando como homens ao manter uma vida sexual ativa com diversos parceiros sem se envolver afetivamente, desse modo propôs que “(...) numa fase mais avançada dessa libertação, os encontros entre homem e mulher não se deem com a rapidez e rotatividade com que se dão hoje (...). Quero que durem enquanto tiverem que durar, mas (...) as pessoas se joguem inteiras (...)” (CASTRO,1981, p.23). Com isso, para ela as mulheres para competirem com os homens estavam reprimindo a sua capacidade de afeto. Nesse aspecto, o entrevistador a questionou se ela não estava expondo uma contradição, pois a mulher tinha enfim conquistado o direito ao corpo e “(...) as feministas venham propor barreiras ao uso desse corpo? (...)” (Castro,1981, p.23). Sendo refutado por ela:

(...) Não é nada disso. O que eu estou propondo é uma deserotização parcial da área genital, que é a única que o homem costuma erotizar, e uma erotização do corpo inteiro, para que o homem deixe de usar a mulher como uma máquina de prazer (...). (CASTRO,1981, p.23)

Com base no livro *Relatório Hite* (1976), Castro perguntou se realmente as mulheres não sabiam da existência do clitóris. Sendo respondido, que as mulheres de classe média e alta conheciam fisicamente seus corpos, no entanto as mulheres operárias julgavam que o beijo engravidava. Ela expôs a importância do feminismo em promover uma educação sexual, através do compartilhamento de informações para essas mulheres. O argumento o entrevistador questionou se a revolução das mulheres estava associada a descoberta do clitóris. No que Rose, refutou um pouco incomodada:

Passa pelo corpo – e não queira que eu diga coisas que eu não disse. O clitóris é só uma parte do corpo, e nem é a mais importante. O que as mulheres querem é que os homens transem o corpo inteiro delas, com mais carinho, mais cuidado (CASTRO,1981, p.23).

Em termos de mudança de comportamento, Rose apontou que a classe média do Rio de Janeiro despontava como a classe social que devido ao maior acesso à educação, conseguia apresentar uma maior expansão erótica. No entanto, para ela a expansão erótica ainda estava em curso no país, pois a verdadeira liberação das mulheres seria

quanto todas as mulheres das diferentes classes sociais tivessem acesso a orgasmos integrais:

O fato é que distorcida ou não está havendo, uma expansão erótica no país e isso pode levar a duas coisas (...). Pode levar a uma recuperação do erotismo pelo sistema e à transformação desse erotismo numa espécie de anestesia, para que as pessoas esqueçam dos problemas maiores. Mas pode levar também a uma liberação do ser humano capaz de abalar o próprio sistema. Porque o dia, em que a camponesa e a operária tiverem orgasmos plenos e satisfatórios, pode ter certeza que alguma coisa vai acontecer (CASTRO,1981, p.23).

E por fim, a entrevista terminou com os apontamentos finais de Rose referente as conclusões obtidas sobre as mulheres camponesas e operárias ainda demonstrarem a manutenção de uma sexualidade baseada na produção e no consumo. Todavia, ela abordou que estava otimista com o início do processo de transformação das relações entre homens e mulheres, ao apresentar o seu ponto de vista:

A saída está começando a ser dada pela mulher de classe média, em cuja cabeça e o corpo está se dando a grande revolução dos últimos 10 mil anos: a da sua emancipação. No que ela saiu de casa para trabalhar e transar, alterou tudo. Mas é das grandes massas, como já disse, que sairá a grande transformação. A estrutura da produção econômica mudará quando se mudar a estrutura da sexualidade que é a base dela. Não mais a sexualidade para a produção e para o consumo, mas, a sexualidade como expressão do ser humano (CASTRO,1981, p.24).

O lançamento do livro *SMB*, como ressaltado na autobiografia foi realizado na Folha de São Paulo em 20 de janeiro de 1983. No evento estavam presentes intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo como: Martha Suplicy¹³¹, Eduardo Suplicy¹³², Fernando Gabeira¹³³, Ruth Escobar¹³⁴, Hélio Peregrino¹³⁵ entre outros e contabilizou

¹³¹ “(...) é uma política, psicanalista e sexóloga brasileira. É atualmente secretária de Relações Internacionais da cidade de São Paulo, cargo que assumiu em janeiro de 2021, nomeada por Bruno Covas (...)”. Para maiores informações em: < <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/5000> >. Acesso em: 03 jun. 2021.

¹³² É um economista, professor universitário, administrador de empresas e político brasileiro filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), do qual é um dos fundadores (...). Para maiores informações em: < <https://www.eduardosuplicy.com.br/site/> >. Acesso em: 03 jun. 2021.

¹³³ Jornalista, escritor e político brasileiro filiado ao Partido Verde (PV). Para maiores informações, consultar <<https://gabeira.com.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

¹³⁴ Atriz e produtora cultural luso-brasileira. Tornou-se uma atriz de destaque e uma das mais importantes produtoras culturais do Brasil e destacada personalidade do teatro brasileiro. Para maiores informações, consultar <<https://istoe.com.br/ruth-escobar-e-suas-faces-diversas/>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

¹³⁵ Psicanalista, escritor e poeta brasileiro, célebre por sua militância de esquerda e por sua amizade com os também escritores Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Nelson Rodrigues.

mais de duas mil pessoas. E o livro “(...) vendeu cinco mil exemplares em três dias e depois chegou a vender, até o fim de 84, vinte mil (...). Mais tarde Marilena Chauí leu e comentou o livro todo. Até hoje não sei como agradecer (...)”. (MMI,1999, p.260)

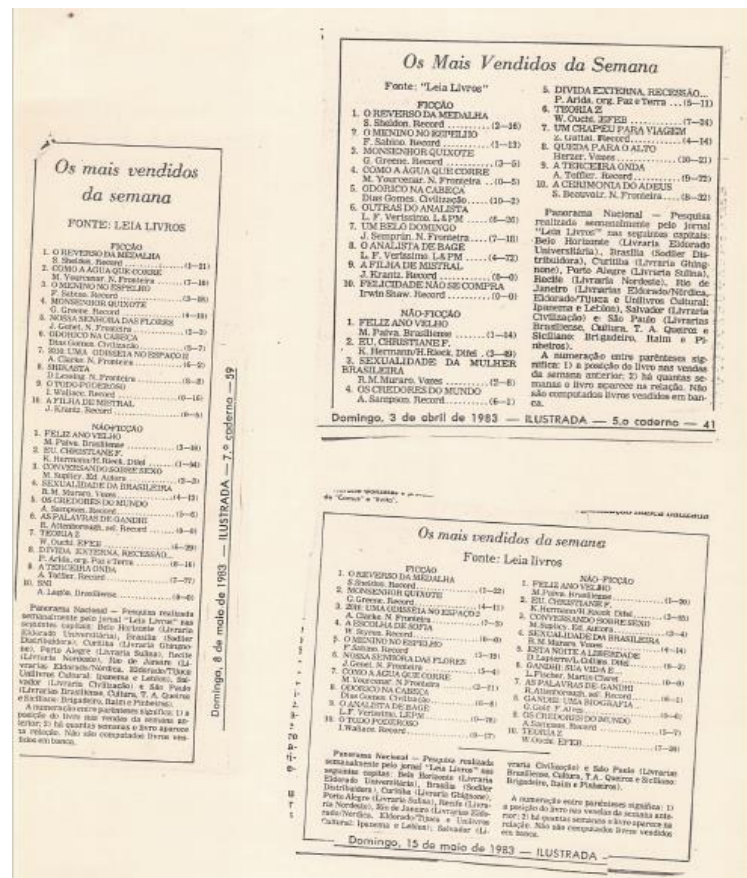


Figura 51: Livro Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social, entre os cinco livros de não-ficção mais vendidos. Fonte: *Jornal O Globo*, n 104, 15 de julho de 1983, p. 17 (Digitalizado Acervo ICRM)

A reportagem do jornal Folha de São Paulo “Em livro, a sexualidade feminina”, iniciou destacando o lançamento do livro *SMB*, no saguão do jornal às sete horas da noite. A jornalista da matéria, Maria Carneiro da Cunha¹³⁶ abordou o que considerava um trabalho pioneiro de pesquisa de campo elaborado em diferentes regiões do país, cuja análise sobre o sexo e a mulher não tinha uma visão superficial. Na realidade, a jornalista diferenciou o trabalho de Rose do que denominou de análises “sensacionalistas”, ao sublinhar que quase não encontrou pesquisas estrangeiras sobre a

Para maiores informações, consultar <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/tWr5GCR6NG4nqR3WpwPf6vB/?lang=pt>> Acesso em: 03 jun. 2021.

¹³⁶ Jornalista e escritora, fundadora do jornal *Mulherio* (1981-1988) e publicou os livros *O que é Aborto*, em coautoria com Carmen Barroso, para a Frente de Mulheres Feministas (1980) e *Comportamento Sexual - A Revolução que Ficou no Caminho* (Nobel 1988). Disponível em: *Revista Estudos Feministas*, n 0, p.243, 1992. Acesso em: 05 jun. 2021.

sexualidade e muito menos com o enfoque dado por ela, cujo propósito era compreender a relação da sexualidade com as classes sociais:

Na verdade, o enfoque escolhido é raras vezes abordado mesmo na literatura estrangeira, não encontrei praticamente nada. O que existe em abundância são pesquisas apenas descritivas, sobre a sexualidade, os chamados “relatórios”, que não apresentam uma maior preocupação em verificar como ela se articula entre as diferentes classes sociais, dando a impressão de que tratam de populações homogêneas. Ou então falam do sexo como se fosse uma realidade à parte (CUNHA, 20 de jan.1983, p.2).

Algumas informações da introdução do livro SMB, foram enfatizadas na matéria, principalmente o objetivo central do livro de “detectar onde e como se faz a articulação entre o sexual e o social e onde e como se produzem as principais clivagens por sexo e classe” (CUNHA, 20 de janeiro de 1983, p.2). As conclusões expressadas por Rose no livro, criticavam algumas das teorias feministas, marxistas e da psicanálise sobre a sexualidade, como explicou na sua avaliação sobre as teorias feministas:

“(…) em relação ao feminismo- prossegue a autora a grande diferença é que existe neste um pressuposto de que certos elementos referentes a sexualidade feminina e à maternidade atravessam todas as classes ou atingem da mesma forma mulheres de classes diferentes. Para nós, essa pesquisa, deixou bem claro que a vivência dessas realidades é completamente diversa entre uma camponesa do Nordeste e uma mulher burguesa (CUNHA, 20 de jan.1983, p.2).

Com relação, ao marxismo tradicional e a psicanálise tradicional para a autora apresentaram teorias explicativas gerais que desatentaram para alguns elementos importantes. O marxismo tradicional, ao seu ver, não analisou o desejo como componente de pesquisa nas classes sociais. E a psicanálise ao contrário, não considerou na observação da sexualidade as diferenças das classes sociais. No que ressaltou que o seu livro poderia sofrer críticas de diferentes áreas do conhecimento, principalmente do feminismo, mas em sua defesa sublinhou: “foi o que conseguimos levantar a partir do concreto, que se apresentou bem mais complexo, a partir do concreto, que se apresentou bem mais complexo, a partir do vivido cotidiano das pessoas” (CUNHA, 20 de jan.1983, p.2).

Por fim, a matéria apontou as conclusões do livro através da metodologia de emprego de entrevistas com homens e mulheres das diferentes classes sociais. Sendo destacado que a principal diferença entre homens e mulheres diz respeito a própria concepção do corpo. Os homens com uma perspectiva de corpo genitalizada e a mulher

falicizada. Como também, a autora finalizou expressando o seu desejo do seu livro fornecer alguma contribuição para o feminismo: “Espero, concluiu Rose, que esta pesquisa e a análise das respostas obtidas sejam de alguma utilidade para os movimentos sociais no Brasil, ao lhes fornecer parâmetros menos irreais de atuação” (CUNHA, 20 de jan.1983, p.2).



Figura 52: “Em livro, a sexualidade feminina”. Fonte: *Folha de São Paulo*, n 104, 20 jan de 1983, p. 2.

A matéria “*O uso do corpo nas classes sociais*” publicada no jornal *Mulherio*, foi também realizada pela jornalista Maria Carneiro da Cunha com base na entrevista com Rose sobre o livro *SMB*. A jornalista iniciou ressaltando que a “luta geral e específica”, de movimentos considerados minoritários como o das mulheres “(...) tem sido a preocupação constante não só daqueles que deles participam, como dos que procuram balizar seus possíveis caminhos no campo prático e teórico (...)” (CUNHA, mar/abr 1983, p.4). Nesse sentido, ela caracterizou o livro de Rose como original para promover o debate ao nosso ver com o feminismo. Sendo o objetivo do livro, expressado abaixo:

A preocupação básica do livro e mesmo de toda a pesquisa -, embora seus objetivos se tenham ampliado na medida em que ela ia avançando- foi a de verificar como se dá a articulação entre o sexual e o social e, por extensão entre a esfera privada e a pública, e que tipo de diferenciações podia ser atribuídas às duas grandes variantes que são o sexo e a classe social entre os grupos de pessoas entrevistadas (Cunha, março/abril.1983, p.4).

Ao detalhar trechos das entrevistas do livro, a jornalista ressaltou o entrelaçamento da questão do sexo e da classe social. Ao exemplificar que o casamento era mais benéfico para os homens operários do que para as operárias, pois as mulheres acumulavam uma jornada de trabalho diária nas fábricas e nos lares. Sendo ainda pior para as mulheres camponesas, devido a uma realidade de exploração exaustiva de tripla jornada de trabalho, ao contrário dos camponeses que mesmo explorados relataram ter momentos de diversão fora do ambiente do trabalho. Dessa forma para Maria da Cunha, o livro enfatizou principalmente os relatos dos camponeses, devido a não terem pesquisas até então com a abordagem nessa classe social. Sendo sublinhado na fala de Rose:

Creio que pela primeira vez obtive-se a fala direta da camponesa sobre esse tema, ficando claro que reside aí a maior resistência a qualquer tipo de controle de natalidade. Há um medo efetivo em relação a certos métodos como a pílula, que se detecta até a nível de fabulação que entre elas é muito rica. Outro ponto que ressalta é que quanto maior é a dominação do homem sobre o homem, maior é a dominação do homem sobre a mulher, mostrando que as duas coisas estão ligadas à mesma lógica de exploração. (CUNHA, mar/abr 1983, p.4)

Com relação as entrevistas com a classe média e a burguesia, de acordo com as conclusões de Rose para sua surpresa as falas não demonstravam similaridade de comportamentos pois “mais que a renda, o que importa é a posição em relação à produção. A classe média alta não controla efetivamente os meios de produção, o que a diferencia da burguesia” (CUNHA, mar/abr 1983, p.4). Na análise da autora, as mulheres burguesas apresentaram um discurso moderno no tocante a exigência do prazer e a preocupação com o corpo de forma estética. No entanto, para ela o discurso burguês em torno do prazer descaracterizou o viés rebelde e contestador, dos protestos das mulheres pelo uso do corpo na década de 1960.

Outra questão pontuada no que diz respeito a classe social da burguesia, manifestou a posição dos homens burgueses serem os únicos da pesquisa que ressaltaram acreditar em uma condição de vida melhor das mulheres. O que “(...) indica

que a mulher burguesa realmente desfruta mais concretamente a mais-valia, sem praticamente ter de dar nada em troca. Os homens ainda enfrentam tensões da competição” (CUNHA, mar/abr 1983, p.5).

Tendo em consideração ao que a autora encontrou em comum na pesquisa, ressaltou que a sexualidade masculina se apresentava de forma genitalizada ao que conferiu a explicações históricas: “o homem sempre esteve mais ligado à lógica da produção e teve por isso seu corpo mais normalizado. A mulher sempre esteve, até há pouco tempo, mais ligado a lógica da vida, pois seu campo se restringe a reprodução (...)” (CUNHA, mar/abr 1983, p.5). Em síntese a autora, discorreu sobre a contribuição do livro para questionar a oposição colocada por alguns setores do feminismo brasileiro no período, dos problemas gerais e específicos:

Essa pesquisa buscou, de certa forma, algum tipo de resposta válida para o problema do específico e geral, que algumas correntes colocam como duas vertentes opostas, mas que na verdade estão embutidas uma na outra (...) isto pode ajudar a entender por que certas camadas oprimidas têm tanta dificuldade para se organizarem (e a opressão transparece claramente nos questionários, pois o seu desejo foi condicionado a agir no sentido contrário do seu interesse (CUNHA, mar/abr 1983, p.5).

A jornalista salientou ao final, sobre a busca expressada no livro pela libertação do corpo, que ao seu ver se referiu a uma libertação social e não individualista. Pois, considerou que implicitamente o livro discorreu a respeito da necessidade de construir uma sociedade sem exploração e dominação para todos. O que julgou um ponto importante do livro, ao concordar com a tese da autora:

Essas teses se opõem diametralmente à chamada “revolução sexual” que os meios de comunicação refletem- a mera manipulação da sexualidade e do desejo em benefício de uma lógica que pouco tem a ver com a libertação dos indivíduos. Rose Marie Muraro indica, entretanto, os comportamentos que já aqui e agora podem constituir um indício de uma mudança nesse sentido mais amplo (CUNHA, março/abril.1983, p.5).



O uso do corpo nas classes sociais

O novo livro de Rose Marie Muraro — Sexualidade da Mulher Brasileira — Corpo e Classe Social no Brasil — mostra como se dá a articulação entre o sexual e o social e, por extensão, entre a esfera privada e a pública. Maria Carneiro da Cunha entrevistou Rose e, aqui, fala sobre o livro.

A busca dos pontos de ligação entre a chamada "cultura geral" e a luta específica dos vários movimentos sociais que se desenvolveram com muito ímpeto no Brasil, nos últimos anos, como veladas reivindicações de setores da população rotulados como minoritários (mesmo quando não se referem, como no caso das mulheres, a minorias ni-

Você gosta do próprio corpo? Gosto e acho que a estética do corpo é algo mercantil, essencial. (...) No Brasil, ser bonita é importante e as que estudam isso demonstram ter muito bom senso. (Mulher da burguesia, Rio de Janeiro.)

méricãs) tem sido preocupação constante não só daqueles que deles participam, como dos que procuram balizar seus possíveis caminhos no campo político e teórico. Em meio a muitas escritas e posturas bastante dogmáticas e pouco esclarecedoras, surge agora a pesquisa coordenada por Rose Marie Muraro, *Sexualidade da Mulher Brasileira — Corpo e Classe Social no Brasil*, editada pela Vozer, num caminho exatamente oposto e bastante original, que faz surgir muitos pontos para a reflexão.

A preocupação básica do livro é mesmo de toda a pesquisa — embora seus objetivos se tenham ampliado na medida em que ela ia avançando — foi a de verificar como se dá a articulação entre o sexual e o social e, por extensão,

entre a esfera privada e a pública, e que tipo de diferenciações podem ser atribuídas às duas grandes variantes que são o sexo e a classe social entre os grupos de pessoas entrevistadas.

As entrevistas com homens e mulheres permitiram demonstrar uma importante divergência por sexo em relação à maioria dos itens propostos. "Acho que uma das coisas que ficaram mais claras nas respostas aos questionários — afirma Rose Marie Muraro — foi o fato de que boa parte das atitudes e aspirações que se atribuem às mulheres correspondem, na realidade, à imagem que o homem tem da mulher e não ao próprio desejo dela. Isso é bem nítido, por exemplo, nas respostas a respeito do casamento, entre representantes de classe operária em São Paulo (Osasco) na qual os homens se dizem em maioria contentes com o casamento e as mulheres descontentadas.

As respostas correspondem a um fato real, a de que o casamento é bem mais vantajoso para o homem desta classe do que para a operária, que em geral acumula mais uma jornada de trabalho. Entre camponeses, essa diáspora às vezes, até triplicada é benéfica, pois, mesmo em condições de sobre-exploração, os homens sempre mencionam algum momento de lazer na descrição de

sua vida diária e isso praticamente não ocorre com as mulheres. Entre homens camponeses e operários, transparecem também um grande temor em relação às mudanças do papel tradicional da mulher.

Rose Marie Muraro dá especial importância aos depoimentos colhidos entre os camponeses de Pernambuco, porque nunca foi feita uma pesquisa sobre a sexualidade nesse grupo social. "Creio

Como aprendeu a cuidar do corpo? No minha casa com minha mãe e irmã. Desde cedo fiz academia, depois parei. Minha mãe era muito preocupada com beleza, maquiagem, elegância; era muito rígida nisso. (Mulher da burguesia, Rio.)

Milhaço não praticamente me criou. Eu ia pra pro com ela. Um dia, eu ainda me lembro, ela disse: "Obrigado, não pra longe que comadre vai tomar banho (Camponês, Zona da Mata, Pernambuco).

que pela primeira vez observe-se a fala direta de camponeses sobre esse tema, ficando claro que rest de al a maior resistência a qualquer tipo de controle da natalidade. Há um medo efetivo em relação a certos métodos como a pílula, que se detecta até a nível da fabricação que entre elas é muito rica. Outro ponto que ressalta é quanto maior é a dominação do homem sobre o homem, maior

é a dominação do homem sobre a mulher, mostrando que as duas coisas estão ligadas à mesma lógica de exploração." A classe média moderna foi aquela em que houve a proximidade maior entre as respostas de homens e mulheres, indicando que uma profunda modificação dos padrões está ocorrendo nesta classe. "Esta foi uma das surpresas desta pesquisa, pelo menos para mim", comenta Rose. "Ao entrevistar pessoas desta faixa, que em muitos casos se aproximam da burguesia em termos de renda, notamos que as respostas seguiriam padrões bastante semelhantes, mas o que ocorreu foi exatamente o contrário. Basta ver itens como o referente à superioridade erótica do homem, com a qual 87% de mulheres da classe burguesa concordam a 87% do mulheres da classe média alta discordam. Os resultados são quase que opostos, o que nos leva à conclusão que, mais que a renda, o que importa é a posição em relação à produção. A classe média alta não controla efetivamente os meios de produção, o que a diferencia da burguesia."

Se na classe média as modificações comportamentais podem estar realmente ligadas a uma mudança mais profunda, na burguesia, entretanto, elas ocorrem muito mais a nível de discurso e atingem o comportamento na medida em que a base familiar patriarcal não é afetada. "O discurso das burguesas — esclarece Rose Marie — apresentou duas vertentes principais: uma mais conservadora e puritana e outra mais

moderna e avançada, sobretudo entre as mulheres mais jovens. Nessa faixa, existe a reivindicação do prazer, há uma grande preocupação com o corpo, mas de uma forma objetivada através da estética e usa-se até um vocabulário (ou um repositório) colocado em pauta a partir das correntes de protesto da década de 60, o que que era sintoma de rebeldia foi totalmente incorporado, reapropriação e absorvido."

Outro ponto a destacar é que foi esta classe — em que os homens detêm, através do dinheiro, as maiores doses de poder econômico, político e erótico — em que eles acharam que a vida da mulher é melhor que a do ho-

Como era a mulher antigamente e como é hoje? Muito. A mulher antigamente não trabalhava como hoje. Agora está em fim de era. A vida é muito difícil. É o fim do mundo. (Camponesa da Zona da Mata, Pernambuco)

mem, a indica que a mulher burguesa realmente é que desfruta mais concretamente da masculinidade, sem praticamente ser de nada mais em troca. Os homens ainda enfrentam as tarefas da competição e das decisões e são aqui excepcionalmente mais sacrificados que suas mulheres (isso transparece na frase de um deles: "É muito melhor dar de mamar do que ser que enfrentar rebanho de diretores").

Mas, em todas as classes, diz ela, "a ideia que o homem tem sobre seu próprio corpo e mesmo o seu erotismo é muito mais genitalizado e masculino". Em alguns casos, a descrição do corpo ligada à de desempenho e, especialmente, de mecanicismo, é bastante elevada, sendo mais nítida na classe operária. Essa imagem é bastante clara no depoimento de um operário, que descreveu sua própria aparência assim: "Pesa normal, altura boa, pratica esporte e funciona normal. O corpo é uma máquina, aliás, melhor porque move tudo o que você quer, obedece a mente, tira a principal coisa: a raqueira, que é a relação sexual". Há, portanto, uma assimilação do corpo com a máquina que o operário manipula e que também funciona "raqueira".

Essa concepção mecanicista

Gosto muito do meu corpo quando fico grávida, porque então ele fica forte. (Mulher do Agreste, Pernambuco.)

do corpo é bem mais rara ou praticamente inexistente entre as mulheres, embora seja forte em algumas camadas uma concepção utilitarista do corpo que é apto para o trabalho ou para a maternidade. Isso ocorre com mais frequência entre as camadas da Zona da Mata (Pernambuco).

Rose Marie atribui isso a circunstâncias históricas: "O homem sempre esteve mais ligado à força de produção e teve por isso seu corpo mais normalizado". A mulher sempre esteve, até há pouco tempo, mais ligada à lógica da vida, pois seu corpo se restringia à reprodução. A normalização corporal voltada para a produção foi por isso menor em relação a ela.

Mas um outro ponto que Rose destaca é que nenhum sistema é racionalizado ou impermeável à transformação. "Existem sempre brechas ou fissuras sobre as quais se pode agir e creio que uma delas está precisamente no campo da sexualidade, quando se percebe como ela está interligada com o resto. Zona pesquisa buscou, de certa forma, algum tipo de resposta válida para o problema do espre-
zifício e do geral, que algumas cor-



Langley Otter - Quilart

livre numa sociedade de exploração e de dominação. Essas teses se opõem diametralmente à chamada "revolução sexual" que os meios de comunicação refletem — a mera manipulação da sexualidade e do desejo — bem como a ideia de que pouco tem a ver com a libertação

Qual o tipo ideal de mulher? Tomache médio, tipo violão, morena. (Homem do Agreste, Pernambuco.) É aquela que é gorda, forte, limpa, fiel ao marido e que não é fofocreira. (Camponesa da Zona da Mata, Pernambuco.) Calçada, que cuida bem do marido, que tem dinheiro, possui muito, trata bem das crianças. (Mulher da classe operária, Osasco.)

Gosta de ter relações? Gosto. Bonzinho, sempre presta. (Mulher do Agreste.) Não gosto, pois fico logo grávida e não quero mais. (Camponesa da Zona da Mata, Pernambuco.) Por mim, não todo dia, pois não vou coltar. (Camponesa da zona da Mata, Pernambuco.) Com meu marido não. Tenho o impróprio que com outro gozava. (Mulher da classe operária, Osasco.)

dos indivíduos. Rose Marie Muraro indica, entretanto, os comportamentos que há aqui e agora podem constituir um indicio de uma mudança nesse sentido mais amplo e promete que esta pesquisa será complementada por outras abordando especificamente a classe média moderna e o subproletariado (lumpen) das favelas, os dois setores que indicaram menor índice de normalização, embora por motivos diversos.

Maria Carneiro da Cunha

Figura 53: “O Uso do Corpo nas Classes Sociais”. Fonte: *Jornal Mulherio*, mar/abr de 1983, ano 3, n 12, p. 4 e 5.

Com base na análise do livro, gostaríamos de pontuar algumas conclusões. Primeiramente, tendo em vista as poucas pesquisas encontradas no período da década de 1980 no que diz respeito a sexualidade, o livro de Rose pode ser analisado como pioneiro. Principalmente ao ter relacionado a temática da sexualidade com a perspectiva analítica de classe social em uma metodologia de entrevistas.

Outro ponto a ser destacado é que a pesquisa foi liderada por Rose, no entanto teve a colaboração de um grupo de pesquisadores que auxiliaram as entrevistas nas diversas regiões do país, como também o apoio de financiadores como a Fundação Rockefeller e o FNDE possibilitaram a realização das entrevistas em termos econômicos.

Entendemos que a contribuição do livro foi empírica e não teórica, pois através de uma pesquisa de campo, Rose conseguiu realizar entrevistas em três diferentes classes sociais, com o objetivo de compreender a sexualidade através das desiguais realidades socioeconômico das classes sociais brasileira. Com uma metodologia que aplicou questionários abertos e fechados nos entrevistados, buscou entender o cotidiano dos indivíduos, os problemas sociais e a perspectiva de corpo e sexualidade, utilizando os discursos dos próprios entrevistados no corpo do texto.

Desta forma, o livro não se propôs discutir a questão da sexualidade em termos teóricos. Mesmo que tenha referenciado alguns autores e apresentado uma bibliografia, as argumentações teóricas tiveram um objetivo prático de aplicação nas entrevistas e por isso exprimem fragilidades e simplificações.

Por fim, destacamos a relevância do livro para a disseminação das ideias feministas na sociedade brasileira da década de 1980 por possibilitar um conhecimento do feminismo em uma linguagem mais acessível, figurando entre os livros mais vendidos do país no período, com grande repercussão nos meios de comunicação.

5. CONCLUSÃO

A análise da trajetória intelectual feminista de Rose Marie Muraro, se propôs a compreender a importância do seu pensamento feminista nas décadas de 1970 e 1980. Com o objetivo principal de apresentar ao leitor a sua história a partir de uma “construção de si” (RAGO, 2013) baseada em sua própria autobiografia. No entanto, buscamos não cair nas armadilhas de “inventar trajetórias” (SCHWARCZ, 2013), ao compreender o indivíduo através de suas próprias experiências repletas de desafios.

Desta forma, ao analisar o seu protagonismo na história do feminismo brasileiro buscamos destacar a sua contribuição através do seu papel como escritora de livros feministas e assessora editorial da Vozes, assim como pontuar a sua relevância ao lado de outras feministas no feminismo brasileiro do contexto de ditadura militar. Com isso, não compartilhamos a ideia de que ela foi a representante oficial do feminismo, como o título concedido de Patrona do Feminismo Brasileiro transmite em sua ideia.

Em acordo com Pedro (2006), descartamos a existência de um “feminismo inaugural” a partir do Ano Internacional da Mulher associado a presença da ONU em 1975, pois a narrativa histórica da própria Rose desmitifica essa ideia de homogeneidade do feminismo em torno de uma única data. Por isso, selecionamos fontes do ICRM e da Hemeroteca Digital não apenas sobre a própria pesquisada, mas também documentos, cartas, jornais, revistas e relatos que retratassem um pouco sobre o feminismo do período. É importante destacar que foram evidenciados alguns acontecimentos do feminismo brasileiro do período principalmente a partir da participação de Rose neles, por isso destacamos com mais ênfase: O Primeiro Congresso Nacional das Mulheres (1972), a criação do CMB (1975) e o CNDM (1985).

Ao nos debruçarmos para a análise das correspondências nos propusemos a compreender a sua trajetória feminista através do conceito de intelectual mediadora (GOMES; HANSEN, 2016). Contudo, tivemos que alterar a proposta inicial que era conceber a rede de sociabilidade feminista através das correspondências, a princípio em cartas trocadas entre Rose e feministas conhecidas do período uma vez que este olhar pré-concebido de uma historiadora para suas fontes quase nunca resulta no que realmente foi planejado, pois como já dizia Marc Bloch (1997) é necessário “deixar as fontes falarem” e depois empreender uma análise crítica sobre elas.

Desta forma, ao expor as correspondências recebidas de pessoas que não encontramos maiores informações tivemos a proposta de remeter a relação entre Rose e o feminismo brasileiro. Por isso, foram destacados a vinda da Betty Friedan ao Brasil, o protagonismo de Rose no Conselho Nacional das Mulheres e o seu papel como assessora editorial da *Vozes* na perspectiva da micro história. Apesar disso, não poderíamos esquecer de mencionar o relacionamento pessoal e profissional de Rose com Saffioti que apresentou a possibilidade de futuros pesquisadores procurarem nas fontes do ICRM, a premissa inicial desta pesquisa: a construção de uma rede de sociabilidade feminista de Rose.

O caminho percorrido para apresentar o pensamento feminista de Rose teve como fio condutor a questão da sexualidade, ao destacarmos a sua abordagem pioneira para esse tema ainda pouco estudado dentro do feminismo brasileiro das décadas de 1970 e 80. Como salientou Méndez (2008), Rose questionou o controle da sexualidade pela Igreja Católica, ou seja, ela ousou pesquisar e falar sobre liberdade sexual feminina em um contexto autoritário e de forte presença cultural da Igreja Católica. Como ressaltou Heloisa Buarque de Hollanda, na live “A importância do legado de Rose Marie Muraro na História da Mulher Brasileira e a importância de um feminismo que abrace as diferenças”, a sexualidade não era a temática muito debatida no próprio interior do feminismo brasileiro:

Era proibido falar de Sexualidade no Brasil (...) as feministas entraram pela tangente do trabalho. Porque falar sobre sexualidade era comprar três brigas: uma briga com a ditadura que era totalmente conservadora, outra briga com a esquerda que não queria papo de sexualidade porque a luta mais importante era contra a ditadura. E por fim pela Igreja (...). (...) No entanto quem ia comprar briga com a Igreja falando de sexualidade? A própria Rose que teve uma história dentro da Igreja (informação verbal) (HOLLANDA,13 de nov.2020).

Com esse propósito, analisamos os livros *LSM*, *SLF* e *SMB* a partir da questão em comum entre eles: a sexualidade. Inicialmente o livro *LSM* que foi o seu primeiro livro abertamente feminista publicado em sua segunda edição de forma conjunta com o livro *Mística Feminina* na *Vozes*, sublinhou na perspectiva contracultural a necessidade da liberdade sexual da mulher não especificamente brasileira, o que foi verificado também a partir das fontes de jornais e revistas.

O livro *SLF* apresentou a uma crítica da sexualidade através da perspectiva da Teologia da Libertação. O livro foi produzido a partir de seminários e palestras de Rose

com pessoas ligadas a Igreja, por isso a estruturação do livro em formato de diálogos sem optar por opções teóricas no corpo do texto ou em bibliografia. A proposta de questionamento da moral cristã a partir do viés da sexualidade, resultou na sua censura e retirada de circulação pela Igreja. Sendo considerado pela própria Rose, como um dos motivos de sua demissão da Vozes.

E por fim abordamos o livro *SMB*, considerado por Rose como seu livro de maior envergadura e escolhido para melhor descrição na dissertação por apresentar a realização de uma pesquisa mais consolidada através dos questionários nas três classes sociais brasileiras: campesinato, burguesia e operariado. Nesse sentido, retomamos o processo de elaboração do livro a partir de correspondências sobre as palestras dela nos Estados Unidos e principalmente as correspondências do projeto do livro com Iêda Wiarda. O projeto inicial referenciava entrevistar mulheres importantes de organizações nacionais e internacionais para compreender o programa de planejamento familiar do Brasil. No entanto devido a considerar insuficiente considerou interligar as questões do corpo e sexualidade através da categoria de classe. É importante sublinhar a riqueza do livro, na descrição das falas dos entrevistados no corpo do texto, como também o anexo volumoso que detalhou os modelos das perguntas dos questionários e as entrevistas realizadas no livro.

Com relação as suas opções teóricas e metodológicas a sua característica principal foi não apresentar um formato de texto com padrões acadêmicos. Na realidade ela fez questão de pontuar na sua escrita feminista a proposta de expor a sua experiência no processo de produção intelectual mediadora. No que produziu livros feministas de fácil compreensão o que possibilitou a mediação através deles das ideias feministas nos meios de comunicação.

Cabe destacar que minha posição de historiadora e pesquisadora em uma universidade pública, causou inicialmente a incompreensão de algumas ideias de Rose presente em seus livros. Pois devido a estar em um lugar social acadêmico, buscamos respostas nos formatos metodológicos científicos por vezes fechados demais e inacessíveis ao público comum. Com isso, no decorrer da pesquisa vimos a necessidade de ajustes como o não estabelecimento do pensamento feminista de Rose recluso a categorias de feminismo liberal, radical ou marxista. Na realidade a própria autora não definiu a sua prática feminista aliado a nenhuma corrente feminista. Por isso, não

buscamos posicionar o pensamento de Rose aliado teoricamente a nenhuma dessas correntes.

Na verdade, essa pesquisa devido ao tempo curto do mestrado, reduziu muito as discussões propostas e as fontes a serem utilizadas. E algumas questões perduraram ao longo dos anos sem uma única possibilidade de resposta como: por quais motivos o pensamento feminista de Rose não é valorizado no meio acadêmico, porque sua trajetória intelectual ainda é pouco estudada e qual o seu legado dentro do movimento feminista brasileiro. Em acordo com Perrot (2003) compartilhamos a ideia do esquecimento e silenciamento de Rose na história, principalmente devido ao seu tom militante defrontar-se com o feminismo acadêmico, vinculado a padrões de forma de produção de conhecimento.

Nesse sentido, pontuamos a sua trajetória feminista de atuação em diversos lugares sociais, através do conceito de intelectual mediadora, pois com base nas fontes analisadas, em destaque para os seus livros, correspondências e entrevistas em jornais e revistas, percebemos o seu papel de mediação entre o público leigo com o feminismo brasileiro.

Desta forma, expandimos a análise de Pinheiro (2017) de compreendê-la através de um feminismo midiático. Como também, ao apresentarmos os seus livros feministas observamos na sua própria escrita o distanciamento com meio acadêmico. O que foi confirmado em sua própria trajetória mediante a ausência de uma formação universitária formal. No entanto, Rose se relacionou com diversos pesquisadores e concedeu palestras em universidades brasileiras e norte-americanas, o que provoca o questionamento referente ao seu desejo ou não de um reconhecimento acadêmico.

Apesar da proposta da dissertação não aludir uma análise das controvérsias do discurso feminista de Rose, compreendemos que a sua trajetória feminista foi pautada em uma história de vida peculiar atrelada ao contexto histórico em que produziu suas obras. Nesse sentido, percebemos os limites do feminismo de Rose e outras feministas nas décadas de 1970 e 1980, no tocante a generalização da identidade mulher sem discutir as questões de raça com profundidade:

(...) Porém, em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de

mulheres vítimas de outras formas de opressão, além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (...). (CARNEIRO, 2019, p.297)

Por fim, nestas longas páginas, nos propusemos a demonstrar as razões pelas quais acreditamos que Rose deve ser estudada e lembrada pela sua trajetória feminista. Ao apresentar a nossa visão do legado de Rose no movimento feminista brasileiro: a abordagem pioneira da questão da sexualidade em seus livros, o que nos leva considerá-la “uma mulher impossível”.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira. “O Ano Internacional da Mulher: Brasileiras se Encontram para Falar de seus Problemas”. **Síntese**, v.2, n.5, 1975.

ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: ARRUDA, Angela ... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-63.

ANDRADES, Marcelo Ferreira de. **Do Claustro à Universidade: As Estratégias Editoriais da Editora Vozes na Gestão Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.

ÁLVAREZ, Sonia. Los feminismos latino-americanos se globalizan: tendencias de los años 90 y retos para un nuevo milenio. In: DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Org). **La política de las culturas y las culturas de la política: revisando los movimientos sociales latinoamericanos**. Bogotá: Taurus, 2001.

ARAÚJO, Bárbara. A Função do Intelectual: Um Diálogo entre Antônio Gramsci, Pierre Bourdieu e Edward Said. **Revista de Teoria da História**. Universidade Federal de Goiás, ano 7, n 13, abr 2015.

ARDAILLON, Danielle; DEBERT, Guita G. **Quando a Vítima é Mulher: Análise de Julgamentos de Crimes de Estupro, Espancamento e Homicídio**. Brasília: CNDM, 1987.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A Revolução Sexual nos Anos 70 e o Pensamento Contracultural de Rose Marie Muraro. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, vol. 9, nº18, 2017. Disponível em <<http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/506/308>> Acesso em: 20 dez. 2020.

BARSTED, Leila Linhares de Andrade. Legalização e Descriminalização: 10 anos de luta feminista. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.0, n.0, 1992.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BHERING, Marcos Jungmann. Planejamento Familiar e Controle da Natalidade: Agências Internacionais e Atores Locais no Brasil (1960-80). **XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio**, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276861541_ARQUIVO_ArtigoAnpuh-RJ2010-MarcosJungmannBhering_2_.pdf> Acesso em: 20 dez. 2020.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e Masculino: Uma Nova Consciência para o Encontro de Gerações**. São Cristóvão: Record, 2010.

BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BORGES, Joana Vieira. **Trajetórias e Leituras Feministas no Brasil e na Argentina (1960-1980)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2013.

BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Flávia (org.). **Vivências: História, Sexualidade e Imagens Femininas**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima. Mulheres, Teologia e Libertação: Uma Trajetória Histórica. In: **A Teologia Feminista e seus Giros Hermenêuticos: Reinterpretação de Deus, do Ser Humano e da Criação**. Tese (Doutorado em Teologia) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

CANEDO, Letícia Bicalho. A Fundação Ford e as Ciências Sociais no Brasil: O Papel dos Program Officers e dos Beneficiários Brasileiros para a Construção de Novos Modelos Científicos. In: *Social Sciences and Humanities in the Changing North-South Relations*, 2015. Córdoba. Exposição virtual. Córdoba: **INTERCO-SSH**, 2015. Disponível em: <<https://leticiabcaneado.wordpress.com/2016/04/25/a-fundacao-ford-e-as-ciencias-sociais-no-brasil-o-papel-dos-program-officers-e-dos-beneficiarios-brasileiros-para-a-construcao-de-novos-modelos-cientificos/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em Movimento: Contribuições do Feminismo Negro”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O Discurso da Contracultura no Brasil: o Underground através de Luís Carlos Maciel (c.1970)**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARDOSO, Elizabeth. **Imprensa Feminista Brasileira pós-1974**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: Leitores, Autores, e Bibliotecas na Europa entre os séculos XIX e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CITELI, Maria Teresa. “Capítulo 1: Antecedentes no Brasil, Décadas de 1970 e 80”. In: _____. **A Pesquisa sobre Sexualidade e Direitos Sexuais no Brasil (1990-2002)**. Rio de Janeiro: Revisão Crítica; CEPESC, 2005.

COLLING, Ana. 50 anos de Ditadura no Brasil: Questões Feministas e de Gênero. **Revista Opsi**, Goiás, v.15, n.2, 2015. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/Opsi/article/view/33836/20058>> Acesso em: 20 dez. 2020.

COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina. **Rebeldia e Submissão: Estudos sobre Condição Feminina**. São Paulo: FCC, 1989.

COSTA, Ana Alice Alcântara. “O Feminismo Brasileiro em Tempos de Ditadura Militar”. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs). **Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção Política. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n.2, 2005.

COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmem; SARTI, Cynthia. “Pesquisa sobre a mulher no Brasil: do limbo ao gueto?”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CUBAS, Caroline Jaques. **Do Hábito ao Ato: Vida Religiosa Ativa no Brasil (1960-1985)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. **Quem Ri por Último, Ri Melhor: Humor Gráfico Feminista (Cone Sul, 1975-1988)**. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. Antifeminismo e Ressentimento: As Mulheres no *O Pasquim*. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima; OLIVEIRA, Mariana Esteves de. “Constituinte da Mulher tem que ter a palavra da mulher”: Movimento de Mulheres do IAJES, Movimento Regional de Mulheres e Luta por Democracia no Brasil. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, v.26, 2019.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As Vozes do Silêncio. IN: FREITAS, Marcos Cesar. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

DUARTE, Constância Lima. “Feminismo: uma história a ser contada”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2011.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **De Qual Feminismo Estamos Falando? Desconstruções e reconstruções das mulheres, via imprensa feminista brasileira, nas décadas de 1970 a 2010**. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Universidade de Brasília, 2017.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as Mulheres. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás, v.23, 2020. Disponível em: <
<https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023/35105>> Acesso em: 20 dez. 2020.

GOLDBERG, Anette. **Feminismo e Autoritarismo: A Metamorfose de uma Utopia de Libertação em Ideologia Liberalizante**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

GOMES, Ângela de Castro e HANSEN, Patrícia. Apresentação. **Intelectuais Mediadores: Projeto Cultural e Ação Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Tânia Maria de Oliveira. O Fazer Científico na Produção de Muraro: Transgressão e Militância. **Diálogo das Letras**, Rio Grande do Norte, vol. 3, n.2, dez 2014. Disponível em <
<http://natal.uern.br/periodicos/index.php/DDL/article/view/1366/1307>> Acesso em: 20 dez. 2020.

GRUPO CERES. **Espelho de Vênus: Identidade Sexual e Social da Mulher**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teología de la Liberación**. Lima: CEP, 1971.

GUEDES, Carlos Wagner Jota “Representações da dualidade feminina: santificações e a perdição”. IN: **Essa Moça Tá Diferente: Debates sobre a Representação da Sexualidade**. Dissertação (mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. Fronteiras Simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. **Cadernos Cepia**, Rio de Janeiro, nº 5, 2002.

LOBO, Elisabeth Souza. “As Operárias, O Sindicato e os Discursos Sociológico”. IN: **A Classe Operária tem Dois Sexos: Trabalho, Dominação e Resistência**. São Paulo: Expressão Popular, 1991.

KAMINSKI, Leon. “Mundo Afora: Brasil Adentro: A Circulação Cultural da Contracultura e suas Apropriações”. In: ____ (org.). **Contracultura no Brasil, Anos 70: Circulação, Espaços e Sociabilidade**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras. Malleus Maleficarium**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

LEITE, José Lourenço Araújo. O Corpo e o Anti-Devir em Reich. **UFBA**, 2012. Disponível em: <
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5541/1/O%20CORPO%20E%20O%20ANTI-DEVIR%20EM%20W-REICH.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

LERNER, Gerda. “Origens”. In:____. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LORIGA, Sabrina. “A Biografia como Problema”. IN: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo:Perspectivas,1968.

MELLO, Soraia. Cláudia nas Décadas de 1970-1980. Feminismo, Antifeminismo e a Superação de um Suposto Passado Radical. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.27, n.2, 2019.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Com a Palavra o Segundo Sexo: Percursos do Pensamento Intelectual Feminista no Brasil dos anos 1960**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MIGUEL, Sonia Malheiros. **Um Olhar para Dentro: O Movimento Feminista no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal Santa Catarina, Santa Catarina, 1988.

MISSE, Michael. **O Estigma do Passivo Sexual**. 3 ed. Rio De Janeiro: NECVU/IFICS/UFRJ, 2007.

MORAES, Maria Lygia. Família e Feminismo. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.37, maio de 1981. Disponível em <
<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1594/1583>> Acesso em: 21 mar. 2021.

MOREIRA, Alberto da Silva. Contribuições da Teologia da Libertação para os Movimentos Sociais. **Revista Caminhos**, Goiânia, v.10, n.2, junho/ dezembro de 2012. Disponível em: <
<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2453/1515>> Acesso em: 21 mar. 2021.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher na Construção do Mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MURARO, Rose Marie. **Os Seis Meses em que Fui Homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992a.

MURARO, Rose Marie. **Automação e o Futuro do Homem**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas Fundadoras do Feminismo: Poderes e Conflitos (1970-78). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.26, nº52, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Os Feminismos e os Muros de 1968 no Cone Sul. **Revista Clio**. Pernambuco, v.26, n.1, 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24194/19633>> Acesso em: 21 mar. 2021.

PEDRO, Joana Maria. **Corpo, prazer e trabalho**. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. (organizadoras). *Nova História das mulheres no Brasil*. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013, p. 238-259.

PEDRO, Joana Maria; MELLO, Soraia de; OLIVEIRA, Veridiana Bertelli Ferreira de. O Feminismo Marxista e Trabalho Doméstico: Discutindo com Heleieth Saffioti e Zuleika Alambert. **Revista História Usinos**, São Leopoldo, v.9, n.2, 2005.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas Reflexões sobre Histórias de Vida, Biografias e Autobiografias. **Simpósio III Encontro Regional Sudeste de História Oral**, Mariana, 1999.

PERROT, Michele. “Os Silêncios do Corpo da Mulher”. IN: MATTOS, Izilda S.de; SOIHET, Raquel (org). **O Corpo Feminino em Debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PERROT, Michele. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, n.18, 1989.

PINHEIRO, Anna Marina Barbará. Rose Marie Muraro: Pensamento, Subjetividade e Ação. XXVII **Simpósio Nacional de História**. Florianópolis, 2015. Disponível em <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/34-snh28?start=160>> Acesso em: 21 mar. 2021.

PINHEIRO, Anna Marina Barbará. O Feminismo Midiático de Rose Marie Muraro. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017. Disponível em <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1517835155_ARQUIVO_ArtigoFazendoGenero-AnnaMarina.pdf> Acesso em: 20 mar. 2021.

PINTO, Céli Regina. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Céli Regina. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, 2010.

PIMENTA, Fabrícia Faleiros. **Políticas Feministas e os Feminismo na Política: O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1985-2005)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade de Brasília, 2010.

PITANGUY, Jacqueline. “A Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes: Memórias para o Futuro”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PRADO, Danda. **Ser Esposa: A Mais Antiga Profissão**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

PETERSEN, Janine. Feminismo e a Polêmica da Contracepção no Brasil (1970-1980). **Revista Esboços da UFSC**, Santa Catarina, v.11, n11, 2004.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (pós) Modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, Campinas, n.3 e 4, 1995/1996. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2612>> Acesso em: 20 mar. 2021.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Mirian Pillar. **Masculino, Feminino, Plural: Gênero na Interdisciplinaridade**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2000.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se: Feminismo, Escrita de Si e Invenções de Subjetividade**. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência: Censura a Livros na Ditadura Militar**. Tese (Livre-Docência em Comunicação e Cultura). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. As Mulheres na Política Brasileira: os Anos de Chumbo. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2(2): p.113-128, 2 sem. 1990. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84806/87515>> Acesso em 16 abr. 2021.

RICOEUR, Paul. **A Memória, História e o Esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2018).

ROCHA, Alessandro Rodrigues; OLIVEIRA, Wesley Mello Oliveira. Cristianismo de Libertação e Teologia da Libertação: Inspiração Evangélica e Pensamento Marxista na Gênese de um Capítulo da Teologia Latino-Americana. **Fragmentos da Cultura**. Goiânia, v.26, n.4, out/dez, 2016. Disponível em <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/5046/2875>> Acesso em: 13 nov. 2020.

ROLLEMBERG, Denise. Entre Raízes e Radares, o Exílio Brasileiro (1964-1979). In: Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia, XI. 2007. San Miguel de Tucumán. Anais... San Miguel de Tucumán: **Facultad de Filosofía y Letras/Universidad de Tucumán**, 2007. Disponível em <<https://cdsa.academica.org/000-108/758.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2020.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura: Reflexões sobre a Sociedade Tecnocrática e a Oposição Juvenil**. Petrópolis: Vozes, 1972.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Petrópolis :Vozes, 1978.

SAFFIOTI, Heleieth. **Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher**. Um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

SANTOS, Celiane Souza. **Efeitos de Sentido do Discurso da Feminista Rose Marie Muraro**. 2015. Dissertação (Mestrado) em Estudos de Linguagens). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

SANTOS, Eduardo Altheman Camargo. Apontamentos sobre a Ideologia de Hebert Marcuse. **VII Colóquio Internacional Marx Engels**, 2012. Disponível em < https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7094_Santos_Eduardo.pdf> Acesso em: 05 abr. 2021.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

SARTI, Cynthia. O Feminismo Brasileiro desde os Anos 1970: Revisitando uma Trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n. 264, mai/ago 2004. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFPPCv/abstract/?lang=pt> > Acesso em: 20 mar. 2021.

SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: Uma Trajetória Particular. **Cad.Pesq.** São Paulo, n.64, 1988.

SAVIANI, Demerval. A Expansão do Ensino Superior no Brasil: Mudanças e Continuidades. **Revista Poiesis Pedagógica**, Goiás, vol. 8, n2, ago.\dez, 2010. Disponível em < <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/14035/8876>> Acesso em: 11 out. 2020.

SCHWARCZ, Lilia. Biografia como Gênero e Problema. **Revista IFCH**. Unicamp. São Paulo, n.24, 2013. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577>> Acesso em: 05 mar. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990. Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 02 fev. 2020.

SENNA, Tito. **Os Relatórios Kinsey, Master & Johnson, Hite: As Sexualidades Estatísticas em uma Perspectiva das Ciências Humanas**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós

Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SHERE, Hite. **Relatório Hite: Um Profundo Estudo sobre a Sexualidade Feminina**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

SILVA, Bruno Marques. **Fé, Razão e Conflito. A Trajetória Intelectual de Leonardo Boff**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

SILVA, Carmem da. **A Arte de Ser Mulher: Um Guia Moderno para o seu Comportamento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SILVA, Cinthia Jardim Negromonte da. Contracultura e Cultura Negra. **Centro de Estudos Latino- Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC)**. USP, 2015.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “A História Intelectual em Questão”. In: LOPES, Marco Antônio. **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2001.

SINGER, Paul. **Dominação e Desigualdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SIRINELLI, Jean F. “Os Intelectuais”. In: REMOND, René (org). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

SOBRINHO, Fonseca apud KLÖPELL, Bruna. A Pílula em Debate: Revisão Bibliográfica das Controvérsias em Torno das Pílulas Anticoncepcionais entre 1960 e 1980. **31ª Reunião Brasileira de Antropologia**, dez 2018, Brasília/DF. Disponível em <http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1541455331_ARQUIVO_31RBA-BrunaKloppel.pdf> Acesso em: 02 fev. 2020.

SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios de História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria Pedro. A Emergência da Pesquisa da História das mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.27, n°54, 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?lang=pt>> Acesso em 02 fev. 2020.

SOIHET, Rachel. Encontros e Desencontros no Centro da Mulher Brasileira (CMB) nos anos 1970-1980. **Revista Gênero**, Niterói, v.7, n.2, 2007.

SORAGGI, Kamilla. **Irreverência, Cultura e Poder em Leila Diniz**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

TOSCANO, Moema apud SOIHET, Rachel. Encontros e Desencontros no Centro da Mulher Brasileira (CMB) anos 1970-1980. **Revista Gênero**. Niterói, v.7, n.2, 2007.p.242-243.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. **A Revolução das Mulheres: Um Balanço do Feminismo**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.

VARIKAS, Eleni. O Pessoal é Político: Desventuras de uma Promessa Subversiva. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1996. Disponível em < https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-3.pdf> Acesso em: 21/03/2021.

WIERNER, Nobert. **Cibernética e Sociedade**. São Paulo: Cultrix, 1968.

XAVIER, Mariana. **Unidades de Informação sobre Mulheres: Reflexões sobre sua constituição e desafios para sua consolidação**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um debate**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

7- FONTES

7.1- Livros

MURARO, Rose Marie. **Libertação Sexual da Mulher**. Petrópolis: Editora Vozes,1971.

MURARO, Rose Marie. **A Sexualidade da Mulher brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes,1983.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade, Libertação e Fé: Por uma Erótica Cristã**. Petrópolis: Editora Vozes,1985.

MURARO, Rose Marie. **Memórias de Uma Mulher Impossível**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

7.2- Periódicos

JORNAL DO BRASIL

Ano Internacional da Mulher: Uma Festa e um Balanço. Rio de Janeiro, ed. 00261 (2), 1975, p.36.

Sem título. Rio de Janeiro, ed. 00254 (1), 30 de jan de 1971, p.42.

Betty Friedan em Debate: Ação e Reação. Rio de Janeiro, ed. 00008 (2), 17 de abr de 1971.

O Começo da Nova Mulher. Rio de Janeiro, ed. 00002, 1971.

CORREIO DA MANHÃ

O Perfil da Mulher no Brasil. Rio de Janeiro, ed. 24403, 1972.

A Mulher e a Neurose da Juventude. Rio de Janeiro, ed. 23825 (2), 1970.

NÓS MULHERES

Pílulas para Milhões. São Paulo, n. 6, ago/set 1977, p.11.

Abrindo Caminho. São Paulo, n. 7, mar 1978, p.3-4.

MULHERIO

O Que Viemos, O Que fizemos. São Paulo, n. 27, dez/fev 1987, p.22.

E o Erótico lá Casa com Cristão? São Paulo, n. 23, out/nov 1985, p.19.

O Uso do Corpo nas Classes Sociais. São Paulo, n. 12, mar/abr 1983, p 4-5.

ROLLING STONES

Feminismo e Androginia. Brasil, n. 3, 1972, p.6.

BONDINHO

Homem não é homem, mulhomem; mulher não é mulher, homulher. São Paulo, mai 1976, p.45/48.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Salvar a Humanidade contra o Domínio e a Competição Suicida. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 1971. Edição 00269 (1).

REVISTA PLAYBOY

CASTRO, Ruy. **Playboy entrevista Rose Marie Muraro**. Rio de Janeiro: Revista Playboy, março de 1981.

O FLUMINENSE

Polemizando Sexo-fé-Opressão. Niterói, 13 de outubro de 1985.

7.3- Textos, documentos e correspondências do ICRM

TEXTOS DE ROSE

MURARO, Rose. O feminismo Americano O Que é [s.d]. CX-MP-001.

MURARO, Rose. A Mulher no Mundo [s.d]. CX-MP-001.

MURARO, Rose. Feminismo e Luta de Classes [s.d]. CX-MP-001.

DOCUMENTOS

Documento sobre o Regimento Interno do CNDM. CX-ICRM-PTF-020- LT01, digitalizado, número 1065, 6 p.

Documento sobre o Plano de Aplicações de Recursos 1983/1984 (CMB). Rio de Janeiro, 30 de março de 1983. CX -PTF-005-LT01, digitalizado, número 101, 11 pg.

Documento da Câmara Municipal de São Paulo escrito pela vereadora Irene Cardoso. Digitalizado, número 325 (2), 8 p.

Documento Curriculum Vitae de Rose de março de 1984. DP 003- Vida Acadêmica de Rose Marie Muraro (parte 1), p.43/46.

Documento dos Diretos Autorais do livro MCM. Petrópolis, 27 de março de 1968. DP 001- Correspondências de 1968 (digitalizado), p. 3/4.

Seminário “A Mulher na Força de Trabalho da América Latina” realizado nos dias 23 a 26 de novembro de 1978 no Rio de Janeiro pela IUPERJ. MP-004, p.61-72.

Documento de declaração do Consulado dos Estados Unidos sobre a participação de Rose em universidades norte-americanas. DP 001-Correspondências de 1977 (digitalizado), p.56.

Playboy, entrevista Rose Muraro. Número 104 (digitalizado), p.18.

Os Mais Vendidos da Semana. O Globo, 15 de julho de 1983, número 104(digitalizado), p. 17.

Em livro, a sexualidade feminina. Folha de São Paulo, 20 de janeiro de 1983, número 104(digitalizado), p. 2.

CORRESPONDÊNCIAS

SOUZA. Clemilda Maria Oliveira. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP.001-Correspondências de 1978 (digitalizado), p.36 - 37.

FONSECA. Romy Medeiros. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1977. DP.001- Correspondências de 1977 (digitalizado), p.5.

Lúcia. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP.001-Correspondências de 1971 (digitalizado), p.5 - 6.

SAFFIOTI. Heleieth. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP. 001-Correspondências de 1971 (digitalizado), p. 4.

SAFFIOTI. Heleieth. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP 001-Correspondências de 1972 (digitalizado), p.3- 4.

Lilah. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP 001-Correspondências de 1972 (digitalizado), p.19.

LUNNA. Leticia. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP 001-Correspondências de 1972 (digitalizado), p.22.

SELL. Teresa Adada. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP 001-Correspondências de 1972 (digitalizado), p. 26 - 27.

SANTOS. Milton. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP.002-Correspondências 1979 (digitalizado), p.82.

SAFFIOTI, Heleieth. (Correspondência). Destinatário: Rose Muraro. DP.001-Correspondências 1976 (digitalizado), p.3.

SAFFIOTI, Heleieth. (Correspondência, 8 de março de 1978). Destinatário: Rose Muraro. DP 001- Correspondências 1978 (digitalizado), p.35.

SAFFIOTI, Heleieth. (Correspondência, 9 de setembro de 1978). Destinatário: Rose Muraro. DP 001- Correspondências 1978 (digitalizado), p.35.

SAFFIOTI, Heleieth. (Correspondência, 28 de janeiro de 1981). Destinatário: Rose Muraro. DP 002- Correspondências 1981 (digitalizado), p.8.

SAFFIOTI, Heleieth. (Correspondência,30 de janeiro de 1981). Destinatário: Rose Muraro. DP 002- Correspondências 1981 (digitalizado), p.11.

AGUIAR, Neuma. (Correspondência, 31 de maio de 1974). DP 001-Correspondências 1974 (digitalizado), p.1.

VIEIRA. Benedito Ulhoa. (Correspondência, 26 de novembro de 1985). Destinatário: Frei Ludovico. Número 315 (digitalizado), p.8.

Frei Ludovico. (Correspondência, 3 de dezembro de 1985). Destinatário: Benedito Ulhoa Vieira. Número 315 (digitalizado), p 9 -10.

SOMMER, Cintia. (Correspondência, 10 de maio de 1976). Destinatário: Rose Muraro. DP-001-Correspondências de 1976 (digitalizada), p.1.

MURARO, Rose. (Correspondência, 12 de maio de 1976). Destinatário: Jefferson Murphy. DP-001-Correspondências de 1976 (digitalizado) p.5.

SHIREY, Ruth. (Correspondência, 12 de abril de 1977). Destinatário: Rose Muraro. DP-001- Correspondências de 1977 (digitalizado), p. 39.

WIARDA, Iêda. (Correspondência, 1 de maio (sem ano estipulado). Destinatário: Rose Muraro. DP.001-Correspondências de 1976-79 (digitalizado) p.49 - 50.

WIARDA, Iêda. (Correspondência, 11 de março de 1980). Destinatário: Rose Muraro. DP 002- Correspondências de 1980 (digitalizado), p. 3 - 4.

WIARDA, Iêda. (Correspondência, 28 de maio (sem ano escrito). Destinatário: Rose Muraro. DP 002-Correspondências de 1980 (digitalizado), p. 20 - 21.

WIARDA, Iêda. (Correspondência, 10 de novembro de 1980). Destinatário: Rose Muraro. DP.001-Correspondências de 1976-79 (digitalizado), p.38.

SAFFIOTI, Heleieth. (Correspondência, 26 de julho de 1981). Destinatário: Rose Muraro. DP 002-Correspondências 1981 (digitalizado), p.26.

ARAÚJO, Diva Maria Preste de Barros de. (Correspondência, 17 de julho de 1987). Destinatário: Editora Vozes. número 376 (digitalizado).

7.4- Links pesquisados na internet

Patrona do Feminismo:

Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2005/12/08/rose-marie-muraro-e-declarada-patrona-do-feminismo-nacional/>> Acesso em: 02 jul. 2021.

O Instituto Cultural Rose Marie Muraro

Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CGYXuxeJq6X/?utm_source=ig_web_copy_link>.

Vídeo compartilhado na página oficial do Instituto Cultural Rose Marie Muraro, @icrmrio, em 15 de outubro de 2020.

Live “A importância do legado de Rose Marie Muraro na História da Mulher Brasileira e a importância de um feminismo que abrace as diferenças”.

Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CHjHdMxJbX/?utm_source=ig_web_copy_link>.

Vídeo compartilhado na página oficial do ICRM, em 13 de novembro de 2020.

Quarta onda feminista

Disponível em: <<https://glamurama.uol.com.br/heloisa-buarque-de-hollanda-desvenda-a-forca-da-quarta-onda-do-feminismo-o-corpo-virou-uma-plataforma-de-expressao-do-poder/>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

Heloneida Stuart :

Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=arti>

[cle&id=300%3Aheloneida-studart&catid=43%3Aletra-h&Itemid=1](#)>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Carmem da Silva:

Disponível em: <<https://carmendasilva.com.br/site/php/content.php?id=10>> Acesso em: 18 dez 2020.

Documentário Memórias de uma Mulher Impossível.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9tmtZz9crRo>> Acesso em: 16 mar. 2020.

Santo Daime (site oficial).

Disponível em: <<https://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/o-santo-daime/introducao>> Acesso em: 30 set. 2019.

Ação Católica:

Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-catolica-brasileira-acb>>. Acesso em: 07 set. 2019.

Romy Medeiros:

Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/area-imprensa/ultimas_noticias/2013/08/09-08-obituario-romy-martins-medeiros-da-fonseca-advogada-e-pioneira-das-lutas-feministas-no-brasil-1921-2013-2013> Acesso em: 17 dez. 2020.

João Paulo II:

Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt.html>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Editora Rosa dos Tempos:

Disponível em: <<https://www.record.com.br/editoras/rosa-dos-tempos/>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

Situação jurídica da mulher casada, lei nº 4121,1962:

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14121.htm>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Danda Prado:

Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?inford=7000&sid=7>> Acesso em: 18 dez. 2020.

Zuleika Alembert:

Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,lider-feminista-zuleika-alembert-morre-aos-90-anos,978190>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Conferências Mundiais da Mulher. ONU Mulheres Brasil:

Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

Maria Luiza Heiborn:

Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/6613368/maria-luiza-heilborn>>.
Acesso em: 28 dez. 2020.

Irede Cardoso:

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u16283.shtml>>.
Acesso em: 25 nov. de 2020.

Composição do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em 2020:

Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/conselho/composicao/composicao-atual-2014-2017>>.
Acesso em: 31 out. 2020.

Fundação Fulbright:

Disponível em: < <https://fulbright.org.br/bolsas-para-brasileiros/>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

Iêda Wiarda:

Disponível em: < <https://www.loc.gov/loc/lcib/9712/wiarda.html>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Fundação Rockefeller:

Disponível em: <<https://www.rockefellerfoundation.org/about-us/our-history/>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

NOW:

Disponível em: <<https://now.org/>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

WITCH

Disponível em: <<https://www.topic.com/witches-brew>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

Milton Santos:

Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/2017/07/18/milton-santos-biografia-completa-vista/>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

Nelson Werneck Sodré:

Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/nelson_werneck_sodre>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Herbert Marcuse:

Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff07069818.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2021

Complexo de Édipo:

Disponível em: < <https://www.psicanaliseclinica.com/conceito-complexo-de-edipo/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

Friedrich Engels:

Disponível em: <<https://www.dtemdebate.com.br/28-de-novembro-de-1820-nasce-o-filosofo-alemao-friedrich-engels-um-dos-mais-importantes-nomes-do-pensamento-economico-e-politico-de-todos-os-tempos/>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

Carl Gustav Jung (1875-1961):

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/carl_gustav_jung/#:~:text=Carl%20Gustav%20Jung%20\(1875%2D1961,26%20de%20junho%20de%201875.](https://www.ebiografia.com/carl_gustav_jung/#:~:text=Carl%20Gustav%20Jung%20(1875%2D1961,26%20de%20junho%20de%201875.)> Acesso em: 10 fev. 2021.

Concílio do Vaticano II:

Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii/>> Acesso em: 30 mar. 2021.

Apostolado da Oração:

Disponível em: <<https://aomej.org.br/historia>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Congregação Mariana:

Disponível em: <[CONGREGAÇÃO MARIANA – CONFEDERAÇÃO NACIONAL \(cncmb.org.br\)](http://cncmb.org.br)> Acesso em: 30 mar. 2021.

Conferências Vicentinas:

Disponível em: <<https://ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Damas de Caridade:

Disponível em: <<http://arquisp.org.br/organizacao-pastoral/coordenacao-pastoral-do-laicato/associacao-das-damas-de-caridade-de-sao-vicente-de-paulo>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Fulbright:

Disponível em: <<https://fulbright.org.br/comissao/>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Paulo Sérgio Pinheiro:

Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/membros/66-paulo-sergio-pinheiro.html>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Five Colleges:

Disponível em: <<https://www.fivecolleges.edu/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

Livro World of Pain:

Disponível em: <<https://www.amazon.com/Worlds-Pain-Lillian-B-Rubin/dp/0465092489>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

Smith College:

Disponível em: <<https://www.smith.edu/>>. Acesso em: 04 dez. 2020.

II Conferência Mundial sobre a Mulher (Copenhague, 1980):

Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inc_social_mulheres/Marcos%20Internacionais%20e%20Alguns%20>. Acesso em: 04 dez. 2020.

Manuel Barros da Motta:

Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/597595/manoel-barros-da-motta>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Prof.^a Janete Azevedo:

Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/578416/janete-maria-lins-de-azevedo>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Vera Sílvia Araújo Magalhães:

Disponível em: < [Especial, Golpe de 64: Vera Silvia e o sadismo na tortura; numa sexta-feira Santa, como se fosse Jesus Cristo \(srzd.com\)](#) >. Acesso em: 06 jun. 2021.

Maria Betânia d'Ávila:

Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/6778001/maria-betania-de-melo-avila> >. Acesso em: 06 jun. 2021.

Ruy Castro:

Disponível em: < [03 grandes biografias escritas por Ruy Castro \(barco.art.br\)](#) >. Acesso em: 06 jun. 2021.

Mário de Andrade:

Disponível em: <<http://www.oexplorador.com.br/mario-de-andrade-1944-1991-carioca-primeiro-diretor-de-redacao-de-playboy/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

André Singer:

Disponível em: <[André Vitor Singer | Escavador](#)>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Fátima Ali:

Disponível em: < <https://www.linkedin.com/in/fatima-ali-2aa91b8/?originalSubdomain=br>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

José Itamar de Freitas:

Disponível em: < [José-Itamar de Freitas, ex-diretor do Fantástico, morre no Rio | Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](#) >. Acesso em: 06 jun. 2021.

Eduardo Mascarenhas:

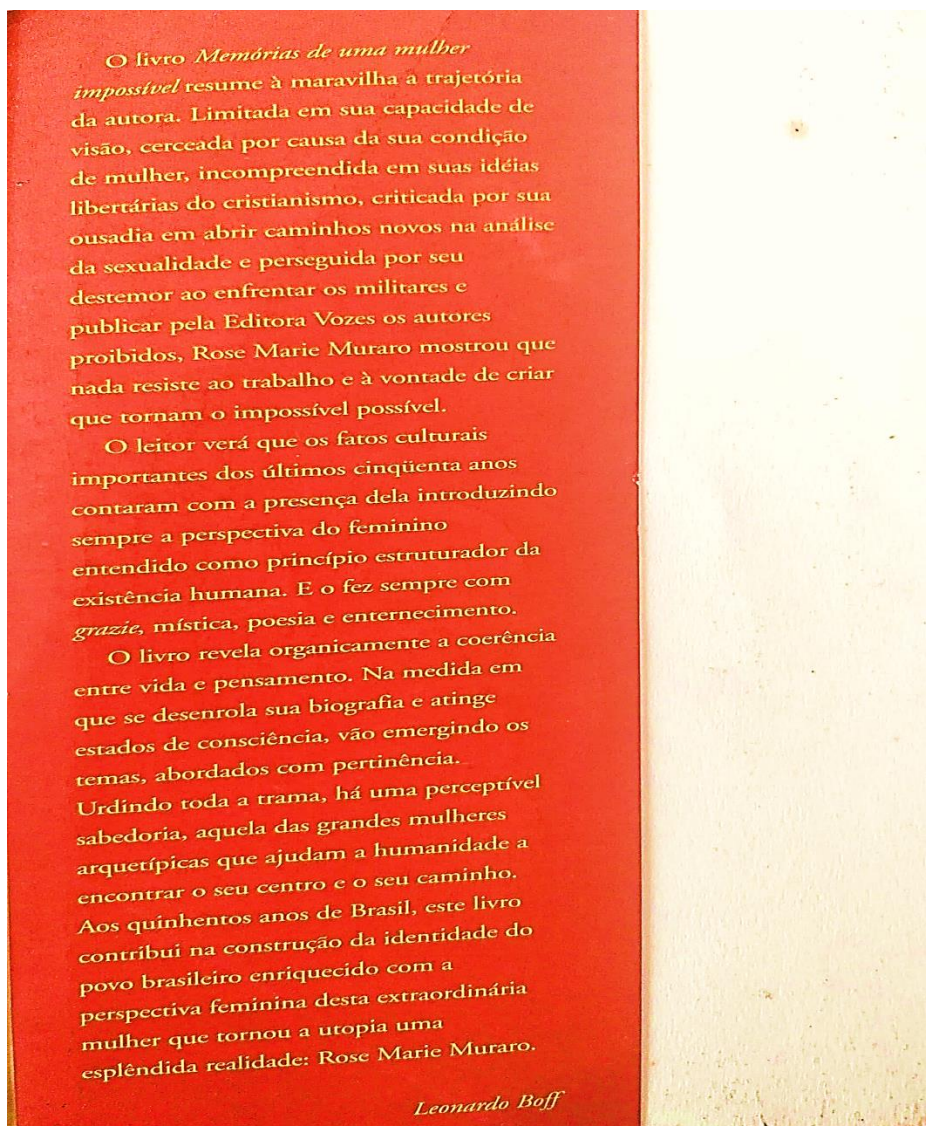
Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eduardo-guimaraes-mascarenhas-da-silva>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Lei do Divórcio no Brasil:

Disponível em: < <https://www.lfg.com.br/conteudos/artigos/geral/lei-do-divorcio-o-que-mudou-em-40-anos-no-brasil>> . Acessado em: 28 de setembro de 2021.

8- ANEXOS

8.1- Autobiografia: MURARO, Rose: *Memórias de uma Mulher Impossível*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.



Sumário

Plenitude 17

Prefácio 19

Introdução 31

O Começo, 31 • Só o Impossível Cria, 33

PRIMEIRA PARTE: A IDADE DA INOCÊNCIA 37

Introdução aos Anos 30 39

A Gestação do Futuro, 39

CAPÍTULO 1 Infância, Riqueza e Solidão 41

Migrando para o Brasil, 42 • Uma Menina Cega que Adorava Ler!, 44 • Ninguém Sabia que Existia a Palavra Orgasmo, 45 • Nasce um Império, 47 • O Fastígio, 48

Introdução aos Anos 40 51

O Mundo Queima, 51

- CAPÍTULO 2 A Realidade É uma Pedrada 53**
 Monteiro Lobato em uma Mão e Dostoiévski na Outra, 54 •
 A Morte pela Primeira Vez, 55 • Ira Sagrada, 56 • Um Novo
 Sentido de Viver, 58 • Os Partidos dos Ricos e o Partido dos
 Pobres, 59
- CAPÍTULO 3 Deus Entra na Minha Vida 61**
 Um Pouco de História da Ação Católica, 62 • As “Hélder’s
 Girls”, 62 • O Primeiro Jornal, 64 • Virando Mulher, 65
- CAPÍTULO 4 A Universidade: Um Rito de Passagem 68**
 Primeira Viagem à Europa, 71 • Gustavo Corção, 72
- Introdução aos Anos 50 73**
 A Idade da Inocência, 73
- CAPÍTULO 5 Acordando Casada! 75**
 A Gravidez: A Verdadeira Realidade, 77 • Mais Perdas, 78
 • Reacionária até 1960, 78
- CAPÍTULO 6 1955: O Mundo Dá uma Virada sem Saber 81**
 Trinta Anos com Quatro Filhos, 82 • Poemas para Poder
 Respirar, 84 • Começando a Trabalhar por Amor, 85
- Introdução aos Anos 60 89**
 A Ameaça de um Continente, 89
- CAPÍTULO 7 Os Incríveis Anos 60: A CNBB e a Vozes 91**
 As Mulheres: Uma Nova Espiritualidade, 92 • Os Jovens:
 Uma Nova Política, 94 • O *Painel Brasileiro*, 96 • A
 Ideologia das Catacumbas, 97 • A Espiritualidade
 Engajada, 99 • Esquenta o Movimento Político, 100 • Vida
 Privada x Vida Pública: A Desconstrução da Maternidade,
 102 • A Garotada e os Militares, 104 • A Editora Vozes, 106

- CAPÍTULO 8 1964: A Conquista do Estado 109**
O Fim da Festa, 111 • O Velho e o Novo Mundo, 113 •
Depois de 1964, 114 • A Ressaca, 115
- CAPÍTULO 9 De 65 a 68: A Queda no Tempo 116**
Lembranças de Paris, 117 • Um Livro em Vinte Dias, 118 •
Feminista por Intuição, 119 • Dois Anos e um Lindo
Evento, 121 • A Imprensa como Resistência, 123 • A
Fundação Getúlio Vargas, 124 • Um Golpe de Mestre, 126
- CAPÍTULO 10 Automação e o Futuro do Homem 128**
Outro Livro em um Mês, 129 • A Aceleração Histórica, 130
• No Fim do Século XX nos EUA, 132
- CAPÍTULO 11 1968 para 1969: Guerrilha e Repressão 134**
A Repressão Pesa, 135 • Um Novo Livro e um Velho
Amigo, 138
- SEGUNDA PARTE: NASCIMENTO E ASCENSÃO DA BRUXA 141**
- Introdução aos Anos 70 143**
1968: Nasce uma Bruxa, 143
- CAPÍTULO 12 Ainda 1968: A Festa Começa 145**
Como Tudo Começou, 147 • A Primeira Paixão... e as
Outras, 148 • Sexualidade aos 38 Anos, 150 • Depois de
1968: O Instituto Villa-Lobos, 151 • O Instituto Villa-
Lobos, 153 • A Fase Dourada, 154 • Baixa a Repressão, 155
- CAPÍTULO 13 O Mergulho na Loucura 157**
Amor e Loucura, 159 • A Bruxa: Transgredir ainda É Amar,
162

CAPÍTULO 14 O Feminismo nos Anos 70 165

Um Batismo de Fogo para o Feminismo, 166 • Minha Entrevista ao *Pasquim*, 167 • Finalmente Betty Friedan, 168 • O Primeiro Feminismo, 170 • Eu Falava, Falava, Falava, 172 • Uma Nova Fase da História da Mulher, 173 • *Libertação Sexual da Mulher*, 174 • 1975: Nasce o Movimento Feminista Propriamente Dito, 175 • Gênero x Classe, 176 • O que É Gênero, 177 • Feminismo em São Paulo: Fui Proibida!, 178 • As Prisioneiras, 179 • O Feminismo na Mídia, 181 • O Feminismo se Espalha pelo Brasil, 183

CAPÍTULO 15 A Teologia da Libertação 185

Antes de Leonardo, 186 • Um Grande Prazer: Editar, 187 • A Civilização Brasileira, 188 • Vocação de Editor, 190 • O Maior Produtor do Século XX, 191 • No Começo Era Frei Ludovico, 192 • O Verdadeiro Mistério, 193 • A Nova Vozes, 196 • *Homem Não Entra*, 199

CAPÍTULO 16 Personalidades 201

Minha Boemia em São Paulo, 202 • Vlado Herzog, 204 • As Mulheres, 205

CAPÍTULO 17 Separação e Divórcio 210

Milhões de Bruxas, 212

CAPÍTULO 18 Os Estados Unidos 214

Uma Vida Estranha, 215 • O Curso, 216 • A Sociedade Partida, 217 • O Corpo Expandido, 219

CAPÍTULO 19 A Homossexualidade e a Heterossexualidade nos Estados Unidos 221

Gays x Lésbicas, 222 • Homossexualismo no Brasil, 225 • A Morte de Roberto, 227

- CAPÍTULO 20 *Os Think Tanks e o Futuro do Mundo* 229
 AIDS: Doença Fabricada?, 231 • A Volta ao Brasil, 232
- CAPÍTULO 21 *A Desconstrução do Corpo* 234
 “O Medo É a Pior Ilusão”, 235 • À Procura dos Limites do
 Corpo e da Mente, 237 • A Libertação da Kundalini, 239

TERCEIRA PARTE: RESSURGINDO DAS CINZAS 241

- Introdução aos Anos 80 243
 A Fogueira, 243

- CAPÍTULO 22 *Os Terríveis Anos 80* 245
 Algo Novo em Política, 246 • A Virada Internacional da
 Igreja, 247 • Misoginia e Castidade, 249 • Os Detalhes da
 Virada, 252 • A Opção Preferencial pelos Pobres, 254

- CAPÍTULO 23 *Sexualidade da Mulher Brasileira* 255
 A Igreja Eletrônica, 256 • A Pesquisa e o Livro, 258 •
 Repercussão Nacional, 259 • A Fabricação do Oprimido, 261
 • A Incompatibilidade entre Homens e Mulheres, 263 • O
 Brasil Fica Curioso, 265

- CAPÍTULO 24 *Os Grandes Bestsellers: O Auge* 267
 Um Estouro, 269 • Amor depois dos 50, 271

- CAPÍTULO 25 *A Coroa-Brastel* 274
 Uma História Surpreendente e Comum, 275 • O Grande
 Roubo, 277

- CAPÍTULO 26 *A Expulsão* 280
 Davi contra Golias, 281 • O Esfriamento do Mundo, 282 •
 Os Movimentos Populares, 283 • *Os Seis Meses em que Fui
 Homem*, 284 • A Fogueira: O Câncer, 285 • Os Seis Meses,
 288 • 1986: A Campanha, 290 • O Jogo Pesado, 292

- ✱ **CAPÍTULO 27 O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher 298**
 Depois da Fogueira: A Ressurreição, 301 • Duas Viagens
 Muito Engraçadas, 302 • A Espaço & Tempo Devia Ser
 como a Vozes, Mas..., 303
- CAPÍTULO 28 A Rosa dos Tempos 305**
O Martelo das Feiticeiras, 308 • Um Ataque de Narcisismo,
 209 • Os Primeiros Passos, 310 • Uma Mulher
 Assumidamente Maldita, 311 • Pecado Original x Prazer
 Sexual, 313
- CAPÍTULO 29 A Segunda Campanha 316**
 O Oprimido É um Perdedor, 319 • A Partir de 94:
 Viajando, Viajando..., 321 • Uma Emoção Mais Funda, 322
- CAPÍTULO 30 Vida nos Anos 90 324**
 Vício de Amor, 325 • As Viagens, 327 • Mais Livros
 Malditos, 329 • Pensamento Universal no Brasil, 331
- Introdução aos EUA 333**
 Quem Tem Medo de Satanás, 333
- CAPÍTULO 31 Os EUA nos Anos 80 335**
 Filadélfia: Onde Satanás Aparece, 337 • Tarados e Doentios,
 339 • A Globalização, 341 • A Hegemonia Econômica, 344
 • A Economia Ilegal Descoberta, 346 • O Trabalho dos
 Micróbios, 348
- ✱ **CAPÍTULO 32 Talvez Exista uma Saída 349**
 O Fracasso da Ética Protestante, 350 • Ou Podemos?: A
 Erótica Cristã, 352

QUARTA PARTE: A TERRA PROMETIDA 359**CAPÍTULO 33 O Feminino e a Subjetividade 361**

Amor Depois dos 60 anos, 363 • O Deus de Illya Prigogine,
364 • O Místico, 366 • Androginia, 369 • A Raiz da Minha
Liberdade, 371

QUINTA PARTE: POEMAS 375

Poemas da Idade da Inocência 377

Poemas da Fogueira 393

Rose Marie Muraro é um ícone para as mulheres brasileiras. De todos os perfis, idades, estados civis e níveis de escolaridade. Incontáveis cicatrizes, no coração e na alma, lhe deram a consciência dilacerada do que significa ser mulher nas nossas circunstâncias — de muitos machos e poucos homens. Mas não perde o humor nem a alegria de estar viva. Dá autoproclamar-se impossível — adjetivo que não oculta um misto de orgulho e ressentimento — que ela, evidentemente, não confessa — mas que lhe cai com alguma justeza. Trabalha, fala e pensa como um ser feminino e livre. Mas, por via das dúvidas, mantém sempre um palavrão ao alcance da língua. Às vezes, chega a abusar da condição de mulher e intelectual. Esse livro mesmo tem várias passagens atrevidas. Dá a impressão de que ultrapassou os limites. É que ela conta tudo o que sabe — mas, na verdade, nada além do que precisamos ouvir. Impulsiva no limiar do agressivo. Irreverente à beira do escândalo. Corajosa, desafia instituições, afronta Papas, Bispos e padres. Temerária, enfrenta até militares. Avançada, amou de todos os amores. Iconoclasta, seria uma anarquista — não fosse a ardente fé no seu Deus; o orgulho pela profissão de editora e o infinito amor pelos filhos. Rose, impossível não ser uma mulher.

Alcione Araújo

Capa: Victor Burton

8.2- MURARO, Rose Marie. Entrevista realizada em 23/05/2008. Rio de Janeiro, por Natália Pietra Méndez. Decupagem.

Natalia (N): Em sua auto-biografia você comenta as dificuldades de sua fase escolar.

Rose Muraro(R): Ah, você não quer fazer uma entrevista teórica. É uma entrevista biográfica?

(N): O meu interesse é pela sua trajetória intelectual. Mas tem alguns aspectos da parte biográfica que me ajudariam a pensar sua formação intelectual;

(R): A minha trajetória escolar foi exatamente o oposto do que eu tive depois que eu fiz minha vida. Eu sempre rompi todas as amarras, desde que eu não podia ler, que eu não podia casar (pausa) eu fui rompendo tudo, até no fim da minha vida optar por uma dissidência pós-cristã; que materialista eu não consigo ser porque eu conheço muita física então aqui tem um sentido. Eu chamo Deus de “a energia do universo”.

Mas era uma escola de Freiras, aliás, muito boa, muito bem conceituada na época. Depois, todas essas escolas declinaram na medida em que você teve uma cultura mais sexualmente desreprimida, então elas perderam a sua característica. E, depois que veio a teologia da libertação elas também perderam a sua característica de educar a “Le fie société” como elas diziam (as moças da sociedade). Então elas tomaram consciência que tinham que estar ao lado dos pobres, foi um trabalho nosso, da Ação Católica.

Lá era uma formação muito convencional. E todas as minhas amigas são convencionais. A única que rompeu todos os tabus fui eu. Eu não conheço uma pessoa do meu tempo que tenha rompido os tabus, seja do casamento, seja do feminismo, seja tabus intelectuais. Eu não conheço, da minha escola... das outras eu não sei e a Margarida Genevoá, que também é da comissão de justiça e paz ela não rompeu nada. Então eu acho que a única que teve esse tipo de educação católica praticante e rompeu tudo a ponto de nos anos de 1970, a Conferência dos Bispos(que eu trabalhei inclusive na Conferência dos Bispos que eu era considerada uma heroína do cristianismo), veio pedir a Frei Ludovico, que era meu patrão, que me tirasse como “devassa”. E ele disse “não senhor, o problema não é a sexualidade, o problema é o poder”; Calou a boca da conferência dos bispos.

Eu tinha uma porção de namorados (risos) ...quando eu resolvi romper mesmo, eu rompi. Eu sou muito radical, eu vou sempre às raízes, não é radical de sectária, eu procuro ir às raízes. Foi por isso que eu assumi o feminismo e dei minha cara a tapas antes das feministas aparecerem. E aí que eu conheci Heleieth;

(N): E quando foi isso? Quando você disse “Eu sou feminista”?

(R): Foi por acaso, porque eu escrevi um livro feminista em 1966, católico, chamado “A Mulher na Construção do Mundo Futuro” e este livro já colocava o problema da dominação econômica e da dominação de gênero, coisa que ninguém falava na época, nem aqui nem fora daqui. Então, nesse livro eu dizia que a mulher era o operário do

homem, tanto quanto o homem era o operário do patrão. Isso era em 1966, antes de eu saber que existia movimento feminista. Eu conhecia Simone de Beauvoir, mas não conhecia (pausa); e os padres diziam: “mas você, tão católica, citando Simone de Beauvoir, ela é anti-cristã”... Eu vou citar, por que não?

(N): Você havia tido conhecimento da obra dela na França, em uma viagem à Europa?

(R): Foi. E depois eu vi como ela incendiou o mundo. Na mesma semana eu estava na Sorbone, fazendo um curso. E na mesma semana foi o lançamento do livro dela, O Segundo Sexo, isso era em 1950. E foi o lançamento do Norbert Winers, que foi um dos grandes heróis da minha vida, que foi o Cybernetics, a nova ciência cibernética. Então esses dois foram fundamentais pro mundo. Tanto a informática, trazendo hoje a rede mundial de computadores que está dando uma nova fórmula audiovisual de civilização e eu toquei depois no A automação e o Futuro do Homem, trazendo uma nova estrutura psíquica para o ser humano, já baseado no audiovisual, não só mais no visual, na escrita, e sim no audiovisual. Então foi assim que (pausa); agora já nem me lembro... você me perguntou o quê?

(N): Quando você se assumiu como feminista?

(R): Por acaso. Foi quando o Pasquim me entrevistou. Quando eu convidei a Betty Friedan, eu li, foi a Madre Cristina eu não me lembro o sobrenome dela... era famosíssima em São Paulo e me deu o livro da Simone de Beauvoir para ler. Eu fiquei encantada com o livro da Simone de Beauvoir, vou publicar isso, eu era editora, né?

E olha, deu Foi quando. Não sei se você leu a minha entrevista para o Pasquim.

Eu hoje estou doente. Eu tenho essa entrevista aí. Mas eu tenho um exemplar só. Eu posso tirar no Xerox. Eu tenho essa entrevista no computador... No meu livro que ainda não saiu, que eu tenho no computador.

Foi assim. Eu estava em análise (eu contei em minha auto-biografia) e eu queria ir para a Guerrilha do Araguaia – olha só onde eu já estava – com Frei Beto, Frei Osvaldo, Frei Tito, aqueles padres todos que morreram, que assumiram a Teologia da Libertação, que mais tarde veio a ter o Leonardo Boff. Então os dois maiores movimentos do século XX nasceram na minha mão: o movimento de mulheres - aí eu me assumi como feminista. E a Teologia da Libertação que fui eu que mandei o Leonardo. Eu era diretora da editora eu disse “rapaz você não pode querer traduzir os

...” (eu já tinha muita prática) “europeus quando no Brasil nós temos uma vivência riquíssima e radicalmente nova”. E aí ele voltou com um livrinho chamado Jesus Cristo Libertador, de onde saiu toda a Teologia da Libertação. Então, eu consegui incendiar o mundo tanto quanto eles, de outra maneira. O Michel Foucault (isso está também em minha biografia) quando esteve aqui, ele me disse: “Você está metida no movimento social mais importante do mundo. Você vai ver como, no fim do século XX, vai ser políticas públicas e políticas demográficas. O futuro está nas mãos das mulheres”.

(N): O que mais você lia nos anos de 1960, além de O Segundo Sexo, já citado?

(R): Não, eu não li o Segundo Sexo, só li muito depois, nos anos 70, depois de ter publicado meus três primeiros livros, A mulher na construção do mundo futuro, a Automação e o Futuro do Homem... Só depois disso (pausa); Eu me assumi como feminista em A mulher na construção do mundo futuro, aí eu já sabia. Meu analista disse: “porque que você não entra pro feminismo ao invés de querer entrar para a guerrilha? Você é tão cega que no primeiro tiro você vai morrer”. Ele era sempre a favor, como D. Hélder Câmara, a favor de fazer aquilo do seu ambiente.

Você pôs a Betty Friedan aí? Estava havendo um rebu desgraçado na sociedade brasileira por causa dela e tudo caiu em cima da minha cabeça; eu tive que me assumir como feminista porque eu vi o feminismo como a libertação das mulheres e eu consegui convencer a Vozes dizendo: “Se vocês são pioneiros na libertação do homem, vocês têm que ser pioneiros na libertação da mulher, não é um problema sexual, é um problema de opressão econômica” E aí vendeu muito A mulher na construção do mundo futuro. Vendeu uns 30 mil números. Era Dona Rose na terra e Nossa Senhora no céu.

(N): Pode se dizer que a sua descoberta do feminismo surgiu mais de uma inspiração prática do que teórica?

(R): Na época, porque eu sempre fui uma solitária, uma pensadora. E essa minha história como pensadora tem um início muito engraçado. Quando eu fui fazer o meu QI o Dr. Lopes, muito famoso na época (pausa); E eu vim de uma família muito rica, então podia pagar aquilo tudo, ele me disse: “olha aqui, você dá pra tudo, você não vai poder ter uma profissão, você vai encher o saco dela, vai viver de galho em galho”. E eu encontrei uma profissão que mexia com tudo, e eu fiquei lá 40 anos, que foi como Editora.

E eu comecei a ser pensadora porque eu tinha uma formação intelectual na Igreja, lia os livros dos grandes teólogos (Santo Tomás de Aquino, imagina você), os teólogos modernos. Eu esqueci o nome de um deles que me marcou muito “Le prassege de La vie espiritual” esqueci o nome do homem, o idiota, e depois, quando eu li Marx e ele dizia que o homem não foi feito à imagem de Deus, Deus é que foi feito à imagem do homem, eu me lembro, eu tinha 24 anos, eu disse: Fechou, está certo, aí eu perdi minha fé. Eu fui refazendo minha imagem de Deus até fazer a imagem que eu tenho hoje que é a da energia do Universo. Eu voltei a Deus através da física quântica. Que era minha obra.

Então eu não sou uma pensadora feminista. Eu fui uma pensadora feminista mas agora não sou, tanto que o livro que eu estou escrevendo agora se chama Querendo ser Deus: a introdução à tecnologia do século XXI. Mas eu faço com uma visão de gênero e essa visão vai aparecer no epílogo do livro, em uma única página, dizendo que no momento em que você luta por uma moeda solidária, cooperativa e não por uma moeda competitiva que está nos humores de uma única nação e uma moeda em que você pega

uma cesta de commodities, que têm que ter todos os povos vigiando, você está fazendo um trabalho de gênero. A tecnologia, tendo como o outro, com o capital dinheiro, o outro no sentido lacaniano. Isso está no final do meu livro.

Tanto que eu nunca fui uma militante feminista, nunca fui de marcha, eu sempre ficava sozinha. Então, aí eu via, se isto fosse – não fosse usada pelo dinheiro que nada cria e tudo orienta (pausa); mas a tecnologia não é para a vida, é toda bélica, orientada para a morte. Tanto que meu próximo livro vai se chamar Sobre a Guerra, já está com 300 páginas; Os projetos de guerra do século XXI são de uma violência! São guerras cujo projeto atinge homem, mulher, nação.

(N): Pensando em suas obras da década de 1960, 70, você se considera uma pensadora da Teologia da Libertação?

(R): Daquela época sim. Eu consegui mobilizar as freiras dizendo que a libertação da mulher era a base para a libertação do homem através do meu livro A mulher na construção do mundo futuro. Eu dizia que, se o gênero feminino não se desenvolvesse, a nação não se desenvolveria. Era o que estava sendo descoberto, aí eu cheguei até as freiras. A Maria José Rosado, por exemplo, é filha dessa época, Ivone Gevara, essas grandes cabeças das mulheres da Teologia da Libertação, da Teologia Feminista. Existe hoje uma teologia feminista muito forte no mundo inteiro.

Eu fui uma inspiradora desse movimento, mas eu nunca escrevi teologia feminista, eu o recusei. Eu não quero nada que se refira à Teologia. Eu fui inspiradora delas, todas elas dizem isso, que eu fui a primeira a escrever um livro feminista, sem querer, que foi A mulher na construção do mundo futuro. Depois, no livro A Libertação sexual da mulher, eu já me considerava feminista. E era perigosíssimo.

Você tem que pegar o livro A mulher na construção do mundo futuro. Ele foi sorvido pelas freiras e padres da Ação Católica (a qual eu pertencia) que foi o berço da Teologia da Libertação. Se não tivesse o trabalho de D. Hélder e se não fosse a intensidade da influência que ele teve sobre a sociedade não teria tido Teologia da Libertação nenhuma. Ele era um homem candidato à presidência da República, mas ele nunca quis, ele ria muito, achava muita graça. Mas, esses presidentes da república que estão aí agora, o Rafael Correa, o Fernando Lugo, o próprio Hugo Chávez, o Evo Morales: todos saídos da Teologia da Libertação. Foi por isso que eles foram aceitos pelos seus povos, porque eles não queriam uma ideologia comunista, queriam uma ideologia libertadora. E a única ideologia libertadora fora do comunismo é o marxismo cristão. Eles usam a luta de classes, rejeitam o materialismo dialético e fazem um trabalho espiritualizado, como fez o Leonardo Boff.

(N): E as mulheres, como entraram nisso?

(R): Através das teólogas, da Ivone Gebara, nos anos 70, como teólogas. O meu livro não foi um livro teológico. Meu livro foi assumido nas escolas secundárias: 30 mil exemplares adotados durante a própria repressão. Esse livro incomodou a repressão. Ele

foi proibido, em 1975, como pornográfico junto com o Automação e o Futuro do Homem, que não tinha a palavra mulher, mas era perseguição política, evidente. Eles tinham muito medo de mim e não sabiam como me atingir porque eu não era do VAR-Palmares, não era do PC do B, não pertencia a nenhum grupo, graças ao meu santo analista que eu pude fazer esse trabalho de fundo, como uma pensadora mesmo.

(N): Uma questão que aparece na sua biografia é que este trabalho de pensadora esteve relacionado à sua vida pessoal, casamento, maternidade. O feminismo seria mais palpável, mais concebível do que a luta armada para uma mulher com cinco filhos?

(R): A luta armada era inconcebível porque eu era cega, não porque tivesse cinco filhos. Eu não uso óculos porque eu tenho um olho desativado e, no outro, pouca visão, porque eu fiz uma operação nos EUA para catarata. Aí eu aboli os óculos. Mas eu usava óculos muito grosso.

(N): Gostaria que você me falasse de suas relações com Carmen da Silva, Heleieth Saffiotti. Nos anos de 1960 vocês já se conheciam?

(R): Eu conheci Carmen da Silva no início dos anos de 1960, antes do golpe militar. Eu ia na casa dela, ela gostava muito de mim, conversávamos muito, não tinha, ainda, o problema do feminismo nem para mim, nem para ela. Ela era progressista, eu era progressista, e pronto. Na década de 1970 ela ajudou muito a trazer as mulheres para a Betty Friedan, ela fez um artigo na revista Claudia dizendo que a Betty Friedan não era nenhum bicho papão. E depois, não se podia dizer a palavra feminismo, a palavra feminismo foi dita pela primeira vez na revista Claudia em 1974, porque era muito assustador. E eu conheci a Carmen da Silva, ela era um ícone do movimento feminista.

As feministas não gostavam muito de mim porque eu era uma estrela. Uma vez aconteceu, na morte da Ângela Diniz, uma amiga minha queria ir comigo a todos os lugares para ver se conseguia ter um pouco de fama. Então, nós estávamos dando uma entrevista, ela falou, tudo bem. Quando eu comecei a falar todas as luzes se abriram. Mas ela nunca tinha dado a cara a tapas na ditadura militar, ela estava só querendo aproveitar.

Mas não era o caso da Carmen. A Carmen da Silva não podia dar muito a cara a tapas por causa do seu emprego, e ele era muito importante para nós. Ela fez o que tinha que fazer, muito bem.

Heleieth , no começo, ela não se definia como feminista.

(N): E sua vida pessoal, Rose?

(R): Pra eu largar meu marido eu tive que aprontar. Foi meu confessor e meu analista que me disseram que meu casamento era iníquo, porque eu ainda cuidava dos cinco filhos, punha todo o dinheiro em casa e, ainda, tinha que pagar as dívidas do psicopata do meu marido.

(N): Ele fazia o quê?

(R): Olha, até hoje eu não sei, ele fazia negócios, mas, tudo dava errado com ele. Então, o que tinha de oficial de justiça em minha casa querendo penhorar móveis, tudo! Até penhoraram meus direitos autorais. Fiquei 23 anos e meio casada. Eu saí “corneando” meu marido dez anos antes. Foi nos anos de 1960, na época em que todas as mulheres estavam saindo dos seus casamentos à procura do amor. Foi meu confessor, que morreu faz pouco, bem velhinho que me disse: “vai à luta, seu casamento é iníquo, Deus é deus da vida, não da morte”. E foi meu analista, que ficou comigo nove anos, que me disse: “se você não tiver uma vida mais prazerosa paralela você nunca vai largar seu casamento”. Por causa do masoquismo da criação, aliás, eu coloquei isso no meu livro e Leonardo tirou. A Igreja tem um pensamento masoquista sobre a sexualidade, é como se ela fosse “carregar uma cruz”.

(N): A questão do subdesenvolvimento e desenvolvimento aparece muito em seus livros da década de 60, 70. Alguma influência da CEPAL?

(R): Eu lia como editora, mas eu tinha mais a intuição. Eu transgredi tudo, passei por cima da universidade, por cima de todos para ter um pensamento só meu. Você não pode procurar bibliografia em minha obra porque não tem. Eu vou dizer que eu lia Celso Furtado? Eu não li! Quando eu falei sobre a globalização no Ceará, isso agora, muito mais recentemente, me perguntaram: “você leu a obra do Otávio Ianni sobre a Globalização?” Eu disse: “eu não vou ler idiota!”. E fiz o meu estudo do sistema bancário, da moeda que eu estava interessadíssima. Isso nos anos 1990.

(N): Mas e nos anos 1960?

(R): Eu não lia Florestan Fernandes, ele era meu amigo, mas não li a obra dele. Eu publiquei a obra dele toda, achava aquilo tudo tão chato! A impressão que eu tinha era de que eles não pegavam os problemas. Depois, muito mais tarde é que eu vim a ver que eu praticava intuitivamente a chamada prática teórica das feministas. Era tudo baseado na minha reflexão sobre os fatos. E uma teoria você pode defender de um lado ou de outro, nominalismo, idealismo, eu li a minha vida inteira, mas não para escrever meus livros. Mais, quando você faz a prática teórica, que é o que as feministas fazem, você, baseando sua prática na vida, que foi o que a Teologia da Libertação fez, não tem chance de poder ter uma visão anti-teologia da libertação ou anti-feminista, como eu fiz.

As outras feministas não vendiam nada porque eram mais teóricas, e eu pegava a prática para basear minha teoria. E eu era física, matemática. Quando eu saí da universidade tinha 200 teorias matemáticas precisando de dinheiro para poder se desenvolver e eles só deram às cinco que interessavam ao sistema. Você quer coisa mais ideológica do que as ciências exatas? As matemáticas enriquecidas, que tomavam o irracional (e eu vi que o irracional me fazia falta lá), elas são do fim do século XX. E foi exatamente quando começou, as francesas brigavam comigo e eu dava-lhes um petardo. Foi por acaso que começaram a colocar a subjetividade nas obras de filosofia, e foram as feministas que

fizeram isso: quando a matemática começou a colocar o irracional? Não se sabe, pois foi ao mesmo tempo, nos anos 70, 80. Foi naquele caldo de cultura dos anos 70 que mudou tudo, inclusive a visão teórica do mundo e eu já estava bem preparada para isso.

(N): É possível ver ineditismo em suas obras e seu pensamento?

(R): Por exemplo, Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil quando o Guattari veio aqui brigou à beça comigo porque dizia que aqui não havia classe social. E eu dizia: têm. Pouco antes dele morrer, ele deu o Sexualidade da Mulher brasileira pra ele ler, (pra Marilena Chauí, pra todos os intelectuais paulistas – mas eu sempre fui muito marginal, quando você é inédita você é marginal) aí ele disse isto pro Gregório Barenbidi: “foi o melhor livro que eu li na minha vida e ele validou as nossas teorias, nós deliramos na Europa e ela fez a pesquisa que validou nossas teorias”.

Eu, sem querer, era uma deleuziana, mas eu nunca tinha lido Deleuze até hoje. Guattari sim, eu li o Anti Édipo... Esses livros são extraordinários. Eu tenho 4 mil livros, minha filha. Eu não tenho uma biblioteca, mas tenho mais no outro quarto, os livros sobre mulher estão lá. Eu sempre li muito, mas não os livros do establishment. Eu era editora, também do Otavianni, ele me adorava.

(N): Você acha que o pensamento feminista que se desenvolveu no Brasil tem muito de original ou ele acompanhou aquela “onda” do feminismo internacional e vocês foram nessa “onda”?

(R): De jeito nenhum! Nós mesclamos o feminismo, desde A construção da mulher no mundo futuro você vê que ele estava mesclado com a luta de classes. Só as negras americanas nos entendiam, porque elas tinham gênero e raça. As negras americanas me adoravam. Não, nosso feminismo era muito mais avançado que o delas (refere-se ao feminismo internacional)

Quem dizia que o feminismo brasileiro era um reflexo deste feminismo internacional era o pessoal do partido comunista que queria acabar com a gente, sem ter lido o que a gente escreveu (refere-se aos seus livros e de Heleieth). Inclusive, a Heleieth era marxista, brava, maravilhosa, ela é inteligentíssima e ela fez também o feminismo com luta de gênero e luta de classes. Nós começamos o feminismo nos anos 70 e o resto da América Latina foi atrás da gente nos anos 80.

(N): Existe essa conotação nos livros de vocês, e no seu, especificamente, essa preocupação com o homem e a mulher do proletariado.

(R): Naquela época, coisa que ninguém tinha. Imagina se uma feminista americana! (pausa) eu conheço profundamente as feministas americanas. Eu conheci a Betty Friedan, elas nem sabiam que existia um mundo com classes, era só gender, gender.

(N): Inclusive você conta em sua biografia que levou a Betty Friedan a conhecer as favelas.

(R): E os torturados. Isso me veio da Conferência dos Bispos, que eram todos de esquerda radical. Muito mais radicais que a esquerda atéia. E eles podiam, ser porque o establishment não tinha medo deles. A Teologia da Libertação só veio a ter medo - o Estado dela - nos anos 80 quando virou um fato internacional da maior relevância. Eu já era proibida pelo vaticano. Depois, o meu livro, *Erótica Cristã* foi proibido pelo Papa (já era o João Paulo II). Eles proibiram fazer edições. Vendia loucamente e tinha os maiores pensadores cristãos do Brasil, que ficaram em anonimato absoluto e enquanto eu estou viva ficarão. Depois que eu estiver morta, também ficarão.

(N): Qual era sua relação com Frei Beto e Leonardo Boff?

(R): Frei Beto era da Ação Católica e era do meu berçário. Tinha uns cinco ou seis rapazes da AC, que eram garotada, e que vinham conversar comigo. Eu tinha 33 anos, e Frei Beto tinha 18. Eles vinham muito conversar comigo pra fazer suas cabeças. Eu já na CNBB. Aí, as outras mulheres diziam: “Olha aí o berçário da Rose!”. Eles tiraram isso da minha biografia, o Phillip tirou.

(N): Porque ele tirou?

(R): Porque ele é um Puritano. A minha auto-biografia não é (pausa); E foi bom que fosse assim senão seria um livro impublicável, eu contei toda a verdade, eu tenho as fitas gravadas em bruto, se você lê aquilo, fica doida. Eu fiz nove versões. E assim mesmo...O pessoal da Vozes leu e aceitou. Porque a Teologia da Libertação já estava levando o problema da sexualidade. Tinha saído o *Erótica Cristã*, que mostrava as relações entre sexualidade e poder.

(N): Rose, há algum aspecto que não tenha sido publicado em sua auto-biografia e que gostaria de aproveitar para relatar?

(R): Não. Eu fico muito assustada porque eu falei sem censura e nem me lembro mais do que eu falei. Deixa assim. Deixa assim. Não é sobre a parte sexual, é sobre a parte política.

Acho que ele [o livro] foi bastante completo. Graças a Deus – agora que minha memória está me falhando - que ele foi feito quando a minha memória não falhava.

(N): Como foi sua experiência como poeta? Fiquei encantada com seus poemas, eu não os conhecia.

(R): Ah, isso foi nos anos de 1950 quando era muito reprimida, não tinha coragem de largar meu casamento porque era indissolúvel, naquela época era assim, muito conservador, como os evangélicos hoje. Então eu escrevia poemas para sair o meu erotismo, era um erotismo abafado, espiritualizado. Os padres e as freiras ficavam loucos pois eles tinham o mesmo problema. E eu tive esse dom de revelar o inconsciente coletivo da Igreja, que mais tarde veio a dar na Teologia da Libertação.

(N): Já existia algo da Teologia da Libertação nos seus poemas? E a ótica feminista, já estava nesses poemas?

(R): Já, nos anos de 1950. Eu já estava com D. Helder. Esses poemas pegaram o inconsciente coletivo de uma geração inteira, vendia algo como 50 mil exemplares.

(N): Gostei muito do poema A Mulher de Mil Faces, de 1963, o que a inspirou?

(R): Eu dizia que eu era uma pessoa polimorfa. Tanto é que um amigo meu me disse: eu não sei como eu te vejo, eu te vejo como uma intelectual, uma prostituta e como uma monja. Você tem todas as faces. Isso foi um amigo meu, mineiro, que é um grande produtor cultural e me disse: “não tenho como definir você, você é a mulher de mil faces”. Foi isso que eu escrevi ali, que eu queria ser uma mulher de mil faces, eu era.

(N): Talvez algumas faces escondidas tenham se revelado depois de escrever o poema

(R): Ah sim, eu já estava em plena época hippie, me vestindo com aqueles vestidos indianos maravilhosos, japoneses, todos alternativos. Isso foi nos 70, porque os sessenta aqui começaram com 1968, toda essa parte de querer fazer uma prática teórica sobre sexualidade. Os 60 foram a preparação, direitos humanos e civis, isso fora daqui. Eu passei um tempo nos Estados Unidos, era o problema da mulher, mas aqui a Igreja brecava muito. Mas o meu primeiro livro era realmente um livro feminista.

(N): O que você acha que motivou a que este livro tivesse tantos leitores e a vender tanto, já nos anos de 1960?

(R): A mesma coisa que os meus poemas, porque esse livro correspondia a um anseio (eu ainda era bem comportada) do pessoal que queria ser libertado, como se poderia dizer, que queria fazer um omelete sem quebrar os ovos. Que é o caso do Paulo Coelho, de uma certa maneira do Leonardo, quando ele largou a Teologia da Libertação e foi falar sobre ecologia. E isso eu digo a ele, Ele é um padre, mesmo sendo casado ele é um padre, ele não rompeu o sacerdócio.

(N): E você, dentro dessa lógica, se considera uma monja?

(R): Se for junto com a prostituta sim. (risos)

(N): Pelo que você conta em sua biografia, você contou com alguns protetores dentro da Igreja Católica, como Frei Ludovico...

(R): Frei Ludovico foi o melhor homem que eu já vi em toda a minha vida. Pelas minhas loucuras e pelas loucuras políticas do Leonardo, ele teve câncer e morreu. Ele foi perseguido pelo Vaticano, pelo Exército Brasileiro, pela ditadura, pela Ordem Franciscana e pôs todo o mundo no bolso por minha causa e pela causa do Leonardo; Ele era muito além da gente, por isso eu acho que ele foi o maior produtor cultural que o Brasil já teve.

(N): Em que ano ocorreu sua entrada na Editora Vozes?

(R): Como free lancer, eu entrei no início dos anos 60, e em 1969, como empregada. A editora tem cem anos, mas era conservadora. E eu fui com Frei Ludovico, que era o rei dos alternativos, estava acima do bem e do mal. Não digo que era bem comportado porque não era, mas eu digo pra você que ele estava acima do bem e do mal porque ele era um santo, ao mesmo tempo.

(N): Essa linha de publicações não teológicas, iniciou quando?

(R): Nos anos de 1960, como free lancer eu conseguia publicar uns cinco por ano. Depois de 1969 começou a ser uns 4 ou 5 por mês quando eu comecei a pegar os brasileiros e a dar um voto de confiança ao novo pensamento brasileiro.

(N): Então antes de sua entrada e de Frei Ludovico a Vozes não publicava livros que não fossem teológicos?

(R): Publicava livros conservadores. Contra os protestantes, contra os espíritas, contra os hedonistas, era tudo contra. Era igual ao Bento XVI. Eu trouxe toda a linha da Igreja da libertação de D. Hélder que havia sido banida. Vendia enlouquecidamente, o inconsciente coletivo queria aquilo. Trouxe os catecismos da conferência dos bispos nova, que foi punida e vieram os conservadores; trouxe a sociologia do Padre Gregory, por séries, que era o que havia de mais importante. Eu trouxe o Nilton Carlos. Então foi gloriosa essa época dos anos 60, antes de nós começarmos realmente, em 69, um trabalho sistemático sobre o pensamento brasileiro. Nos anos 80, nós já éramos a editora mais importante do Brasil, nos anos 70! Graças a Frei Ludovico.

(N): Voltado ao tema inicial, a sua infância, gostaria que você falasse da importância que teve a figura paterna na sua formação.

(R): Meu pai era poderosíssimo e doce, como Frei Ludovico era poderosíssimo e doce. Meu pai era o maior industrial de São Paulo e, comigo, ele me achava um gênio. Ele me abraçava tanto que aquilo parecia um mel na minha alma. Foi quem eu amei, porque minha mãe era tão burra, tão burra, ela morreu agora há uns seis, sete anos atrás; tão burra quanto o era quando eu era criança. Eu descobri a burrice dela e rejeitei-a; Rejeitei o modelo feminino. Eu queria um homem com pênis e seios, que é o homem do futuro.

(N): É engraçado esse depoimento seu, como feminista, porque, também lendo sua autobiografia percebe-se que as figuras masculinas foram mais marcantes.

(R): Não teve nenhuma mulher que me marcasse. Só teve uma em minha adolescência, que era uma mulher extremante inteligente, que tinha lido Simone de Beauvoir no convento, na época que ela era terrivelmente proibida. E eu era apaixonada por aquela mulher. Eu achava que era assim que eu tinha que ser. Uma freira, que depois morreu nos anos 70, Madre Luisa. As meninas a adoravam e as outras freiras tinham uma inveja! Aquele foi meu modelo de mulher, que eu só consegui encontrar em minha adolescência. Eu não consegui encontrar um modelo de mulher que me satisfizesse e por isso eu fui ser intelectual, mulher e homem, ao mesmo tempo,

andrógena. A mulher é andrógena quando ela desenvolve a intelectualidade, o homem é andrógeno quando desenvolve a sensibilidade. Em termos grosseiros, quando desenvolve as características “femininas”, que na verdade são da humanidade, mas no patriarcado ficaram com a mulher. Em um livro chamado Feminino e Masculino – que eu escrevi com Leonardo Boff - eu faço a análise da androgenia, como ela foi rompida com o patriarcado, como eles eram andrógenos na pré-história. Depois, eu fiz isso em uma coleção pequena sobre a história do masculino e do feminino.

(N): Mudando de assunto, eu teria curiosidade de saber sua opinião sobre alguns temas atuais. Atualmente, como está a posição da Igreja com o Papa atual?

(R): O Ratzinger? Ele é um louco tarado. Ele proibiu a Ivone Gebara, proibiu a mim, a Leonardo e mais 140, todas as cabeças pensantes da Igreja tiveram que se retirar. E o episcopado escolheu esse homem! Quando eu vi que esse homem havia sido escolhido pensei: “Pronto, a Igreja acabou”. E, de fato, a Igreja está virando uma seita. O Leonardo senta o cacete nele. Ele vira o foco dele para re-cristianizar a Europa, que não adianta de nada (Europeu tem curso universitário), ao invés de olhar para os pobres e a América Latina que é onde tem futuro, onde as massas votam no pessoal de esquerda. Quer dizer, ele está com um foco totalmente conservador. Minha filha, tem tantas piadas de quando ele foi eleito! Tinha uma até que eu vou contar, se você quiser ponha na sua tese! Diz que, quando ele foi eleito foram perguntar pra ele assim: “Que nome o senhor vai tomar?” e ele disse: “Eu vou tomar o nome de Bento XVI, mas, se quiser, me chamem de Adolfo II”. Ele foi da SS – ele diz que não, mas foi – na juventude dele.

(N): E na sua opinião, porque a Igreja faz este esforço tão grande, conservador, para controle da sexualidade da mulher, por exemplo, na questão do aborto, de insistir da castidade como método anti-concepcional e no controle de doenças? Vai contra aos avanços da Teologia da Libertação.

(R): A Teologia da Libertação é uma Pós-Igreja, os Teólogos da Libertação estão todos condenados pelo Bento XVI. Tem história este cisma. Então, o Leonardo estava deprimido porque o Papa havia proibido Igreja, Carisma e Poder. No dia seguinte ao lançamento de um livro do Betinho, que ele tinha escrito com o Leonardo, eu disse: “Leonardo, o meu analista me diz que quando você tem um problema muito grande, tem que falar para o maior número de pessoas, foi assim que eu consegui me livrar do meu marido, do meu casamento porque você não fala?” Nesse dia, ele deu uma entrevista para a BBC de Londres, foi ouvida por 700 milhões pessoas. Aí a Igreja está: cindiu e está rachada até hoje. Por isso que a Igreja toma esse teor conservador, é um sinal de desespero, como é um sinal de desespero nos EUA. Se esse Obama ganhar ele vai ser assassinado uma hora dessas. O Kennedy foi assassinado por muito menos, ele é negro e amigo do Chávez, contra a guerra do Iraque, a favor das mulheres, muito menos conservador que a Hillary, filho de feminista, filho de pai e mãe que trabalhavam e que cuidavam juntos dos filhos.

(N): E aqui no Brasil qual é sua opinião sobre a política atual, o governo Lula?

(R): Lula foi eleito pelo pessoal de esquerda, mais pelas comunidades de base, pela Igreja, devia ser um Fernando Lugo, um operário saído das bases. Mas ele mostrou ser um homem de direita. Pra eu te dizer em um momento o que eu acho da política dele: ele deu uma esmolinha para os pobres que são essas bolsas família, escola, que foi tudo jogado na nossa economia, que está desenvolvendo o país, e deu um dinheiro monumental para os ricos que levaram tudo para Caimã, saiu tudo do Brasil, está tudo girando o mundo.

(N): E com relação às políticas públicas para as mulheres?

(R): Acho ótimo, a Nilcéia é (pausa). Tanto que eu sou do Conselho Nacional [dos direitos da mulher] e eu nem apareço mais lá, primeiro porque eu estou muito velha, me cansa muito com essa artrose pegar avião e ir para Brasília e ter um trabalho pesado, porque eu já fui do primeiro conselho, o da Ruth Escobar, e eu sei que é um trabalho pesado. Então, eu não vou nunca, olha eu disse à Nilcéia: “meu cargo está à sua disposição porque eu tenho plena confiança em você”, e aí ela me disse assim: “eu quero o seu nome no Conselho, que lhe dá credibilidade”. Então eu disse: “por sua causa eu vou ficar”. Eu nunca vou a Brasília receber prêmio porque eu não tenho saco, quem recebeu o prêmio Bertha Lutz por mim, foi ela. Eu não fui lá receber a minha patronagem do feminismo - porque eu sou patrona do feminismo brasileiro - eu não fui nem receber do Lula. O Lula, careca de me convidar, e eu não fui. Só vou se me pagarem cinco mil reais por uma conferência, e ponto. Prêmio, não. O Leonardo também não vai mais receber prêmio, a gente não agüenta mais. Eu já recebi o que, uns 15? Todos os prêmios que uma mulher poderia receber eu já recebi. Pra que? É papelão, qualquer cupim come.

(N): Mas não deixa de ser um reconhecimento à sua obra e seu trabalho...

(R): Tudo bem, mas eu tô pouco me lixando. Sabe por quê? Porque eu sou da escola do Padre Lebre: “Não pare para olhar as flores do caminho, vai sempre em frente e faz o que tem que ser feito”. Então, eu, com prêmio, sem prêmio, é tudo a mesma coisa. Nisso eu sou cristã. Eu faço por causa de uma frase do Evangelho que balizou minha vida: “procura primeiro o Reino de Deus e sua justiça e o resto virá por acréscimo” Sendo que reino de Deus é o reino da justiça, procura primeiro aquilo que você acha que vale a pena, que tem que ser justo e o resto vem por acréscimo. Foi sempre assim. Fama, dinheiro, eu ganho exatamente aquilo que eu preciso para comer, nem mais, nem menos. Sempre foi assim.

(N): Aliás, escritores, pensadores, no Brasil, com exceções, vivem vidas bem modestas.

(R): Com exceção de Paulo Coelho, que é o maior vendedor de porcaria do mundo, mas ele pegou o inconsciente coletivo em sua parte mais inconsciente, o desejo de

que você seja salvo dentro de suas idéias sem precisar ser incomodado. Essa ternurinha...

(N): Ele foi seu aluno, né?

(R): Foi, no Instituto Vila Lobos. Ele se lembrava mais de mim do que eu dele, eu até tinha esquecido. Não era dos mais brilhantes, não.

(N): Quem foram os brilhantes?

(R): Paulino da Viola, Carlos Imperial, tinha tantos interessantes. Paulo Coelho, naquela época, era letrista do Raul Seixas.

(N): Rose, de minha parte, as perguntas principais, acho que já foram feitas.

(R): Que bom, você ficou satisfeita com pouco, que ótimo! Eu pensei que você fosse entrar nos temas do movimento operário brasileiro, a mulher, os números. E eu pensei: vamos ver o que eu vou agüentar falar com essa doença.

Você leu A Automação e o Futuro do Homem? Aquele livro é tão atual, tão profético, ele tinha que ser só atualizado. Eu pensei que pudesse fazer isso e estou escrevendo um outro livro. Eu previ a internet, previ a biologia sintética, a inteligência artificial, e nunca tinha lido nada. Previ o desvio da humanidade em duas, com a engenharia genética, previ a tecnologia, sendo obsoleto o ser humano. Eu gosto mesmo é de pensar, eu nunca fui uma grande militante feminista porque eu gosto mesmo é de pensar. Pra quê? Tinha tantas...

(N): Mas sua contribuição como pensadora e militante foi importante!

(R): É uma coisa ou outra. Não há tempo para fazer as duas de forma organizada. Eu sou uma intelectual orgânica, no sentido gramsciano. Já Heleieth, não é uma

intelectual orgânica, ela não organizou as mulheres. Eu fui a primeira a detectar, a escrever e a organizar, e depois eu larguei. A Heleieth ficou no pensamento, e é ótima. Eu passei por cima da universidade, a universidade que adote meus livros!

(N): Você chegou a se formar em Física?

(R): Não, porque era todo o mundo esquizofrênico. Tanto que o meu pessoal dizia: “Eu vou pro projeto Manhattan porque, se eu não for, vai o meu vizinho e eu deixo de ganhar dinheiro”, olha a esquizofrenia daí! Isso é psicótico.

(N): Então diploma universitário você não chegou a obter?

(R): Nem quero, até hoje, é tarde demais, e graças a Deus, nunca precisei dele. Você não acha melhor ser premiada como patrona do feminismo brasileiro? Só eu e o Oscar Niemeyer temos isso, agora, todos os Honoris Causa não tem. Eu vou por cima de tudo, eu vou passando, eu sou porra louca ao extremo.

8.3- Regimento Interno do CNDM.

ANEXO I

REGIMENTO INTERNO (MINUTA)

CAPÍTULO I

DA FINALIDADE E DA COMPETÊNCIA

Art. 1º O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM, órgão colegiado de caráter consultivo e integrante da estrutura básica da SPM - Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, criado pela Lei nº 7.353, de 29 de agosto de 1985, tem por finalidade promover, em âmbito nacional, políticas para as mulheres com a perspectiva de gênero, que visem a eliminar o preconceito e a discriminação, inclusive as de aspectos econômicos e financeiros, ampliando o processo de controle social sobre as referidas políticas.

Art. 2º Ao CNDM compete:

- I - participar na elaboração de critérios e parâmetros para a formulação e implementação de metas e prioridades para assegurar as condições de igualdade às mulheres, inclusive na articulação da proposta orçamentária da União;
- II - propor estratégias de acompanhamento, avaliação e fiscalização, bem como a participação no processo deliberativo de diretrizes das políticas de igualdade para as mulheres, desenvolvidas em âmbito nacional;
- III - apoiar a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres na articulação com outros órgãos da administração pública federal e os governos Estadual, Municipal e do Distrito Federal;
- IV - promover a realização de estudos, debates e pesquisas sobre a realidade da situação das mulheres, com vistas a contribuir na elaboração de propostas de políticas públicas que visem a eliminação de todas as formas de preconceito e discriminação;
- V - participar da organização das conferências nacionais de políticas públicas para as mulheres;

- VI - propor o desenvolvimento de programas e projetos de capacitação em gênero no âmbito da administração pública;
- VII - articular-se com órgãos e entidades públicos e privados, não representados no CNDM, visando incentivar e aperfeiçoar o relacionamento e o intercâmbio sistemático sobre a promoção dos direitos da mulher;
- VIII - articular-se com os movimentos de mulheres, conselhos estaduais e municipais dos direitos da mulher e outros conselhos setoriais, para ampliar a cooperação mútua e estabelecimento de estratégias comuns de implementação de ações para a igualdade e equidade de gênero e fortalecimento do processo de controle social;
- IX - definir diretrizes e programas de ação do Colegiado;
- X - elaborar e propor modificações no seu regimento interno, formalizadas perante a assessoria do CNDM.

Parágrafo único. O CNDM formalizará suas deliberações por meio de Resoluções que serão publicadas no Diário Oficial da União.

CAPÍTULO II DA COMPOSIÇÃO E DO FUNCIONAMENTO

Art. 3º O CNDM tem a seguinte composição:

I – doze órgãos do Governo Federal:

II - dezoito representantes de entidades da sociedade civil:

III - três mulheres com notório conhecimento das questões de gênero designadas pelo Presidente da República:

§ 1o - As (os) integrantes dos órgãos de que tratam o inciso I serão substituídos, em suas ausências, por assessoria técnica indicada pelo respectivo titular.

§ 2o- Nos impedimentos, por motivos justificados, das (os) Conselheiras (os) titulares do CNDM, serão convocadas as respectivas assessorias técnicas e suplências.

§ 3o- As (os) Conselheiras (os) de que tratam os incisos II e III exercerão mandato de dois anos, a contar da data da posse, permitida uma única recondução.

Art. 4º As (os) Conselheiras (os) referidos nos incisos II e III do art. 3º poderão perder o mandato, antes do prazo de dois anos, nos seguintes casos:

- I - por falecimento;
- II - por renúncia;
- III - por afastamento do cargo na entidade;
- IV - pela ausência imotivada em três reuniões consecutivas do Conselho;
- V - pela prática de ato incompatível com a função de Conselheira ou Conselheiro, por decisão da maioria simples das (os) representantes do CNDM.

Parágrafo único. No caso de perda do mandato será designada nova Conselheira ou Conselheiro, para a titularidade da função, conforme previsto no Decreto 4.773, de 7 de julho de 2003.

CAPÍTULO III DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Art. 5º O CNDM, órgão colegiado da Secretária Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República contará com assessoria técnico – administrativa vinculada ao Gabinete.

CAPÍTULO IV DAS REUNIÕES

Art. 6º O CNDM reunir-se-á por convocação de sua Presidenta, ordinariamente, quatro vezes por ano e, extraordinariamente, mediante convocação de sua Presidenta ou de, no mínimo, dezessete Conselheiras ou Conselheiros titulares.

Art. 7º As reuniões ordinárias do CNDM, ressalvadas as situações de excepcionalidade, deverão ser convocadas com antecedência mínima de sete dias úteis, com pauta previamente comunicada às (aos) suas (seus) integrantes.

Art. 8º As reuniões ordinárias e extraordinárias do CNDM serão presididas pela titular da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Parágrafo único. Em caso de ausência ou impedimento da Presidenta do CNDM, quem coordenará a respectiva reunião será sua vice-presidenta.

Art. 9º Manifestada a necessidade, a Conselheira ou o Conselheiro poderá se fazer acompanhar de assessoria técnica nas reuniões do CNDM.

§ 1º As assessorias técnicas dos integrantes do CNDM que constam nos incisos I e II do art. 3º deste Regimento serão custeadas pelos respectivos Órgãos e entidades da sociedade civil.

§ 2º As assessorias técnicas das (os) integrantes constantes do inciso III do art. 3º deste Regimento, quando eventualmente convocadas, poderão ser custeadas pela Presidência da República.

Art. 10 Poderão ser convidados a participar das reuniões ordinárias e extraordinárias do CNDM, sem direito a voto, a juízo da Presidenta do Conselho, personalidades e representantes de órgãos e entidades públicos e privados, dos Poderes Legislativo, Judiciário e outros Órgãos do Poder Executivo, bem como técnicos sempre que da pauta constarem temas de sua área de atuação.

Art. 11 Às reuniões ordinárias e extraordinárias do CNDM, dos Grupos Temáticos e das Comissões, poderão assistir cidadãs e cidadãos convidados pela Presidenta deste Conselho ou por deliberação majoritária das (os) suas (seus) integrantes.

Art. 12 As reuniões do CNDM serão realizadas preferencialmente em Brasília, Distrito Federal.

Art. 13 As reuniões serão abertas, em primeira convocação, com a presença da maioria de suas (seus) integrantes e em segunda chamada, com a presença de qualquer número após 30 (trinta) minutos.

Art. 14 Da pauta das reuniões ordinárias do CNDM constará referências sobre os seguintes assuntos:

- I - apreciação e aprovação da ata da reunião anterior;
- II - votação da pauta proposta;
- III - encaminhamento e aprovação de proposições, pareceres, ações, e estudos sobre temas correlatos, e
- IV - correspondências e/ou informações recebidas pela Presidenta do CNDM formalmente.

CAPÍTULO V

DAS ATRIBUIÇÕES DAS (OS) INTEGRANTES DO COLEGIADO

Art. 15 São atribuições da Presidenta do CNDM:

- I- convocar e presidir as reuniões do colegiado;
- II- solicitar ao CNDM a elaboração de estudos, informações e posicionamento sobre temas de relevante interesse público;
- III- firmar as atas das reuniões do CNDM;
- IV- constituir e organizar o funcionamento dos Grupos Temáticos e das Comissões e convocar as respectivas reuniões;
- V- dirigir, coordenar e supervisionar as atividades do Conselho;
- VI- representar o CNDM nos atos que se fizerem necessários;
- VII- indicar integrante do Colegiado para participar de atividades e comissões, realizar estudos e emitir pareceres;
- VIII- assinar as resoluções aprovadas pelo CNDM;
- IX- manter informado o CNDM sobre metas e programas da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e ações conjuntas,
- X- proporcionar exposições e/ou debates sobre temas correlatos às competências do CNDM; e
- XI- providenciar a publicação em Diário Oficial da União das deliberações aprovadas pelo CNDM.

Art. 16 Às (os) integrantes do Conselho compete:

- I- aprovar a pauta das reuniões;
- II- participar e votar nas reuniões;
- III- integrar Grupos Temáticos, Comissões, trabalhos e estudos e propor cronograma das respectivas atividades à presidência;

- IV- propor a convocação de reuniões extraordinárias, desde que subscrita pela maioria simples das Conselheiras ou Conselheiros titulares do Colegiado;
- V- realizar estudos, apresentar proposições, apreciar e relatar as matérias e ações que lhes forem atribuídas;
- VI- propor e requerer esclarecimentos necessários à apreciação dos assuntos em pauta;
- VII- desempenhar outras atribuições que lhes forem designadas pela Presidente.

CAPÍTULO VI

DISPOSIÇÕES FINAIS

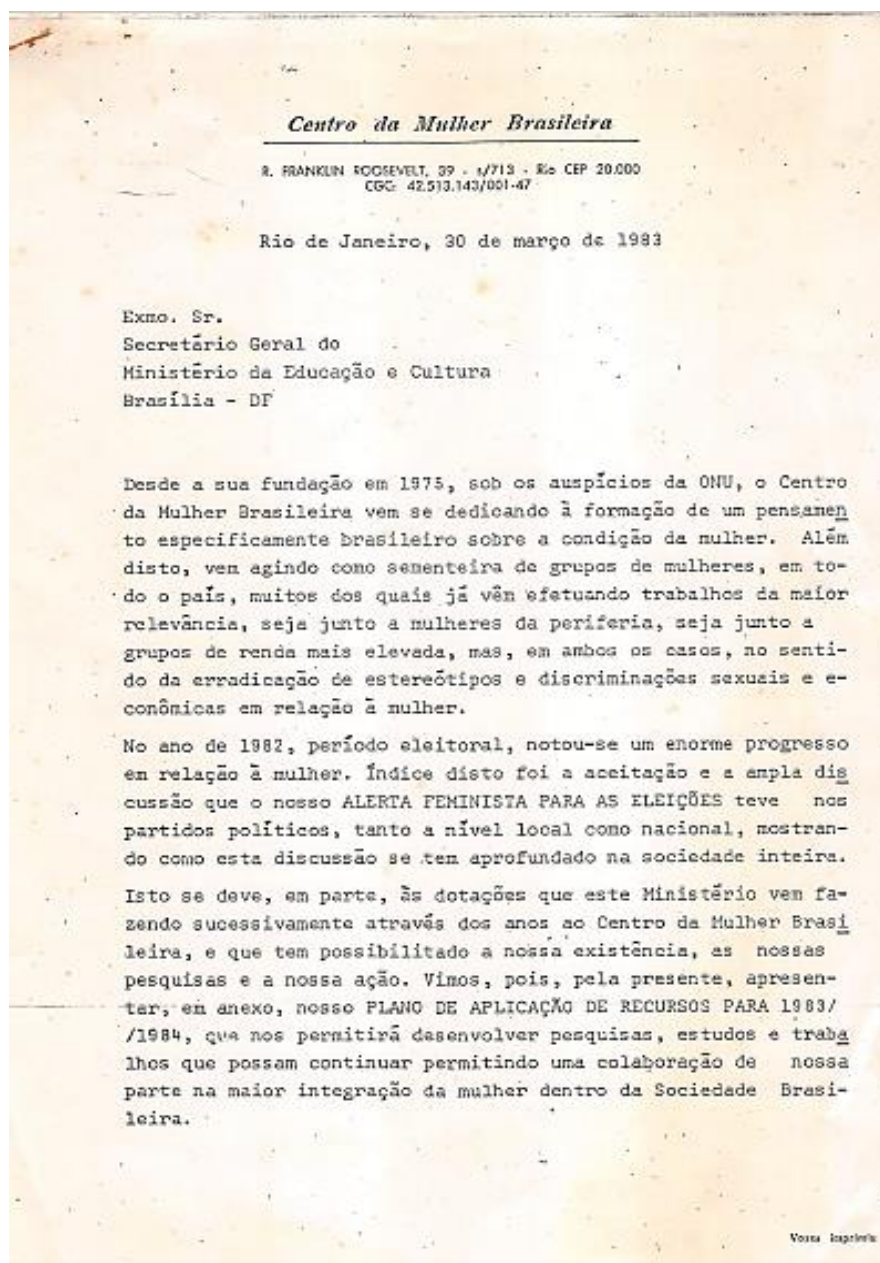
Art. 17 A participação nas atividades do CNDM, dos Grupos Temáticos e das Comissões será considerada função relevante e não será remunerada.

Parágrafo único. Será expedido pelo CNDM aos interessados, quando requerido, certificado de participação nas atividades do Conselho, dos Grupos Temáticos, das Comissões, dos trabalhos e estudos.

Art. 18 Os casos omissos e as dúvidas porventura surgidas na aplicação do presente Regimento Interno serão dirimidas pela Presidenta do CNDM, ad referendum do Colegiado.

Art. 19 Este regimento entra em vigor na data de sua publicação.

8.4- Carta de 1983 ao secretário geral do Ministério da Educação e Cultura do CMB.



Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - 1/713 - Rio CEP 20.000
CGC. 42.512.143/001-47

2

Nosso plano será aplicado nas seguintes áreas:

1. SEXUALIDADE DA JUVENTUDE BRASILEIRA
2. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA BAYADA FLUMINENSE
3. A MULHER RURAL E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO
4. O COMPROMISSO FEMININO NA SOCIEDADE BRASILEIRA:
PASSIVIDADE OU LUTA?
5. MANUTENÇÃO E APOIO ADMINISTRATIVO PARA A REALIZAÇÃO
DOS TRABALHOS ACIMA.

Sem mais, despedimo-nos, atenciosamente.

Pelo Colegiado do Centro da Mulher Brasileira,

Rose Marie Muraro

Rose Marie Muraro

Ely Santos

Ely Santos

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - s/713 - Rio CEP 20.000
CGC: 42.513.143/001-47

**PLANO DE APLICAÇÃO DE RECURSOS
PARA 1983/84**

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 99 - 4713 - Rio CEP 20.000
COC 42.513.142/001-47

1

1. SEXUALIDADE DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Esta é a segunda parte da primeira pesquisa SEXUALIDADE DA MULHER BRASILEIRA - CORPO E CLASSE SOCIAL NO BRASIL. Conforme nosso relatório anterior, o livro foi publicado em janeiro de 1983, tendo obtido a melhor repercussão nacional e internacional. Constitui mesmo, desde já, referência obrigatória para todos aqueles que trabalham sobre o comportamento humano, principalmente o da mulher, e também para todos os grupos de ação, sejam feministas ou movimentos sociais, partidos políticos, comunidades de base, etc. seja a nível local, seja a nível nacional.

Esta segunda pesquisa, SEXUALIDADE DA JUVENTUDE BRASILEIRA: FAMÍLIA E CLASSE SOCIAL NO BRASIL, já se encontra em pleno andamento, coordenada pela equipe que realizou a primeira. Em 1982 foram realizados todos os seminários preliminares, o levantamento de bibliografia, as entrevistas-piloto na periferia do Rio de Janeiro, estando em elaboração os questionários definitivos a serem aplicados. Deve ser encerrada em julho de 1984, passando, então, à fase de redação final e publicação.

Para esta segunda fase da pesquisa, necessitamos das seguintes quantias nos itens previstos por este Ministério:

1.1. Material de Consumo:

	<u>Cr\$</u>
Neste item está incluída a compra de papel, fitas cassete e outros materiais	500.000

1.2. Remuneração de Serviços Pessoais:

a) 1 coordenadora (Cr\$60.000x12).....	720.000
b) 2 auxiliares de pesquisa (25.000x12)..	600.000
c) Consultores	300.000
d) 5 entrevistadoras (400.000 x 5).....	2.000.000
e) IAPAS	262.000
	<u>3.982.000</u>

Vozes Imprimidas

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - 4719 - Rio CP 20.000
CGC: 42.513.143/001-47

2

1.3. Outros Serviços e Encargos:

Incluindo viagens dos pesquisadores, transporte,
alimentação e mais cópias xerográficas e serviços
gráficos

1.500.000

1.500.000

TOTAL

5.992.000

Veres Iniciais

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - 4/713 - Rio CEP 20.000
CGC. 42.513.143/001-47

3

2. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA BAIXADA FLUMINENSE

No ano de 1982 realizamos a análise e interpretação dos dados colhidos na pesquisa de campo, através de uma amostra de 230 mulheres, do lar, moradoras na Baixada Fluminense, mais precisamente na periferia de Nova Iguaçu.

De um modo geral pôde-se, do que foi visto, traçar um perfil das mulheres objeto da pesquisa, bem como desenvolver uma análise interpretativa da sua realidade cotidiana. Esse quadro é completado pela análise das questões abertas, onde o discurso das entrevistadas foi interpretado no seu sentido explícito e implícito. Do vito nesse conteúdo, pudemos chegar ao problema da ideologia que pregamos nortear toda a realidade vivencial das mulheres donas-de-casa, e onde a opressão e o papel altamente condicionado a que se submetem essas mulheres, embora percebidos, são aceitos como algo natural.

Uma vez concluída a pesquisa realizada nos dois últimos anos, e fazendo-se necessário tornar públicos seus resultados, solicitamos esta verba para publicação deste trabalho, bem como a sua divulgação nas comunidades periféricas que, tendo sido objeto da referida pesquisa, se constituem, de acordo com nossos objetivos originais, no núcleo de leitores que visamos atingir.

Esse trabalho com as comunidades, no entanto, não deverá se resumir no dar conhecimento dos textos finais aos quais chegamos; queremos sim, voltando às comunidades, levar junto com elas todo um trabalho de esclarecimento e conscientização sobre o papel da mulher dona-de-casa, o que esperamos fazer, através dos debates, encontros e participação em peças teatrais, onde o assunto da pesquisa seja efetivamente vivenciado pela população alvo.

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - A/713 - Rio CEP 20.000
 CCG. 42.513.143/001-47

4

A verba prevista para publicação e divulgação da pesquisa é a seguinte:

<u>2.1. Material de Consumo:</u>	
Incluído filmes para fotografias, papel, etc.....	100.000
<u>2.2. Remuneração de Serviços Pessoais:</u>	
Incluindo redação final, datilografia, copy-desk, revisão, e encargos	1.050.000
<u>2.3. Outros Serviços e Encargos:</u>	
Incluindo cópias fotográficas, serviços de impressão, e transporte e alimentação para distribuição e divulgação	<u>1.500.000</u>
TOTAL	2.650.000

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - s. 713 - Rio CEP 20.000
CGC - 42.510.143/001-47

5

3. PESQUISA SOBRE A MULHER RURAL E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO

Esta pesquisa será realizada na área rural do município de Mangaratiba (litoral sul-fluminense), como prolongamento de uma outra já realizada no mesmo município e pela mesma equipe (financiada pela Fundação Ford). Esta pesquisa tem por objetivo descobrir em que medida o processo de modernização capitalista (no caso a construção da Represa de Ribeirão das Lajes, numa primeira fase, e depois, de um trecho da Rio-Santos), e todas as mudanças que este processo acarreta influen no elemento feminino das populações rurais, em geral despreparadas para esta mudança. Esta pesquisa tem interesse inclusive a nível nacional, dada a rapidez com que os processos de modernização penetram nas regiões rurais brasileiras. Frisar-se-á também a atenção da pesquisa sobre a mulher como reprodutora dos padrões de cultura popular e os conflitos que a modernização traz a nível da religiosidade popular.

São as seguintes as quantias solicitadas para realização desta pesquisa:

3.1. Material de Consumo:

Incluindo filmes para fotografia, papel, etc..... 200.000

3.2. Remuneração de Serviços Pessoais:

a) 1 coordenadora (Cr\$60.000x8).....	480.000	
b) 1 auxiliar de pesquisa (25.000x6).....	150.000	
c) 1 estatística (60.000).....	60.000	
d) 8 entrevistadoras	240.000	930.000
e) IAFAS		93.000
		<u>1.023.000</u>

3.3. Outros Serviços e Encargos:

Viagens e estadia da equipe em Mangaratiba 800.000

TOTAL 2.023.000

Voces Impostos

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - s/713 - Blo. CEP 20.000
CGC: 42.513.143/001-47

6

4. O COMPROMISSO FEMININO NA SOCIEDADE BRASILEIRA:
PASSIVIDADE OU LUTA?

Pretende-se, através desta pesquisa, fazer um quadro da mulher média brasileira nos últimos vinte anos, em termos de momentos marcantes em seu ciclo vital, como pontos críticos de mudança de vida. Tratar-se-á da questão do "compromisso social" relativamente à passividade e tradicionalismo, e do conceito de "ajuste situacional" às tentativas de transformação tanto a nível individual quanto a micro-estruturas sociais. Procurar-se-á mapear o repertório de problemas femininos em termos de questões e de localização no espaço urbano nacional, ao longo do período estabelecido pela pesquisa. Como material de observação, analisar-se-á a seção de correspondência de leitoras de revista feminina (CLÁUDIA, da Editora Abril) de 1961 a 1982.

Este é o orçamento previsto para a realização da pesquisa:

4.1. Material de Consumo:

Incluindo papel, material de expediente etc. 120.000

4.2. Remuneração de Serviços Pessoais:

a) 1 Coordenadora (Cr\$80.000x12).....	720.000	
b) 1 auxiliar de pesquisa (25.000x12).....	300.000	
c) 3 estagiários	100.000	
d) IAPAS	120.000	1.342.000

4.3. Outros Serviços e Encargos:

Transporte e alimentação para viagens a São Paulo, para entrevistas com consultores	150.000	
--	---------	--

TOTAL 1.612.000

Centro da Mulher Brasileira

R. FRANKLIN ROOSEVELT, 29 - s. 713 - Rio CEP 20.000
 CCG 42.513.142/001-47

7

5. PARA AS DESPESAS DE MANUTENÇÃO E APOIO ADMINISTRATIVO,
 INDISPENSÁVEIS À REALIZAÇÃO DOS TRABALHOS,
 incluindo sala para reuniões, telefone etc.,
 solicitamos as seguintes quantias:

5.1. Material de Consumo:

Material de expediente, material de limpeza etc... 500.000

5.2. Remuneração de Serviços Pessoais:

a) Datilografia	1.100.000	
b) Limpeza	150.000	
c) Manutenção	100.000	
d) Administração/Contabilidade	<u>500.000</u>	1.850.000

5.3. Outros Serviços e Encargos:

a) Aluguel (12 meses)	840.000	
b) Luz, gás, telefone	300.000	
c) Cópias xerográficas	60.000	
d) Impressão de Boletim Informativo às sócias, com Relatórios parciais das pesquisas e outras atividades do CMB	<u>800.000</u>	<u>1.600.000</u>
	TOTAL	3.950.000

Centro da Mulher BrasileiraR. FRANKLIN ROOSEVELT, 39 - s/713 - Rio CEP 20.000
CGC. 42.513.143/001-47

8

RESUMO DO PLANO

	<u>Cr\$</u>
1. Sexualidade da Juventude Brasileira	5.982.000
2. Violência contra a Mulher na Baixada Fluminense	2.650.000
3. A Mulher Rural e o Processo de Modernização	2.023.000
4. O Compromisso Feminino na Sociedade Brasileira: Passividade ou Luta?	1.612.000
5. Manutenção e Apoio Administrativo	<u>3.950.000</u>
Total solicitado	16.217.000
1. Material de Consumo	1.420.000
2. Remuneração de Serviços Pessoais	9.247.000
3. Outros Serviços e Encargos	<u>5.550.000</u>
Total solicitado	Cr\$ <u>16.217.000</u>

Rio de Janeiro, 30 de março de 1983

Pelo Colegiado do Centro da Mulher Brasileira,

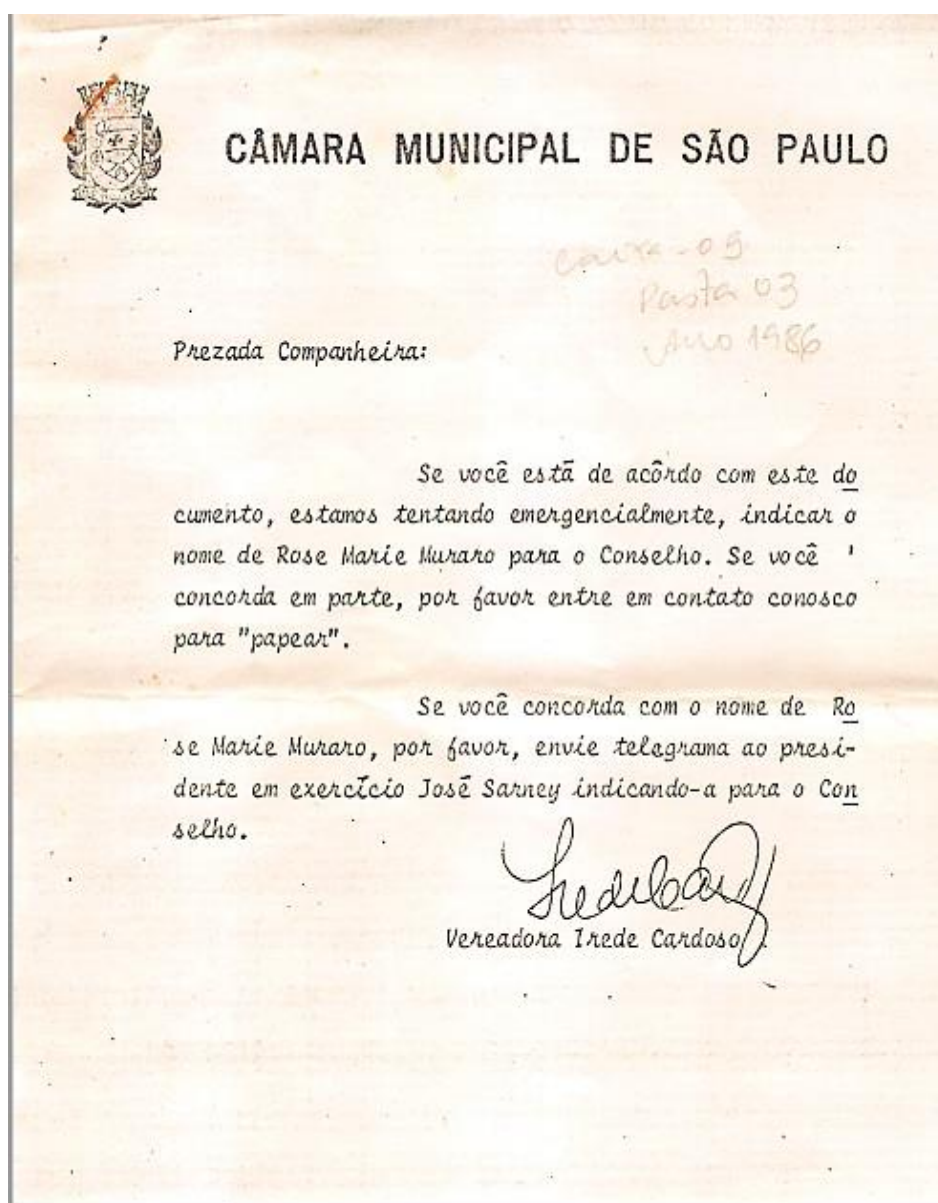
Rose Marie Muraro

Rose Marie Muraro

Ely Santos

Ely Santos

8.5 - Documento da Câmara Municipal de São Paulo escrito pela vereadora Irene Cardoso.



SUBSÍDIOS PARA UM CONSELHO

OU MINISTÉRIO DA MULHER

INTRODUÇÃO

O Conselho da Condição Feminina do Estado de São Paulo foi formado sem que se procedesse à necessária consulta às entidades de mulheres nos vários níveis da sociedade. Convém fazer que a própria palavra "Conselho" e seu significado não foram ainda compreendidos pelas mulheres organizadas em grupos, sobretudo na periferia.

Esse Conselho foi imposto dentro de uma organização partidária e deixou de lado a grande oportunidade de ser realçada o porta-voz das entidades femininas já existentes no Estado. Na sua formação o Conselho teve uma conotação tipicamente "feminina", ou seja, as conselheiras não recebiam qualquer espécie de remuneração, o que impediria sua dedicação ao trabalho em tempo integral.

A remuneração das conselheiras é imprescindível, pois trata-se de trabalho político-administrativo do mesmo nível de seus congêneres. Convém rever os dados dessa experiência para que não se repita a nível federal. Para isso, várias providências se fazem necessárias, com discussão política profunda sobre o que queremos e o que pretendemos, de fato, realizar pela mulher brasileira.

Um Conselho não pode procurar a auto-promoção, usando recursos de outras secretarias. Não pode ser mero repassador de tarefas e não pode, sobretudo, ter espírito de corporatividade, evitando críticas e atos de discriminação praticados pelo próprio governo em que está inserido.

Outra questão negativa e imperdoável foi o fato de que o Conselho não colocou, de início, uma mulher negra entre seus membros. Diante da gravidade do fato, no final de um ano, depois de vários protestos, uma representante negra foi designada pelo Conselho e nomeada por ato do Governador. Esses erros precisam ser evitados. Não são o extremo partidarismo político, como a falta de representatividade e o espírito de corporatividade são lamentáveis e ferem o princípio de respeitabilidade que deve estar intrínseco à criação e ao



Câmara Municipal de São Paulo

- 02 -

funcionamento de um Conselho que se destine a cuidar da condição da mulher.

A mulher, especialmente a que se engajou no movimento feminino ou feminista é extremamente suscetível, em virtude de todos os anos de opressão em que se vê mergulhada até hoje, não tendo qualquer expressão política real.

Existem entidades que são meros aparelhos de ação política, geralmente clandestinas, que tentam tomar a frente da representação das mulheres sem ter na verdade qualquer representatividade e confundindo a opinião pública. O exemplo mais claro vem da chamada Federação das Mulheres, entidade articulada com o movimento clandestino denominado MR-8. Essa "Federação" tem-se apresentado no Exterior, dizendo-se representante das mulheres brasileiras, alegando realização de eventos inexistentes e obtendo verbas vindas de fora do país; a última destas ocorrências deu-se recentemente, em Cuba, durante a realização de uma das reuniões preparatórias do Congresso que se realizará em Nairobi, em julho próximo, convocado pela ONU, sobre a Mulher na Década, da qual participaram várias mulheres brasileiras da área de comunicações.

Tais informações são fundamentais para que não caia no erro de guindar ao Conselho mulheres por demais conhecidas por seus processos de luta pelo poder, que arrebanham recursos financeiros para seus próprios interesses, reforçando apenas a descrença na possibilidade efetiva de nossa organização e da nossa luta pela emancipação da mulher brasileira, dentro de estritos procedimentos democráticos.

MINISTÉRIO OU CONSELHO ?

Qualquer tentativa governamental de criar um serviço que venha a arrancar da miséria e ignorância qualquer setor do povo brasileiro, precisa, fundamentalmente, levar em consideração as condições políticas, o momento que estamos vivendo, compreendendo as divisões que se cristalizarem e se cristalizam no seio das organizações sociais, sejam elas particulares, partidárias, sindicais ou populares. É sabido que o movimento de mulheres, da mesma forma, sofre as injunções das novas formações partidárias, de tal modo que operar nesta área exigirá das autoridades, para se obter eficiência e produtividade efetivas, visão ampla da situação que atravessamos.

Isto posto, torna-se necessário colocar, a grosso modo, dois pontos de vista que têm orientado a ação política brasileira. Um vigorando do lado do poder e outro crescendo do lado que se encontram "sob o poder". A tradição brasileira, em matéria política, tem sido paternalista e clientelista, desviando-se assim, do objetivo primordial de qualquer ação política profícua, que deve ser, para qualquer estadista, a educação da população: a educação formal e a educação política com vistas à sua efetiva participação na solução dos graves problemas que nos afetam em todas as áreas.

Ao refletirmos sobre a questão da participação, percebemos que a visão política sobre ela tem sido distorcida.

Quando uma pessoa está, pessoalmente, envolvida na solução de um problema, ela já não faz parte do problema, mas de sua solução; da mesma forma, se construímos, de forma alternativa, processos que levem a população feminina a se envolver na solução de problemas, teremos conseguido atingir uma das metas mais importantes em nossa luta contra a desigualdade social.

Nas essa luta não pode ser levada a cabo sem planejamento e coordenação responsável e representativa. Assim, torna-se fundamental que o planejamento e a coordenação sejam feitas pelos que já obtiveram, através de sua atuação, respaldo das companheiras, seja ele político ou técnico. E aqui está o núcleo da questão: como obter tal representatividade e respaldo em um país, como o Brasil, de proporções continentais, em que a população feminina não se encontra

em grau de organização satisfatório para escolher seus representantes?

Não há condições de se criar um Conselho ou um Ministério da Mulher, de choque, o que seria de todo desastroso. As mulheres estão organizadas em grupos políticos divergentes, com projetos políticos diversos, muitos em contradição e chamar tais pessoas para a coordenação ou planejamento, seria abortar qualquer possibilidade de sucesso neste projeto de tão alta significância para as mulheres brasileiras.

Deveria ser formado um primeiro grupo de coordenação e planejamento, procurado entre as mulheres mais representativas das áreas de ação diretamente ligadas à questão da mulher; o mandato seria de um ano e o objetivo principal seria dar impulso inicial ao trabalho, organizando ampla pesquisa em todos os Estados de Federação para obter visão clara e verdadeira da situação da mulher brasileira e destacar os projetos prioritários em cada região.

É fato notório que existem, em todo o País, inúmeras mulheres em partidos políticos, na administração pública, na universidade ou em movimentos sociais, que hoje se destacam por sua competência e empenho no trabalho e que poderiam, claramente, dar enorme contribuição para o projeto da criação de um Conselho ou Ministério da Mulher.

É preciso, portanto, que, em primeiro lugar, seja estudado plano inicial de escolha das representantes por Estados, que deveriam ser buscadas nas Universidades, quer federais, estaduais ou particulares e confessionais, onde haja núcleos de estudos sobre a mulher ou mulheres engajadas nesta luta; nos movimentos feministas, nos movimentos populares, nas "casas da mulher" e outras entidades que há quase dez anos, vem se dedicando voluntariamente à luta pela dignidade da mulher; nas administrações públicas, onde técnicas têm se esforçado para colher dados e aplicar projetos sobre a saúde; o direito, o atendimento psicológico da mulher, etc.

Essas representantes, cerca de três a cinco por Estado, deveriam ser remuneradas em consonância com os salários pagos no mercado de trabalho para se dedicarem à tarefa específica de realizar ampla pesquisa e levantar dados e informações, sobre a situação da mulher em todos os níveis de sua região. Deveriam ter também por ta



Samara Municipal de ...

- 3 -

refa estimular e oferecer seus préstimos, com a ajuda de parlamentares e de outros elementos da sociedade, para o desenvolvimento de grupos de mulheres voltados ao objetivo da emancipação da mulher.

Com um trabalho desse teor, feito por um ano, durante o qual haveria reuniões mensais (em Brasília) para apresentação dos relatórios de trabalho e trocas de experiências, teríamos amplo levantamento da situação da mulher na sociedade brasileira, aproveitando-se para isso as pesquisas já existentes, que nos dão excelente panorama da realidade e das reivindicações que vem sendo apresentadas pelas mulheres.

Mas não basta, evidentemente, que os Estados representados e que sejam realizadas reuniões periódicas. É preciso ainda estabelecer uma fórmula capaz de criarmos, a nível federal, a coordenação responsável pela orientação, fiscalização e recolhimento dos dados, pesquisas e informações, dando a todo o material obtido, a estrutura final que irá permitir uma visão nacional da situação da mulher brasileira e as sugestões para o encaminhamento dos problemas apresentados, por regiões e a nível nacional.

Se a opção for um Conselho, este deverá estar ligado hierarquicamente à Presidência da República, ramificando-se pelos níveis estadual e municipal. Dois movimentos são previsíveis o primeiro, de formação do grupo de trabalho, não burocrático e representativo, o segundo de constituição do Conselho, segundo os moldes da República e da Constituinte.

Para impedir a personificação do poder, a Presidência do Conselho deverá respeitar o critério de rotatividade, entre membros do Conselho, sucessivamente.

Para escolher essa representação, a nível federal, é preciso resguardar-nos das mulheres oportunistas, das que desejam o poder e das que não têm boa imagem no movimento de mulheres pelas mesmas razões apontadas. Seria preferível escolher mulheres conhecidas pelo trabalho que desenvolvem na sua área, mesmo não sendo famosas, formando um grupo suprapartidário e de competência inquestionável, responsável por esta imensa tarefa.

É preciso assegurar a democracia interna das decisões sem, contudo, deixar-se engolir por uma falsa democracia deci-

sônia que apenas perde tempo em intermináveis reuniões com medo do "arbitrarismo" que hoje se transformou num fantasma. Não confundir eficiência com arbítrio, sendo a eficiência valor fundamental para o sucesso do trabalho.

Outra tarefa será divulgar o trabalho que irá se desenvolver, usando-se todos os meios de comunicação para atingir o maior número possível de mulheres, especialmente aquelas que não estão em organizações e que são a grande massa das mulheres, estimulando-as a formar ou a se agregar nos já existentes, em todas as áreas: mulher e educação, mulher e legislação trabalhista, civil e criminal, previdenciária e tributária, de tal forma que possamos disciplinar a efetiva participação da maioria.

Se o trabalho for assim realizado, depois de um ano de intensa e persistente ação, os debates provocados já terão desencadeado maior conscientização e maior grau de organização entre as mulheres. É importante que o trabalho seja divulgado não só para a população feminina, mas para toda o país, para se fugir ao eterno desvio de fazer da questão de mulheres uma questão particular "entre amigos". Os meios de comunicação terão que ser acionados para que essas informações não se circunscrevam aos programas ditos femininos e aos horários menos nobres da programação.

O grupo de coordenação deveria ser formado por vinte mulheres, no máximo, em nível federal, trabalhando em reuniões quinzenais, e fazendo uma reunião mensal com as representantes estaduais. Fim do ano de coordenação e planejamento já deveria estar pronta a fórmula da eleição do Conselho, entre mulheres que viessem a merecer a confiança dos grupos envolvidos da população-feminina; para o prosseguimento do trabalho. Nesta segunda fase, a do Conselho propriamente dito, o trabalho seria mais complexo: o da implantação de projetos prioritários, resultante de toda a pesquisa feita anteriormente nos Estados acolhidos pela comissão federal.

No decorrer do trabalho dos Grupos Estaduais e da comissão federal é indispensável que se efetuem debates amplos e abertos.

Embora, no decorrer do processo, muita coisa possa ser modificada, é preciso empenho pessoal do grupo que iniciar o trabalho, para que os critérios de representatividade e respaldo sejam respeitados; caso contrário, tanto as pessoas quanto o trabalho sairiam

absolutamente "queimados" e estariam pondo em risco a nossa própria ca
pacidade política de trabalho.

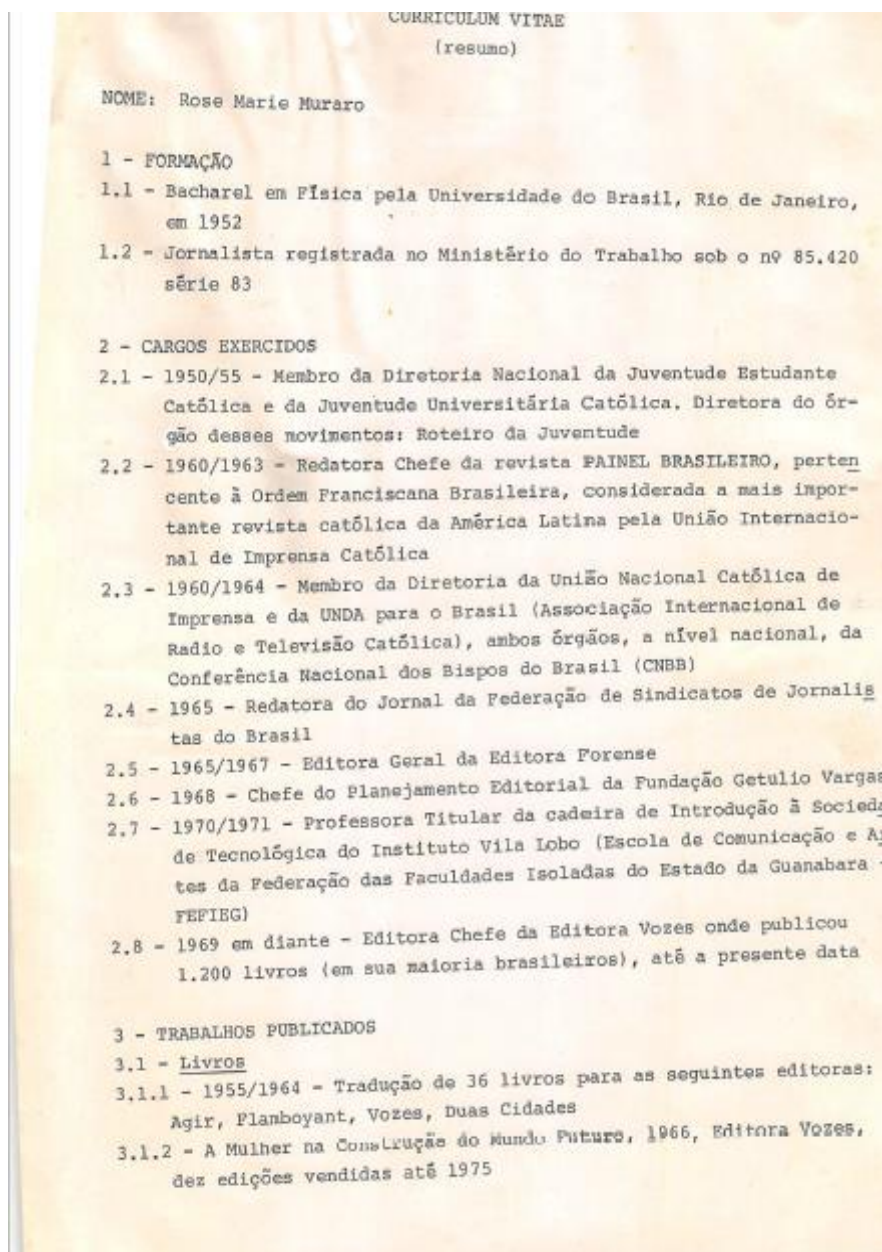
Quanto aos nomes das mulheres a serem indi
cadas neste período de construção de um órgão federal destinado a cui-
dar da população feminina, creio que não seria difícil encontrá-las. As
sugestões deveriam vir dos grupos de mulheres, cuja relação se encon-
tra já cadastrada, das secretarias estaduais e das universidades, além
das fundações, como a Fundação Carlos Chagas de São Paulo, onde se en
contra uma das melhores equipes de pesquisadoras que realizaram traba-
lhos importantíssimos sobre a questão da mulher.

Depois de um ano de trabalho, ai sim, tere-
mos condições de criar um órgão adequado, seja um Conselho, seja um Mi
nistério para a mulher brasileira e teremos conseguido seleccionar as
mulheres que realmente desejam servir, trabalhar e elevar a dignidade
da mulher brasileira.

CASA DA MULHER
ASSOC. FEMININA DA ZONA NORTE
MARTA LUIZA ELUF
ROSE MARIE MURARO
MANCY VALDARES
MARTA DO CARMO
BENEDITA SAVI FERRARI
ESTHER GÖES

CARLITO NATA
MARTA SUPICY
THEREZA SANTOS
CÉLINA ALBANO
CRISTINA TAVARES
JUNIA MARISE
FLORIZIA FERUCCI
IR. DE CARDOSO

8.6- Curriculum Vitae de Rose de março de 1984.



- 3.1.3 - Automação e o Futuro do Homem, 1968, Editora Vozes, 5 edições até 1975

Ambos estes livros foram proibidos pela Censura do Governo Brasileiro, em 9/10/1975

- 3.1.4 - Libertação Sexual da Mulher, 1970, Editora Vozes, 4 edições

- 3.1.5 - Sexualidade da Mulher Brasileira-Corpo e Classe Social no Brasil, como resultado de pesquisa financiada pela Fundação Rockefeller, em 1979, e pelo Ministério da Educação e Cultura, 1980. O livro alcançou 4 edições em 1983, tendo entrado para a lista dos mais vendidos do Brasil (O Globo, Folha de São Paulo, Veja e outros), durante 26 semanas. O dossier (incompleto) do livro, referente a 1983, contém:

2 reportagens em jornais internacionais

9 reportagens em revistas brasileiras de grande tiragem

22 reportagens em primeiras páginas de jornais nacionais (de capitais) e

67 reportagens outras.

Os lançamentos nos vários estados brasileiros foram patrocinados por Assembléias Legislativas, Câmaras de Deputados, Câmaras de Vereadores, Comissão Justiça e Paz, Ordem dos Advogados do Brasil, Partidos Políticos, além de Associações de Mulheres

3.2 - Artigos

- 3.2.1 - REVISTAS - Cerca de 90 artigos publicados nas maiores revistas do País, como: Manchete, Nova, País e Filhos, Realidade, Visão, etc

- 3.2.2 - JORNAIS - Autora de centenas de artigos publicados nos maiores jornais do País, incluindo Correio da Manhã, Jornal da Tarde, Estado de São Paulo, etc.

1974/75 - Foi crítica literária do Jornal do Brasil

1976/77 - Escreveu para a página "As Cariocas", publicada em 12 capitais brasileiras, com cerca de 1 milhão de leitores.

Atualmente, é colaboradora da Folha de São Paulo.

4 - ATIVIDADES FEMINISTAS E OUTRAS

- 4.1 - 1971 - Trouxe, através da Editora Vozes, a escritora Betty Friedan ao Brasil, cujo livro The Femenine Mystique publicou em português. A partir dessa data foi convidada por instituições de todo o País para

levar o problema da mulher, antes que se formassem os primeiros grupos feministas no Brasil.

- 4.2 - Conferências: A partir de 1971 foi convidada por inúmeras universidades brasileiras para fazer conferências ou ciclos de palestras sobre a questão da mulher no Brasil. Entre elas: Universidade do Ceará, de Piauí, de Pernambuco, de Brasília, de Minas Gerais, de São Paulo, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, PUC-RJ, PUC-SP e outras inúmeras instituições.
- 4.3 - Grupos Feministas: A partir de 1975 ajudou a fundar os principais grupos feministas do Brasil. Entre eles: o Centro da Mulher Brasileira e o Centro de Desenvolvimento da Mulher Paulista, ambos sob os auspícios das Nações Unidas.
- 4.4 - Prêmios recebidos: Eleita MULHER DO ANO pelos Jornais O Globo, Correio da Manhã e Mundo Ilustrado, em 1971.
Eleita MULHER DO ANO pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, em 1977.
Em 1981, em São Paulo, homenageada no dia 8 de março por 10.000 operárias reunidas em evento patrocinado pelo Centro da Mulher Brasileira (Setor São Paulo) como "A mulher que mais se destacou na década de 70 na luta pela Condição da Mulher".
1984 - MULHER DO ANO, prêmio concedido pelo Clube Nova Mulher (São Paulo).
- 4.5 - Cerca de 150 entrevistas em rádios, jornais e televisões brasileiras sobre o problema da mulher.
- 4.6 - Palestras e debates em Sindicados, Associações Profissionais e outras
- 4.7 - Participou de inúmeros congressos nacionais e internacionais.

5 - ASSOCIAÇÕES A QUE PERTENCE

- 5.1 - Membro da Diretoria do Centro da Mulher Brasileira
- 5.2 - Membro Suplente da Diretoria do Sindicato dos Escritores do Município do Rio de Janeiro
- 5.3 - Membro da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência

6 - VIAGENS INTERNACIONAIS

- 6.1 - 1977 - Recebeu um Fulbright Fellowship. Deu aulas durante um semestre na área dos Five Colleges (Smith College, Amherst College, Universidade de Massachusetts, Mount Holyoke College, Hampshire College) nos quais também participou de diversos eventos e conferências. Além destes, fez conferências em Cornell, Universidade da Pensilvânia em Pittsburgh, Shaw e Duke em North Carolina, NYU, Storrs-Connecticut, Yale Rutgers, e na área do Alabama Consortium for Advanced Education.

Participou de um programa de televisão na PBS, patrocinado pela ONU, representando as mulheres do Terceiro Mundo.

Publicou trabalho, pela Universidade de Massachusetts, sob o título "Women and Development in Latin America".

- 6.2 - 1978 - Representou os editores brasileiros no Painel sobre Edições de Ciências Sociais no IX Congresso Internacional de Sociologia, em Upsala, Suécia.
- 6.3 - 1981 - Recebeu convite para novo ciclo de conferências, como Professor Visitante, em programa administrado pela Universidade do Arizona, tendo feito conferências na Universidade de Washington, em Seattle, na Universidade de Novo México, na Universidade de Iowa, na Universidade de Massachusetts, em Storrs e Yale (Connecticut), tendo feito palestras ainda em City College (New York) e Massachusetts Institute of Technology (Boston).
- 6.4 - 1984 - Programa "International Visitors" (em curso).

Março de 1984

8.7- Livro de Rose Libertação Sexual da Mulher

LIBERTAÇÃO SEXUAL DA MULHER

A explosão sexual é um dos acontecimentos mais marcantes deste fim de século. Iniciou-se nos países desenvolvidos e o Brasil a vem recebendo de empréstimo. Contudo, ela não é mais do que um aspecto de uma revolução global muito mais profunda: a revolução do homem, desencadeada pela explosão tecnológica. Este é o primeiro livro que trata de tão momentoso assunto com visão apropriada para a realidade brasileira.

Mostra-se aqui como esta explosão sexual está vinculada à difusão da cultura de massas e como essa mesma cultura de massas age como faca de dois gumes a favor e contra o sistema econômico que a concebeu e emprega para controle total de todos os homens. Tentando manipular o sexo como o maior ópio no sentido de manter o ser humano sob uma dominação desejada e confortável, acaba, no seu extremo, por desencadear um movimen-

ÍNDICE

Introdução	7
PARTE I — <i>O HOMEM ABSTRATO</i>	7
Capítulo I: A Revolução Sexual	13
O Reverso da Medalha	14
Capítulo II: A Revolução Tecnológica	19
A Metamorfose Explosiva da Humanidade	23
Capítulo III: A Repressão Sexual Veio com a Ci- vilização	25
Capítulo IV: Tecnologia e Dominação	31
O Salto Qualitativo	34
Capítulo V: Novos Métodos de Dominação	41
Capítulo VI: Cultura de Massas — Ópio do Povo ..	47
O Antropos Universal	50
Capítulo VII: O Homem em Busca de seu Corpo ..	55
A Busca do Corpo	56
A Cultura de Massas e o Fim do Puritanismo ..	58
Capítulo VIII: A Nudez na Era Tecnológica	61
Capítulo IX: A Neurose da Juventude	67
A Neurose em Detalhe: Conseqüências psicológicas para a Mulher	70
A Neurose da Beleza	72

Capítulo X: A Obsessão Sexual	75
A Obsessão Sexual: do Puritanismo à Pornografia	78
Pornografia e Impotência	80
Capítulo XI: Perfil do Homem Tradicional	83
Algumas Atitudes Típicas	86
Perfil do Homem Tradicional Brasileiro	87
... E Alguns Comentários	90
PARTE II — O <i>HOMEM ELETRÔNICO</i>	93
Capítulo XII: O Nôvo Eu e a Nova Massa	97
A Nova Massa	102
Capítulo XIII: A Nova Consciência — A Contracultura	107
Capítulo XIV: O Sexo como Libertação	115
A Futura Desvalorização do Sexo: Os Novos Papéis do Homem e da Mulher	118
Capítulo XV: As Alternativas: A Superação da Cul- tura de Massas	123
A Superação da Dominação	126
PARTE III — A <i>LIBERTAÇÃO SEXUAL DA MULHER</i>	129
Capítulo XVI: A Mulher e a História	133
A Mulher e a Contracultura	139
Capítulo XVII: Sexo e Evolução	143
A Sexualidade no Homem	145
Capítulo XVIII: Qual a Relação entre o Corpo e o Comportamento	147
Conclusão: A Libertação Sexual da Mulher	153
A Nova Família	159
Bibliografia Seleccionada	165

to de libertação mais profundo da mulher e da juventude em geral, que vem a ser a maior ameaça contra esse mesmo sistema.

Assim, a luta dialética entre libertação e dominação vem se aprofundando aceleradamente e tomando conta de camadas cada vez maiores da população mundial. Até que à dominação total se oponha uma negação pura. O presente livro examina as alternativas para esse trágico impasse e o surpreendente papel que a mulher pode vir a ter em seu desfecho.

Capa: Paulo de Oliveira

EDITORA VOZES LIMITADA

Matriz: Rua Frei Luís, 100
Petrópolis, RJ

Filiais: Rio - Rua Senador Dantas, 118-1 ■ São Paulo - Rua Senador Feijó, 168 ■ Belo Horizonte - Rua Tupis, 85 ■ Porto Alegre - Rua Riachuelo, 1280.

LIBERTAÇÃO SEXUAL DA MULHER

A explosão sexual é um dos acontecimentos mais marcantes d'êste fim de século. Iniciou-se nos países desenvolvidos e o Brasil a vem recebendo de empréstimo. Contudo, ela não é mais do que um aspecto de uma revolução global muito mais profunda: a revolução do homem, desencadeada pela explosão tecnológica. Êste é o primeiro livro que trata de tão momentoso assunto com visão apropriada para a realidade brasileira.

Mostra-se aqui como esta explosão sexual está vinculada à difusão da cultura de massas e como essa mesma cultura de massas age como faca de dois gumes a favor e contra o sistema econômico que a concebeu e emprega para contrôlo total de todos os homens. Tentando manipular o sexo como o maior ópio no sentido de manter o ser humano sob uma dominação desejada e confortável, acaba, no seu extremo, por desencadear um movimen-

8.8- Livro de Rose Sexualidade, Libertação e Fé: Por uma Erótica Cristã

Em seu livro "O Vaticano e o Governo Reagan" (Ed. Hucitec — Cristãos pelos Direitos Humanos na América Latina, D. P. 1985) a socióloga mexicana Ana Maria Excurra mostra as íntimas relações que existem entre o conservadorismo econômico e o conservadorismo em matéria de sexualidade. Tanto o movimento neo-conservador como a nova direita americana consideram o liberalismo econômico e sexual como a "causa da decadência americana" (p. 13). Daí a importância que é dada atualmente tanto em âmbito doméstico como internacional à luta "pelas consciências e pelas mentes" (p. 19). A oposição ao Estado de bem estar, a defesa do sistema de livre empresa, o anticomunismo, o aumento dos gastos militares, o apoio às intervenções dos EUA no mundo, são ligados — com a finalidade de se conseguir a adesão maciça da maioria conservadora do povo americano — aquilo que se chama de "problemas pessoais" (Single issues, p. 33), as lutas contra a pornografia, o aborto, o uso ilegal das drogas, o apoio a penas de morte, uma intensificação da discriminação racial, um combate aos movimentos de libertação/integração como o dos negros, das mulheres, dos homossexuais e de outras minorias etc.

Estes vêm sendo os grandes temas que estão aglutinando grandes setores da sociedade americana. A finalidade de toda esta estratégia é reforçar a hegemonia dos EUA num mundo em crise econômica cada vez mais aguda, em que os gastos bélicos triplicaram em menos de três anos e em que o déficit americano (interno e externo) dentro de poucos anos tornará os Estados Unidos o maior país devedor do mundo.

Entre os grandes "bodes expiatórios" desta política autofágica estão a Igreja Popular e a Teologia da Libertação na América Latina, como sendo os maiores focos de subversão. Ao invés do marxismo mecanicista e economicamente redutivista, teme-se estes movimentos que envolvem um componente subjetivo muito mais profundo.

Ora, a esta luta unem-se os setores mais conservadores do Vaticano, seja no combate sem trégua à Teologia da Libertação, seja ao incentivo ao conservadorismo em matéria de sexualidade (oposição não só

SUMÁRIO

NÃO IMPORTAM OS NOMES, SÓ AS IDEIAS INTERESSAM..., 7

INTRODUÇÃO, 9

- a) O nascer do livro, 10
- b) A metodologia e sua polêmica, 11
- c) O corpo produzido, 14
- d) A relação primeira é com o sistema, 18
- e) A sexualidade, 20
- f) A classe média moderna e a família, 22
- g) As manipulações da classe burguesa, 23
- h) Sexualidade e reprodução, 27

Capítulo I
CORPO: PERMISSIVIDADE E REPRESSÃO, 31

Capítulo II
RELIGIÃO E EPISTEMOLOGIA, 35

Capítulo III
O CORPO DOMINADO, 38

Capítulo IV
O ABORTO E A VIDA: A CORRESPONSABILIDADE, 42

Capítulo V
O CORPO E O SISTEMA PRODUTIVO: A DIMENSÃO POLITICA
DA SEXUALIDADE, 44

Capítulo VI
DIMENSÃO TEOLÓGICA DA SEXUALIDADE, 48

Capítulo VII
A MORAL DO HEROISMO E A MORAL DAS MAIORIAS, 52

Capítulo VIII
A UTOPIA, 56

Capítulo IX	O SOCIAL E O INDIVIDUAL, A TRANSCENDENCIA E A POLITICA, 59
Capítulo X	O DILEMA DA MORAL OFICIAL DA IGREJA, 61
Capítulo XI	A ANTROPOLOGIA QUE VEM DA ESCRITA, 67
Capítulo XII	ÉTICA SOCIAL E CLASSE SOCIAL, 75
Capítulo XIII	UMA ECONOMIA ERÓTICA DA VIDA E O PROBLEMA DA FEMINILIDADE, 77
Capítulo XIV	LÓGICA FEMININA E LÓGICA MASCULINA, 81
Capítulo XV	SEXUALIDADE E CLASSE, 85
Capítulo XVI	RELAÇÃO HOMEM-MULHER: É IMORAL O ADULTÉRIO?, 87
Capítulo XVII	TEORIA E PRÁTICA, 91
Capítulo XVIII	A FALÊNCIA DA FAMÍLIA?, 95
Capítulo XIX	A PERMISSIVIDADE E O ECONÓMICO, 98
Capítulo XX	PARA ALEM DA MORAL, 101
Capítulo XXI	A NOVA ANTROPOLOGIA, 103
Capítulo XXII	O CELIBATO, 106
Capítulo XXIII	HOMOSSEXUALISMO, 116
	CONCLUSOES, 123

ao aborto, como também ao homossexualismo, ao uso de anticoncepcionais, ao divórcio, às relações extramaritais e à defesa da "família tradicional" (p. 95).

Por outro lado, discute-se hoje nos setores progressistas da Igreja latino-americana as relações entre a moral sexual e o econômico. Aqueles que participaram da pesquisa "Sexualidade da Mulher Brasileira" (Vozes 1983, 4ª Ed.) conseguiram documentar como as classes dominantes manipulam a Igreja e a família para manter a sua hegemonia.

Fica assim claro como é não só pelo econômico, mas também e principalmente pela domesticação e pela normalização do desejo que o povo continua submisso e o sistema permanece imutável, apesar do esforço de todas as elites revolucionárias...

Sim, a nova direita internacional e seus aliados nacionais têm um projeto hoje bastante definido. Tenta, primeiro "pegar" a Igreja progressista pelo político, mas, contra isto levanta-se a opinião pública nacional e internacional. Num segundo passo, tenta "pegar" seus teólogos, historiadores, pensadores e editores pela "imoralidade", pela sua heterodoxia em matéria de moral sexual. E esta é uma atitude profundamente coerente. Afinal, aqueles que têm que pagar uma dívida externa gigantesca, que não fizeram e cujos benefícios não gozam — os pobres — não podem de forma alguma revoltar-se. E eles sabem que revolta só se faz com desejo.

Repensar a moral sexual do ponto de vista do oprimido é, nesta ótica, muito mais subversivo que repensar a economia. Eles sabem que o sistema de poder e dominação está profundamente enraizado no inconsciente e que não basta erradicar uma sociedade de classes sem tocar nesse inconsciente, pois que ela se refaz com as gerações como aconteceu nos países do Leste europeu. O perigo é maior no nosso modelo latino-americano em que ao mesmo tempo está se tentando transformar o econômico e o individual.

Como seria uma sexualidade humanizada para as grandes maiorias? Como seria uma moral individual realmente libertadora? É disto que trata o presente livro.

ROSE MARIE MURARO
Transcrito da Folha de S. Paulo de 08.08.85

8.9- Livro Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil (Contracapa, sumário e anexo dos questionários)

Este livro não é um livro sobre técnicas sexuais. Quem lê o *Relatório Hite*, por exemplo, vai encontrar a descrição de como mulheres e homens realizam o ato sexual ou a masturbação, mas a própria natureza da sexualidade continua imersa em uma interrogação impenetrável. Em livros deste gênero, o fenômeno sexualidade continua sendo abordado de maneira superficial e descritiva. Aqui se tentou outra abordagem com a finalidade de se captar a sexualidade em seus níveis mais radicais. Este estudo abordou a sexualidade não a partir dela mesma, mas da realidade que a cerca. Em primeiro lugar, o próprio sistema produtivo. Até que ponto nós todos, a partir das nossas decisões mais íntimas e individuais estamos amarrados ao social, ao político e ao econômico? Aparentemente, essas ligações ao nível da sexualidade e do prazer são muito tênues, mas, quando comparamos as palavras das pessoas das mais diferentes camadas sociais, das regiões mais diversas, essas ligações vão se tornando claras. A relação que temos com nosso próprio corpo, desde o nascimento, já é condicionada pelo lugar que ocupamos no sistema produtivo e a partir daí todas as cartas já estão marcadas.

SUMÁRIO

Atenção, 9

PARTE I

Introdução, 13

Capítulo I — Corpo e Sexualidade, 19

Capítulo II — As Classes Sociais, 26

Capítulo III — Corpo e Classe Social: a pesquisa e sua metodologia, 40

Capítulo IV — Rio, São Paulo e Pernambuco: a amostra, 50

PARTE II

Burguesia — RJ, 65

Introdução, 66

Mulheres, 71

Capítulo I — A Relação com o Corpo, 72

Capítulo II — A Inserção no Mundo, 83

Capítulo III — Papéis Sexuais, 87

Capítulo IV — A Sexualidade, 92

Capítulo V — Controle da Natalidade: Prática e Ideologia, 97

Capítulo VI — Política e Ideologia, 105

Capítulo VII — A Condição da Mulher, 112

Homens, 119

Capítulo I — A Relação com o Corpo, 120

Capítulo II — A Inserção no Mundo, 123

Capítulo III — Papéis Sexuais, 125

Capítulo IV — A Sexualidade, 127

Capítulo V — Controle da Natalidade: Prática e Ideologia, 130

Capítulo VI — Política e Ideologia, 133

Capítulo VII — A Condição da Mulher, 136

O Campesinato, 139

Introdução, 141

Mulheres, 151

Capítulo I — A Relação com o Corpo, 152

Capítulo II — A Inserção no Mundo, 161

Capítulo III — Papéis Sexuais, 168

Capítulo IV — A Sexualidade, 171
 Capítulo V — Controle da Natalidade: Prática e Ideologia, 180
 Capítulo VI — Política e Ideologia, 191
 Capítulo VII — A Condição da Mulher, 196

Homens, 201

Capítulo I — A Relação com o Corpo, 202
 Capítulo II — A Inserção no Mundo, 208
 Capítulo III — Papéis Sexuais, 213
 Capítulo IV — A Sexualidade, 217
 Capítulo V — Controle da Natalidade: Prática e Ideologia, 221
 Capítulo VI — Política e Ideologia, 228
 Capítulo VII — A Condição da Mulher, 233

Operariado, 237

Introdução, 239

Mulheres, 243

Capítulo I — A Relação com o Corpo, 244
 Capítulo II — A Inserção no Mundo, 250
 Capítulo III — Papéis Sexuais, 254
 Capítulo IV — A Sexualidade, 257
 Capítulo V — Controle da Natalidade: Prática e Ideologia, 259
 Capítulo VI — Política e Ideologia, 264
 Capítulo VII — A Condição da Mulher, 268

Homens, 271

Capítulo I — A Relação com o Corpo, 272
 Capítulo II — A Inserção no Mundo, 276
 Capítulo III — Papéis Sexuais, 280
 Capítulo IV — A Sexualidade: a Norma e a Ruptura da Norma, 282
 Capítulo V — Controle da Natalidade: Prática e Ideologia, 284
 Capítulo VI — Política e Ideologia, 288
 Capítulo VII — A Condição da Mulher, 292

As Classes Sociais, 295

Introdução, 297

Capítulo I — Sexualidade de Classe, 304
 Capítulo II — Maternidade e Classe Social, 311
 Capítulo III — Trabalho, Política e Classe, 314

PARTE III

Primeiras Conclusões, 319

Bibliografia Consultada, 333

ANEXOS

Anexo I, 339

Anexo II, 344

Anexo III, 478

Anexo IV, 496

ANEXO I

Questionário inicial

Local de aplicação desta entrevista

1. São Paulo
7. Rio de Janeiro
13. Pernambuco

DADOS PESSOAIS

1. Idade do(a) entrevistado(a)
2. Tempo de casamento
3. Quantos filhos tem?
4. Renda familiar (soma de todos os rendimentos dos membros da família)
5. Quantas pessoas do seu domicílio trabalham fora de casa remuneradamente?
6. Escolaridade
 1. Analfabeta (ou assina o nome)
 2. Primário incompleto
 3. Primário completo
 4. Ginásio incompleto
 5. Ginásio completo
 6. Colégio incompleto
 7. Colégio completo
 8. Superior incompleto
 9. Superior completo
 10. Pós-graduação
7. Religião
 1. Católica
 2. Protestante
 3. Oriental
 4. Cultos afros
 5. Outros — Especifique
8. Profissão
 1. Dona-de-casa
 2. Operária
 3. Trabalhadora rural

4. Profissional liberal
5. Outra — Especifique
9. Quanto ganha em sua atividade remunerada?
10. Tem empregada doméstica?
1. Sim 2. Não
11. Profissão do marido
1. Operário
2. Trabalhador rural
3. Profissional liberal
4. Empresário
5. Outra — Especifique
12. Idade do cônjuge
13. Quanto ganha o cônjuge?
14. Procedência do(a) entrevistado(a)
1. Rural 2. Urbana
15. Estado da Federação onde nasceu o(a) entrevistado(a)
1. São Paulo 14. Ceará
2. Rio Grande do Sul 15. Rio Grande do Norte
3. Santa Catarina 16. Paraíba
4. Paraná 17. Piauí
5. Mato Grosso 18. Pará
6. Goiás 19. Amazonas
7. Rio de Janeiro 20. Acre
8. Minas Gerais 21. Maranhão
9. Espírito Santo 22. Amapá
10. Bahia 23. Roraima
11. Sergipe 24. Fernando de Noronha
12. Alagoas 25. Rondônia
13. Pernambuco 26. Brasília
27. Estrangeiro
16. Procedência do cônjuge
1. Rural 2. Urbana
17. Estado da Federação onde nasceu o cônjuge
18. Número de filhos que você deseja?
19. Número de filhos que seu cônjuge deseja?
20. Quantos cômodos tem a casa que você mora?
21. Cor
1. Branco
2. Mulato
3. Preto
4. Amarelo (asiático)
5. Outro — Especifique
22. Vê televisão?
1. Não
2. Vê pouco
3. Vê regularmente
23. Ouve rádio?
1. Não
2. Pouco
3. Regularmente

24. Lê jornais?
 1. Não
 2. Pouco
 3. Regularmente
25. Lê revistas?
 1. Não
 2. Pouco
 3. Regularmente
26. A que tipo de serviço de saúde recorre mais?
 1. Do governo (INAMPS, etc.)
 2. Convênios
 3. Particular
 4. Sem assistência médica
 5. Outro — Especifique
27. Sexo do(a) entrevistado(a)
 1. Masculino
 2. Feminino

A — *Percepção do corpo*

28. É importante para a mulher ter relações sexuais antes de casar.
 Obs.: a partir desta pergunta (à exceção da de n. 69) foram colocados cinco quadrinhos numerados de 1 a 5 para que o entrevistador colocasse a opinião do entrevistado: 1. Concorda muito
 2. Concorda pouco
 3. Sem opinião
 4. Discorda pouco
 5. Discorda muito
29. A mulher não sente falta das relações sexuais.
 30. O prazer sexual é mais importante que o amor.
 31. O homem tem mais desejo que a mulher.
 32. A mulher que não está satisfeita com o casamento deve ter outros homens.
 33. A mulher não deve discutir seus problemas sexuais com o marido.
 34. Quem não tem prazer não engravida.
 35. Na menopausa acaba o prazer.
 36. Na gravidez não se deve ter relações sexuais.
 37. A mulher quando não tem prazer deve fingir para segurar o marido.
 38. A masturbação é uma forma válida de alívio.
 39. A homossexualidade é uma saída.

B — *Controle da natalidade e planejamento familiar*

40. O homem e a mulher que não querem ter filhos devem ter menos relações sexuais.
 41. O casal deve ter tantos filhos quantos possam sustentar.
 42. O pai é quem decide quantos filhos o casal deve ter.
 43. O aborto é necessário.
 44. A mulher com muitos filhos é mais feliz.

45. A religião influi no número de filhos.
46. Num tempo de dificuldade econômica do País, não se deve ter filhos.
47. A família que tem mais filhos tem mais ajuda.
48. A pílula faz mal à saúde.
49. É culpa da mulher quando ela não tem filho homem.
50. O controle público da natalidade é um genocídio.
51. O homem também deve usar métodos anticoncepcionais.

C — *Papéis sexuais*

52. É ruim para a família a mulher trabalhar fora.
53. A coisa mais importante na vida da mulher é casa, marido e filhos.
54. O homem é o chefe da casa.
55. O homem tem mais direito que a mulher, porque ele a sustenta.
56. O homem que casa com a mulher lhe presta um grande favor.
57. É natural que o homem tenha mais do que uma mulher.
58. O casamento é necessário para a felicidade da mulher.
59. É certo a mulher procurar o homem quando tem vontade.
60. A vida de solteira é melhor do que a vida de casada.
61. A mulher que não casa virgem vale menos.
62. Existem certos carinhos que a esposa não deve fazer com o marido.

D — *Percepção do trabalho e do mundo*

63. O trabalho da mulher é necessário para o crescimento do País.
64. A mulher só deve trabalhar quando o marido precisa.
65. A mulher economicamente independente é mais feliz.
66. A mulher que trabalha fora é mais feliz.
67. Só os homens devem fazer política.
68. A mulher não sabe fazer negócios.
69. Participa de algum movimento?
 1. Sim
 2. Não

HISTÓRIA DE VIDA

- Gosta do próprio corpo?
- Como aprendeu a cuidar do corpo?
- Descrever um dia típico.
- Se trabalha fora, como faz com os filhos?
- Quantas horas dorme?
- Sente cansaço continuamente?
- Quantas horas de condução gasta por dia?
- O marido ajuda em casa?
- Que métodos usa para evitar filhos? Funciona?
- Quem indicou e desde quando?
- Como vê seu corpo antes e depois de ter filhos?
- Gosta de ter relações sexuais? Goza?

Tem alguma doença?
É nervosa? Tem tontura, enxaqueca?
O papel da mulher na família está mudando? Ou: como era a mulher antigamente e como é hoje?
Como ela vê o futuro do Brasil?
Como vê o papel dela dentro da economia do País? Como mãe? Pelo seu trabalho?
Como vê o atendimento da saúde da mulher e da criança pelo governo?
O que acha da distribuição de pílulas pelo governo?
O que acha do aborto? Já fez? Motivo?
Qual a melhor vida, do homem ou da mulher?
Muito feliz
Feliz
Como se sente no casamento?
Decepcionada
Infeliz
Qual o tipo ideal de mulher?

A sexualidade, então, que deveria ser o lugar de nossa vida, em que o prazer pudesse ser mais intenso e gratificante, é a que mais sofre com esses condicionamentos. Pelos depoimentos das pessoas que falaram para este livro, ficou claro que é exatamente sobre esse centro do gozo e do prazer que o Grande Poder se exerce. É a partir da nossa intimidade mais recôndita que somos possuídos pelo sistema produtivo, o qual, geralmente, ignoramos em nossa vida concreta cotidiana. E é somente a partir do momento em que adquirimos o conhecimento de como esse processo de dominação e muitas vezes de esmagamento inconsciente que o sistema dominante exerce, tanto sobre os homens como as mulheres, que poderemos nos dar conta do que realmente significa a nossa sexualidade, o nosso corpo e para que realmente eles servem dentro do contexto global em que vivemos. Só assim poderemos encarar nossos corpos e nossa sexualidade em sua verdadeira dimensão, em sua realidade concreta e não com uma visão idealizada e, portanto, alienante. Só poderemos ser realmente felizes e libertos no momento em que, deliberadamente e a cada instante, pudermos resistir a essa lógica enlouquecida do capital que rege a vida de todos nós.